

Vol. 4

NARRATIVAS DE SI

MEMÓRIAS DE SUJEITOS EM
PROCESSOS FORMATIVOS

Organizadores:

Patrícia Ribeiro Feitosa lima

Barbara Suellen Ferreira Rodrigues

Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira

Francisco José Alves de Aquino

Sandro César Silveira Jucá

Solonildo Almeida da Silva

Narrativas de Si: memórias de sujeitos em processos formativos

VOLUME 4

Organizadores

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima
Barbara Suellen Ferreira Rodrigues
Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira
Francisco José Alves de Aquino
Sandro César Silveira Jucá
Solonildo Almeida da Silva

NARRATIVAS DE SI: MEMÓRIAS DE SUJEITOS EM PROCESSOS
FORMATIVOS



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

Organizadores

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima
Barbara Suellen Ferreira Rodrigues
Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira
Francisco José Alves de Aquino
Sandro César Silveira Jucá
Solonildo Almeida da Silva

Diagramação e Publicação

Editora Humanize

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Editora Humanize, BA, Salvador)

LIMA, PRF. RODRIGUES, BSF. MOREIRA, HBC. AQUINO, FJA. JUCÁ, SCS. DA SILVA,
SA

Narrativas de Si: memórias de sujeitos em processos formativos / Patrícia Ribeiro Feitosa Lima, Barbara Suellen Ferreira Rodrigues, Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira, Francisco José Alves de Aquino, Sandro César Silveira Jucá, Solonildo Almeida da Silva. Bahia – Salvador/ BA: Editora Humanize, 2024.

1 livro digital; 231 p.; v. 4, n. 1 (2024); il.
ISBN: 978-65-85179-96-6

CDD 370

1. Educação. 2. Estudantes universitários. 3. Formação profissional.
I. Título



Sobre os Organizadores

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

Professora e pesquisadora na área da Educação e da Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus Fortaleza, onde atua no Ensino Médio Integrado e na Pós-graduação como docente permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF). Possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Especialização em Treinamento Desportivo pela Universidade Veiga de Almeida (UVA); Mestrado em Educação em Saúde pela Unifor; Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp. Concluiu o estágio Pós-doutoral em Educação na Unesp. É editora de seção da Revista Conexões, Ciência e Tecnologia do IFCE (Qualis A2) e avaliadora de alguns periódicos científicos. Professora do Projeto de Professores de Educação Física Sem Fronteiras da Fédération Internationale d'Éducation Physique (FIEPs) desde 2008. É devidamente registrada no Conselho Regional de Educação Física do Ceará - Cref5, sob o No. 0955-G.

Barbara Suellen Ferreira Rodrigues

Graduada em Química pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre e Doutora em Química pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professora da licenciatura em Química do IFCE campus Maracanaú, e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – Mestrado ProfEPT, tem experiência em Práticas de Ensino na Educação Profissional e Tecnológica, Ensino de Química e Ensino de Ciências.

Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2012), Doutora em Engenharia Civil, área de concentração: Saneamento Ambiental pela UFC (2014), Especialista em Neurociência e Psicologia Positiva no Desenvolvimento Humano pelo IPOG em 2023, Engenheira de segurança do Trabalho (ATENEU) em 2012, Mestre em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007), área de concentração: Formas Alternativas de Energia, Graduada em Formação Pedagógica para Educação Profissional pela Fundação de Apoio à Educação, Pesquisa e Extensão da UNISUL (2009), Graduada em Engenharia Química pela Universidade Federal do Ceará (1997) e participa como docente e orientadora do ProfEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Tem experiência nas áreas de: Gestão, Meio Ambiente, Ensino, Segurança e Saúde.

Francisco José Alves de Aquino

Formação técnica em Telecomunicações (1988, ETFCE - atual IFCE), graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Ceará (1992), mestrado (1998, Lab. Linse) e doutorado (2008, Lab. GPqCom) também em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (antigo CEFET-CE) desde 1994. Foi professor nos cursos de Engenharia Eletrônica e Eng. de Telecomunicações da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) de 2000 a 2003. Desde 2013 é professor na pós-graduação no IFCE. Atualmente é docente permanente e coordenador do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ProfEPT e docente permanente no Doutorado Acadêmico da Rede Nordeste de Ensino, Renoen.

Sandro César Silveira Jucá

Possui Nivelamento Universitário (Studienkolleg) na Technische Hochschule Köln - Alemanha, Graduação em Tecnologia Mecatrônica e Especialista em Docência para Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). É Especialista em Automação Industrial e Licenciado em Física pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre e Doutor em

Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com pesquisa realizada na Universität Paderborn - Alemanha e Bolsa do programa de Doutorado Sanduíche do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Realizou estágio de pesquisa pós-doutoral com Bolsa da Fundación Carolina na Universidad de Cádiz - Espanha, onde é consultor da comissão de garantia de qualidade do Programa de Doutorado em Engenharia Energética e Sustentável. É membro fundador da Academia Cearense de Matemática (ACM), também do ambiente de produtos educacionais SanUSB.org e do blog sanusb.blogspot.com. Atualmente é professor titular e pesquisador do IFCE, atuando como docente nos Mestrados ProfEPT (Educação Profissional e Tecnológica em rede nacional), PPGER (Mestrado Acadêmico em Energias Renováveis) e no Doutorado Acadêmico da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) no IFCE.

Solonildo Almeida da Silva

Possui graduação em Geografia / Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará (1999), graduação em Pedagogia / Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará (2009), graduação em Artes Cênicas (Teatro) / Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Ceará (2020), mestrado acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade (Sociologia) pela Universidade Estadual do Ceará (2005) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2011). Atualmente é professor colaborador da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF Unilab-IFCE) / Mestrado Profissional, professor permanente de doutorado acadêmico da Universidade Federal de Sergipe, Doutorado em Ensino (Rede Nordeste de Ensino - Renoen), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT / Mestrado Profissional no Instituto Federal do Ceará (IFCE).

APRESENTAÇÃO

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

A proposta desta obra é que o leitor usufrua como um deleite conhecendo o processo formativo acadêmico-profissional de 21 estudantes de mestrado de um programa de pós-graduação do Estado do Ceará. São narrativas de algumas experiências árduas dos nossos estudantes, outras nem tanto! Mas, todos esses ensaios de vida estavam lá, bem arquivados em suas memórias, até que um dia, nós professoras (eu e a professora Dra. Natal Lânia Roque Fernandes) desses mestrados, os propusemos a escrita de um memorial como uma atividade da disciplina que lecionávamos juntas, Seminário de Pesquisa, do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, em rede nacional, mestrado ProfEPT. Eles deveriam narrar suas impressões de todo o decurso da formação escolar e profissional, situando o desejo por um problema de pesquisa e sua implicação direta com a temática, o que os auxiliava direcionar a um orientador do programa.

Inicialmente, os escritos solicitados pareciam um desafio significativo. Cada aluno chegava com uma dúvida diferente: - “Mas, por que escrever sobre minha vida pessoal?” – “Sou tímido!” – “Memorial é escrita acadêmica?” Essas e outras questões eram comuns a cada turma quando propomos a atividade de escrita do memorial.

O memorial é um dos dispositivos de pesquisa que se situa no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, nesse caso, pesquisa (auto)biográfica em educação que tem o objetivo de explorar os processos de gênese e devir, observando como se estruturam as suas trajetórias e significados. Com efeito, analisa as complexas relações que o indivíduo estabelece com aspectos, feitos e crenças, mediante diversas narrativas transmitidas, elaboradas por si e sobre o que lhe acontece.¹

A partir da 2ª turma de mestrado do, em 2018.2, inauguramos a coletânea “Narrativas de si: Memórias de sujeitos em processos formativos”. Hoje, tal atividade continua em andamento. Em cada turma do ProfEPT (o nosso polo é o do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE campus Fortaleza).

As narrativas estão vívidas, límpidas e foram escritas com almas embevecidas. Certamente expressam os mais difusos percursos, caros, singulares, sentidos e observados por pessoas de diferentes idades, sexo e formação profissional.

Ao ingressarem no mestrado, observamos que os anseios, as proposições, as inquietações, as inspirações, os desafios, a bagagem intelectual e a efetiva busca pelo conhecimento compõem o repertório deste coletivo. Um emaranhado de sons e culturas convergem numa sala de aula e revelam em seus corpos a sede por novos rumos e novos debates.

Acreditamos que a expressão de si narrada por meio de um resgate temporal e autobiográfico projeta o melhoramento da escrita consciente, fundamentada, necessária a um pesquisador em Educação. Destarte, o memorial resultou em um mergulho em si, talvez nunca ensaiado por esses estimados escritores, nossos mestrados. Aproveite, caro leitor!

¹ Delory-Momberger, C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica; tradução AnneMarie Milon Oliveira. Revista Brasileira de Educação, 51 (17), 38-47.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01 Em Busca De Um Som(Nho).....	10 Laís Costa Rocha
CAPÍTULO 02 Memórias De João: Uma Trajetória De Esperança E Lutas.....	23 João Paulo Silva do Nascimento
CAPÍTULO 03 Memorial.....	36 Janaína Sobreira Rocha
CAPÍTULO 04 A Arte De Transformar Pedras Em Degraus: O Poder Da Determinação.....	50 Zildelene Mariano Cardoso Silva
CAPÍTULO 05 Memorial.....	66 Raimundo Jackson Nogueira da Silva
CAPÍTULO 06 Memorial Descritivo.....	71 Nágela Silva Rodrigues
CAPÍTULO 07 Vivências: Contribuições No Percorso Formativo Pessoal E Profissional.....	80 Maria Josemeire Evangelista Lima
CAPÍTULO 08 Memorial.....	87 Gabriela Pereira Souza
CAPÍTULO 09 Memorializando: Revisitando Memórias E Narrando O Que Me Trouxe Até Aqui.....	100 Wiron de Araújo Holanda
CAPÍTULO 10 Memórias De Uma Vida Profissional E Acadêmica.....	113 Rafael Saraiva da Silva
CAPÍTULO 11 O Eu De Ontem E O Eu De Hoje Em Um Debate Contemporâneo.....	120 Heidyani Leão de Souza
CAPÍTULO 12 Na Busca Da Máxima Resiliência E Antifragilidade.....	132 Gleivando Magno de Lima
CAPÍTULO 13 Por Onde Andei.....	142 Francisco Jânio Silva Maia
CAPÍTULO 14 Memorial Descritivo.....	155 Antonio Barbosa Alves de Araújo
CAPÍTULO 15 Memorial Descritivo.....	163 Sherida Nayara Alves da Silva
CAPÍTULO 16 Memorial.....	176 Ian do Carmo Marques

CAPÍTULO 17	
Na Estrada Do Conhecimento.....	188
	Irislany Cazumba Parente Pinho
CAPÍTULO 18	
Ecleticidade: A Arte De Viver Variadas Situações.....	198
	Rafael de Oliveira Ferreira
CAPÍTULO 19	
Schoolyard Flashbacks: Memória e Formação.....	212
	Elielson Benigno de Mesquita Ramalho
CAPÍTULO 20	
A Caminhada De Jaguaruana/Ce Até A Educação Profissional.....	222
	Jorge Henrique Ribeiro da Silva
CAPÍTULO 21	
Vida Acadêmica/Profissional E Vida Pessoal: Caminhos Que Se Encontram.....	232
	Aline Gurgel Rêgo

Capítulo 1

EM BUSCA DE UM SOM(NHO)...

Laís Costa Rocha¹

Prelúdio

Ao caro leitor, gostaria de oferecer uma rede a balançar e uma xícara de chá de capim-santo. Uma pausa e uma respiração. Silenciar o mundo para ouvir a música que vem de dentro de nós, e deixar que nos toque a alma com toda a coragem que se pode ter. E só assim é que consigo trazer, com vivacidade e cor, as memórias, que no corre-corre zoadento do mundo, às vezes, já me pareciam estar num desbotado preto e branco.

O cheiro do capim-santo leva-me até a Universidade Estadual do Ceará (Uece), onde um curso de extensão em música apontou-me um horizonte a ser desbravado. O balanço da rede leva-me à infância, e as memórias desbotadas vão, aos poucos, reavivando suas cores. E, assim, discorrerei, nas próximas linhas, refletindo acerca da “bússola” de escolhas e oportunidades que me trouxeram ao mestrado no Programa de Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

As Origens

Apesar de termos feito tudo tudo

Tudo o que fizemos

Ainda somos os mesmos e

Vivemos como nossos pais

(Belchior, 1978)

Nasci em 17 de julho de 1992, entre 5h30 e 6h da manhã, numa sexta-feira regida pelas forças da lua cheia, em Fortaleza, cidade alencarina, no Hospital Gênesis, perto da praia, e tenho apenas um irmão, Carlos Levir, que é 2 anos e meio mais velho.

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFCE). Licenciada em Música, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Metodologias do Ensino de Música pela Universidade Cruzeiro do Sul. Professora do curso de Licenciatura em Música do IFCE, *campus* Itapipoca.
E-mail: rocha.lais@ifce.edu.br

Sou filha de um casal que começou a namorar quando ainda era estudante, na adolescência. Eles tinham 16 anos e se conheceram em algum lugar entre a escola e as tertúlias do fim dos anos 1970 para começo de 1980. Ele operava os discos *Long Players (LPs)*, nas tertúlias do bairro, e ela, para dançar confortavelmente, pedia que ele guardasse suas sandálias atrás do som. Meu pai, Ronilson, usava um aparelho de som gigante, de seu irmão, o mais velho da prole, meu tio Rogi. Nem sei como transportavam aquilo; mas o fato é que trabalhavam alugando esse amplificador para várias festas, no bairro do Conjunto Ceará. O pessoal do bairro o conhecia como: *o Som do Rogi*. Varando madrugadas, meu pai ia gravando os sucessos românticos da década explosiva, em fitas cassete, pois, nesse horário, não havia locutor para inserir anúncios no meio da música, inutilizando a gravação. O acesso aos *LPs* era difícil, e visitar os amigos era também um bom momento para fazer cópias deles.

Meus pais nasceram no interior. Ele é natural de Frecheirinha, cidade no pé da Serra da Ibiapaba. O caçula, dentre os homens, é o sétimo, numa prole de nove filhos de uma família com boas condições financeiras, de prestígio na cidade e com privilégios, pois meu avô era dono de um comércio, ao lado da igreja matriz. Minha mãe, Gorete, nasceu no Sertão Central. Era a quarta filha e única mulher de uma prole que totalizou oito homens. Sobrevivente de um infortúnio logo ao nascer: a parteira que amarrara o seu cordão umbilical era quase cega, e minha mãe perdeu muito sangue em seus primeiros minutos de vida.

Filha de agricultores, num arraial chamado Domingos da Costa – local que recebeu o nome de meu bisavô, quando ocupou aquelas terras, por ter fugido, com toda sua prole, jurado de morte, por ter abrigado o bando de Virgulino, o Lampião - localizado a 20 quilômetros de Boa Viagem, e ligado a essa cidade por uma pedregosa estrada carroçal.

Sou a filha caçula de um casal que teve a oportunidade de planejar seu futuro e seu casamento. Eles puderam financiar uma casa; mantinham uma vida moderada, esforçada, mas com certo conforto. Tiveram meu irmão em janeiro de 1990, e eu viria dois anos e meio mais tarde. Cresci com o privilégio de estudar, com pais atenciosos, amorosos e muito presentes em todo meu desenvolvimento e de meu irmão. Se escolho falar um pouquinho do passado dos meus pais, neste relato, é porque minha opção por estudar música vem de toda uma bagagem sonora construída nesse seio familiar.

Meu pai vem de uma família extremamente musical. Ainda hoje, ele conta que, quando rapaz, a sua casa parecia o programa do Chacrinha², pois vovó Olgarina cantava canções de Dalva de Oliveira enquanto costurava; vovô Rocha tocava violão sempre; minha tia Dilene cantava Geraldo Azevedo e tocava violão; meus tios Ronaldo e Rivaldo também tocavam violão em casa e com os amigos, nas praças e avenidas do bairro; tia Djane e tia Deusa cantavam tudo o que ouviam. Todos cantavam.

² Programa de grande audiência apresentado na TV Globo com *shows* de calouros, nos anos 1980.

Faziam rodas de violão, aos finais de semana, com a família e os amigos. Tia Deusa, uma das mais velhas, dentre as mulheres, fazia pipoca e acordava a todos da casa para assistirem aos Festivais de Música Popular Brasileira (MPB), dos anos 1980, nas TVs Tupi, Excelsior e na Globo.

Meu pai nunca aprendeu a tocar nenhum instrumento. Ele desenha, pinta, fotografa e se desenvolve nas artes visuais. Exerce arquitetura profissionalmente, mas não teve a oportunidade de cursar o Ensino Superior. Porém, mesmo não sendo músico profissional, sempre foi um explorador de repertório da MPB, interessando-se por saber o nome das canções, os fatos históricos a elas relacionados, e seus compositores.

Meu avô materno, Aldo, também toca violão, e trouxe aos meus ouvidos os sons de Luiz Gonzaga e de Jackson do Pandeiro. Ele era conhecido, no sertão, por mestre Aldo, porque a necessidade o fez exercer várias profissões: agricultor; pescador; carpinteiro; marceneiro; pedreiro; mecânico; eletricitista; encanador; enfermeiro; farmacêutico; motorista e, por último, veio a Fortaleza para aprender a consertar balanças, para assim sustentar os filhos.

Ele ensinou a todos os filhos homens esse ofício. Nos anos 1980, sua oficina foi expandida, chegando a ter contrato assinado para conserto das balanças das Lojas Romcy, por toda a Fortaleza. Minha avó materna, Odele, sempre cantou na igreja. Voz forte e afinada, ensinou-me que, na igreja, tem que se cantar bem alto. Minha mãe, por sua vez, cantava com ela as músicas do padre Zezinho, e ampliou seu repertório, quando conheceu a família de meu pai, juntando-se à cantoria das rodas de violão. Vovó Odele, às vezes, reunia a criançada em torno de uma radiola, para ouvir discos *LPs*. Era um toca-discos Gradiente – Roxy, com dois *decks* para cassete e antena para rádio, que eu herdaria com os *LPs*, anos mais tarde – lembro-me de ter ficado sem dormir tamanha era a alegria adolescente, ao ganhar tantos discos antigos.

Meus pais cursaram o Segundo Grau, fora de faixa e na escola pública, mas meu pai não concluiu a etapa. Ele precisava trabalhar e juntar dinheiro para se casar. Minha mãe concluiu já depois de casada, mas cursar uma universidade, em 1981, era para poucos. Não havia sequer isenção, para que os oriundos de escola pública prestassem o vestibular.

As Primeiras Canções

*Voa, voa, minha liberdade,
Entra, se eu servir como morada
Deixa eu voar na altura
Agarrado na cintura da eterna namorada.*

(Mário Maranhão/Eunice Barbosa/Mário Marcos (compositores). Jessé (intérprete), 1980)

No ano em que nasci, 1992, no Brasil, era o ano do *impeachment*, e o movimento dos Caras-Pintadas logo sairia pelas ruas de todo o país para pedir a saída do presidente Fernando Collor de Melo. No rádio, quem estava nas paradas do sucesso, era a música O Canto da Cidade, do compositor Tote Gira, que lançou Daniela Mercury.

Em 1995, um ano antes de meu ingresso na escola, meu pai chegou em casa com dois *Compact Discs (CDs)*. Um deles, continha o álbum do cantor Jessé – Voa Liberdade (1980) e, o outro, Simone – 25 de dezembro (1995). Eu me aproximei dele perguntando qual daqueles dois *CDs* era o meu. Apesar daquelas mídias não terem sido compradas para presentear uma criança de 3 anos, ele colocou em minhas mãos o *CD* do Jessé. Lembro-me das cores da capa. Não sabia ler, então, prestava atenção às imagens. Às 5 horas da manhã do dia seguinte, eu estava debruçada sobre o aparelho de som ouvindo o *CD*, e não o larguei até memorizar as canções.

Ingressei na escola cursando o então Jardim I, em 1996, ano em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) foi reformulada para ampliar os direitos educacionais, das escolas e dos professores, para fomentar a autonomia de ação das unidades da rede pública e deixar mais claras as atribuições do trabalho docente. Nesse mesmo ano, a urna eletrônica consolidou-se, nas eleições municipais do Brasil, na maior eleição eletrônica do país, desde então.

A escolinha em que iniciei os estudos era chamada Educandário São Vicente de Paulo, localizada no bairro Pequeno Mondubim, e funcionava num espaço que fora, anteriormente, uma casa. Lembro-me com vivacidade do dia da matrícula, de todos os espaços da escola e de uma professora da turma do meu irmão, que, por algum motivo, constantemente me fazia medo, dizendo que o “homem do saco” iria me carregar.

Esse educandário oferecia ensino até a alfabetização. Estudei lá por apenas um ano, pois, logo que meu irmão terminou essa série, fomos para o Colégio Sílvia Helena Nogueira, no bairro vizinho, José Walter. A escola, maior, oferecia a Educação Infantil e as etapas I e II do Ensino Fundamental. Nessa escola, comecei as primeiras apresentações musicais nos saraus e trabalhos. As professoras incentivavam; mas havia uma, em específico, a “tia Nira”, que, todos os dias, ao me ver, perguntava: “Quando você vai gravar o CD, Laís?”.

Em 1998, minha mãe procurou uma escola de música para que eu aprendesse a tocar um pequeno teclado emprestado por minha tia Dilene, a penúltima da prole. Fiz algumas aulas, mas achei enfadonho. Só havia adultos por lá, e eu só tinha 6 anos.

Minha infância foi marcada pelas rodas de violão, aos domingos, na casa de minha avó Olgarina. Um dos meus tios pegava o violão e, aos poucos, os outros iam chegando para cantar junto. Assim, fui conhecendo músicas e compositores da predileção de toda aquela gente.

Minha avó cantava as músicas da *Época de Ouro do Rádio*, e meus tios cantavam um repertório de MPB, a partir dos anos 1960 até 1990, com destaque para os movimentos do Clube da Esquina e da

Tropicália. Cantavam também muitas músicas do *Pessoal do Ceará*. Uma forte identidade desse aprendizado musical é, sem dúvida, a formação de repertório. Aprendi músicas de um tempo que não vivi. Ouvi histórias de muitos lugares e de muita gente. Ficava a imaginar esses momentos com a trilha sonora das canções que cantávamos. Com eles, aprendi que “cantar era buscar o caminho que vai dar no sol”.

Ao finalizar a quarta série do Ensino Fundamental I, meus pais esforçaram-se para colocar meu irmão em um colégio maior, o Farias Brito, localizado na rua Barão do Rio Branco, no centro de Fortaleza, mas, dessa vez, eu não iria junto. Só chegaria lá no ano de 2003, para cursar a quinta série, o Ensino Fundamental II. Nesse mesmo ano, Luiz Inácio Lula da Silva iniciou seu primeiro mandato. Lembrome fortemente da campanha eleitoral, do alvoroço das pessoas e de toda a movimentação para as eleições.

Muitas mudanças ocorreram em nossas vidas. Meus pais trabalhavam exaustivamente para conseguir pagar um colégio tão caro. Minha mãe é costureira e tinha uma confecção ao lado de nossa casa, e meu pai seguia como “arquiteto” nas empresas de Palácio de Queiroz (Ceará Motor; Ceará Motos; e Fazauto), nas quais ele ainda trabalha há mais de 30 anos. Meu irmão e eu ajudávamos no serviço da confecção, sempre que possível, e aprendemos a fazer serigrafia.

O novo colégio trazia desafios inimagináveis. Eram tantos alunos que as escadas ficavam congestionadas, na hora da saída. Quase 40 alunos por turma. Várias turmas de uma mesma série. Aquilo era assustador. Lá, eu descobri a minha extrema dificuldade com operações Matemáticas. Sentava-me na fileira da frente, na sala, prestava atenção nas explicações e conseguia entender o que estava sendo exposto no quadro, mas, quando eu tentava resolver uma atividade do livro, sozinha, simplesmente não conseguia. Sentia-me extremamente culpada, por não realizá-la.

Meus pais faziam um esforço hercúleo e eu não conseguia atingir o que se dizia ser o mínimo: tirar boas notas, pois eu vivia só para estudar. Na minha concepção, a recuperação, no fim do ano, já era tão certa quanto a de que nosso futuro é a morte. Porém, eu gostava de assistir às aulas. Não deixei de me sentar na frente nem de ficar atenta. Conseguia ir bem em todas as outras matérias, desde que não exigissem cálculo. Nem a música nem as artes eram prioridades, naquela escola, então, por lá, quase não havia estímulo para tal. Segui aprendendo música com a família e meu irmão a demonstrar interesse por aprender violão. Pegava emprestado o violão do vovô Aldo e aprendeu alguns acordes. Aos poucos, fui fazendo o mesmo.

Toda semana “renovávamos” o empréstimo e íamos aprendendo a tocar violão com o auxílio de revistinhas populares vendidas nas bancas de jornal: “Aprenda violão fácil”; “Toque em uma semana”. Usávamos também a internet, para pesquisar cifras de músicas, mas, em meados de 2003, o acesso ainda era difícil. Nas linhas telefônicas, só dispúnhamos de gratuidade na internet discada

aos sábados, a partir das 14 horas e, aos domingos, o dia todo. A linha telefônica ficava ocupada, durante a conexão, e ouvíamos um barulho estranho, ao tirar o aparelho do gancho.

Em 2004, meu pai me fez uma surpresa, presenteando-me com um violão. Era um modelo *Di Giorgio*, com captação elétrica. Passei a levar o violão todos os dias para a escola, e fui dando um “jeitinho” de passar nas catracas dos ônibus sem danificá-lo. Saía procurando, dentre as músicas que gostava de cantar, aquelas que me pareciam mais fáceis e tinham cifras com apenas três ou quatro acordes. Na teimosia, ia enfrentando os primeiros desafios de quem se põe a tocar violão: o calejar dos dedos, e a fazer pestana³.

Nas matérias escolares, eu continuava tão mal quanto antes! Parecia que meu aprendizado em Matemática era inversamente proporcional às minhas tentativas. Eu já nem ficava mais triste, quando recebia uma nota baixa, e as psicólogas do colégio só me chamavam em suas salas para tratar do assunto nota. Parecia que o mundo inteiro se resumia ao boletim. A tristeza vinha e eu me isolava dos demais. Não queria fazer trabalhos em grupo. Não gostava de conversar com os colegas da sala de aula. Durante os intervalos, eu me escondia por trás do banheiro, para tocar violão, pois o barulho de cerca de 2 mil alunos correndo pelo pátio, pelas quadras e pelos corredores, era ensurdecedor. Sentia muitas saudades de estudar no colégio Sílvia Helena, onde todos se conheciam. Lá eu mantinha amizades de infância.

Diante do fracasso escolar, meus pais reconheceram que minha dificuldade não era “corpo mole” e contrataram um professor particular, Jackson Wendel. Ele era estudante de engenharia química, da Universidade Estadual do Ceará (Uece); morava perto da nossa casa e tocava teclado – anos depois, esse “reforço escolar” foi invertido, quando Jackson desistiu da química e foi para a faculdade de música.

Apesar dos esforços, não consegui aprender nem a base de toda aquela matéria. Meu boletim continuava vermelho e a reprovação não foi colocada em pauta apenas porque as aulas e provas da recuperação tinham nível mais baixo.

Por outra Rota...

*Quem tem a viola
Prá se acompanhar
Não vive sozinho
Nem pode penar
Tem tom de roupa*

³ Em instrumentos de cordas dedilhadas, apertar simultaneamente, várias cordas, com apenas um dedo.

(Zé Renato /Juca Filho /Cláudio Nucci /Xico Chaves (compositores). Boca Livre (intérpretes),1981

Em 2006, na oitava série, comecei a frequentar o curso de extensão em música da Uece, *campus* Itaperi. Eu estudava no Farias Brito pela manhã e, no final da tarde, colocava o violão nas costas e pegava o ônibus da linha José Walter Expedicionários, até a Uece. Não me lembro exatamente o motivo, mas esse curso de extensão era pago.

Meus pais fizeram um forte esforço para que eu me mantivesse lá. As aulas do curso distribuía-se da seguinte forma: às terças-feiras, canto coral; às quartas-feiras, história da música; às quintas-feiras, teoria musical; e, às sextas-feiras, violão. Algumas aulas eram dadas por estudantes formandos da graduação, mas, canto coral e história da música, estavam a cargo de professores antigos da casa, como Márcio Mattos e Maria Angélica Ellery, que morreu durante a pandemia de Covid-19.

Muito mais do que aulas de música, a Uece me proporcionou uma porta de entrada “antecipada” para a universidade. Eu tinha 14 anos e estava com os estudantes da graduação em música, tocando com eles, cantando, tirando dúvidas, tendo acesso aos livros e aos professores do curso. Infiltrava-me no Restaurante Universitário (RU) para jantar, e, aos poucos, ia entendendo como funcionava a universidade.

Todas as tardes, alguém fazia chá de capim-santo plantado no quintal do bloco F (onde funciona o curso de música da Uece) enquanto tocávamos. O cheiro do capim-santo tomava o bloco e as pessoas que passavam em frente iam pedindo um pouco de chá e cantando com a turma. Esse contato com os estudantes me levou a tocar em vários lugares. No *foyer* do Theatro José de Alencar; no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; no Passeio Público; dentre outros. Destaco o Festival de Música, na Ibiapaba, que acontecia em Viçosa do Ceará, que frequentei nos anos de 2006, 2007, 2008, 2011 e 2012. O festival durava 8 dias, com aulas nos períodos matutino e vespertino.

No turno da noite, havia um horário dedicado às apresentações de músicos e grupos renomados, como a Banda de Boca; Johnny Alf; e Renato Borghetti. Participei de diversas aulas, palestras, visitas, apresentações. E, claro, também toquei nas praças com os amigos que iam chegando. Na Uece, conheci várias pessoas, que estavam tocando na noite de Fortaleza, pois muitos estudantes da graduação precisavam trabalhar e estudar. Diversos me incentivaram a fazer o curso superior de música.

A professora Lenina Silva, hoje amiga, dizia-me sempre que eu não deveria desistir do meu desejo de cursar música, e que, se eu estudasse bastante, haveria lugar para mim no mundo do trabalho. O curso na Uece durou 3 anos, e foi concomitante à 8ª série e aos 1º e 2º anos do Ensino Médio.

Durante o 3º ano, decidi afastar-me temporariamente do violão, para dedicar-me ao vestibular. Não adiantou muito, pois logo percebi que não conseguiria aprender toda aquela Matemática que me parecia impossível de calcular. Três psicopedagogas do Farias Brito fizeram uma reunião para tentar me convencer a não prestar vestibular para música, sob a justificativa da difícil empregabilidade e de baixos salários para os que se formavam.

Meu pai apoiou o meu estudo musical, até o momento em que lhe disse que aquela era minha escolha para o Ensino Superior. Ele não queria e dizia que pagava um colégio muito caro para que eu não tivesse um emprego com bom salário. Lembro-me de quase ter desistido, mas as vivências na Uece me mantiveram firme no sonho de continuar estudando música.

Rumo à UFC

O ano de 2006, lá na Uece, registrou uma greve interminável. Pude olhar de perto para todo aquele contexto que, infelizmente, era de “sucateamento”. Aqueles três anos na Uece me deram o maior subsídio para uma escolha consciente entre o curso de Licenciatura em Música e o então recém-criado curso de Educação Musical na UFC.

A UFC havia criado um curso com uma proposta diferente, com foco no educador e no canto coral, e assim tentar romper com o tradicionalismo no ensino de música, ao trazer metodologias ativas. Conversei com muitas pessoas, visitei a UFC, e, por fim, escolhi cursar a Licenciatura lá.

O vestibular do ano de 2009 foi atribulado. Havia rumores de que, naquele ano, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) seria adotado para ingresso às universidades. O Farias Brito fazia uns simulados com nível extremamente alto, pois o colégio ainda não detinha parâmetro de como seria a prova. Então, preferiram subir o nível e preparar os estudantes o melhor possível, porém, o Enem só seria instituído como forma de ingresso ao Ensino Superior no ano seguinte.

Nesse mesmo ano de 2009, fiquei de recuperação em várias matérias, e o Farias Brito só me entregou o diploma de conclusão do ensino médio porque fui à sala do coordenador avisar que havia sido aprovada na primeira fase do vestibular da UFC e que precisava, portanto, de tempo para estudar para a segunda fase. Fiz o vestibular da Uece também, mas a prova foi anulada e seria reaplicada no dia seguinte à publicação do resultado do vestibular da UFC. Por ter sido aprovada na UFC, universidade que eu desejava cursar, não participei da reaplicação da prova da Uece.

Ingressei, no Ensino Superior, em janeiro de 2010, com uma alegria que não cabia no peito. Ampliei a rede de amigos músicos, que iam sempre apresentando novas canções, novos livros e oportunidades. Ingressei como bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET). A assistência estudantil na UFC, por meio de bolsas, em 2010, era forte. O valor auxiliava muito no pagamento das passagens de ônibus; dos almoços no RU; na compra de livros; e viagens a congressos. Conheci a

Associação Brasileira de Educação Musical (Abem), que me deu a oportunidade de publicar artigos já no primeiro semestre, pois o PET atuava em ensino, pesquisa e extensão.

Passsei dois anos no PET e saí para reger o Coral da Faculdade de Direito da UFC que, tão logo, passou a se chamar Coral do Bosque, pois a maioria de seus integrantes era dos cursos de Letras e Psicologia, localizados nas proximidades do bosque do Centro de Humanidades II. Essa experiência como regente me deu a oportunidade de exercitar a criação de arranjos para o coral nesses grupos durante dois anos. No último ano de faculdade, fui monitora da disciplina de Percepção e Solfejo.

Quando estava na metade da graduação, tive medo de sofrer pressão da minha família e comecei a pensar: E se não conseguir um emprego formal no término do curso? As famílias paterna e materna iriam dizer em peso: “Bem que eu a avisei!”.

Pensar nisso me causava um frio na barriga. Era preciso ter em mente uma estratégia para conseguir, pelo menos, um emprego formal, ao concluir aquela licenciatura. Olhei para frente e vi um dos meus professores pelo corredor e pensei: É isso, vou fazer concurso público na área de música. Saí procurando concursos em todo o Brasil. Não me importava se era concurso municipal, estadual ou federal. Fazia qualquer concurso na área de música.

Felizmente, em 2008, foi sancionada a Lei 11.769 que trazia a obrigatoriedade de música nas escolas; isso fomentou os concursos e tive a oportunidade de fazer vários. O primeiro deles foi no IFCE, em 2013. Com três fases, acreditava que não seria aprovada sequer na primeira fase, a prova escrita subjetiva. Mas fui aprovada e segui para a fase seguinte, a prova didática. Lembro-me que ter um tema de prova didática sorteado com antecedência de apenas 24 horas era assustador. A terceira fase, a prova de títulos, era a mais fácil, pois não era eliminatória. Era uma prova apenas classificatória, mas a classificação dos aprovados foi mantida na mesma posição. Infelizmente, naquela época, não pude assumir o cargo, pois estava ainda na metade da graduação e o concurso exigia o diploma que eu ainda não adquirira. Porém, essa aprovação me encorajou. Saí fazendo mais concursos.

Reprovada no concurso que prestei para a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc), consegui a aprovação no Instituto Federal da Paraíba e na prefeitura do município de Maracanaú, mas não pude assumir nenhum deles, também porque ainda estava cursando a graduação. Até que, em 2015, o concurso para professor municipal, em Fortaleza, coincidiu com o semestre da minha formatura. Concluí o curso de música da UFC em janeiro de 2016, numa colação de grau aperreada; uma colação especial em meio a uma greve de servidores e na iminência de ter que comparecer à prefeitura do município de Fortaleza para tomar posse no cargo.

Entre a Cidade Alencarina e os Sertões dos Inhamuns

Em janeiro de 2016, ingressei no mundo do trabalho como professora de Artes do município de Fortaleza, na Escola Rogaciano Leite, localizada em frente ao Colégio Sílvia Helena Nogueira, no qual eu havia estudado por 6 anos. Trabalhei numa jornada de 20 horas semanais, com as turmas do Ensino Fundamental II. As aulas de Artes eram apenas de 1 hora-aula de 50 minutos, uma única vez na semana. Pude realizar algumas atividades musicais, na escola, e buscava, com muita dificuldade, dar conta das outras linguagens artísticas: dança, teatro e artes visuais.

Apesar de ter concluído a Licenciatura em Música, na UFC, eu não havia me desligado totalmente da instituição. Eu cantava no Coral da UFC, que realizaria uma viagem de intercâmbio para se apresentar na Europa, em junho daquele mesmo ano. Dividia, então, meu tempo, entre as atribuições do coral e do novo emprego.

Em maio daquele mesmo ano, a prefeitura estava selecionando professores para atuar nas Escolas Municipais de Tempo Integral (EMTIs). A proposta era interessante, para mim, pois, além de ampliar minha carga horária, e, conseqüentemente, o salário, teria a oportunidade de conciliar algo raro, quando se é docente de município: concentrar uma jornada de 40 horas semanais em uma única escola.

Ao retornar do intercâmbio, já fui à EMTI Edgar Linhares Lima, localizada no bairro Planalto Ayrton Senna. Lá, tive a oportunidade de experienciar um novo olhar para o Ensino Fundamental II, pois a escola tinha excelente estrutura física, quando comparada com as unidades públicas regulares, e um currículo diferente. Além das aulas de Artes, eu lecionaria agora as disciplinas de Projeto de Vida e de Protagonismo Juvenil. Aquele era o primeiro ano de funcionamento da Edgar Linhares e os estudantes estavam em fase de adaptação. A entrada era às 7h30 e a saída às 16h; com dois intervalos curtos nos turnos da manhã e tarde, e um intervalo maior para o almoço. Todas as refeições eram oferecidas na escola.

As EMTIs também possuem outro diferencial em seu currículo: as disciplinas eletivas. Dois docentes de áreas distintas elaboram conjuntamente uma disciplina semestral que deve contemplar as duas áreas do conhecimento. Após a elaboração, os docentes devem preparar uma apresentação de sua disciplina eletiva para que os estudantes se sintam motivados a escolhê-la. Os estudantes vão escolhendo qual disciplina querem cursar, e, ao final de cada semestre, a escola inteira reúne-se para a culminância das eletivas.

Dentre as disciplinas eletivas que elaborei com outro colega docente, destaco as de Matemática e Música, nas quais trabalhamos com a construção de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados. Fizemos um monocórdio, com caixa de papelão; um xilofone, de garrafas de vidro; chocalhos, com latas de diferentes tamanhos; e uma flauta de pão, para a qual tivemos que calcular cuidadosamente as medidas dos canos de Policloreto de Vinila (PVC) para atingir as notas desejadas.

Ao término da construção de instrumentos, montamos uma pequena orquestra com seis naipes e tocamos “O Trenzinho do Caipira”, de Heitor Villa-Lobos.

No mesmo ano de 2016, o IFCE anunciou concurso público para docentes e técnicos administrativos e enxerguei uma oportunidade de trabalhar numa instituição que recebe mais investimentos do que uma escola municipal e oferece, também, melhores condições de trabalho – as EMTIs recebem cobranças distintas das escolas regulares o que acarreta sobrecarga dos trabalhadores. Estava confiante, pois já havia alcançado êxito em concurso anterior, na mesma instituição. Infelizmente, eu não conseguia estudar o quanto julgava adequado para a aprovação. Esforçava-me, mas não conseguia. A rotina de oito aulas por dia, com crianças de 11 a 14 anos, deixava-me esgotada. A EMTI estava em fase de implantação em zona de alta periculosidade. Os desafios eram imensos e intensos.

Não estudei o quanto gostaria, mas fui fazer a prova do concurso. Eram cinco questões escritas e subjetivas. Saí da prova com as mãos cansadas e sem expectativa positiva, mas fiz o que foi possível, naquele momento. Quando saiu o resultado, me surpreendi, pois estava entre as primeiras colocações. Fiquei em estado de euforia; não conseguia acreditar. Animei-me e me esforcei para a prova didática, que, desta vez, já trazia o tema desde a abertura do edital. As férias da prefeitura de Fortaleza coincidiram com o período em que eu precisava estudar. Além da prova didática, os que concorriam às vagas de música tinham também de realizar uma *performance* prática, logo após a prova didática.

Fui aprovada na prova didática do IFCE, novamente, mas eu não tinha títulos para concorrer à terceira fase. Minha colocação desceu, e, por muito pouco, consegui ficar na última vaga prevista no edital. Porém, por não ter ficado nas primeiras colocações, eu só ingressaria no IFCE em 2019.

Enquanto aguardava a convocação do IFCE, fiz uma especialização à distância *lato sensu*, em Metodologia do Ensino de Música, na Universidade Cruzeiro do Sul. Infelizmente, professor de município não tem tempo para estudar. Os afastamentos previstos em lei raramente são concedidos.

Em agosto de 2018, entrei para o Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), da UFC, mas cursei apenas um semestre. Esforcei-me para continuar, mas apesar de o programa de mestrado oferecer certa flexibilidade, havia aulas no horário comercial e a escola onde eu trabalhava não fez nenhuma concessão ou acordo. Nesse meio tempo, o IFCE não tardou a realizar convocação para que eu assumisse o cargo com lotação em Crateús.

Desse modo, foi impossível dar continuidade ao programa de mestrado. A mudança para uma cidade distante 360 quilômetros da capital cearense implicava a troca de residência. Entendi, então, naquele momento, que, para ir avante, era necessário recuar. Uma pausa no mestrado não significaria uma desistência, mas, sim, a espera por um momento mais oportuno.

Ingressei no IFCE em 14 de junho de 2019. Nunca havia tido contato institucional com o IFCE, anteriormente, ou recebera qualquer informação sobre como era lá trabalhar ou estudar. Nada

sabia sobre sua forma organizacional e política. Também nunca havia visitado nem passado próximo a Crateús. Chegar a uma nova cidade, com um novo emprego numa instituição que eu pouco conhecia, foi instigante e estimulante.

O curso de Licenciatura em Música, de Crateús é o primeiro nessa área, no âmbito do IFCE. Os demais docentes que atuam no curso fizeram parte de sua criação e implantação, em 2018. Ao todo, são seis docentes, e eu como a única representante feminina. Nossa formação varia entre licenciados e bacharéis, mas o concurso no qual obtivemos aprovação foi dividido em cinco subáreas: bateria e percussão; canto popular; regência e sopros; cordas dedilhadas; e teclas.

Iniciei as aulas no *campus* Crateús lecionando no Ensino Superior com as disciplinas de Leitura e Estruturação Musical; Canto Coral; e História da Música Erudita Brasileira. Ofereci também, com os demais docentes, um curso de formação musical continuada para os docentes de Artes da educação básica. Esse foi um curso com o público-alvo dentre aqueles docentes que não tiveram oportunidade de estudar música, no âmbito formal, e que agora precisavam adequar-se a essa obrigatoriedade em suas aulas.

Minha experiência profissional presencial no *campus* Crateús foi de apenas nove meses, pois a pandemia de Covid-19 levou-me de volta para perto de meus familiares, em Fortaleza. Sentia-me perdida. Aqueles poucos meses não foram suficientes ainda para que eu me adaptasse ao IFCE como um todo. Ainda não entendia os processos administrativos que fazem a instituição funcionar.

Todo o sofrimento que incidiu sobre a humanidade, durante a pandemia, nos deixou frágeis. Como o curso de Licenciatura em música continha um currículo essencialmente prático, ocorreu um grande número de trancamentos. Foi desafiador tentar trazer os estudantes para perto de nós, enquanto nós mesmos lutávamos por nossa sobrevivência. O processo de volta às aulas foi lento. Muitos estudantes não conseguiram retornar, e estamos todos num árduo processo de readaptação.

Após o deferimento em um processo de remoção interna, com o intuito de me transferir para a cidade de Sobral, percebi que estaria no momento de retomar os estudos de mestrado e no quão interessante seria tentar fazê-lo na mesma instituição em que trabalho. Fiquei atenta ao processo de seleção de 2020, e aguardei por novas inscrições. Cerca de 6 meses após o início do mestrado, o IFCE abriu novo processo de remoção de servidores, que me levou até o campus no qual leciono hoje; Itapipoca.

Hoje, sinto-me privilegiada em estar matriculada no ProfEPT, pois minha graduação pouco contemplou a educação profissional e tecnológica. Minha experiência como docente de escola pública municipal apontou-me uma lacuna entre a formação docente e a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas. Pretendo pesquisar como os docentes que não tiveram a oportunidade de estudar música têm se adaptado a essa nova realidade.

Poder contribuir não apenas com a pesquisa, mas também com um produto educacional é estimulante. A perspectiva de gerar um produto educacional foi um dos motivos para que eu escolhesse esse programa de mestrado no qual pretendo alcançar, com êxito, um propósito menos efêmero que a conquista do diploma: uma relevante contribuição social.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Urna eletrônica 25 anos**: lançado em 1996, equipamento é o protagonista da maior eleição informatizada do mundo. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2021/Maio/urna-eletronica-25-anos-lancado-em-1996equipamento-e-o-protagonista-da-maior-eleicao-informatizada-do-mundo>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 11 abr. 2022.

BRASIL. Lei n. 11.769, de 20 de agosto de 2008. Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20072010/2008/lei/11769.htm. Acesso em: 12 abr. 2022.

Referências Discográficas

BOCA LIVRE, [intérprete]; RENATO (Botelho Moschkovich, dito, Zé); FILHO, Juca; NUCCI, (José Moore Cláudio); et CHAVES (Francisco de Assis Bastos, dito, Xico) [compositores]; Boca Livre. **Quem tem a viola**, Warner Music, 60876799, faixa 1, 1979.

FLORENTINO, Santos (Jessé) [intérprete]; BARBOSA (Eunice); MARANHÃO (Mário) *et*, MARCOS (Mário) [compositores] Voa liberdade. **Voa liberdade**, BMG Arabella, CD/disco sonoro, 61090115, faixa 8, 1980.

REGINA, Carvalho Costa (Elis) [intérprete]; BELCHIOR Fontenelle Fernandes (Antônio Carlos Gomes) [compositor]. Falso Brillhante. **Como nossos pais**, 6349-159 Phonogram, faixa 1, CD/disco sonoro, 1976.

MEMÓRIAS DE JOÃO: UMA TRAJETÓRIA DE ESPERANÇA E LUTAS

João Paulo Silva do Nascimento

*A gente tem coragem pra vencer
A gente não se cansa de lutar
A gente corre atrás e manda ver
Se tem objetivo, vai buscar
Não há nada pra nos abater
Deus está aqui pra nos guiar
Quem sabe faz a vida acontecer.*

(Diogo Nogueira, 2017)

Caro leitor, neste momento, apresento minha história de vida pessoal, acadêmica e profissional, através da escrita de um memorial, atividade proposta da disciplina de Seminário de Pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Instituto Federal do Ceará (IFC), *campus* de Fortaleza.

O memorial formativo, segundo Rodrigo (2009, p. 168), é:

Um relato escrito, com experiências, realizações e reflexões suficientemente significativos para tecer uma trajetória composta de estudo, ensino e produção intelectual. Sua escritura supõe, contudo, mais do que simples memória retentiva: um Memorial assenta-se, inevitavelmente, sobre a lembrança.

Assim, vamos conhecer a trajetória de um jovem guerreiro, que carrega consigo marcas de lutas e esperança. Relatar memórias de si não se constitui uma tarefa fácil, pois nos remete a lembranças alegres e tristes, e, também, nos oportuniza olhar as experiências que contribuíram para a evolução do ser nos aspectos pessoal e profissional. Nessa linha de projeção é que me reconstruo a cada dia, observando, hoje, quem fomos, somos e para onde pretendemos ir. Com isso, encorajo-me a compartilhar os meus caminhos formativos.

As Lembranças da Infância e Vida Escolar

Nascido em 24 de maio de 1990, na cidade de São Bernardo do Campo/SP. Primeiro filho do casal Célia e Paulo (Em memória). Habitei os primeiros anos em São Paulo, pois os meus pais deixaram o Ceará para ganhar a vida naquele estado, ou seja, em busca de melhores condições para a sobrevivência. A escolha do nome “João Paulo”, foi em homenagem ao papa João Paulo II, e ao nome do meu pai.

Morávamos na pequena residência de uma tia paterna, que também teria deixado o município de Pedra Branca, interior do Ceará, para apostar nas oportunidades de emprego em São Paulo, especificamente no município de Diadema. Meu pai, foi acolhido por sua irmã Fátima, ambos trabalhavam para o sustento da família. Minha mãe cuidava da casa e dos meus primos, Elisângela e Lucas

Já crescendo, lembro-me de brincar com meus primos na quadra, ao lado da casa deles, e de olhar a imensidão de carros passando na avenida. Tomava banho na chuva. Passeava pelo sacolão das frutas e no supermercado, com minha tia. Recebi muito carinho e afeto da tia Fátima. Minhas primas paternas também estavam morando em São Paulo; algumas na cidade de Diadema. Convivi com elas e seus filhos, nesse início da infância.

Logo retornamos ao Ceará, devido ao problema de saúde do meu pai, que foi vítima da forte depressão e nos domiciliamos no município de Pedra Branca, especificamente no Sítio Cachoeira, propriedade de origem da nossa família. Naquele lugar, tive lembranças alegres e tristes. Costumava ir a açudes, cachoeiras, riachos, além de ajudar meus pais no plantio de milho e feijão, em suas terras. No Sítio Cachoeira, tive contato com a sala de aula. Fui alfabetizado pela esposa do meu tio, carinhosamente chamada por Neném, pois era a professora da comunidade, e uma das salas de sua residência funcionava como sala de aula, para atender às crianças do sítio em questão e das comunidades circunvizinhas. Nessa sala de aula contei com a presença das minhas primas gêmeas Elieusa e Elieuda, filhas da professora mencionada. Elas fizeram parte de toda infância e adolescência. Guardo as boas de doces memórias dessa companhia.

Com o avanço da depressão do meu pai, passamos a morar na sede de Pedra Branca, em uma casa de propriedade da avó paterna, Antônia (Em memória), praticamente no centro da cidade. Em janeiro de 1997, fui matriculado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Ferreira de Pinho, instituição vizinha à casa da avó paterna, e na mesma rua da minha residência.

Nessa escola, cursei da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Ficava fascinado com as atividades; com os livros que recebíamos; com os escolares que continham cadernos, lápis de cor e mochila. Ao chegar da escola, todos os dias, realizava as atividades repassadas em sala de aula. Era um aluno que gostava de participar das aulas, dos movimentos e eventos da instituição; inclusive dos desfiles de 7 de setembro. Até os dias de hoje, lembro-me das primeiras professoras e dos momentos especiais experienciados.

No ano de 2001, tive que mudar de escola, pois o 5º ano era ofertado em outras escolas. Efetivei a matrícula na Escola Sabino Vieira Cavalcante, uma das melhores unidades da cidade. Estudei na instituição durante 1 ano. Naquele tempo, tive o contato com o tele ensino (aula transmitida

pela TV), com percepção do aluno. Também recebíamos o livro chamado “Manual do Aluno”, para realizar as atividades.

Conforme o avanço do conhecimento, participava ativamente das aulas e cumpria todas as atividades propostas. Foi no ambiente da Escola Sabino Vieira Cavalcante que passei a praticar esportes, especialmente a modalidade de voleibol, esporte que pratico no cotidiano. Construí novas e boas amizades naquela instituição.

Em outubro de 2000, perdemos um irmão com dois anos e 4 meses de idade, que sofria com problemas cardíacos. Minha avó paterna; nos deixou, no mês de abril de 2001. Já no mês de maio de 2001, perdi meu pai, vítima da prática de suicídio, ocasionado pela depressão. As andanças por Fortaleza e São Paulo, em busca de tratamento eficaz, não foram suficientes para sua cura. Foi um período bastante turbulento, em nossas vidas, uma vez que passamos por muitas dificuldades financeiras. Minha mãe trabalhava como doméstica, mesmo antes da partida do meu pai, para manter o sustento da família.

A partida do meu pai nos trouxe muito sofrimento. Minha mãe assumiu uma responsabilidade ainda maior no cuidado dos filhos. Uma série de mudanças ocorreram em nossas vidas: deixamos a casa em que morávamos, em razão de ser um bem herdado por todos os filhos da avó paterna. Foi um período marcado por perdas irreparáveis.

Logo, mudamos de bairro e para uma pequena casa, de nossa propriedade, como herança deixada por nosso pai. Não foi fácil nos acostumarmos, mas fomos bem acolhidos por todos os vizinhos. No bairro Santa Terezinha/ Vila do Padre, passamos a viver um novo capítulo da história de vida.

No ano de 2002, mudei para a Escola de Ensino Fundamental e Médio Francisco Vieira Cavalcante, onde estudei do 6º ano do Ensino Fundamental, ao 3º ano do Ensino Médio. Confesso que, dessa escola, só tenho boas recordações. De início, encontrei parte dos meus colegas da Escola Francisco de Pinho. O encanto e interesse pelos estudos só aumentaram.

Estava na maior escola do município de Pedra Branca, tanto por sua estrutura física, como no quantitativo de alunos. Para a conclusão do Ensino Fundamental, na instituição, destacava-me nas disciplinas de Ciências Humanas e Linguagens, e, especialmente, na Educação Física, por meio da prática de esporte e participação em todos os campeonatos da escola.

O contato com o Ensino Médio trouxe-me medo, insegurança e emoções. Embora permanecesse na mesma instituição, era um novo formato, com muitas disciplinas, vários professores,

e novos conteúdos a serem aprendidos. Já ouvia falar do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e das faculdades. Nascia novas expectativas para quem almejava um futuro promissor.

Durante o percurso no Ensino Médio, na Escola Francisco Vieira Cavalcante, continuei ativo com as responsabilidades dos estudos. Realizava as atividades propostas em todas as disciplinas. Era um verdadeiro fascínio estudar Ciências Humanas, além da Educação Física.

Particpei do Grêmio Estudantil, na condição de Diretor de Esportes. Também ocupei a função de líder de sala. Apresentei trabalhos nas Feiras de Ciências, Cultura e Esportes, assim como atuei Jogos Escolares do Ceará. Foi uma hora representar a Escola na fase regional, nos três anos do Ensino Médio, de 2005 a 2007. No ano de 2006, fomos campeões regionais.

Também participei do Curso de Empreendedorismo Juvenil. Na conclusão do curso, foi realizada a Feira de Empreendedorismo Juvenil, para a qual tivemos que construir um plano de negócio e apresentá-lo na prática. A proposta inovadora, da empresa Bem Natural, consagrou-se campeã do evento.

Em 2006, fui bolsista do Instituto Escola de Fábrica, programa que prepara, para o mercado de trabalho, jovens com idades entre 16 e 24 anos, de baixa renda, por meio de cursos de iniciação profissional. Na ocasião, fomos agraciados com o Curso de Serviços Administrativos, com carga horária de 600 horas-aulas, divididas entre aulas teóricas e práticas. Realizei o estágio na Secretária da Educação de Pedra Branca.

Cheguei ao 3º ano, em 2007 imbuído de metas e sonhos, dentre eles, o sonho de ingressar na faculdade. Foi um ano intenso de estudos, pois o vestibular e o Enem estavam próximos. Ademais, matriculei-me no curso de pré-vestibular, ofertado no turno da noite. Também frequentei um curso básico de informática, como preparação e requisito para o mercado de trabalho. Concluí essa última etapa da Educação Básica de forma louvável. Era hora de pensar em voar mais alto em busca do Ensino Superior.

O Sonho da Faculdade

Cursar o nível superior foi a efetivação de um sonho, mas acordado e de olhos abertos para o futuro. Tratava-se de um projeto de vida, almejado e consciente, e devia ser bem direcionado. Sonhar de olhos abertos é pensar no futuro com melhores condições para encarar os desafios ao longo de toda e qualquer caminhada.

Em 2007, participei do primeiro vestibular na Universidade Federal do Ceará (UFC), *campus* Fortaleza, para o curso de Educação Física, mas não logrei êxito. Decidi prestar o vestibular na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), através do Instituto de Educação e Cultura Dom José (IDJ), no *campus* de Quixeramobim. Conquistei o 2º lugar para os cursos de Educação Física e Enfermagem, mas, devido a alguns problemas de ordem pessoal, não foi possível ingressar na universidade naquele momento.

Não possuía condições financeiras para frequentar cursinhos de pré-vestibular em outra cidade. Foi penoso, mas não desisti dos meus estudos. A cada dificuldade, sentia-me fortalecido e o sonho de cursar o nível superior estava sendo alimentado. Tinha na consciência que a etapa superior dos estudos concedia a oportunidade para a colocação no mercado de trabalho; conseqüentemente, conquistar melhor qualidade de vida, por meio da educação. Segui estudando em casa, e, sempre que possível, frequentava a biblioteca da Escola Francisco Vieira Cavalcante.

No início de 2008, minha mãe foi diagnosticada com um câncer de pele e, mais uma vez, veio o medo das perdas, em nossa família. Foi submetida ao tratamento e cirurgias, mas sob as bênçãos de Deus, alcançou a cura.

Em novembro de 2008, realizei o vestibular na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), através do Instituto de Educação e Cultura Dom José (IDJ), no *campus* de Quixeramobim. Conquistei aprovação, em 2º lugar, para o Curso de Educação Física, mas não se formou a turma. Analisei e tomei a decisão de migrar para o Curso de Administração, visto que não pretendia esperar mais um semestre para a formação da turma. A escolha veio acompanhada da motivação de pôr ter cursado Serviços Administrativos, pelo Instituto Escola de Fábrica; e pela participação no Curso de Empreendedorismo Juvenil.

No ano de 2009, ingressei no Curso de Administração. Percorria, todos os dias, 84 quilômetros (ida e volta); não foi fácil, mas a coragem e o desejo de vencer os desafios impulsionavam-me a trilhar uma caminhada para o sucesso. Tive como principal apoiadora, a amiga e prima, Marilene Oliveira, professora e vereadora, no município de Pedra Branca. Ela foi meu alicerce e a base para as demais conquistas. Até os dias de hoje, Marilene Oliveira alegra-se e sorri com minhas conquistas. É uma amiga do coração!

Durante a faculdade, superação foi a palavra de ordem, nos estudos. Debrucei-me sobre o conhecimento, e realizava todas as atividades, com bastante esmero e organização, desde os seminários até a elaboração de artigos e projetos. Tive contato com muitos professores, dentre eles, a professora e advogada Alayne Moura, fomentadora na minha caminhada para a docência, mediante questionamentos voltados à educação.

A administração pública seria o ramo de atuação, após graduado, especialmente a educação. Realizei o estágio supervisionado na Câmara Municipal de Pedra Branca, atuando no setor administrativo. No período do estágio, foi possível alinhar a teoria e prática, no primeiro contato com o mundo do trabalho. Conheci, de fato, como funcionava a administração de uma organização pública, perpassando pelos seus setores; documentos normativos; administração de pessoal; dentre outros.

Encaminhando-me, na gestão pública, desenvolvi o projeto de monografia com o título: “Os Princípios Norteadores da Gestão Pública”, sob orientação do professor Antônio Martins de Almeida Filho. Alcancei a aprovação com nota máxima e concluí o Curso de Administração com louvor, sobretudo, coragem. A colação de grau aconteceu em maio de 2013 na cidade de Fortaleza.

Educação e Trabalho: Um Caminho de Avanços e Ganhos

O meu primeiro emprego foi na Distribuidora Ibiapina, empresa especializada em produtos de higiene pessoal, beleza, limpeza e alimentos. Atuei como representante de vendas e nesse cargo tive como principais funções realizar visitas aos clientes para apresentação e venda de produtos e serviços. Controlava os pedidos e acompanhava os clientes na pós-venda. O salário era baseado na comissão, ou melhor, para obter o salário seria necessário alcançar a meta.

No mês de janeiro de 2012, fui eleito conselheiro tutelar do município de Pedra Branca, com 1.250 votos, o conselheiro mais votado na sede do município. Na atuação de conselheiro, pude conhecer a realidade que paira sobre crianças e adolescentes em situações de violações de direito e em condições de vulnerabilidade social. Tínhamos alta demanda de trabalho, mas, com esforço, organizamos toda a estrutura do conselho para desempenhar com ética e responsabilidade as atribuições previstas na função.

Conforme o artigo 136, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o conselheiro tutelar atende crianças e adolescentes que vivenciam situações de violação de direitos. Também é papel do conselheiro atender e aconselhar aos pais ou responsáveis dessas crianças e adolescentes. A partir do atendimento, o profissional aplica as medidas de proteção.

Destarte, após apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em administração, e já desempenhando a função de conselheiro tutelar, recebi o convite para participar do processo seletivo do cargo de coordenador escolar da Escola Estadual de Educação Profissional Antônio Rodrigues de Oliveira, situada em Pedra Branca. Participei do processo na 14^a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede), conquistando aprovação no final

de janeiro de 2013. Em menos de uma semana, solicitei exoneração do cargo de conselheiro tutelar e, prontamente, assumi a nova função.

Uma nova janela abria-se diante dos meus olhos, que brilhavam de alegria. Estava assumindo um cargo na educação, área em que desejava atuar profissionalmente depois de graduado. A educação profissional seria um caminho para ascensão do crescimento pessoal e profissional. A seleção foi para o cargo de coordenador escolar, mas tive forte atuação no setor administrativo-financeiro da instituição.

Para ascender, na educação profissional, e aprimorar o conhecimento, matriculei-me no Curso de Especialização em Gestão Escolar, ofertado pela Universidade Federal do Ceará, através do Instituto UFC Virtual. No entanto, deslocava-me a cada 15 dias para o município de Quixeramobim, local do curso. Voltei às memórias afetivas dos tempos de graduação. Em menos de dois anos, concluí o curso.

Enquanto atuava como coordenador na Escola Profissional, acompanhei atividades administrativas e financeiras, perpassando pelo processo de compras; contratação de serviços gerais; contas a pagar; controle de prestação de contas; acompanhamento da emissão de extratos e disponibilidades bancárias; controle do uso de materiais. Elaborei o processo de licitações na modalidade carta convite. Formulei contratos administrativos, observando os princípios norteadores da Administração Pública. Organizei todos os arquivos; o controle, recebimento e envio de documentos. Também elaborei ofícios, declarações, comunicados e relatórios. Acompanhei a administração de pessoas, no desenvolvimento dos colaboradores nas funções do setor. Ainda organizava os eventos de pequeno e médio portes da instituição.

Na execução das ações do setor administrativo-financeiro, foi possível observar que estavam interligadas às funções administrativas de Planejar, Organizar, Dirigir e Controlar (PODC) de origem da Teoria Neoclássica, de Peter Drucker. As funções básicas do administrador constituem o processo que vai adiante do ciclo administrativo, por ser dinâmico, interativo e cíclico.

Passados 11 meses na coordenação escolar, participei da seleção para professor das disciplinas de Sociologia, Empreendedorismo e Projeto de Vida. Conquistei a aprovação e assumi o desafio da sala de aula. A coordenação escolar passou a ser uma experiência vivenciada.

Integrei o corpo docente da Escola Profissional Antônio Rodrigues de Oliveira, considerada uma das melhores escolas da 14ª Crede e região, pelos resultados expressivos e positivos no tocante às aprovações nas instituições públicas e privadas de nível superior, mediante o Sistema de Seleção Unificada (SISU); o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e vestibulares.

Para corresponder à ação docente, para a qual estava me dispondo, empenhei-me nos estudos e planejamento das disciplinas com metodologias inovadoras a serem utilizadas nas práticas de professor, analisando o estágio de desenvolvimento do educando no processo de ensino e aprendizagem. No empreendedorismo, me norteava pelas ações e políticas do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Na disciplina de Projeto de Vida, a base foi o Curso de Formação continuada, ofertado pelo Instituto Aliança, instituição orientadora das ações a serem desenvolvidas na disciplina. Na Sociologia, ampliei meus estudos pelos conceitos de Marx, Weber e Durkheim. Tive o olhar despertado para a docência.

Segundo Freire (1979, p. 47):

A ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar (grifo próprio).

No que concerne, o papel do professor na educação é basilar e desafiador, em uma sociedade marcada pela desigualdade social. Partindo desse ponto de vista, o professor é o semeador de esperança, na escola e sociedade, que formam cidadãos críticos para construir o futuro. Nossa profissão requer uma gama de atividades técnicas que servirão de guia e mediadoras dos discentes.

A docência é uma atividade complexa, que tem o aluno como um dos focos principais e envolve a articulação de uma série de elementos e processos para ser plenamente desenvolvida no processo de ensino e aprendizagem. Também encaro a função de ser professor como uma missão gratificante. Colhemos bons frutos, quando nos deparamos com os resultados e as metas alcançados, e, especificamente, quando esses resultados são a base do ingresso do educando na universidade e no mercado de trabalho. O sucesso do aluno é o nosso sucesso.

Em janeiro de 2016, deixei a Escola Estadual de Educação Profissional Antônio Rodrigues de Oliveira, assumindo a Coordenação Escolar na Escola de Ensino Fundamental Francisco Ferreira de Pinho, no mês de março daquele ano. A princípio, receoso, uma vez que estava vindo da educação profissional, considerada a menina dos olhos da Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Receoso? Sim! A Escola Francisco de Pinho é a maior unidade da rede municipal de ensino na sede de Pedra Branca. O seu público é constituído por alunos oriundos de diversos bairros e sua estrutura física é uma das mais antigas da cidade. Assim, o índice de educandos com dificuldades na aprendizagem era significativo.

Enfrentamos o desafio, estruturando o formato da rotina escolar. Construimos um plano de ação com projetos e formações. Aproximamos a família da escola, com a finalidade de acompanhar o estágio de desenvolvimento do educando. Observações e estratégias pedagógicas foram adotadas nesse percurso de melhoria. Ao final do ano, a Escola Francisco de Pinho foi uma das premiadas no Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE).

No mês de maio de 2016, participei do processo seletivo para a composição do banco de professores técnicos do Ensino Médio Integrado das Escolas Profissionais do Ceará e fui aprovado em 1º lugar para o Curso Técnico em Administração, na 14ª Crede. Ressalta-se que esse processo seletivo também permite ser contratado nos Cursos de Gestão e Negócios, exceto Contabilidade.

Em 6 de junho de 2016, recebi a convocação do Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec), para assumir a vaga de professor no Curso Técnico em Comércio na Escola Profissional Maria Altair Américo Saboya, localizada no município de Independência, e pertencente à 13ª Crede. Imediatamente assumi a vaga, em virtude, na 14ª Crede, não possuir carência de lotação para o Eixo de Gestão e Negócios.

Foi a primeira experiência em trabalhar fora de casa. Independência estava a 72 quilômetros de Pedra Branca, todavia, movido pelos desafios, assumi 26 horas na instituição, das quais 20 horas eram destinadas à orientação de estágio dos alunos do Curso Técnico em Comércio, que estavam no 3º ano. Conciliei o emprego da Escola Profissional Maria Altair com a coordenação da Escola Francisco Ferreira de Pinho. Porém, deixei coordenação escolar em dezembro de 2016 por não pertencer ao quadro de funcionários da gestão eleita para os próximos 4 anos.

Nesse mesmo período, também lecionava nos Cursos de Administração; Contabilidade; Pedagogia; e Especialização em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria, do Instituto Fratelli de Educação, onde estive por 4 anos como professor modular.

No mês de julho de 2017, solicitei a transferência da Escola Estadual de Educação Profissional de Independência para a Escola Profissional Manuel Abdias na cidade de Nova Russas. A transferência foi concedida. Na instituição atuei como orientador de estágio do Curso Técnico em Comércio durante o segundo semestre de 2017, e como professor, no Curso Técnico em Administração, Comércio e Logística. Em janeiro de 2018, recebi a promoção para a coordenação dos cursos do eixo de Gestão e Negócios, composta pelos Cursos de Administração, Comércio, Logística e Contabilidade. Estar nessa função, por alguns momentos, considerei uma árdua missão e de muita responsabilidade, em razão de coordenar 50% dos alunos de uma escola profissional.

Com vistas a inovar o Eixo de Gestão, estruturamos um plano de ação estratégico. Com isso, empreendemos visitas técnicas com a finalidade de observar e compreender, na prática, os cursos.

Visitamos empresas localizadas na região da Ibiapaba e Acaraú. Fomos autor do Seminário do Eixo de Gestão e Negócios (SEGENMAE). Cursos e ciclos de palestras foram inseridos em nossa metodologia. Diversos projetos foram idealizados, dentre eles, com destaque, o Easy Empreendedorismo, projeto campeão do Ceará Científico na etapa regional dos Sertões de Crateús, chegando a disputar na fase estadual em Fortaleza.

Celebro 7 anos no Ensino Médio Integrado (EMI). No decurso dos anos, posso constatar os frutos do trabalho. Hoje, coordeno apenas o Curso Técnico em Administração, referência da instituição, com bons índices de aprendizagem; aprovações nas instituições públicas e privadas; e inserção dos discentes no mercado de trabalho.

Ainda nesse período de atuação na educação profissional, cursei as especializações: Especialização em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria, pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA); Especialização em Docência da Educação Profissional Científica e Tecnológica, pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE); Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Realizei a Formação em Educação Biocêntrica, na Universidade Biocêntrica. Participei do Administrar, um dos maiores eventos dos estudantes e profissionais de Administração do Brasil, dentre outros eventos e cursos relevantes.

O Mestrado: Um Novo Olhar para o Futuro

Por diversas vezes, costumava escutar, dos amigos e profissionais do meu convívio: “João Paulo, chegou a hora de cursar o mestrado”; “Deixa de fazer especializações e tenta o mestrado”; “Voa mais alto, faça um mestrado”; “Você tem o perfil de professor universitário, mas, para isso, deve iniciar o mestrado”. Nos últimos tempos, foi comum ouvir tais falas.

Com um bom professor e profissional que deseja prosperar na educação, com interesse em contribuir na produção do conhecimento científico, compreendia a significância de cursar o mestrado. Entendia que uma aprovação não seria uma tarefa fácil, mas não impossível. Pesquisei e analisei inúmeros editais dos processos seletivos de universidades públicas e particulares dos Estados do Ceará; Paraíba; Pernambuco; Rio Grande do Norte; e São Paulo. Alguns processos bastantes complexos. Nas universidades particulares, os valores não condizem com minha realidade, tendo em vista que trabalho para o sustento e contribuo com as despesas da minha família. Tenho essa responsabilidade e missão desde a partida do meu pai. Naquele momento, eu não reunia condições para frequentar o curso.

Ouvia a voz do coração: “A sua hora vai chegar”. Durante a minha trajetória nas condições de estudante e profissional, veio o hábito de cursar especializações; participar de cursos de extensão; lecionar em cursos específicos; conceder e participar de palestras, congressos, seminários e simpósios. Em tempos de pandemia, quando mantive o contato direto com a Educação a Distância (EaD), não foi diferente, continuei com o mesmo hábito.

No mês de dezembro, visualizei o edital para o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no grupo dos professores técnicos do Ensino Médio Integrado (EMI)/Instituto Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC). Fiz a leitura e análise minuciosa do edital. Observei que a aprovação estava condicionada ao currículo, levando em questão a experiência profissional; formação acadêmica; participação em eventos; produções bibliográfica e técnica. Em 28 dezembro de 2021 fiz a inscrição e passei a organizar os documentos. Contei para alguns amigos que estava participando do processo seletivo. Todos me apoiaram e incentivaram, pois sabiam da minha história de vida.

Muitas dúvidas foram surgindo, enquanto organizava a documentação. Assisti aos vídeos das orientações de Paulo Cesar, do Bora Aprender, e mantive contato via WhatsApp. Com muita gentileza e presteza, Paulo Cesar respondeu aos questionamentos, conseguindo sanar as dúvidas, que eram muitas. Ana Mirta, amiga e ex-aluna do mesmo programa do mestrado, também me orientou, quando do aparecimento das dúvidas. Após essa etapa, enviei toda a documentação para análise, conferência e contagem dos pontos.

A cada resultado publicado no *site* do Instituto Federal (IF), a esperança renovava-se, mas era claro o conhecimento de uma concorrência avassaladora, por ser um dos melhores programas de Mestrado em Educação da atualidade. Ansiedade, insônia e tensão surgiram durante todo o intervalo de tempo do processo seletivo.

No dia 26 de fevereiro de 2022, entre 23h e 00h, pude acessar o resultado oficial. No momento em que visualizei o meu nome na lista dos aprovados, o sentimento foi de emoção e gratidão. Ajoelhei-me e agradei a Deus por tamanha vitória. Ao publicar o resultado da aprovação nas redes sociais, recebi centenas de mensagens de carinho e afeto. As palavras sinceras me motivaram e elevaram. Dos candidatos aprovados nas vagas ofertadas para a ampla concorrência, oito estavam empatados, com a pontuação máxima de “100” pontos, seguindo a ordem de classificação pelo critério da idade, conforme preconizado no edital.

O ProfEPT traz, no seu bojo, o objetivo de proporcionar formação em educação profissional e tecnológica aos profissionais da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), visando tanto a produção de conhecimento como o desenvolvimento de produtos, por

meio de pesquisas que integrem os saberes inerentes ao mundo do trabalho e ao conhecimento sistematizado.

Nesse sentido, o objeto de estudo da dissertação pretendido é o Estágio Curricular dos Cursos de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, amparado pela Lei Federal 11.788, de 26 de setembro de 2008, devendo ser cumprido pelo estudante, especialmente os integrantes do Curso Técnico em Administração das Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs) do Ceará.

O estágio configura-se como a construção da primeira experiência do indivíduo com o mercado de trabalho (formal ou informal). É o espaço de vivência, relacionada à área de formação dos alunos, seja na condição de sujeitos participantes, ou realizadores, numa perspectiva de ambientação prática para a profissão. O produto educacional a ser desenvolvido na dissertação será um *e-book* “Bate Papo com o Estagiário de Administração”, em que abordarei em linguagem fácil e acessível, informações e orientações gerais para auxiliar o estudante no processo do estágio.

Algumas Reflexões

A trajetória aqui apresentada sobre as minhas memórias, revela que as chances de vencer na vida estão diretamente ligadas ao nível de instrução da pessoa, ou seja, quanto mais se estuda, aumentam as perspectivas para obter um futuro digno e promissor. No entanto, a educação vai muito mais além, por ser a mola propulsora para a transformação social. É a base de toda conquista.

Hoje, sou mestrando. Sigo acreditando na beleza de mais um projeto, que vai me conceder ideias e oportunidades. Continuo lutando para vencer cada desafio. Estou inspirado e motivado, pois aprendi, desde criança, a nunca desistir, seja de um projeto, ou andança; e sei que só avança quem sabe persistir.

Após a defesa do projeto de dissertação, tenho como meta fundar a Empresa Talento Assessoria e Consultoria Educacional, com a finalidade de assessorar as Secretarias da Educação da Rede Municipal e instituições privadas com o foco na aprendizagem estratégia e formação de líderes no âmbito da gestão educacional.

E como já dizia Guimarães Rosa (2015, p.274): “O correr da vida embrulha tudo; a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza”.

Por fim, refletimos sobre os princípios e valores éticos e morais que carregamos na missão de educar, pelo exemplo, os jovens cearenses, promovendo a educação e capacitação para o ingresso no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, habilitá-los para concorrer a uma vaga na universidade. O

papel do professor é conscientizar o indivíduo do valor da educação, com a noção exata do que essa representa, não só no particular, mas em toda a sociedade.

Referências

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF, Planalto do Governo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 1º maio 2022.

DIOGO NOGUEIRA. **Coragem**. Munduê. Rio de Janeiro, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RODRIGO, L. M. O memorial acadêmico: uma reconstrução póstuma do passado. Filosofia e Educação (On-line). **Revista Digital do Paideia**, v. 1, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos?task=view&interna=1&id=7495>. Acesso em: 10 maio 2022.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Capítulo 3

MEMORIAL

Janaína Sobreira Rocha

Introdução

Nesta narrativa, contarei um pouco acerca da minha trajetória de vida, que me levou a ser quem sou. Enfatizo que esta biografia é mutável e perecível por acreditar que o homem é impermanente em ideias e ideais restando apenas a essência e a vivência como norteadora das ações.

Cada capítulo é baseado em um conjunto de implicações contidas em divisões de mundo, segundo a filosofia cabalística.

Kabbalah, ou Cabalá, é uma “filosofia” seguida pelos judeus, segundo a qual se procura compreender a essência de Deus e do Universo revelando a essência do ser humano e ajudando-o a dar um sentido mais amplo para a vida e o seu relacionamento com as pessoas. Sabe quando você era pequeno e perguntava: “Quem é Deus?”; “Como viemos parar aqui?”; “Para onde vamos após a morte?”. Então... a Cabalá mergulha nesses questionamentos, não cessando em suas explicações.

Há quem diga que, conhecendo e compreendendo seus ensinamentos, é capaz de desenvolver a capacidade de interpretar a vida e o mundo, de uma forma mais ampla e conjunta, entendendo que nenhum ser humano é igual ao outro, normalizando as diferenças entre as pessoas, restando apenas o respeito e a humildade, e não a busca por poder.

A transmissão da Cabalá, geralmente, era feita de forma oral, de mestre para aprendizes de confiança, e seus textos eram propositadamente crípticos e, muitas vezes, restritos a um grupo de homens. Somente nas últimas décadas começaram a fornecer informações ao grande público, incluindo informações às mulheres, e divulgando a significação da Cabalá para o domínio daqueles que tenham interesse.

Não é necessário ser judeu, para se ter o conhecimento da Cabalá, ou para aprender seus caminhos,

entretanto, a prática judaica e a Cabalá são uma só. Cabalá é um aspecto da Torá, e Torá significa “orientação” ou “instruções”. Tudo, na Cabalá, é para ser uma instrução na vida e a estudamos não apenas para atingir um ponto alto, mas porque precisamos de sua inspiração na vida cotidiana, e porque nos fornece direção e orientação prática.

Historicamente, a Cabalá surgiu nos séculos XII e XIII, no sul da França e Espanha, tendo como principal obra o estudo da *Séfer Yetzirá*, que foi reinterpretada no renascimento místico judeu da Palestina otomana. Essa filosofia desenvolveu-se dentro do domínio do pensamento judaico, e cabalistas judeus usam fontes judaicas clássicas para explicar e demonstrar os seus ensinamentos.

Esses ensinamentos (*Hokmá ha-Kabbalah* – Sabedoria da Cabalá) são mantidos pelos seguidores do judaísmo, para definir o significado interno tanto da Bíblia hebraica e da literatura rabínica tradicional, bem como para explicar o significado das observâncias religiosas judaicas. Portanto, a Cabalá que conhecemos hoje resulta da transmissão desses ensinamentos por meio da tradição judaica e pode ser estudada e vivenciada por pessoas fora da religião (como é o meu caso).

A Árvore da Vida (*Étz háim*) é um instrumento criado pela Cabalá e capaz de fornecer várias interpretações. É constituída por dez *Sefiroth* (que significa contagem, esferas ou emanações) de energia arquetípicas. No livro “Zohar”, vemos que cada *Sefiroth* representa um atributo divino, os quais devemos adquirir em nossa jornada de evolução.

A contagem começa de cima para baixo:

Kether (coroa) que deve ser a Unidade, o Divino;

Chokmah (Sabedoria);

Binah (Entendimento);

Chesed (Misericórdia);

Geburah (Força, Severidade);

Tiphareth (Beleza);

Netzach (Vitória);

Hod (Glória);

Yesod (Fundamento);

Malkuth (Reino).

Além disso, há uma organização dessas esferas em forma de Quatro Mundos cabalísticos que se relacionam com a Árvore da Vida de duas maneiras principais:

A árvore inteira está contida em cada um dos Quatro Mundos e descritos um em cima do outro, de

forma simbólica, por um diagrama chamado Escada de Jacó.

É ensinado que a Árvore da Vida pode ser subdividida em quatro seções horizontais, cada uma representando um dos Quatro Mundos.

Deve ser lembrado que na Cabalá, cada uma das dez *Sephirot* da Árvore da Vida também contém uma árvore inteira dentro de si. Além disso, os Quatro Mundos (também chamados de Quatro Universos) são encontrados nos níveis mais profundos do estudo da Torá, que, apesar de terem seus próprios atributos específicos, não são separados um do outro, existindo uma ordem sistemática de como cada um “flui para o próximo”. São eles:

Atziluth – O Mundo das Emanações, ou das causas, que ativa todos os outros mundos que derivam dele. O reino de *Atziluth* é, portanto, relacionado com as três *Sephirot* do topo da Árvore da Vida: *Kether*, *Chokmah* e *Binah*. É onde se intitulam os pensamentos abstratos e a origem da vontade tomada pelo inconsciente;

Briah – O Mundo das Criações, início do intelecto puro. O mundo de *Briah*, ou das Criações, relaciona-se com as emoções e refere-se ao plano dos desejos, produto do ego, e, portanto, uma forma degenerada, passiva da vontade, fornecendo as energias e circunstâncias para as ações que ainda estão por vir. É formado por *Hesed*, *Geburah* e *Tiphereth*;

Yetzirah – Chamado de Mundo das Formações porque nele são encontrados os sutis padrões subjacentes à matéria. O Mundo de *Yetzirah*, ou das Formações, refere-se ao plano dos pensamentos formados por *Netzah*, *Hod* e *Yesod*. Trata-se de privilegiar a inteligência, lógica, razão, que elaborarão as condições necessárias anteriores à manifestação; é quando a energia perde sua Luz e torna a matéria mais agregada;

Assiah – o Mundo das Ações que contém tanto o mundo físico das sensações onde se convergem as realidades materiais. Trata-se do corpo físico. Temos então o resultado fático da Vontade alimentada pelos Sentimentos e planejada pela Inteligência.

Assim, iniciaremos esta breve história.

***Atziluth*: O Mundo das Emanações**

Minha vida se iniciou logo quando minha mãe me desejou

Ainda quando criança, Neuma Sobreira, minha mãe, sofreu um grave acidente, com queimaduras por toda parte do seu corpo, e teve que passar boa parte de sua juventude internada no Hospital Santa Casa de Misericórdia, na cidade do Rio de Janeiro, sob os cuidados do médico Ivo Pitanguy. Após 12 cirurgias, minha mãe fugiu do hospital, pois não conseguia mais suportar uma nova interferência

cirúrgica. Sempre muito convicta de seus desejos, Neuma sonhou em ter uma filha antes mesmo de formar um casal. Quando conheceu meu pai, casou-se e engravidou de mim! Foi uma grande conquista e a realização de um sonho, entretanto, devido às suas diversas cicatrizes, que tomava todo o seu corpo, sobretudo na região da barriga, apresentava dificuldades de extensão, o que tornou a sua gestação bastante arriscada, tanto para ela, quanto para mim.

O médico sugeriu que a gestação fosse interrompida, uma vez que as chances de sucesso eram remotas, mas, como podem perceber por este texto que agora escrevo, apesar das complicações, sobrevivi, assim como minha mãe! Nasci saudável, mas tendo como consequência apenas a má formação ocular e visão monocular (CID 10 H35,9 e H54,4) e minha mãe uma asma crônica, que persiste até hoje. Como essa limitação ocorreu de forma congênita, consegui ter uma boa adaptação e qualidade de vida (uma vez que essa má formação não me concebe a perspectiva tridimensional, além da baixa visão) e me fez aguçar outros sentidos extrassensoriais.

Minha mãe, então viva e com saúde, casou-se com meu pai, que se mostrava sempre prestativo e amoroso. Contudo, o amor veio a interromper-se por falta de sua sinceridade acerca da vida que levava e de seu trabalho. Com isso, fui criada por minha mãe, minha avó e meu avô; este último, não muito presente. Mesmo com todas as dificuldades, minha mãe foi a primeira pessoa da família a ter um curso superior (pedagogia) e minha avó era costureira. Foi assim que me sustentaram, em uma casa erguida e gerenciada por minha avó.

Briah: O Mundo das Criações

A arte como parte da minha personalidade

A presença feminina sempre foi muito evidenciada, em minha vida. Lembro-me de, diversas vezes, escutar, de meus familiares, opiniões acerca da minha criação e todas elas movidas por sinônimos da frase: “Neuma, a Janaína se tornará uma pessoa mimada e muito dependente sua, pois é filha única e você a resguarda demais dos males do mundo”. Gostaria que o último questionamento fosse verossímil até os dias atuais, mas, de fato, não me tornei a adulta que tanto preocupava minha família. Aos 5 anos de idade, minha mãe me matriculou em uma escola de balé, na intenção de melhorar minha postura e meu Índice de Massa Corporal (IMC). Meus treinos eram realizados todas as noites, alternando a prática de dança clássica com jazz tradicional, com o sábado preenchido com dedicação aos ensaios dos festivais e apresentações, também no estúdio, enquanto meus estudos colegiais se mantinham sempre no turno da manhã, seguidos do estudo individual no turno da tarde. Com a dança e a prática da minha rotina, me sentia sempre disposta e com muitas responsabilidades.

Minha família passou a me reconhecer, devido à minha dedicação escolar, como uma criança

inteligente e, com isso, sentia-me bastante sensibilizada em atender às expectativas, com boas notas, causando-me, inclusive, momentos de choro, por ter aversão a testes e provas. Felizmente, na minha jornada escolar, consegui não decepcioná-los.

Estudei em uma escola, próxima ao meu bairro, de porte pequeno e valor acessível, onde concluí todo o Ensino Fundamental. Tive bons professores e bons amigos e, com isso, alguns pesares também, o que são comuns no momento em que estamos em formação e todos os desafios da vida são novos e estão em evidência.

Sinto, inclusive, saudades dessa época, e minha facilidade em resolver problemas com pensamentos criativos; de compreender a abstração; apresentar soluções inovadoras e simples. Hoje, por vezes, não tenho a mesma liberdade e decisão; sempre sou ponderada e racional, postura que veio com a responsabilidade para comigo, as pessoas e o mundo.

Recordo-me de uma conversa entre amigos quando me perguntaram: “Janaína, para que você estuda tanto, se será bailarina?”. E eu respondi: Quero ser cientista!

Não consigo definir em qual momento fui apresentada a esse conceito, mas o Universo sempre me provocou questionamentos e interesses, desde muito novinha e acreditava que só poderia obter essas respostas se me tornasse uma grande cientista!

Terminando o Ensino Fundamental, tive que mudar de escola e decidi fazer o teste de seleção do Colégio da Polícia Militar (CPMCE), por ser uma escola com bons professores e de baixo custo. Conseguindo a aprovação, tive certa dificuldade inicial em acompanhar os conteúdos, pois a grade curricular exigida era distinta da que eu já havia cursado na escola anterior.

Com isso, tive de realizar minha primeira (e única) recuperação de nota e a disciplina problemática era a Química, logo no primeiro semestre. Para realizar essa prova, tive que estudar e entender conceitos que antes eram incomuns, para mim, levando-me a um esforço árduo, pois não poderia sair dessa escola tão excepcional logo na primeira dificuldade.

Com essa motivação para superar e a descoberta dessa nova ciência, veio-me o entusiasmo. Como era possível compreender a matéria? Compreender o universo? Isso, para mim, tornou-se mais interessante do que jogos e filmes, pois eu podia sonhar e obter respostas para várias perguntas. A instigação em conhecer conteúdos e explicações tão distintas da minha visão limitada e conhecida, fez-me ter a confirmação de que isso era o que eu queria fazer pelo resto da minha vida: entender a formação e as leis que regem o espaço onde vivo e poder transmitir e ensinar isso a pessoas que, assim como eu, não foram anteriormente iniciadas nesses conceitos.

No Colégio Militar, continuei me destacando por minhas altas notas e disciplina. Essa última nunca foi um problema para mim, até então, por mais que sua significação, por vezes, cause repúdio e expressão de aprisionamento. Por esse motivo, fui convidada a fazer parte do pelotão especial da escola, destinado a representar a instituição em cerimônias formais e militares.

O treinamento desse grupo era bem exaustivo, com estudo dos diversos hinos existentes; habilidades de execução de comando seguido de marcha e exercícios de resistência física, que, algumas vezes, me geravam queda de pressão; porém, confesso que sempre gostei de desafios e testar meus limites, logo, isso não era um problema. Todos eram bem atenciosos e cuidadosos com nossos limites, algo que o próprio indivíduo deveria aferir.

Chegando ao terceiro ano do Ensino Médio, fui convidada a estudar no Colégio Tiradentes, com bolsa integral de mensalidade. Lá obtive um ensino mais direcionado a provas para o vestibular; entretanto, fui reprovada na primeira prova que prestei. Minha primeira tentativa foi para o Curso de Medicina, mesmo estando inclinada a estudar Química. Minha curiosidade com a medicina se fundia com meu despertar científico e meu interesse em estudar as causas, os tratamentos e as condições das enfermidades perdura até os dias atuais.

Em seguida, fui estudar no cursinho pré-vestibular Espaço Aberto, também com bolsa integral. Lá pude ter excelente preparação, com professores inspiradores e a certeza de que deveria cursar Química. Assim, no vestibular do ano de 2015, passei no Curso de Química Licenciatura, pela UFC.

Yetzirah: O Mundo das Formações

O conhecimento como empoderamento do meu ser

Sempre almejei estudar na UFC, mas tinha medo de demonstrar meu anseio e não conseguir alcançá-lo, gerando, além de uma frustração pessoal (que não me incomoda), um sentimento de pena por parte das pessoas queridas ao meu redor. Minha aprovação foi um momento de muito orgulho, felicidade, emoção, e sonhos, uma vez que eu era (e ainda sou) a segunda pessoa da família a passar em uma universidade pública (a primeira foi minha mãe).

Comecei a cursar Licenciatura em Química e confesso que as disciplinas que mais estimava eram as de química teórica; cálculo matemático; e física; enquanto as disciplinas de seminários; as educacionais e pedagógicas, à época, não me motivavam, mas eram boa parte do curso. Assim, após o segundo semestre, transferi meu curso para Química Bacharelado, mas sem a possibilidade de aproveitar nenhuma disciplina já cursada. No bacharelado, as cadeiras que muito me interessaram foram cálculo avançado; físico-química avançada; física moderna; entre outras.

Logo que ingressei no novo curso, busquei estágio nos laboratórios de pesquisa da UFC e a área que mais me chamou atenção não constava no Departamento de Química, mas de Física. Nessa mesma época, estava em construção o Grande Colisor de Hádrons (Large Hadron Collider – LHC), localizado no Centro Europeu de Reações Nucleares (CERN), na Suíça.

Nesse acelerador, eram estudadas as partículas indivisíveis, além dos fenômenos do Big Bang, no

campo da atomística, e assim surgiu minha curiosidade em estudar as partículas elementares que se distinguem de elétrons, prótons e nêutrons (partículas divisíveis), que são compostas por seis *quarks* (*Up, Charm, Top, Down, Strange, Bottom*); três elétrons (elétron, múon, tau); e três neutrinos (elétron, múon, tau). Entretanto, na UFC, não há parte experimental desse estudo, restando-me apenas a composição teórica, na qual não demonstrei aptidão.

Ainda nesse estudo, conheci a nanotecnologia, que envolvia fundamentos de Química para estudos dos materiais nanoestruturados, definidos como tendo, pelo menos, uma de suas dimensões na ordem nanométrica. Descobri que dois grandes nomes estavam vinculados a esse tema, em nosso estado: Josué Mendes Filho e Antônio Gomes de Sousa Filho. O último tornou-se meu primeiro orientador. Na época, trabalhei com síntese de nanotubos de carbono pelo método Chemical Vapor Deposition (CVD), no Departamento de Física da Matéria Condensada, revezando entre as disciplinas e os experimentos laboratoriais (nessa mesma época, também lecionava aulas de Química, Física e Matemática no Grupo de Acompanhamento Pedagógico (GAP). O professor Gomes sempre foi muito paciente e disponível e com ele trilhei meus primeiros passos na pesquisa, até que teve de viajar para fazer um pós-doutorado e me cedeu ao meu segundo orientador.

O professor Josué foi um influente nome, em minha vida. Conhecido por ser um professor bastante renomado, foi o responsável pela estruturação do curso, departamento e o crescente aumento do conceito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Curso de Física da UFC. Também era lembrado por seu jeito espontâneo e até insensível de suas palavras, que sempre foram verdadeiras, e suas qualidades, seus ensinamentos, as amorosidades, e até o respeito para com seus alunos pode ser vivenciada, até hoje, em lembranças e formações de diversos profissionais atuantes no Brasil. Sou muito grata por ter convivido por mais de 10 anos com esse professor e tenho certeza de que meu caminho poderia ter sido outro se não o tivesse encontrado naquele momento.

Em meio a muitas viagens para congressos e cursos, em outros estados, para divulgação de trabalhos e aperfeiçoamentos profissionais, também me dediquei à música. Tive duas bandas e, em ambas, eu era a vocalista: Madeimoselle e Zero Kelvin. Ambas eram bandas de *rock*, mas a primeira era composta somente por mulheres, enquanto a segunda era formada por colegas que conheci na faculdade. Sempre tive interesse por música (assim como em dança) e aprendi a me desvencilhar de alguns medos, tendo que me expor ao microfone e às pessoas. Verifiquei que tanto fazia se eu cantasse alto ou baixo, com o microfone, dava para escutar a mesma desafinação; com isso, resolvi fazer como na dança, e apenas usar o sentimento e a verdade. Há situações em que não temos como nos esconder, então só cabe nos revelarmos.

Concluí a Graduação em Química Bacharelado, no ano de 2011, com a monografia intitulada: “Síntese, Purificação, Funcionalização e Caracterização de Nanotubos de Carbono”. No mesmo ano,

participei de seleção para estagiar no Núcleo de Tecnologia e Qualidade Industrial do Ceará (Nutec), na área de corrosão e, em paralelo, ingressei novamente no Curso de Química em outra habilitação: Química Industrial. Nesse novo curso, consegui fazer o aproveitamento de várias disciplinas já cursadas, recebendo o diploma após 1 ano de matrícula, com o trabalho final de curso intitulado: “Estudo de Corrosão: Teoria, Fotodocumentação e Análise de Casos”.

No ano de 2012, recém-formada e com dois diplomas de graduação, continuava meu estágio no Nutec, e pude orientar, no mesmo ano, quatro alunos de graduação do Curso de Química, participando das primeiras bancas como orientadora profissional. Começava, ali, meu repasse de conhecimento consciente, e minhas atitudes profissionais não estavam mais focadas apenas em minha formação, mas na responsabilidade de ensinar, orientar e motivar outras pessoas.

Assiah: O Mundo das Ações

Ache um propósito na vida e não pare até consegui-lo

Seguindo meu desejo e minha ambição profissionais, guardei todos os meus medos de insucesso e resolvi concorrer à seleção para cursar o Mestrado de Engenharia e Ciências de Materiais na UFC. Na época, vi que esse curso conseguia abranger, em sua grade curricular e destinação de pesquisa, com tudo o que eu sempre trabalhei: Química e Física. A seleção era composta de duas fases: uma análise do histórico acadêmico e uma entrevista com a banca julgadora, acerca da intenção de pesquisa e questionamentos teóricos.

Na primeira fase, fiquei em péssima classificação, o que me levou a pensar se deveria continuar nessa seleção, uma vez que tudo me levava a crer que o destino seria a minha tão temível derrota. Em silêncio e sem avisar as pessoas mais próximas, fui para a segunda fase muito nervosa e sem muitas pretensões. A entrevista durou cerca de 30 minutos, com muitos questionamentos e foco em minha experiência. Para minha surpresa, fui aprovada e a bolsa acadêmica só sairia no segundo semestre.

Diferente de outros mestrados, o de Engenharia de Materiais vincula o primeiro semestre somente para cursar as disciplinas mais desafiadoras do programa, dentre elas, ressalvo, Métodos Matemáticos para Engenharia, ministrada pelo professor Dr. Lindberg Lima Gonçalves. Durante esse tempo, não era possível fazer pesquisa, pois o tempo integral era dedicado aos esforços para ser aprovado nas disciplinas, com a seguinte imposição: o aluno que reprovasse em duas disciplinas, nesse período, era automaticamente desvinculado do curso e, nesse processo, perdi o contato com alguns colegas, na passagem para o segundo semestre.

Para conseguir manter-me durante o semestre, sem remuneração, consegui lecionar Química no Colégio da Polícia Militar do Estado do Ceará – o mesmo em que havia estudado em anos anteriores.

Foi uma experiência incrível rever meus professores que, agora, me tratavam como colega de trabalho e ensinar no mesmo lugar em que tanto aprendi.

Chegando no segundo semestre do mestrado, e agora bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), conversei com meu ex-orientador, Josué Mendes Filho, para também ser meu orientador nessa fase. Contudo, por divergências de departamento, o professor me aconselhou a escolher um profissional dentro do programa do meu mestrado e um co-orientador por ele indicado. Dessa forma, meu orientador ficou sendo o Dr. Pierre Basílio e meu co-orientador o Dr. Odair Pastor, ambos com o estudo de fabricação de nanomateriais. No mestrado, pude começar a ter autonomia na elaboração da minha pesquisa, assim como treinamento nos equipamentos de caracterização e interpretação dos resultados (especialidade na técnica de espectroscopia Raman) e foram 2 anos de muita aprendizagem e dedicação.

Quando faltavam alguns meses para concluir o meu mestrado, foi disponibilizada uma seleção, no mesmo departamento e mesma universidade, para o curso de doutorado. Inscrevi-me, fiz a seleção, e, dessa vez, mais confiante e menos apreensiva, obtive a aprovação, restando então apenas um mês imersa na escrita da tese e defesa a tempo do mestrado.

Conclui o mestrado no ano de 2015, em uma turma com apenas duas mulheres. O tema de dissertação foi: “Funcionalização Química de Nanotubos de Titanato”, cujo fundamento era composto das seguintes etapas:

1. Preparar o nanomaterial, chamado de nanotubo de titanato, pelo método hidrotérmico, seguido da sua purificação e caracterização;
2. O material foi aplicado como adsorvente de corantes catiônicos (e utilizado o azul de metileno) na intenção de preservar as águas dos rios nos quais são descartados os resíduos aquosos gerados pela indústria têxtil. O nanotubo mostrou-se bastante eficiente pois gerou a remoção de aproximadamente 97% do corante contido no efluente. Esse experimento foi realizado em bateladas e triplicata, a fim de gerar confiabilidade de reprodutividade e para aferir os erros intrínsecos do experimento, gerando a escala de desvio-padrão das análises;
3. Apesar de demonstrado o sucesso do ensaio, não era possível remover o nanotubo do meio aquoso, o que gerava uma nova contaminação, e um corpo de fundo somente retirado por centrifugação. Essa técnica, por sua vez, não se revelou viável, uma vez que as indústrias trabalham com grande quantidade e alta concentração de material;
4. A fim de solucionar o problema, foi sintetizada uma nova nanopartícula, dessa vez com propriedades magnética. A magnetita, que possui forma esférica, foi então acoplada por interações eletrostáticas na superfície dos nanotubos. Com isso, foi possível obter um novo material, com propriedades que incluíam a adsorção de corantes, seguida da sua recuperação do meio aquoso por um campo magnético (ímã).

Iniciei o doutorado no mesmo ano, com os estudos financiados pela Capes e Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e, logo nos primeiros dias, deparei-me com uma adversidade. Fui ao cartório com minha mãe para reconhecer firma no documento relativo à bolsa de pesquisa. Chegando lá, havia uma fila enorme e muitas pessoas aguardando, quando, de repente, ouço: “Todos para o chão, isso é um assalto!”. Fiquei muito calma na hora, pois pareceu-me cena de filme.

Eu e minha mãe nos deitamos no chão, com todos os presentes, e contei três assaltantes armados, pegando o dinheiro dos caixas. Em um momento de descontrole de um deles, foi disparado um tiro que acertou em uma das atendentes, a qual logo caiu. Comecei a pensar se doía levar um tiro, se eu iria sobreviver e onde eles poderiam mirar em mim. Preocupei-me muito com minha mãe, que estava deitada logo na minha extremidade superior.

Passados alguns minutos, ouvi barulho de tiros deflagrados por alguém que estava deitado logo abaixo de meus pés e observei que essa pessoa, mais tarde soube que se chamava Saviano, era um policial, à paisana, que estava tentando defender a todos e me empurrava para que eu não fosse atingida nem por ele e nem pelos bandidos. Infelizmente, ele foi morto com vários tiros. Nessa troca de disparos, fui atingida entre meus dedos dos pés, além de sofrer lesões pelos estilhados de balas e vidros que circundavam a sala, e pude sentir que, basicamente, um tiro não dói, no momento, e, sim, esquentava muito. Tive sanada, assim, a minha dúvida.

Passado algum tempo, que não consegui distinguir quanto, chegaram muitas viaturas da polícia que prendeu dois assaltantes e um fugiu. Corri, com o pé sangrando, com a minha mãe, até uma casa próxima e, de lá, seguimos para o hospital, onde fui prontamente atendida.

Na época, tive poucas sequelas, mas a movimentação e menos força no dedo causaram muita diferença no balé e me afastei dessa atividade. Além disso, vieram-me muitos medos. Afastei-me do doutorado durante quase 1 mês, pois tive distúrbios do pânico, que me mantêm em constante observação até os dias de hoje. Passei por momentos de tristeza profunda, seguidos de apatia e depois de revolta. O que leva alguém a tirar a vida de outro? E o que essa pessoa passou para agir de tal forma?

Em tratamento, consegui voltar à Universidade e continuei minha pesquisa em nanomateriais com os mesmos profissionais.

Conclui as disciplinas do doutorado durante os quatro primeiros semestres do curso, pois já eram mais familiares para mim. Na pesquisa, dei continuidade ao estudo, já iniciado no mestrado, com os nanotubos de titanatos, e realizei experimentos para entendimento do mecanismo e da estrutura do sistema. Passados 2 anos de curso, fui convidada para prestar cooperação em um projeto que seria desenvolvido entre os países Brasil e Portugal, no instituto International Iberian Nanotechnology Laboratory (INL), localizado na cidade de Braga.

Esse conceituado instituto já estava em minha meta de, um dia, conhecer sua estrutura, mas, nem no melhor sonho, pensava em ser convidada a lá trabalhar. Consultei meu psiquiatra, a família e os amigos, e todos me deram suporte para a viagem financiada pela Capes. Agradeço muito ao meu orientador Pierre, que sempre me desafiou e acreditou, tornando-se um constante apoiador - o que acontece até hoje.

Lá desenvolvi a pesquisa no grupo coordenado pelo Dr. Manuel Bañobre-López, responsável pelo Laboratório de Nanomedicina, com a pesquisa intitulada: “Preparação de Agentes de Contrastes Imagiológicos Bimodais para Uso em Ressonância Magnética”.

O estudo foi motivado pela toxicidade iminente dos Agentes de Contrastes (AC) utilizados hoje quando o paciente necessita fazer o exame de Ressonância Magnética. No Brasil, o AC utilizado e aceito pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é à base de Gadolínio (Gd) e pode ocasionar um melhoramento de definição das imagens, facilitando a interpretação pelos médicos, além de ser capaz de detectar tumores malignos ainda em sua fase inicial.

Entretanto, algumas precauções devem ser tomadas durante o uso desse medicamento. O íon Gd é bastante tóxico para o ser humano e só pode ser ministrado em sua forma quelada, ou seja, envolvido por outros componentes. Em alguns casos, mesmo com esse cuidado, esse íon pode ser encontrado livre no organismo, ocasionando diversas reações adversas. Além disso, em pacientes que sofrem de doenças renais, não deve ser administrada essa forma de contraste, uma vez que a sua excreção é feita primordialmente através dos rins, por isso há estudos que associam seu uso a uma doença chamada fibrose nefrogênica sistêmica. Para pessoas com asma crônica e doenças pulmonares, esse contraste deve ser administrado após o uso de um antialérgico, para minimizar potenciais reações alérgicas.

Com isso, vários grupos, em todo o mundo, estudam alternativas para essa medicação, e o INL é referência nesse estudo. Minha pesquisa consistiu em desenvolver um sistema bimodal nanoparticulado baseado na conjugação de nanopartícula magnética com uma nanofolha contendo o íon paramagnético manganês, para aplicações como agente de contraste em ressonância magnética, a fim de suprir as respectivas limitações dessa técnica.

O estudo durou cerca de 2 anos, com experimentos para observar o comportamento das nanofolhas de manganês e dos nanocompósitos preparados para células vivas, utilizando um ensaio de citotoxicidade em cultivo celular (MTT) utilizando células embrionárias de rim humano (HeK). A escolha desse tipo de linhagem celular foi de acordo com a forma de eliminação dos agentes de contraste no corpo humano que, em grande parte, ocorre por via renal e é determinante avaliar a sua toxicidade. O experimento mostrou-se promissor, sem toxicidade para as células testadas.

Trabalhar em um instituto internacional foi algo indescritível. Uma das principais diferenças encontradas foi o tratamento destinado pelos pesquisadores presentes ao doutorando. No Brasil, é costume relacionar um doutorando como um aluno (aluno de doutorado), assim como parte dos

doutorandos assume-se nesse papel, tendo o orientador como detentor de todo o conhecimento e cabendo-lhe decidir os próximos passos da pesquisa. Ao doutorando, resta seguir a metodologia de forma racional e opinativa (o orientado possui voz, não é apenas um expectador).

Quando cheguei no grupo de Portugal, mesmo sem ter o conhecimento prévio da pesquisa que iria desenvolver, foi-me dado o tema e alguns conselhos técnicos, cabendo a mim a escolha dos materiais a serem utilizados e quais experimentos realizaria. Era capaz de ter autonomia a ponto de fazer parcerias com outros grupos, dentro do instituto, e conversar com a equipe técnica para fazer treinamento em equipamentos de meu interesse.

Meu orientador reunia-se com todos, uma vez na semana, para saber os resultados e quais os próximos passos. Ambas as metodologias são assertivas, pois cabe a cada indivíduo assegurar a que melhor se adapta dentro de suas peculiaridades (deixo claro que este texto foi escrito com base em minhas percepções e vivência, podendo ter divergências com a visão de outros pesquisadores)

A vivência social, em Portugal, me fez interromper o uso de medicações psiquiátricas, pois o medo deixou de tomar conta de mim. Eu era capaz de caminhar até os parques e centros históricos da cidade sem a preocupação de sofrer algum assalto iminente e essa era minha rotina, durante meus horários de folga. Conhecia os senhores que tomavam café sempre na mesma padaria e passava em uma igreja bem pequena, que ficava escondida no meio da praça principal. A cidade de Braga é bem conhecida por suas igrejas imponentes, mas essa pequena igreja, pouco frequentada, tornou-se meu refúgio.

Não tive dificuldades em fazer amizades. Minha primeira colega foi a corretora de imóveis, Ana, uma portuguesa requintada, que conheci na segunda semana na cidade e que veio a me ajudar com a alocação da moradia. Ana me apresentou à sua família e tornou-se costume, em alguns dias da semana, juntar-me a todos e tomar bons vinhos fabricados por seu pai. Apesar de longe da família, não posso dizer que Portugal para mim foi sinônimo de solidão; pelo contrário, muitas vezes, reneguei convites para poder caminhar sozinha e descansar.

Conheci muitas cidades, além de países como França, Itália e Espanha. Essa nova visão de mundo me transformou e retornei ao Brasil como uma nova pessoa. Agradeço muito por todos os momentos vividos.

A única experiência não prazerosa, em Portugal, foram situações de preconceito, que vivenciei pouco, porém, vi várias brasileiras serem julgadas pelo desconhecimento da população. Infelizmente, em algumas cidades europeias, sobretudo de Portugal, há muitos casos de libertinagem, por parte de mulheres de origem brasileira, e muitos associam o Brasil com essa prática. No primeiro inverno que passei na cidade, fui a uma loja refinada, em um grande *shopping* da cidade e comprei um casaco, pagando-o com dinheiro físico; na mesma hora, a gerente veio e disse que eu teria que fazer um cadastro, referindo que brasileira precisa fazer um cadastro e comprovar o trabalho na cidade.

Fornei os dados para o cadastro, assim como meu visto de moradia e a alertei que era pesquisadora

do Instituto, mas ela desacreditou. Furneci meu crachá e observei um grande espanto, em suas feições. Após esse evento, ganhei desconto no casaco e até uma meia da nova coleção como brinde. Afirmo que, afortunadamente, foi apenas essa descrição não prazerosa que vivenciei, mas há desconfiança e certa intolerância, que presenciei com colegas, em alguns momentos.

Retornando ao Brasil, restavam alguns poucos meses para a defesa, causando-me apreensão sobre o que eu faria depois. Fui convidada a ministrar uma palestra em Quixadá, em homenagem ao Dia das Mulheres, com o tema: “Mulheres na Ciência”, e, em meu retorno a Fortaleza, no ônibus, notei que um número desconhecido me ligara. Era o diretor de inovações tecnológicas do Nutec, Dr. João César de Freitas Pinheiro, convidando-me para trabalhar no Núcleo de Materiais da instituição e topei prontamente.

Defendi minha tese em uma sexta-feira, 13 do ano de 2019, com o título: “Nanocompósitos Magnéticos para Aplicações de Contraste Imagiológicos Bimodais e Adsorção de Corantes Catiônicos” e fui julgada por uma banca composta por sete membros analisadores, com duração total superior a 6 horas de defesa.

Esse período me trouxe consequências por meses após a minha defesa. Tive alguns problemas de saúde, ocasionados por estresse e excesso de trabalho, além de nutrir uma análise muito crítica com relação a tudo o que tenho de realizar. Apesar de possuir um título tão importante de doutora, muitas vezes, me sinto insegura quanto ao meu saber, que é reflexo de momentos intensos vividos ao longo da minha formação.

Trabalhar profissionalmente no Nutec foi bem desafiante. A formação acadêmica deu-me suporte para desempenhar funções técnicas de alta competência, entretanto, o que esperavam de mim, no meu novo emprego, era coordenar uma equipe; a escrita de projetos de fomentos, por mim propostos, para soluções gerais e nem sempre competentes à minha área de atuação; desenvolver produtos tecnológicos propostos pelas empresas e indústrias locais; disseminar a Ciência em palestras, entrevistas e divulgações científicas; produzir pesquisa aplicada na área de materiais, com orientação de alunos advindos das diversas universidades e escolas profissionalizantes do Estado; além de relações interinstitucionais de parcerias e gerenciamento de projetos. Apesar do imenso desafio proposto, senti-me motivada a aprender e entregar o que esperavam, uma vez que os diretores e gestores da instituição sempre depositaram, em mim, total confiança e apreço.

Hoje, desde minha contratação nesse meu primeiro trabalho, posso evidenciar algumas entregas:

Membro do comitê de assessoramento da Comissão Técnica Científica (CTC), responsável pelo aporte de projetos desenvolvidos pela instituição;

Colaboração na escrita de capítulos dos livros:

- “Adsorção – Aspectos Teóricos e Aplicações Ambientais”. Capítulo: Caracterização de Materiais Adsorventes. 2. ed., Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2020, v. 1, p. 284-297.
- “Avanços no Desenvolvimento de Nanomateriais”. Capítulo: Nanopartículas Semicondutoras. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2020, v. 1, p. 61-87.
- “Avanços no Desenvolvimento de Nanomateriais”. Capítulo: Nanopartículas Magnéticas. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2020, v. 1, p. 88-138.
- “Magnetochemistry: Materials and Applications”. Capítulo: Magnetic Nanoparticles in Analytical Chemistry. 1. ed. Millersville: MRF, 2020, v. 66, p. 173-216.
- “Avanços no Desenvolvimento de Nanomateriais”. Capítulo: Materiais Nanoestruturados Baseados em Carbono. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2020, v. 1, p. 34-60.

Mais de 13 trabalhos publicados em periódicos de diversas áreas;

Organização de eventos e mesas-redondas;

Orientação de alunos do Curso de Química da UFC;

Participação em bancas de finalização de curso;

Palestras, entrevistas e exposições para a divulgação da Ciência.

Hoje, continuo trabalhando na mesma instituição. Além disso, estou finalizando o Curso de Licenciatura em Química, pela Universidade Batista de Minas Gerais, Instituto Pedagógico de Minas Gerais (Ipemig); Master of Business Administration (MBA) em Big Data e Inteligência Competitiva; e Pós-graduação em Gestão de Projetos e Inovações Tecnológicas. Ainda curso o Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)_ e Especialização Docente, por compreender que o conhecimento nunca se esgota e deve sempre ser atualizado.

Agradecemos a oportunidade da escrita deste memorial, pois, apesar do curto tempo oferecido, nos provocou a sermos gratos e orgulhosos por tudo o que a vida nos proporcionou, na ciência de que muito ainda temos a aprender, conquistar e ensinar.

Capítulo 4

A ARTE DE TRANSFORMAR PEDRAS EM DEGRAUS: O PODER DA DETERMINAÇÃO

Zildelene Mariano Cardoso Silva⁴

Formação Pessoal (De onde eu venho)

*“Eu vim de lá do interior.
Onde a religião ainda é importante.
Lá, se alguém passa em frente da matriz,
se benze e pensa em Deus,
e não sente vergonha de ter fé.
(Padre Zezinho, 1990)*

Minha história começa em 29 de maio de 1987, no município de Canindé/CE, localizado a cerca de 110 km da capital do estado, Fortaleza, o qual é conhecido como a cidade da fé, devido à devoção a São Francisco das Chagas, padroeiro do município. Em Canindé, a religiosidade é uma característica marcante, especialmente, no período dos festejos alusivos ao santo, pois o local é considerado um grande centro de romaria e um dos maiores Santuários Franciscanos do mundo, recebendo anualmente, das diversas partes do país, milhares de devotos, especialmente, no período dos festejos alusivos a São Francisco. (Portal, O Santuário, 2023). Esse cenário incrementa o turismo religioso, que é fonte de renda de parte da população canindeense. No entanto, tirando isso, embora tenha melhorado um pouco, minha cidade, ainda é carente de oportunidades e foi nesse contexto, de muitas dificuldades, que iniciei minha trajetória.

Minhas primeiras lembranças são bem vagas e, antes de relatá-las, é importante citar alguns fatos que considero relevantes em minha história. O primeiro deles é que sou filha biológica de Maria Mariano Cardoso e João de Castro Cardoso, pessoas muito simples, agricultores, sem nenhum grau de instrução. Meu pai biológico foi embora deste mundo, quando minha mãe ainda estava nos primeiros meses de minha gestação e acredito que tal contexto contribuiu para que eu fosse criada por meus

⁴ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFCE). Licenciada em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Graduada em Gestão de Turismo, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *Campus* Canindé. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora da Secretaria de Educação do Ceará. (Seduc). E-mail: zildelene.cardoso02@aluno.ifce.edu.br

avós, Francisca Pereira de Castro e Pedro de Sousa Cardoso (Pedro Doca). Eles tornaram-se os meus pais, meus exemplos de honestidade, meus primeiros professores, que me ensinaram com ações e não com palavras escritas, já que não eram alfabetizados.

Assim como meus pais biológicos, meus avós eram pessoas humildes, do interior, que trabalharam a vida toda na agricultura, até se aposentarem com um salário mínimo. Entretanto, eram extremamente ricos de valores e princípios. Foi com eles que aprendi a respeitar a todos, independentemente da origem e a ser uma pessoa honesta, acima de tudo. A propósito, aproveito para dizer que aquela ideia de que quem é criado pelos avós, torna-se uma pessoa mimada, não procede em todos os casos, e eu sou a prova viva disso.

O ser humano que me tornei e todas as conquistas que consegui, até aqui, foram frutos de muita determinação; incansáveis esforços, trabalho e estudo. Nunca tive nada de mão beijada; não sou uma pessoa que tem sorte; mas que estuda, trabalha muito e por isso sou agraciada. Portanto, nunca foi sorte, sempre foi determinação, dedicação e, principalmente, Deus.

Minha Infância e Adolescência (Pedras no caminho?)

As lembranças de minha infância trazem um misto de sensações e sentimentos. Lembro-me de quando morei na zona rural de Canindé, em um povoado denominado Quixaba. Foi lá que passei uma parte da minha infância, em uma casa grande, afastada da cidade e da tecnologia, em meio à natureza, ao lado dos meus avós e meus tios Antônio e Raimundo, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando da forma que era possível. Dentre as principais recordações dessa etapa da minha vida, trago a satisfação em subir no pé de seriguela enorme, que tinha no quintal de nossa casa; e melhor do que degustar seus frutos, era ficar deitada em seus galhos grossos, por horas a fio, ou balançar-me nos mais baixos.

Recordo-me de algumas brincadeiras e momentos, com meus irmãos mais novos, quando tomávamos banhos na chuva e nos rios. Ao fechar os olhos, consigo lembrar, nitidamente, das grandes árvores observadas no trajeto de minha casa até o riacho; salvo engano, seriam cajueiros. Tenho lembrança daquelas belas veredas e das folhas caídas no chão. Todavia, apenas agora consigo perceber a beleza e o encantamento daquele caminho, que nos levava a um rio de águas transparentes, no qual era possível ver e sentir a areia e as pequenas pedrinhas embaixo dos nossos pés. O momento era extremamente prazeroso, pois era possível contemplar a natureza em sua mais bela representação.

Hoje, analisando a situação, percebo que era exatamente na natureza que eu buscava diversão, tendo em vista que os brinquedos eram bem escassos. Então, eu brincava com pedras, porque não tinha nenhuma boneca. Entretanto, isso não me frustrava; as pedras não deixavam nada a desejar em relação às bonecas. Minha imaginação sempre foi muito fértil e até hoje me lembro da minha comadre pedra,

que se chamava Matilde e que me acompanhou por um bom tempo. É isso mesmo, caro leitor! Aprendi desde cedo que você tem o poder de escolha, eu poderia ter uma infância infeliz, devido às “pedras” no caminho, porém eu decidi e preferi transformá-las em brinquedos, que contribuíram para minha felicidade diária.

Em 1995, começou uma nova fase, pois meus avós decidiram sair da zona rural de Canindé e passamos a residir na cidade. Inicialmente, tudo me assustava, até a tomada de ligar a luz, por isso fiquei muito feliz quando minha tia disse que a casa onde íamos morar não tinha rede elétrica. Depois de um tempo, as coisas foram mudando e a luz foi chegando, em todos os sentidos.

Comecei a estudar em uma pequena escola, bem próxima da minha casa, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Magalhães Filho, onde dei os primeiros passos para a realização dos meus sonhos, já que eu acredito que somente a educação nos possibilita crescer e evoluir. Recordo-me de, na zona rural, ter frequentado algo parecido com uma escola; na verdade, era uma casa e tia Lúcia Lourenço foi minha primeira professora.

Na nova escola da cidade, acredito ter passado por algumas dificuldades, no início, mas consegui me dedicar e tornar-me boa aluna, mesmo com muitas lacunas em relação à alfabetização. Foi uma fase, na qual foram possíveis várias vivências que me marcaram, como as apresentações de danças escolares; as visitas à Fazenda Salgado, onde morava a minha saudosa diretora, Tia Suzana. Além disso, nunca me esqueci da professora que me marcou de forma positiva, nesse período, minha querida tia Maria; ela era doce e gentil, um exemplo de professora humanizada.

De maneira simultânea, fora da escola, vivi momentos incríveis, ao lado das minhas primas, Jozerlane, Mariane, Leilane, e da minha inesquecível amiga, Isaína, ou simplesmente, Isa (Em memória). Juntas, colecionamos memórias que não tem preço e vivemos uma das melhores épocas de nossas vidas. Tivemos infância, adolescência e juventude muito felizes. Naquele tempo, as crianças não tinham celulares, e brincavam umas com as outras, no meio da rua, das mais diversas brincadeiras: pega-pega, baleô, esconde-esconde, polícia e bandido, ilha do tesouro, super-heróis e tantas outras...

Era divertido tomar banho de chuva; correr pelas ruas do bairro, da cidade; e não ficávamos doentes. Acreditávamos que éramos cantoras, modelos, atrizes, médicas, estilistas, professoras. Ficávamos na calçada contando histórias por horas e horas e aquilo era incrível. Nossa! Como eu tive sorte de viver naquele tempo, com essas pessoas. Eu sempre fui muito agraciada! O engraçado é que não faz tanto tempo assim, contudo, hoje, a realidade é bem diferente, pois, infelizmente, tudo isso foi trocado pelas diversas telas de celulares, *tablets*, computadores, televisão, entre outras.

Nessa mesma época, participava do grupo de crianças e, posteriormente, do grupo de jovens da Capela de São Sebastião, localizada bem ao lado da minha casa, no bairro Canindezinho, o qual era coordenado pelo querido José Maria Santiago de oliveira, uma personalidade forte e importante, que

muito contribuiu para a formação de muitos jovens do bairro, inclusive para a minha. Paralelamente, participei da Pastoral Missionária da Paróquia de São Francisco, liderada por uma mulher incrível, Terezinha Alves. Nesse período, conheci pessoas maravilhosas, fiz grandes amigos (Jovens-Star) e tive a oportunidade de viver momentos únicos, servindo e evangelizando de casa em casa, seguindo os ensinamentos de Jesus.

Foi uma fase de muito crescimento espiritual. Acredito que o fato de sempre participar de movimentos religiosos contribuíram bastante para minha formação pessoal e me permitiram viver momentos extraordinários, apresentações religiosas e culturais como, o pastoril, nas festas natalinas, as quadrilhas juninas, além das viagens para as localidades vizinhas e excursões às belas praias do litoral cearense, sempre embaladas com músicas e hinos de São Sebastião, padroeiro do meu bairro, na época. Foram momentos extremamente felizes e que sempre guardarei comigo.

Hodiernamente, sigo ajudando em alguns movimentos ligados à minha religião católica, como o terço das crianças do meu bairro atual, comunidade de Imaculada Conceição, que pertence à Paróquia de São José, em Canindé/CE. Trabalhar com crianças e adolescentes é sempre muito gratificante, além de uma oportunidade de ensinar e, ao mesmo tempo, aprender com eles.

Amor e Maternidade

Sempre fui muito sonhadora! E, desde cedo, sonhei com o meu casamento. Sei que muitas mulheres desejam se casar, mas, para mim, esse desejo sempre foi muito especial, porém faltava encontrar a pessoa certa; o meu tão sonhado e esperado príncipe encantado. Em agosto de 2005 ele chegou, não foi montado em um cavalo branco, mas veio acompanhado das qualidades de um príncipe. Então, começamos a escrever nossa história de amor.

Em abril de 2006, ele pediu-me em casamento de uma forma linda e inesquecível. Lembro-me perfeitamente de cada detalhe daquela bela manhã ensolarada. Levou-me na Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé e, de joelhos, diante do santíssimo, tirou duas alianças do bolso e com, a voz trêmula de tanta emoção perguntou-me: “Quer casar comigo?”.

Com um pedido tão lindo assim era quase impossível dizer não, mas tinha que conversar antes de responder, afinal de contas eu só tinha 19 anos; então, fomos à gruta, localizada atrás da Basílica, sentamo-nos em um banquinho e conversamos bastante sobre a importância dessa decisão. Afinal, eu não ia decidir apenas com quem construiria minha vida, mas decidir se ele seria o pai dos meus/minhas filhos/filhas, portanto, era preciso analisar muito bem aquele pedido que iria mudar a minha vida. Nesse caso, não se pode escolher errado, porque até existe ex-marido, porém, não existe ex-pai.

Assim sendo, é necessário muito cuidado e reflexão antes de tomar essa decisão, embora nem todas as mulheres pensem nisso no momento de escolher seu parceiro e, conseqüentemente, o pai dos seus

filhos. Bem, eu pensei, conversei bastante e decidi. Quando, finalmente, respondi à sua pergunta, era meio-dia, os sinos da Basílica começaram a tocar, os pássaros que se abrigavam nas árvores, ao nosso redor, voavam e cantavam sobre nossas cabeças. Para mim, aquele foi um momento mágico e a minha resposta foi: Sim! No dia 2 de julho de 2011, aproximadamente cinco anos após o pedido, realizei um dos meus grandes sonhos, e casei-me com o grande amor da minha vida, Francisco Roberto Mota Silva.

Seguimos construindo nossa história de amor e a cada capítulo tivemos e temos momentos bons e ruins, como é de costume. Entretanto, buscamos cumprir a promessa que fizemos diante de Deus e até aqui o amor prevaleceu. Fomos agraciados com duas filhas: Lavine e Liz. Elas são lindas, inteligentes, saudáveis e são o nosso maior tesouro. Lavine é uma princesa, delicada como uma bailarina e corajosa como uma judoca. Tem o abraço aconchegante, o sorriso largo e encantador. Liz é uma flor, linda e apaixonante! Sorri com os olhos, que são pretos, redondos e brilhantes, como as estrelas no céu.

Elas me motivam a ser uma pessoa melhor, a nunca desistir, por mais difícil que seja o trajeto. Elas me inspiram, me fortalecem e me engrandecem. As minhas duas “Anas” foram planejadas, esperadas e amadas, desde sempre. Com elas eu realizei o meu sonho mais especial: Ser mãe. E ser a mãe delas é a maior bênção que recebi do meu pai celestial.

Minha primeira princesa, Ana Lavine, nasceu em 30 de dezembro de 2015 e foi uma felicidade impossível de explicar; uma mistura de sentimentos, alegria, paz, medo, mas, acima de tudo, muito amor. Ser mãe é um dos maiores orgulhos que tenho, porque eu não sou qualquer mãe, sem nenhuma modéstia, eu sou a Mãe. Porém não é fácil, talvez seja a tarefa mais desafiadora da vida, porém, é, também, a que mais nos aproxima do divino.

Ana Liz nasceu em 10 de novembro de 2020, em plena pandemia da Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 que tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca, a qual foi responsável, até o momento, por aproximadamente seis milhões de mortes, registradas oficialmente, em todo o mundo e no que se refere ao Brasil, cerca de 685 mil brasileiros perderam suas vidas (OMS, 2023).

Foi nesse cenário difícil e muito doloroso, quando o mundo carecia de esperança e amor, que Deus enviou a nossa flor: Liz. A emoção e a alegria da chegada dela foram iguais à de Lavine, claro que o medo de contrairmos a Covid nos levou a ter muito cuidado e medo. Após o parto de Liz, vivemos um momento difícil, eu tive uma hemorragia muito intensa, que poderia ter me levado embora, se não fosse os cuidados de Deus, somado a toda assistência necessária, rápida e eficaz dos profissionais de saúde que cuidaram de mim. Deus, em sua infinita bondade, me deu uma nova oportunidade de criar minhas filhas; de continuar ao lado das pessoas que amo; e continuar escrevendo a história que estou contando agora. E, por tudo isso, eu sou infinitamente grata.

Bem, voltando para a questão da maternidade, quando engravidei de Liz, eu ficava pensando como seria ser mãe pela segunda vez. Será que o amor é igual? Como vai ser? Agora, eu já tenho as respostas. Sim, meu amor por elas manifesta-se na mesma proporção, sendo tão grande que não é possível mensurar. O incrível é que elas são tão diferentes e o meu amor é tão igual. Eu sou aquele tipo de mãe que ama quando está grávida; que gosta de exibir a barriga enorme. Simplesmente amo amamentar e sofri mais do que elas, quando chegou o tempo de parar. Acredito que amamentar é um dos atos mais lindos de amor e um dos momentos de maior proximidade e cumplicidade entre mãe e filho, que repercute por toda a vida.

Sou mãe coruja, gosto de acompanhar e estar presente em todos os momentos possíveis da vida delas. Aliás, faço questão de deixar bem claro que, mesmo sendo uma mãe que trabalha fora, estuda e tem várias atribuições, nenhuma delas é mais importante do que ser a mãe de Lavine e Liz, por isso, nunca estarei ocupada demais para elas, pois nada é mais relevante do que construir memórias ao lado delas. Não sou uma mãe perfeita, ninguém é, porque somos seres humanos, no entanto, por elas, eu tento chegar o mais próximo possível da perfeição e essa é a minha maior prova de amor.

Finalizo essa seção, na qual relato um pouco dos momentos mais grandiosos da minha formação pessoal, parafraseando Carl Sagan (1980, p.19), cientista e astrônomo norte-americano, para dizer que: “Diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim, dividir um planeta e uma época com vocês”. Dividir a minha vida e o meu amor com minha família amada e meus amigos verdadeiros é o motivo maior da minha felicidade, pois tudo isso que vivi; as pessoas que conheci até aqui; os movimentos dos quais participei; e as escolhas que eu fiz, contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou.

Não acredito em destino! Acredito que Deus nos deu o livre-arbítrio, portanto, nós escrevemos a nossa história; nós decidimos quem queremos que faça parte dela; quem ocupará os papéis principais; e de que forma queremos que ela termine. Todavia, podemos ser surpreendidos com alguns fatores externos, que não dependam de nós, mas 95% será composto pelas escolhas que faremos ao longo de nossa vida.

Formação Acadêmica (Para onde eu vou)

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.

*Ensino porque busco,
porque indaguei, porque indago e me indago.*

*Pesquisei para constatar, constatando,
intervenho, intervindo educo e me educo.*

*Pesquisei para conhecer o que ainda não
conheço e comunicar ou anunciar a novidade.*

(Paulo Freire, 1996)

Costumo sempre planejar os passos que dou em minha vida, claro, com a consciência de que maiores e melhores do que os meus planos, são os planos de Deus. No que se refere à minha formação acadêmica, sempre tive o sonho de me formar e ser motivo de orgulho para as pessoas que me amam. Hoje, quero ser orgulho e exemplo, principalmente, para minhas filhas. Quero que cresçam sabendo a importância da educação para transformar a realidade atual e que logo cedo entendam que o conhecimento é a única coisa que ninguém, nunca, poderá lhes tirar.

Como relatei anteriormente, venho de uma família muito humilde e, ao terminar o Ensino Médio, eu precisava continuar trabalhando e, com isso, o sonho de me formar ficou um pouco adormecido. No entanto, em um determinado dia, uma amiga me convidou a fazer um vestibular que ia abrir, porém só eram ofertados três cursos de licenciatura, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú: Português, Matemática e Pedagogia. Nenhum dos três me interessava inicialmente, acredito que nunca havia pensado em me tornar professora, pois, na época, eu queria ser psicóloga.

Todavia, eu pensei o seguinte: é melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada. E que bom que eu tive esse pensamento! Dos três cursos oferecidos, o que eu mais me identificava era o de português, assim, decidi fazer o vestibular, consegui ser aprovada e iniciei o curso, que acontecia aos sábados e nos meses das férias, janeiro e julho. Essa logística permitiu que eu estudasse e trabalhasse ao mesmo tempo. Fui persistente e, em abril de 2012, realizei mais um sonho, concluindo minha licenciatura em Português e me tornando a primeira da minha família mais próxima a ter um diploma.

No meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), abordei o importante papel da leitura no Ensino Fundamental, orientado pelo professor Dr. Herman Wagner de Freitas Regis. Ao finalizar o curso, me senti muito realizada; no entanto, hoje, percebo que ficaram muitas lacunas, principalmente no que se refere ao trabalho com a pesquisa, pois, infelizmente, esse assunto ainda é pouco utilizado na formação dos professores.

Como me identifico com várias coisas e pensando também em ampliar o leque de oportunidades no mercado de trabalho, depois de um tempo da minha formatura, decidi fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e como eu não deixo as oportunidades passarem, usei a nota e me inscrevi através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) para o curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *Campus* Canindé. Fui aprovada e iniciei mais um curso de nível superior. Confesso que foi um período bem desafiador, porque o curso acontecia todos os dias à noite, eu trabalhava o dia todo, além de fazer uma especialização aos sábados. No entanto, ao mesmo tempo, foi uma experiência bastante válida, que contribuiu muito para o meu crescimento acadêmico.

Em comparação com a licenciatura, já tive contato maior com a pesquisa científica, o que me possibilitou entender a sua importância para o processo educacional. Outro fator positivo foi a

investigação sobre a história das agências de viagens de Canindé, o que resultou no meu TCC, de 2016, com orientação da professora Maria Eline Alves Soares, com o tema: “O Perfil dos Colaboradores das Agências de Viagens de Canindé/CE”.

Como informado, existia em mim o desejo de ter uma formação na área da Psicologia. Assim sendo, em 2013, nesse mesmo contexto que acabei de relatar e de forma simultânea a graduação, decidi fazer uma especialização que envolvesse tanto a Psicologia como a Educação, então, me matriculei no curso de pós-graduação, lato sensu, em Psicopedagogia Institucional e Clínica, ofertado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, por meio do Instituto de Desenvolvimento, Educação e Cultura do Ceará (Idec). Esse curso tem o objetivo de contribuir para a formação de um profissional capaz de elaborar diagnósticos e, em seguida, desenvolver intervenções para sanar ou minimizar as dificuldades que surgirem no processo de ensino e aprendizagem.

Dentro das temáticas abordadas no curso, identifiquei-me com o Psicodrama, o qual consiste em uma abordagem de terapia que usa o teatro para diagnosticar e tratar questões de natureza psíquica e foi fundado pelo psiquiatra romeno Jacob Moreno (1889-1974). Na minha adolescência, estudei teatro por um tempo e me identifiquei bastante com as artes cênicas, por isso, o tema do meu trabalho final foi: “A Contribuição do Psicodrama dentro da Psicopedagogia numa Perspectiva Inclusiva”, o qual foi orientado pela professora Dra. Jéssyca Aline da Costa Correia, em 2015.

Sempre acreditei que o conhecimento nos possibilita sermos protagonistas de uma educação inovadora, a qual tem como objetivo investigar e buscar intervenções para as problemáticas atuais que envolvem o processo educacional. De acordo com Jean Piaget (1970:53),

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de criar coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Concordo com as afirmações do autor e por esse motivo não cesso na minha busca por conhecimento. Recentemente, realizei um grandioso sonho acadêmico, que há tempos eu almejava. Fui aprovada no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) *Campus* Fortaleza. Essa, sem dúvida, foi uma grande conquista, que me deixou extremamente feliz e realizada.

Contudo, só consegui sucesso na minha quarta tentativa, na primeira, tentei uma vaga no Profletras e não consegui ficar dentro das vagas disponíveis para o estado do Ceará e fui remanejada para outro estado, o que foi inviável para mim, pois Lavine era muito pequena e eu não poderia ficar longe dela. Além disso, não poderia deixar meu emprego. Sendo assim, adiei um pouco mais o meu sonho. Cheguei à segunda tentativa, também pelo Profletras, e nessa não obtive sucesso, consciente de que não havia me preparado o suficiente, não por não querer, mas por todo o contexto da minha vida, segui tentando.

Em 2020, minha amiga e grande incentivadora, Clair Teixeira, me apresentou o ProfEPT, Todavia,

também não tive êxito na seleção desse ano, que foi adiada várias vezes devido à pandemia. Finalmente, em 2021/2022, na quarta tentativa, no geral, e segunda, pelo ProfEPT, alcancei meu objetivo. Mesmo ainda tendo que se adaptar e seguir todas as medidas necessárias, de acordo com os protocolos de saúde, o processo seletivo aconteceu e foi bastante concorrido.

Foram ofertadas 24 vagas, no total, porém 12 eram destinadas aos servidores do IFCE e 12 abertas à ampla concorrência, das quais quatro eram específicas para as cotas, restando, apenas, oito vagas para serem disputadas por todos os interessados do Estado do Ceará. E eu fui agraciada com uma delas, conseguindo atingir a pontuação máxima exigida. Fiquei dias sem acreditar, até entender o que de fato aconteceu. Os dias foram passando, chegou o dia de fazer a matrícula, as aulas se iniciaram, e, finalmente, posso dizer: sou mestranda.

As expectativas em relação ao curso, são as melhores possíveis e já estão sendo superadas. Acredito que contribuirá imensamente para meu crescimento acadêmico, o que, conseqüentemente, repercutirá, de forma positiva, na minha formação profissional. Nota-se que é uma área bastante atual, tendo em vista a importância dos temas abordados. Em relação às linhas de pesquisa, tenho a pretensão de estudar as Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), área que trata,

dos fundamentos das práticas educativas e do desenvolvimento curricular na Educação Profissional e Tecnológica, em suas diversas formas de oferta, com foco nas estratégias transversais e interdisciplinares, que possibilitem formação integral e significativa do estudante, sustentados no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, em espaços formais e não formais [...] (Portal ProfEPT, 2022).

A escolha por essa linha de pesquisa justifica-se devido eu acreditar que a prática docente é fundamental para a aprendizagem satisfatória do estudante, por isso, é importante buscar uma prática atrativa e inovadora, que desperte o interesse dos alunos acerca do assunto abordado nas aulas, principalmente os que apresentam dificuldades no desenvolvimento de algumas habilidades.

Assim, pretendo estudar temáticas relacionadas à importância da pesquisa na prática docente, por meio de sugestões de estratégias que podem ser adotadas para a construção de uma educação autônoma. Durante minha atuação como professora da Educação Básica, de nível médio, foi possível observar que a pesquisa é um tema pouco abordado na maioria das escolas de Ensino Médio. Diante disso, a justificativa e motivação para estudar esse tema surgiu devido às inquietações ao observar essas lacunas relacionadas ao uso da pesquisa como princípio educativo, no processo de ensino e aprendizagem.

Tendo em vista essas percepções, abordarei, em minha dissertação, a importância da pesquisa para a prática docente e, em seguida, elaborarei um produto educacional, no formato de *E-book*, com estratégias para inserir a pesquisa em sala de aula, que será fruto da dissertação intitulada: “A Pesquisa na Prática Docente de uma Escola Profissionalizante do Estado do Ceará”, orientada pela minha querida professora Dra. Heloísa Beatriz Cordeiro Moreira.

Página | 59

Hoje, entendo o motivo de não ter sido aprovada nos processos anteriores. Era para eu estar aqui, exatamente onde eu estou, nesse mestrado, com essa orientadora e esses professores incríveis, que sabem ensinar de forma humanizada, e com a turma V do ProfEPT, com a qual eu tenho a honra de dividir momentos de aprendizagens, incertezas, conversas, risadas e um café maravilhoso, a cada sexta-feira. Sinto-me completamente feliz na companhia dessa turma e, com certeza, a levarei no coração para onde eu for.

Formação Profissional (Onde eu quero estar)

*[...] Bom mesmo é ir à luta com determinação,
abraçar a vida com paixão,
perder com classe e vencer com ousadia,
porque o mundo pertence a quem se atreve
e a vida é muito para ser insignificante.*
(Augusto Branco, 2010)

Atualmente, sou professora, concursada, em estágio probatório, da Secretaria de Educação da rede de ensino do Estado do Ceará. Leciono na Escola de Educação Profissionalizante José Vidal Alves, para onde retornei no início do ano letivo de 2023. Somado a isso, sou mestranda do Curso de Educação Profissional e Tecnológica, mãe de duas princesas, de 2 e 7 anos, sou esposa, amiga, sou católica, faço parte da organização do terço das crianças do meu bairro, Imaculada Conceição, onde realizamos alguns trabalhos voluntários relacionados ao lazer e a evangelização. Fazer tudo isso ao mesmo tempo não é fácil, pra falar a verdade, é bem difícil. Mas, eu tento, em meio a todas essas coisas, nunca esquecer que esses foram os planos de Deus para mim, então jamais posso deixar de agradecê-lo e colocá-lo como o centro da minha vida.

Comecei essa parte da minha história pelo final, conforme fez Machado de Assis, em sua célebre obra, “Memórias Póstumas de Brás Cubas,” (1881). Sendo assim, essa é a minha realidade no momento. Sobre os acontecimentos profissionais, mais recentes, em agosto de 2021, realizei o meu maior sonho profissional, até os dias atuais; fui convocada para assumir a minha vaga do concurso público que realizei. Foi uma difícil e longa caminhada, iniciada em 2018, quando decidi que iria me preparar, de verdade, para ser aprovada no Concurso Público da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, previsto para acontecer no referido ano.

A prova objetiva foi bem complexa, entretanto, minha experiência em sala de aula, me permitiu ter um ótimo resultado na prova de conhecimentos específicos e os meus momentos de estudos preparatórios me fizeram alcançar o perfil necessário nas demais disciplinas. No geral, consegui uma boa pontuação, o que me permitiu passar para a segunda fase, a prova didática, na qual eu consegui

atingir a nota máxima exigida. Por último foi a prova de títulos. Dessa forma, com o meu esforço e a graça de Deus eu fui aprovada em todas as fases do concurso.

No entanto, foi preciso garra e muita determinação para conseguir meu objetivo, já que eu trabalhava o dia todo em uma escola profissionalizante, e minha primeira filha, Lavine, na época com apenas 2 anos, necessitava de meus cuidados e atenção, (foi a parte mais difícil, pois lembro-me quando eu estava viajando para estudar, e ligava à noite, ela dizia: “Eu quero a mamãe”. Essa frase partia meu coração, mas, ao mesmo tempo, me dava mais vontade de fazer valer a pena.

No início, ficava estudando na escola, após as aulas, e continuava em casa, quando ela dormia, mesmo tendo passado o dia trabalhando e estando “morta de cansada”, desejando simplesmente dormir; e eu poderia fazer isso, porém, como cito no início deste texto: eu decidi ser aprovada! E isso exige sacrifícios. Estou lembrando isso, porque quero que essa parte da minha história sirva de inspiração para outras pessoas; quero te fazer acreditar, caro (a) leitor(a), que você pode conseguir tudo o que desejar, se essa realmente for sua decisão, claro que para isso terá que renunciar a muitas coisas, e as noites e madrugadas de sono são algumas delas (como estou fazendo agora); todavia, o sacrifício é só por determinado tempo, e os frutos serão colhidos por toda a vida.

Como mencionei, consegui alcançar meu objetivo, entretanto, fiz um longo percurso até chegar aqui e confesso que foi um caminho difícil, cheio de obstáculos, mas nunca pensei na possibilidade de desistir. Mesmo tendo estudado a vida toda em escola pública e não ter uma preparação, muito menos motivação para fazer um curso superior após o Ensino Médio, eu sempre tive isso como meta, porém, na minha realidade, era muito complicado, porque aqui na cidade não havia faculdades públicas e eu não tinha como me manter em uma cidade grande, ou na capital do Estado, Fortaleza.

O tempo foi passando e o meu desejo por independência foi aumentando cada vez mais, então, comecei a trabalhar cedo. Lembro-me que um dos meus primeiros empregos foi de garçomete, em um restaurante da minha cidade, onde eu trabalhava de domingo a domingo e feriados, recebendo como pagamento algo em torno de R\$ 150,00. Trabalhava o dia todo e, no final do expediente, tomava banho e me arrumava, ali mesmo, em um banheiro bem apertado, e em seguida me dirigia até a Escola Estadual de Ensino Médio Paulo Sarasate, onde cursei o Ensino Médio.

Confesso que o cansaço me atrapalhava um pouco e, muitas, vezes eu queria desesperadamente dormir, já que, no dia seguinte, eu deveria estar às 6h no restaurante para começar novamente minha rotina. Assim, precisava acordar bem mais cedo, já que eu iria caminhando do meu bairro, que ficava no início da cidade, até o centro, onde estava localizado o restaurante.

Algumas vezes, eu conseguia uma carona de bicicleta “cargueira”, com um senhor que morava próximo à minha casa, porém, nem sempre era possível. Talvez por isso, eu nunca fui a aluna que tirava as melhores notas da sala, contudo, sempre fui uma das mais esforçadas e isso fez e faz toda a diferença em minha vida.

Quando me lembro do tempo da Educação Básica e comparo com a realidade de hoje, percebo que muita coisa melhorou, principalmente, no que se refere a preparar os estudantes para ingressarem nas universidades. Hodiernamente, o jovem só não evolui se, de fato, não quiser, pois existem inúmeras oportunidades, diferente de algum tempo atrás. Nesse sentido, muita coisa evoluiu de forma positiva, porém, algo que eu percebo extremamente diferente é o tratamento dado aos professores, pelos educandos. Isso é algo muito sério. O desrespeito e a desvalorização dos educadores ocorrem de forma gritante, não apenas por parte dos alunos de algumas instituições, mas também por parte dos gestores de algumas políticas públicas.

Bom, ao terminar o Ensino Médio, em 2005, veio aquela temida pergunta: E agora? O que fazer da vida? Assim como Carlos Drummond de Andrade se perguntou em seu poema, José (1942), quando vem a sensação de que se está perdido na vida, sem saber que caminho seguir, eu também me perguntei: “E agora, José?” Pensei um pouco, lembrei do poeta Manuel Bandeira e decidi, vou-me embora pra Pasárgada, no caso em questão, Sobral. Era hora de ir para outro lugar, buscar outras oportunidades, e assim eu fiz.

Fui morar em Sobral/CE, minha Pasárgada idealizada. Chegando lá, tentei o vestibular, porém como não tive muito preparo no Ensino Médio, não fui aprovada. Então, comecei a trabalhar em um salão de beleza, o que não deu muito certo. Percebi que na realidade, Pasárgada, um lugar perfeito, não existe e a realidade é bem diferente. Decepcionei-me e voltei para a cidade da fé, sem perder a esperança de dias melhores. Ao chegar, decidi ser empreendedora, tornei-me manicure, cabeleireira e depiladora. Além disso, já fui vendedora, camelô, babá etc. Sempre procurei algo para fazer e não ficar parada esperando as oportunidades caírem do céu.

Com o passar do tempo, conheci D. Vera Lúcia e seu esposo Ademir Monteiro, pessoas que admiro. Eles tinham um escritório na minha cidade e me convidaram para trabalhar com eles como secretária, claro que eu aceitei de imediato. Lá, permaneci por cerca de cinco anos, até iniciar minha trajetória na Educação. E assim fui seguindo, sempre buscando uma forma digna de sobreviver e ser independente, visto que meu avô recebia apenas um salário mínimo, que só dava para o básico do básico.

Felizmente, em setembro de 2009, ainda cursando a Licenciatura em Português, comecei a atuar na Educação Básica. Surgiu uma vaga na Secretaria de Educação do município, para ser professora em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período da noite. Imediatamente, candidatei-me à vaga e, para minha alegria, fui selecionada. No primeiro dia de aula, fiquei encantada e pensei o seguinte: Eu nasci para isso! Nessa época, eu trabalhava o dia todo no escritório; lecionava à noite; e estudava aos sábados. Era cansativo, mas muito gratificante. Permaneci como professora da EJA até o final de 2010, quando perdi meu contrato por mudanças políticas. Continuei apenas no escritório e pedi para sair, ao terminar minha graduação, para seguir na área da Educação.

Em 2012, formei-me e consegui um contrato pela prefeitura para ensinar na Escola de Ensino Fundamental José Pereira Rocha. Lecionei durante o primeiro semestre e, no final do período, recebi a notícia de que não teria meu contrato renovado, mais uma vez, por questões políticas, pois, na minha cidade, assim como em muitos lugares, infelizmente, o que importa não é o mérito, mas o apadrinhamento. Fiquei muito triste e decepcionada e como sempre gosto de escrever sobre os acontecimentos, produzi um texto, que guardo até hoje, e sempre que o leio, tenho muito orgulho da postura que adotei.

Entre outros desabafos, no texto, cito como é difícil a vida de um professor contratado do município e que, em vez de perguntar o motivo daquilo ter acontecido apenas comigo, entre tantas outras pessoas, em vez de lamentar, eu agradei e respondi à minha própria pergunta, afirmando que acontecera comigo porque o Senhor me ama e tinha planos infinitamente melhores para minha vida e que eu não iria mais ficar acomodada, pensando se o salário do mês iria sair, ou não; não iria mais ficar esperando dias melhores, mas estudar e me valorizar, iria em busca de novos desafios.

Enquanto isso, voltei a trabalhar no escritório e, em janeiro de 2013, fiz uma seleção para compor o banco de professores da rede estadual de ensino do Ceará. Não fui chamada de imediato, mas, em maio do mesmo ano, fui convocada para assumir uma vaga na biblioteca da Escola Estadual de Ensino Médio Frei Policarpo. Meu coração transbordou de alegria. Tive receio, no início, mas, como sempre faço, agarrei a oportunidade e não deixei passar.

No segundo semestre, assumi a sala de aula e me tornei diretora de turma, iniciando, assim, a todo vapor, minha caminhada na rede de ensino estadual. Nesse mesmo ano aconteceu um concurso para professores, realizado pela Secretaria de Educação do Estado; participei, mas não consegui ser aprovada, tendo em vista que não me preparei adequadamente e acredito que minha falta de experiência também contribuiu para tal resultado, entretanto, continuei lecionando como professora contratada da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Em 2014/2015, os professores aprovados no concurso de 2013 começaram a ser convocados para assumir suas merecidas vagas e, a cada mês, minha carga horária diminuía, devido à chegada de um professor efetivo. Em abril de 2015, eu estava lotada em apenas uma turma e em uma função de diretor de turma, o que já não compensava financeiramente. Eu me vi em uma situação muito complicada, mas, lembrava-me dos planos que Deus tinha para mim.

Foi quando surgiu uma vaga na conceituada Escola de Educação Profissional de Canindé, na época, Frei Orlando, a atual José Vidal Alves. Lembro-me de ficar com muita dúvida sobre aceitar esse novo desafio; pensei bastante e decidi ir. Deixei a Escola Frei Policarpo, muito agradecida por todos os aprendizados que obtive na instituição e comecei uma nova história na Escola Profissional e foi graças a tudo o que vivi lá que eu cheguei ao ProfEPT.

A nova escola instigou-me a aperfeiçoar-me cada vez mais, então, busquei inovar as minhas

metodologias, utilizando teatro, músicas, gincanas, etc. Logo no ano seguinte, em 2016, recebi uma comenda de professora destaque, esse reconhecimento me deixou muito feliz e motivada a desempenhar cada vez mais um trabalho de excelência. Tive a oportunidade de participar de vários eventos, inclusive ajudando na organização. Consegui ter um contato maior com as feiras científicas e tive a oportunidade de ministrar vários cursos na área de linguagens, como professora voluntária, pelo projeto Pré-Enem, cujo objetivo é preparar os estudantes para a prova correspondente. Essa preparação vale muito a pena, pois, mais de 80% dos alunos ingressam nas universidades e a escola está sempre como destaque, entre as melhores do Ceará e Brasil.

Permaneci nessa escola a maior parte da minha trajetória profissional, de 2015 a 2021, quando fui nomeada e convocada para assumir o concurso que mencionei no início deste texto, visto que não havia lotação disponível para professores efetivos e tive que buscar outra instituição. Com isso, despedi-me com o coração cheio de gratidão por tudo o que aprendi e me possibilitou um forte crescimento como profissional e ser humano.

Não sei se foi por coincidência ou ironia, mas, adivinhem para onde eu voltei? Para a mesma escola de onde eu fui obrigada a sair alguns anos antes por causa da chegada dos professores efetivos aprovados no concurso de 2013. Agora, eu estava chegando/voltando como professora concursada e percebi a mesma aflição que senti nos olhos de alguns colegas, por medo de perder seus empregos. Graças a Deus, teve espaço para todos e ninguém precisou sair. Porém, isso me levou a fazer uma série de reflexões e a perceber e sentir de maneira muito forte o cuidado e o amor de Deus por mim. O final dessa parte da minha história vocês já conhecem. É o primeiro parágrafo desta seção. Sou muito grata a todos que sempre torceram e acreditaram em mim. Sobretudo, agradeço ao meu Deus, a Ele, toda honra e toda Glória, hoje e sempre. Então, finalizo contando, orgulhosamente, que eu consegui mudar minha história! Mesmo sendo filha de agricultores, sem nenhum irmão com o Ensino Fundamental completo. Consegui, mesmo brincando com pedras, porque não tinha bonecas, e isso não me fez uma pessoa com traumas, mas me fez mais forte! **Eu decidi usar as pedras para construir degraus que me levaram e me levam a onde eu quero estar.**

Eu consegui, mesmo estudando a vida toda em escola pública! Eu consegui, mesmo tendo que fazer o Ensino Médio à noite e trabalhar durante o dia, de domingo a domingo e feriados. Enfim, tenho certeza de que a minha realidade é a mesma de muitos que estão lendo este breve relato, porém, sempre acreditei que estava em minhas mãos fazê-la ser diferente. Então, eu decidi! Decidi contrariar as expectativas negativas a meu respeito! Decidi ser uma exceção e me recusei a repetir a mesma história. Decidi não fazer parte de uma estatística desfavorável. Foi quando eu tomei a decisão de ser aprovada em um concurso público. E sabe qual foi o resultado? Não fui aprovada em um concurso, mas aprovada em dois, Seduc e Prefeitura de Sobral, porque tudo na vida é uma questão de decisão. Então, decida-se!

4. Considerações Finais

Dona

Desses traiçoeiros

Sonhos, sempre verdadeiros. [...]

Não há pedra em teu caminho, não há ondas no teu mar

Não há vento ou tempestade, que te impeçam de voar. [...]

(Sá & Guarabira, 1982)

Ao relatar um pouco de minhas vivências, foi possível refletir bastante sobre a forma que escolhi para conduzir todos esses processos supracitados. Chego até aqui com o sentimento de muita gratidão e com muito orgulho da pessoa que me tornei. Eu não aceitei o determinismo, um conceito filosófico, o qual define que todos os fatos que ocorrem no presente são determinados por situações anteriores, em vez disso, decidi ser determinada e mudei o rumo da minha história.

Concluo esse breve relato acerca da minha trajetória com o desejo de continuar sendo fiel aos meus valores, princípios e sonhos, e, como diz os versos eternizados do poeta, Vinícius de Moraes, que tudo isso “não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito, enquanto dure”. Agradeço por ser tão abençoada por Deus em todos os momentos da minha vida e por Ele me dar condições e determinação para conseguir realizar todos os meus sonhos, aqui mencionados, por mais distantes que eles parecessem. Afinal de contas, a moça lá do interior está fazendo mestrado na Capital! E foi aprovada com nota máxima em um curso muito concorrido, disputado por pretendentes de todo o Estado do Ceará.

E sabem por que eu consegui? Além de tudo o que já relatei acima, eu nunca permiti que ninguém dissesse que eu não era capaz e muito menos que impedissem o voo dos meus sonhos e nem cortassem as asas da minha imaginação. Eu sempre acreditei que Deus me fez para ser uma vencedora, no entanto, eu precisava fazer a minha parte, haja vista que não basta querer o céu, é preciso lutar para conquistá-lo, pois o sonho só tem sentido quando vem acompanhado da decisão de transformá-lo em realidade. Foi isso que eu fiz, e vou continuar fazendo, pois outros sonhos ainda pretendo realizar, e muitas histórias contar para te inspirar.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. In: **Poesias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. p. 13-14.

BANDEIRA, Manuel. **Vou-me embora pra Pasárgada**. In: **Libertinagem**. Rio de Janeiro: Edições

de Ouro, 1930, p. 10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAES, Vinicius de. **Soneto de Fidelidade**. In: Poemas, Sonetos e Baladas. São Paulo: Editora Gaveta, 1946.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19)**. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em 09 fev. 2023.

Paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé. O Santuário. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/santuario/>. Acesso em: 15. dez. 2022.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

Portal ProfEPT, [**Portal de Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica**], Ministério da Educação, 2022.

Sagan, C. (1980). **Cosmos**. São Paulo: Editora Abril Cultural.

Capítulo 5

MEMORIAL

Raimundo Jackson Nogueira da Silva

Você não sabe o que passei para chegar até aqui.

Minha Infância

Escrever não é atividade fácil, principalmente quando partimos de nossa memória e vivências, para resgatar aquilo que nos marcou, sendo bom ou ruim, pois, nessa tecitura, podemos cometer erros cronológicos, ou falhas, deixando para trás informações essenciais da própria vida.

*Meu amor
Me ensina a escrever
A folha em branco me assusta
Eu quero inventar dicionários
Palavras que possam tecer
A rede em que você descansa
E os sonhos que você tiver

Trancar aqui dentro as palavras
Calando e querendo dizer
Não sei se o poema é bonito
Mas sei que preciso escrever*

(Oswaldo Montenegro)

Sou da terra de Antônio Conselheiro – Quixeramobim, precisamente da comunidade de Lages, Distrito de São Miguel. Meu pai é Joaquim Aquino, que tem como paixões a agricultura, família e o forró. Minha mãe é Ana Maria, professora da rede municipal e nossa principal referência nos estudos. Por influência dela, terminamos o Ensino Fundamental na escola da própria comunidade; eu e minhas duas irmãs, Jardênia e Jannayara, fomos em busca de um estudo profissionalizante. Vivi, nessa comunidade, a melhor infância, com brincadeiras, amizades e sonhos.

Das Lages para a Eafi

*Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Sem dinheiro no banco sem parentes importantes
E vindo do interior*

*Mas trago de cabeça uma canção do rádio
Em que um antigo compositor baiano me dizia
Tudo é divino tudo é maravilhoso*

(Belchior)

Em 2004, fui morar na cidade de Iguatu, em regime de internato, na Escola Agrotécnica Federal, e lá vivenciei a maior e melhor experiência da minha vida. Nessa escola, tive a oportunidade de conhecer diversos amigos, de vários municípios do Ceará; inclusive, alguns de outros estados. Além da convivência interna, da divisão de quartos, em que dividimos, durante três anos, os nossos sonhos. Emociono-me quando a memória retorna a esse tempo, pois me entristece saber que muitos, desses amigos, não tive a oportunidade de reencontrar.

Naquela época, não tínhamos celular, redes sociais ou WhatsApp; poucos eram os meios de comunicação e interação. Essa escola foi acolhedora em todos os sentidos: acadêmico, pessoal e profissional. Ao concluir o Ensino Médio com o curso profissionalizante, tive a oportunidade de cursar a Graduação em Irrigação e Drenagem, na própria instituição, porém transformada em IFCE, *campus* Canindé. Fiz o Curso de Irrigação e Drenagem para auxiliar no curso técnico que havia concluído. Já na reta final, tive a certeza de que não me identificava com o curso, o que acabou atrasando em um semestre a sua conclusão.

Da Eafi à Terra de Antônio Conselheiro

*Há tempo, muito tempo
Que eu estou
Longe de casa
E nessas ilhas
Cheias de distância
O meu blusão de couro
Se estragou
Oh! Oh! Oh!*

(Belchior, 1976)

Ao concluir o Curso de Irrigação e Drenagem (2011), tive minha primeira oportunidade profissional, que foi no Instituto Antônio Conselheiro (IAC), na cidade de Quixeramobim/CE. Atuei em projetos agrícolas voltados para agricultores/as dos municípios vizinhos. Foi uma rica oportunidade profissional, porém, no terceiro mês, fui convidado para lecionar no Programa Projovem Campo – Saberes da Terra, nas turmas dos assentamentos Quinim e Alegre, do município. Essa foi minha primeira experiência como professor, na área agrícola e uma das melhores experiências, pois tive a oportunidade de aprender muito mais do que ensinar.

Trabalhar com jovens e adultos que estavam em busca de uma segunda chance, ou a realização de um sonho, foi prazeroso e motivador. Como profissional, dei o meu melhor, e recebi, de cada estudante, o seu melhor. Nosso vínculo foi somente de sete meses, pois entrei na reta final do programa. Entre os diversos desafios, nos colocaram como meta a construção de uma mandala, que

é uma horta em estrutura de produção que se expande em círculos concêntricos, com cultivo de diversas plantas e cuidados com animais. Essa experiência foi apresentada como um dos projetos de destaque, durante a finalização do programa, e foi motivo de muita alegria para mim, os demais profissionais e estudantes.

Da Terra de Antônio Conselheiro à Terra de São Francisco das Chagas

*Canindé, Canindé nós te amamos
E te guardamos um lugar no coração
Quem vem a ti, jamais esquece
Santuário de fé e oração.*

(Letra: Manoel Messias, Música: J. Ratinho)

A partir da experiência no Projovem Campo, recebi o convite para trabalhar na Organização não Governamental (ONG) Cactus, no município de Canindé/CE. A princípio, seria somente o contrato de um ano, mas a experiência me fez ficar até hoje na cidade e crescer como profissional e pessoa. Na ONG, atuei em diversos assentamentos do município, criando vínculo com as pessoas e lideranças, bem como compreendendo as conjunturas políticas e sociais que faziam de Canindé uma cidade protagonista na história da reforma agrária.

Em 2012, o contrato com a ONG estava se encerrando, mas, antes, o Projovem Campo retornou com sua terceira edição, e recebi o convite para atuar novamente como professor na área de Ciências Agrárias. Como já estava morando em Canindé, pedi que minha lotação fosse na própria cidade, pois já estava familiarizado.

Em 2013, lecionando nas turmas do Projovem Campo, comecei a atuar simultaneamente na rede municipal, como coordenador pedagógico e, posteriormente, diretor da Escola José Bernardo Uchôa. Entrei no Curso de Pedagogia e, posteriormente, fiz minha primeira especialização (2014) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em Desenvolvimento Sustentável do Semiárido e Educação do Campo.

Além de professor do Projovem Campo, coordenador e diretor de Escola da rede municipal, tive a oportunidade de ser coordenador do Programa Projovem Campo, no próprio município. Nesse período, pude aperfeiçoar-me profissionalmente, retornando ao IFCE, dessa vez, pelo *campus* Canindé, para participar do Curso de Especialização em Gestão e Planejamento de Políticas Públicas. As aulas, os debates e seminários do curso contribuíram, significativamente, na área acadêmica, assim, externo, nessas linhas, minha gratidão aos professores desse *campus*.

Na área de Educação, desenvolvi diversos projetos e ações, principalmente na zona rural, área onde as políticas públicas não chegam com eficácia e eficiência. A Educação, no campo, continua desafiadora, para gestores e professores.

Página | 70

Nem tudo são flores, nem tudo é vitória. Meu contrato no Projovem encerrava-se em 2016 e não havia mais expectativas de renovação, pois, politicamente, não fazia parte do grupo eleito. Nesse momento, tive a coragem de participar de uma seleção de mestrado, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no programa de Educação, e na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Programa de Sistemas Agroindustriais, na qual obtive êxito.

Da Terra de São Francisco das Chagas à Terra de Maringá

*Maringá, Maringá
Depois que tu partiste
Tudo aqui ficou tão triste
Que eu garrei a imaginar*

*Maringá, Maringá
Para haver felicidade
É preciso que a saudade
Vá bater noutra lugar
(Joubert de Carvalho)*

Em 2017, saí da cidade de São Francisco para iniciar meu primeiro mestrado em Sistemas Agroindustriais pela UFCG, na cidade de Pombal. Como jovem sonhador e destemido, fui nesse desafio só com a “cara e a coragem” como diz o velho ditado. Por vários momentos, pensei em desistir, inclusive, até no último dia de embarcar para a cidade, afinal, não tinha dinheiro, não tinha emprego, mas tinha minha mãe e minha família, meu porto seguro de todas as horas e que me ajudaram a chegar lá.

Fui acolhido por dois grandes amigos/irmãos: Hugo e Elias, que fizeram desse momento tão difícil uma superação, uma batalha a ser vencida. A universidade era distante aproximadamente cinco quilômetros da sede, e havia momentos em que ia a pé; em outros, de carona, e outros, ainda, no transporte universitário. Mas, as coisas foram apertando e, no terceiro/quarto mês, a vontade de desistir e procurar emprego foi maior.

Deus sabe de todas as coisas, e sabe qual o nosso limite para suportar e usou uma amiga/irmã que me deu uma oportunidade profissional na cidade de São Bentinho/PB, distante 15 quilômetros de Pombal. Iniciei minhas atividades como coordenador de projetos e, em pouco tempo, me convidaram para ser coordenador pedagógico do município.

São Bentinho abriu portas e devo a essa cidade muito do que me tornei. Com a administração local, construímos e montamos a primeira Escola de Tempo Integral da Paraíba e elevamos a taxa de alfabetização das crianças, reduzimos a evasão e reprovação escolar. Fizemos história, nessa cidade.

Em 2018, registramos duas vitórias: 1) Tornei-me mestre em Sistemas Agroindustriais, na linha de Gestão Ambiental; e 2) Fui aprovado em segundo lugar no concurso público da Prefeitura Municipal de Canindé/CE, para o cargo de professor.

Da Terra de Maringá de Volta à Terra de São Francisco das Chagas

Tu que anda pelo mundo (Sabiá)
Tu que tanto já voou (Sabiá)
Tu que fala aos passarinhos (Sabiá)
Alivia minha dor (Sabiá)

(Luiz Gonzaga)

Em 2019, retornei como professor efetivo da rede municipal de Canindé. Assumi a turma de 2º ano da mesma escola em que tive a oportunidade de ser diretor e coordenador. O começo não foi fácil, recordo-me que, em dezembro (2018), fiz aniversário e ganhei uma blusa de presente de um amigo. Roupa mais nova que tinha, nessa época, foi com ela que dei minha primeira aula.

Em 2020, retornei como coordenador pedagógico da instituição, ficando até os dias atuais. Porém, todos os dias lembro-me que minha função, meu cargo e minha paixão, é ser professor. Para aprofundar na área da Educação, iniciei meu segundo mestrado em Ensino e Formação Docente, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)/Instituto Federal do Ceará (IFCE) (2021).

Muita troca de conhecimento, experiência e vivências, que me levaram a construir e desconstruir conceitos; rever ideias; e projetar novas metas como professor, pessoa e ser social. Minha pesquisa sobre o Toyotismo e a Educação na Perspectiva da Educação Fexível, foi bastante desafiadora, pois não tinha aprofundamento no tema.

Em 2022, ingressei no Programa de Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Inicialmente, pensei em desistir, pois estava concluindo o programa de ensino e formação docente. Porém, fiz a matrícula e aqui estou na luta por aprofundar sobre o tema da Transição Estudantil para o Ensino Médio, no IFCE. O que me motivou a fazer o curso foram as aulas presenciais, visto que o outro programa ocorreu de maneira remota, devido à pandemia da Covid-19.

Estou nesse curso com o mesmo sonho, objetivo, força e coragem com que fiz o primeiro. Nossos sonhos não podem ser adormecidos e tenho muito orgulho de ter chegado até aqui... Poderia escrever mais e mais, principalmente sobre a dificuldade e as muitas humilhações passadas na vida, mas decidi deixar esta escrita direta e cabe a cada um medir quanto de esforço foi projetado... Nós somos frutos desse esforço!

Capítulo 6

MEMORIAL DESCRITIVO

Nágela Silva Rodrigues

Introdução

Eu, Nágela Silva Rodrigues, natural e residente em Fortaleza/Ceará, sou graduada em Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar e experiência profissional nas áreas de ensino e gestão. Atualmente, sou servidora pública, exercendo o cargo de pedagoga e trabalho com a Educação Profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Guaramiranga, desenvolvendo atividades relacionadas ao setor técnico-pedagógico.

O presente memorial é parte integrante do conteúdo exigido da disciplina Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Mestrado da turma de 2022. Descrevo, aqui, um pouco das minhas raízes e do meu percurso de formação acadêmico-profissional, bem como se deu o interesse pela pesquisa na área educacional, com tema relacionado aos Saberes Docentes na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Raízes

Sobral, município do Estado do Ceará localizado na região norte do Estado, dista 238 quilômetros da capital, Fortaleza. A maior parte da minha família é sobralense. São primos, tios, com os quais, devido à distância, não tenho muito contato. Meus pais, no ano de 1978, em busca de melhores condições de vida, saíram da cidade de Sobral para Fortaleza, almejando melhores oportunidades de trabalho na capital.

Na época, como lembra a história, o país vivia o momento da ditadura militar, com o apogeu do que se chamou de “milagre econômico” brasileiro. E, nesse período, já aconteciam os movimentos migratórios, os quais contribuíram para a urbanização do Brasil. Nos anos de 1970, o grande centro atrativo do país era a região de São Paulo, que atraía pessoas de todo o país, por causa do crescimento industrial naquela época. No caso dos meus pais, não foi diferente. Meu pai era marceneiro e, minha mãe, dona de casa. Inicialmente, meu pai pensou em construir a vida em São Paulo, mas, devido à falta de contato de um parente que lá morava, resolveu optar por Fortaleza, cidade que, quando

solteiro já havia conhecido e gostado. Então, assim, vieram para a capital do Ceará, com dois filhos pequenos, sem lugar fixo para morar, ou seja, como diz o ditado popular, com “a cara e a coragem”. Ao longo dos anos, a família foi crescendo e se estruturando, de forma a permanecer de forma definitiva na cidade de Fortaleza.

Então, as minhas raízes fazem parte da história de milhares de nordestinos que, diante de mudança na estrutura econômica do país, migraram para melhorar de vida. História que, por vezes, é lembrada, quando encontro pessoas que também tiveram parentes que passaram pelo mesmo processo, ou seja, são amigos que têm pais, tios, ou outros tipos de parentesco, oriundos de cidades menores, que migraram para Fortaleza à procura de uma vida melhor.

Formação Acadêmico-profissional

Na escola, era uma aluna disciplinada, que tirava notas boas, e uma pessoa reservada, que só se envolvia com grupos pequenos da sala de aula. Ao mesmo tempo, em ambiente externo à escola, transformava-me em uma pessoa extrovertida, que gostava de conversar e se divertir. Eram dois ambientes diferentes, que se caracterizavam, um como obrigação e, outro, para lazer. Via a escola como um local de avaliação, onde o tempo todo estavam sendo vigiados o comportamento, a fala, postura, enfim, era um ambiente que tirava minha espontaneidade. Já em casa, ou na rua, vivia à vontade, sem medo da cobrança, do erro, da falta de atenção. Dessa forma, concordo com Michel Foucault (1977) quando ele diz, em sua obra *Vigiar e Punir*, que, como um detento, o estudante é induzido a sentir-se sempre vigiado e controlado.

Hoje, vejo que fatores contribuíram para essa postura ambígua. A própria escola separava a obrigação e o lazer, tornando, portanto, para muitos, um fardo, a ida à escola. Nessa perspectiva, compreende-se que o sistema escolar não foi criado com a intenção de proporcionar uma educação integral, mas apenas a transmissão de conteúdos, sem a intenção de desenvolver a criticidade dos sujeitos e outras competências necessárias para a formação humana. Minha formação escolar foi oriunda da escola pública, onde aprendi a valorizar os estudos, mesmo diante das limitações, dificuldades e precariedades que, infelizmente, acompanham a educação pública até os dias de hoje. Minha família, principalmente minha mãe, sempre incentivou a dedicação aos estudos, como forma de ter a oportunidade de um futuro melhor. E a busca por essa oportunidade me motivou a não parar, ao concluir o Ensino Médio Profissionalizante em Administração de Empresas, concluído no ano de 1998, aos 18 anos de idade.

As dúvidas, próprias dessa fase, em relação à escolha da profissão a seguir e, principalmente, as poucas oportunidades ofertadas para alunos egressos da escola pública, me levaram a trilhar pela

área da Contabilidade, curso técnico que fiz em um ano, por ser da mesma área da administração, mas com o qual não me identifiquei. Nesse momento, apesar de ter dois diplomas de curso técnico, não me sentia apta a trabalhar, pois os cursos ofertados não tinham qualidade, ou seja, não profissionalizavam. Desse modo, assim como vários jovens da rede pública, terminei o Ensino Médio sem estar preparada na área técnica e, muito menos, na área propedêutica.

Fui fruto desse sistema excludente que, ao longo do tempo, utiliza a educação como um dos instrumentos da reprodução dos interesses de uma sociedade capitalista. Sistema esse que reserva, para uma maioria menos favorecida, a condição de trabalhador não intelectual na ordem socioeconômica. Um sistema malicioso, que ensina as pessoas a acreditarem que o fracasso é pessoal, enquanto há, por trás, um jogo de interesses.

Perseverando nos estudos, superando o que era imposto pelo sistema à classe menos favorecida, após ter concluído esses cursos profissionalizantes, tive conhecimento e interesse em cursar um Ensino Superior. E foi com a participação, durante dois anos, em um curso preparatório para o vestibular, chamado Projeto Novo Vestibular (PNV), ofertado pelos alunos da Universidade Federal do Ceará (UFC), que consegui, em 2002, alcançar aprovação para cursar Pedagogia nessa mesma universidade.

A vivência, nesse curso preparatório, foi muito importante na minha vida, pois abriu caminhos para o acesso a novos conhecimentos, não somente relativos a conteúdos programáticos para provas, mas também relacionados à vida. Como exemplo, cito o teste vocacional, que realizei também nessa universidade, o qual me ajudou a decidir pelo Curso de Pedagogia.

No ano de 2002, o Brasil todo se emocionava com a conquista do pentacampeonato da seleção brasileira de futebol, na copa do mundo realizada na Coreia. Ano também de muitas esperanças e expectativas de um Brasil melhor, com a eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, primeiro presidente do Brasil oriundo das massas populares. Em Fortaleza, a UFC saía de uma das mais longas greves já enfrentadas, desde a sua fundação.

No dia 27 de maio desse mesmo ano, chegava à UFC. Passada a fase da alegria da vitória no vestibular, após a matrícula, começaram as expectativas para o primeiro dia de aula; ficava imaginando as pessoas que iria conhecer; os obstáculos que iria enfrentar; enfim, fui para esse encontro com muita ansiedade e medo, porque era um mundo novo que estava para ser descoberto. Lembro-me do meu orgulho, ao chegar na Faculdade de Educação (Faced). Nesse dia, fiz poucas amizades, mas voltei para casa com um ar de felicidade, porque havia gostado do clima acadêmico e por saber que estava apenas no início.

Começaram as aulas. Eram de Filosofia, Sociologia, Psicologia, e outras “gias”, que jamais havia estudado. Eram difíceis, mas enfrentei e consegui superar as dificuldades iniciais, as quais

considero fruto da baixa qualidade da minha escolarização, pois havia aprendido a decorar conteúdos e não a pensar, refletir, criticar.

No início, meu pensamento era somente relacionado ao trabalho. O Curso de Pedagogia apresentava-se como um aprendizado que iria me preparar para ensinar crianças. A ampla área de atuação do pedagogo ainda não era minha conhecida, e então, passei a procurar estágios em escolas, porém, nunca consegui. E os semestres foram se passando e fui conhecendo melhor o curso, o verdadeiro sentido da pedagogia. Resolvi aprofundar o estudo de autores como Paulo Freire; gostei da sua visão de mundo e de suas ideias, e, a partir de então, comecei a ver novas possibilidades de trabalho na Educação, como, por exemplo, a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em 2003, para ter alguma renda, consegui uma vaga na Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, para trabalhar, na Coordenação do Curso de História, como bolsista de assistência e lá permaneci por um ano. Com esse trabalho, pude conhecer melhor o funcionamento da Universidade; trabalhar com imprevistos; ter mais agilidade nas resoluções; além de conhecer muitas pessoas e saber lidar com suas diferenças. Assim, passava o dia todo na Universidade, almoçava no Restaurante Universitário (RU), onde não era só o almoço que eu saboreava, mas também as conversas com estudantes de várias áreas. Aquele mundo da Pedagogia foi ampliado para o mundo universitário.

A segunda experiência de trabalho, em 2004, foi em uma Organização não Governamental (ONG), chamada Instituto de Revitalização para o Trabalho (IRT), onde trabalhei durante 6 meses, como voluntária, na área de Educação e Extensão. Participava como educadora do Projeto Juventude por uma Cultura de Paz (JACP). Esse projeto tinha como objetivo reduzir os índices de violência, construir novos valores, visando disseminar uma cultura de paz na sociedade. A metodologia utilizada era a aplicação de oficinas centralizadas em escolas públicas, nas turmas dos Ensinos Fundamental e Médio. Nas oficinas, eram abordados temas que contribuíam para a reflexão e propagação de uma cultura de paz.

Essa experiência foi muito rica, pois tive a oportunidade de saber, um pouco, na prática, o que é ser um educador na área social mais voltada para a Educação Popular. Aprendi a trabalhar em equipe; a fazer planejamentos; a pensar mais no aprendizado do aluno, e não apenas no livro que devesse ser lido e seguido, mesmo não tendo este, nenhum sentido em relação aos interesses do aluno. Vivenciei as dificuldades de estar na frente e não na plateia; de lidar com a falta de recursos, materiais, ou seja, a inventar ou improvisar na falta daquilo que estava planejado. Enfim, foram várias as habilidades e os conhecimentos que adquiri com esse trabalho.

Ao longo dos semestres, na UFC, vivenciei intensamente o Curso de Pedagogia, com muita dedicação, alegria e vontade de aprender. Além das diversas experiências acadêmicas oportunizadas pelas disciplinas estudadas, troca de conhecimentos com os alunos, estudo de outro idioma, na Casa de Cultura Italiana, participei, por um período de 2 anos, como bolsista de Iniciação Científica, pelo

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de um grupo de pesquisa que versava sobre o tema “Educação do Campo: Educação de Jovens e Adultos e as Políticas Compensatórias”.

Por meio dessa experiência, iniciei as atividades relacionadas à pesquisa, desenvolvendo habilidades e novos conhecimentos, tais como leituras; escrita de relatórios e artigos; pesquisa de campo; e apresentações de trabalhos, em vários encontros de natureza científica. Esses eventos proporcionaram, também, a possibilidade de conhecer outros estados do Brasil.

A partir do envolvimento com a temática voltada para a Educação de Jovens e Adultos do campo, e por identificação pessoal, minha formação teve forte influência das leituras relacionadas ao pensamento do educador Paulo Freire, sobre a importância da educação crítica e libertadora para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática.

Com o passar do tempo, fui conhecendo a educação como uma abordagem mais humana, diferente daquela educação do mercado, ou seja, que sobrepõe os interesses do mercado aos interesses humanos. Comecei a perceber a educação como uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, segundo Paulo Freire (1996), deve ser a que aspira a uma transformação na sociedade e não a intervenção para imobilizar a história e manter a ordem injusta.

Após a conclusão da graduação, em 2006, minha intenção era continuar estudando, visando à realização do mestrado; no entanto, tive que adiar esse projeto, porque precisava trabalhar para alcançar minha independência financeira. Desse modo, iniciei o caminho de concursos dentro da minha área de formação.

Nessa perspectiva, minha primeira experiência profissional foi em 2007, como professora substituta de turmas da Educação Infantil e do Fundamental I, em escola pública, do município de Fortaleza. Em 2009, depois de lograr êxito em concurso municipal, fui morar e trabalhar na cidade de Pacajus/Ceará, como coordenadora pedagógica, cargo efetivo, em escola pública do próprio município. Durante esse período, participei de várias capacitações, em serviço, na área da alfabetização. E, atuando em cargo de gestão, resolvi fazer Especialização em Gestão Escolar na Faculdade Kurius, situada em Pacajus.

Visando retornar para a cidade de Fortaleza e obter melhoria salarial, após ter logrado êxito em concurso para professores, retornei, em 2010, para a Prefeitura de Fortaleza; desta vez, como professora efetiva do município, atuando no Ensino Fundamental I. Essas experiências profissionais nas áreas de Ensino e Gestão foram muito importantes para o desenvolvimento da minha prática docente, quando aprendi muito sobre a dinâmica da escola; suas

dificuldades; a relação professor-aluno; disciplina; afetos; compromisso social; liderança; relações interpessoais; planejamento participativo e democrático; tomada de decisões; e tantos outros saberes que permeiam o exercício da docência e a área educacional. Também me proporcionaram vivenciar intensamente as dificuldades que envolvem a carreira docente, como: as dificuldades da formação de professores em serviço; e a luta da classe dos professores, por meio dos movimentos de greve, em busca de valorização e melhores condições de trabalho.

Nesse momento, percebendo as dificuldades do trabalho docente diante de uma rotina exaustiva e de condições precárias de trabalho, fatores que impediam a realização de um trabalho de melhor qualidade, mesmo sendo professores bem formados, despertou em mim o interesse em estudar a temática pertinente à formação docente. No entanto, devido a esses problemas da prática docente que, conseqüentemente, dificultavam também a formação contínua, não foi possível cursar um mestrado. Desse modo, a partir desses incômodos, fui em busca de melhores condições de trabalho; tempo para estudo; prezando também por melhor qualidade de vida.

Assim, voltei à rotina de estudos para concursos; com determinação e perseverança, atitudes que sempre mantive, ao longo da minha trajetória de vida, consegui aprovação no concurso do IFCE, para o cargo de pedagoga e, em 2016, fui nomeada e lotada no *campus* Guaramiranga.

No IFCE, *campus* avançado Guaramiranga, onde hoje atuo, iniciei o trabalho com a modalidade da Educação Profissional e Tecnológica. Nesse *campus*, contribuí, na Coordenadoria de Ensino, por um período de 4 anos, desenvolvendo atividades relacionadas à organização, manutenção e ao funcionamento do ensino; vivenciei o cargo de direção-geral do *campus*, como substituta, experiência que ampliou meus conhecimentos no âmbito institucional; e acompanhei, por um período, atividades relacionadas à Extensão.

Atualmente, exerço atividades inerentes ao setor técnico-pedagógico, as quais envolvem o acompanhamento e a avaliação das ações pedagógicas desenvolvidas no *campus*, bem como realizo atividades relacionadas à Assistência Estudantil.

Conclusão

A partir deste trabalho com a EPT, atuando no acompanhamento das atividades realizadas pelos docentes, pude conhecer melhor alguns aspectos da docência, nessa modalidade, como o fato de não haver a obrigatoriedade da formação na docência e de uma história de ausência de política de formação destinada aos professores que atuam no âmbito da Educação Profissional. Desse modo,

deparei-me com um tema intrigante relacionado à formação de professores, desta vez, ligado ao interesse de entender como professores percebem a constituição dos saberes da docência na Educação Profissional, ao longo da trajetória de vida.

Nessa perspectiva, no mestrado profissional do ProfEPT, tenho interesse em trabalhar o projeto de pesquisa intitulado de “Narrativas de Professores Acerca dos Saberes da Docência na Educação Profissional e Tecnológica: Um Estudo de Caso no IFCE”, o qual se justifica em três aspectos: pessoal-profissional; acadêmico; e social. Do ponto de vista pessoal-profissional, considerando a minha formação em Pedagogia, e que, atualmente, trabalho com a Educação Profissional no IFCE, desenvolvendo atividades relacionadas ao setor técnico-pedagógico, por meio deste estudo, será possível visualizar caminhos e compreensões relacionadas à prática docente, proporcionando conhecimentos que ajudarão no meu trabalho de pedagoga, e colaborar na orientação e em propostas de intervenção para melhorar a prática docente.

Em relação à questão social, tal estudo será importante para um despertar de ações mais específicas para a melhoria do trabalho docente, o que, conseqüentemente, influenciará na qualidade da formação dos discentes como profissionais mais preparados para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade. O estudo em questão contribuirá também para a área de Educação Profissional, trazendo elementos que ajudem a entender a experiência formativa dos docentes, de forma a servir de base para a implantação de uma política de formação de professores da EPT.

Desse modo, a temática a ser estudada terá relevância para a linha de pesquisa Práticas Educativas, pois fará indicativos dos saberes próprios do ensino dos professores da EPT, uma temática ainda pouco discutida na literatura, mas necessária para obter reflexões importantes acerca da formação docente na Educação Profissional.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1986.

CRUZ, Nátalia Mori. **Inclusão e exclusão na nova capital**. Brasília: Pós-Revista Brasiliense de Pós-graduação em Ciências Sociais, ano V- Brasília: Instituto de Ciências Sociais, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RODRIGUES, S. N. **Narrativas de professores acerca dos saberes da docência na educação profissional e tecnológica**: um estudo de caso no IFCE. Projeto de Pesquisa. Fortaleza, 2022.

VIVÊNCIAS: CONTRIBUIÇÕES NO PERCURSO FORMATIVO PESSOAL E PROFISSIONAL

Maria Josemeire Evangelista Lima

Início da Caminhada

A trajetória da vida é habitualmente definida pelo percurso feito por nós, ao longo do tempo, com aqueles que permeiam nossa memória, evocando sensações e impressões retidas na lembrança. Geralmente, lembramos de fatos importantes de nossas vidas, quase sempre associados a eventos históricos, construindo uma linha temporal paralela a esses acontecimentos. Este memorial é uma narrativa das experiências que me permitiram chegar até aqui.

No início da década de 1970, o país vivia o final do Milagre Econômico Brasileiro, forjado nos porões da ditadura e no distanciamento entre ricos e pobres, o que desencadeou um acentuado processo migratório, principalmente da população nordestina em busca de ocupações. Meus pais, assim como inúmeras famílias nordestinas, fugiam do flagelo da fome e da seca, num constante ir e vir, sempre com a esperança de poder ficar. Morávamos no Sertão dos Inhamuns, hoje, Sertão dos Crateús, na cidade de Nova Russas, precisamente, numa localidade chamada Fechado, onde nasci, em 18 de março de 1972, véspera do dia de São José, o que deu origem ao meu nome, Josemeire.

Sou de uma família de cinco irmãos, dos quais um é adotivo, pois minha mãe já estava na terceira filha e nada do tão sonhado filho homem. Meus pais, trabalhadores da agricultura, com pouca escolarização, nascidos em um período em que a escolarização média era de 2 anos e, para os negros (caso do meu pai), de 0,9 anos, perseguiam o ideário de que deixariam a educação como herança para seus filhos. Meu pai falava, constantemente: “Meus filhos é pra estudar” (*sic*).

Minha mãe, dedicada a cada um de nós, tomou para si a missão de cuidar da família. Embora sempre muito ocupada com todos, era, e ainda é, perceptível, em minha mãe, uma excelente habilidade lógico-matemática e, em meu pai, o gosto pela leitura. Ainda que, com pouca escolarização, o patriarca de nossa família estava sempre lendo algo, e o horário do Jornal Nacional, já era protocolo: todos sabiam seus lugares e o que fazer nessa hora – silêncio! Era o momento mais importante do dia. Nós aprendíamos que os adultos precisavam estar atualizados e o exemplo de vê-lo atento às informações, veiculadas no jornal, nos contagiava. Respondíamos boa noite ao apresentador. Após a

novela, tomávamos a bênção aos nossos pais, nos beijávamos, e íamos, para o nosso quarto, falar com Deus, por meio de nossas orações.

A educação sempre foi exemplo, em nossa família, não a educação formal, pois essa ainda era vista como algo a ser atingido. Ao lembrar-me desses momentos, transporto-me para um período em que a única educação que nos podia ser apresentada era a dos valores morais, éticos (de forma subconsciente) e de religiosidade, através dos exemplos de nossos pais. Aprendi que muitos dos valores construídos em família seriam a base para o resto de nossas vidas, e a curiosidade de meu pai, acompanhada do gosto por informações, subsidiaram minhas pesquisas. Identifico que o raciocínio lógico de minha mãe esteve presente, em minha formação acadêmica, assim como sua espiritualidade, que reafirma, diariamente, a minha crença em Deus, tão presente em nossas orações. Assim, o amor que nos unia foi fundamental tanto para a minha formação pessoal como profissional.

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 1996, p. 26).

A formação profissional passa pelos bancos da escola e da vida; não dá para dissociar essas duas coisas, pois somos senhores do nosso aprendizado.

Início da Trajetória: Educação Infantil e Ensino Fundamental

Sonhava em ser professora, assim como muitas crianças, pois tinha uma visão romântica a respeito da profissão. Desde muito pequena, já desejava desempenhar a função do Magistério, o que era comum para meninas, na década de 1970, período em que cresceu a participação de mulheres no ensino público. Mesmo com toda a desvalorização da profissão de professor, pela sociedade atual, esse ainda é o meu sonho, associado a alguns dissabores.

Iniciei meus estudos aos 8 anos de idade, no ano de 1980, na Escola Estadual de 1º Grau Monsenhor Leitão, que frequentei até a 3ª série do 1º Grau, nomenclatura dada pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 5.692/1971, aprovada sem participação popular e que ratificou o tecnicismo pedagógico. Foi no “Grupo da Dircinha”, como era conhecida a Escola Monsenhor Leitão, que conheci a Tia Ritinha, minha professora da 3ª série, e em quem me inspirei para seguir a carreira no Magistério. Não sei se a culpo ou a venero! Naquela época, chamar a professora de “tia”, era referência de afeto e aproximação, e eu a amava, a admirava tanto que o meu maior prazer era quando ela corrigia as nossas cópias diárias e dizia: “Parabéns!”.

Hoje, com a busca pela profissionalização, essa nomeação: “tia”, chega a ser considerada depreciativa. Em tempos de mal-estar docente, o professor não quer ser tratado como um parente, e,

sim, como o detentor de um título acadêmico que muito o dignifica. No ano seguinte, minha família mudou para um município vizinho, Ipueiras, e fui estudar na Escola Padre Angelim, local em que exerço a função de docente. Como minhas notas eram muito boas, fui dispensada do teste que a escola exigia. Estudei a 4ª série nessa escola, e lá conheci amigos que, hoje, são colegas de profissão.

Na Escola Padre Angelim, além de conhecer amigos de uma vida toda, vivi momentos marcantes, pois, nesse único ano em que passei lá, não só eu, como todos, tivemos que superar a trágica morte de nossa professora, Miralgusta, que morreu soterrada nos escombros de um trágico acidente em sua residência. No Grupo, como era chamada a Escola Padre Angelim, eu fazia parte de todas as atividades extraclasse: apresentações; formação de grupos de dança; quadrilhas juninas; e tantas outras atividades. Lá iniciei meu protagonismo, pois era uma criança que participava das atividades da escola com um comprometimento nato, sentia-me sujeito do processo.

Já na 5ª série fui para o Colégio Estadual Otacílio Mota (Ginásio), o sonho dos jovens da época, pois era uma escola de referência. Com a mudança, passei a sentir-me uma “aluna grande” e troquei as brincadeiras por conversas de adolescentes no recreio. No ano em que eu concluiria o 1º Grau, parecia que iria mudar de mundo. A expectativa era enorme, mesmo continuando no mesmo colégio, agora ia ser adulta, pois estudaria à noite, no Curso Normal. Em dezembro, aconteceu a formatura. Naquele dia, parecia o fim de um ciclo, e era, mas a sensação era de despedida.

No Colégio Estadual, concluí o Ensino Fundamental e o Ensino Médio Normal – Pedagógico, formação obrigatória, à época, a única possível para as classes menos favorecidas, sem caráter propedêutico e em um processo compulsório de profissionalização.

Ensino Médio: A Escolha do Caminho

A conclusão do Ensino Fundamental foi o fim de um ciclo, não só na minha vida estudantil, mas na minha trajetória. Naquele momento, senti que algumas responsabilidades e decisões passariam a ser minhas.

Dentre as minhas novas atribuições, a que mais me atormentava era: Que profissão seguir? Deparei-me, então, com essa necessidade de escolha, o que, em razão da minha pouca idade e inexperiência de vida, não conseguia definir. O Magistério era a minha primeira opção, mas já não tinha a visão tão romântica de outrora, a respeito da profissão. Estávamos no final da década de 1980, e as marcas do tecnicismo, linha de ensino adotada por volta de 1970, que privilegiava, excessivamente, a tecnologia educacional e transformava professores e alunos em meros executores e receptores de projetos elaborados de forma autoritária e sem qualquer vínculo com o contexto social a que se destinavam, está, ainda hoje, presente na educação brasileira. A influência era muito forte, pois, na cidade onde morava, só existia um curso de Ensino Médio na modalidade profissionalizante – o Pedagógico: a pedagogia tecnicista.

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advogou a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretendeu-se a objetivação do trabalho pedagógico. Buscou-se, então, com base em justificativas teóricas derivadas da corrente filosófico-psicológica do behaviorismo, planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor e se na pedagogia nova a iniciativa deslocou-se para o aluno, na pedagogia tecnicista o elemento principal passou a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária. A organização do processo converteu-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção (Saviani, 1995, p. 23).

O desejo de ser professora permanecia, mas, como toda adolescente, tinha sonhos e muitas dúvidas. Sonhava com uma profissão de destaque, como: médica, advogada, engenheira, e sabia que, fazendo apenas o Curso Normal, não teria chance nos vestibulares, assim, decidi matricular-me em um Curso de Ensino Médio Científico, na cidade de Ipu, distante 24 quilômetros de Ipueiras.

Fazia o Científico pela manhã e o Pedagógico durante a noite. O sonho de uma vida melhor era, talvez, o único que perseguia, sem sombra de dúvidas, fazendo-me enfrentar a cansativa dupla jornada. Era o princípio da mudança. Vivíamos um momento de muitas mudanças, em nosso país, nas áreas política, econômica e social e, conseqüentemente, na educação.

Tínhamos o caminho para a mudança social que nosso país precisava, a partir da educação, como cidadãos críticos. O construtivismo, caminho para a abertura de questionamentos em torno dos métodos tradicionais, embora mal interpretado por muitos educadores e em diversos momentos confundido com “bagunça”, caindo em descrédito, foi a porta de entrada da educação libertadora.

No ano de 1991, iniciei o estágio na Escola Estadual Padre Angelim, em uma turma de Educação Infantil, mas logo fui transferida para uma de 5ª série, pois minha professora dizia que eu era uma ótima aluna e queria que eu fosse para uma série mais avançada. Tal situação me desagradou muito, porque eu tinha sido envolvida, totalmente, pelo carinho das crianças. Mesmo a contragosto, atendi a solicitação da professora, mas passei a não gostar da turma, da escola e do professor, enfim, concluí o estágio com a certeza de que não queria aquilo para a minha vida. Passei, então, a dedicar-me mais ao Curso Científico, pois agora perseguiria, incansavelmente, a tão sonhada vaga na universidade. Concluído o curso, veio a formatura. Momento de muitas despedidas, e, mais uma vez, o fim de um ciclo.

Universidade: O Ideário

Ao concluir o Ensino Médio, considerado um grande feito para uma mulher pobre, no início dos anos 1990, deparei-me com a necessidade de trabalhar e o desejo de estudar. Passei um ano sem estudar em instituições formais de ensino, mas, como queria prestar vestibular, estudava, diariamente, de 8h às 16h, utilizando as apostilas de um amigo, filho de pais ricos, que estudava em Fortaleza e, à medida que as usava, me doava.

Página | 84

No final de 1982, resolvi prestar vestibular. Na época, a universidade pública era inimaginável, assim, tentei a única que conhecia, a Universidade de Fortaleza (Unifor), e consegui a aprovação. Mas, o que fazer então? Como iria cursar se não tinha condições financeiras? Meu pai logo traçou um plano e resolveu a situação financeira, assim, ingressei na Universidade, em Ciências Contábeis, base da minha formação profissional. A permanência no curso de Ciências Contábeis foi pouca. Engravidei, casei-me e logo abandonei os estudos.

Tive, então, minha primeira experiência informal de trabalho, como vendedora em uma loja. Logo depois, fiz uma seleção para a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e tive a minha primeira experiência formal de trabalho, como recenseadora. Após 4 anos de casada, divorciei-me. Comecei a trabalhar como auxiliar de serviços gerais em uma escola, e, logo em seguida, assumi um cargo de professora responsável pela escola. Nesse mesmo período, prestei novamente vestibular para Ciências Contábeis e Pedagogia, ambos os cursos pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e retomei minha jornada acadêmica.

Era 1988, e após algumas experiências com empregos formais e informais, submeti-me a um concurso público para professor, e fui aprovada. No ano seguinte, fiz um novo concurso para professor e novamente fui aprovada. Agora concursada e estabilizada, passei a dedicar-me à conclusão dos cursos de bacharelado e licenciatura já iniciados. No ano de 2000, surgiu a oportunidade de assumir um cargo de gestão, em uma escola da rede estadual de ensino, como coordenadora financeira. Participei da seleção e consegui aprovação.

Dessa forma, tomei a decisão que mudaria o rumo da minha vida. Desisti de um dos meus cargos de professora concursada, para assumir um cargo em comissão, na gestão de uma escola da rede estadual, no município de Ipueiras, lugar onde morava. Foram 11 anos como coordenadora escolar. Nesse período, terminei minhas duas graduações, fiz pós-graduação (Especialização) em Gestão e Avaliação da Educação Pública e venho me consolidando como gestora.

Passados esses bem vividos 11 anos, decidi renovar minhas forças participando de um processo seletivo para atuar como coordenadora de uma Escola de Educação Profissional em Fortaleza/CE. Foram 2 anos nesta escola, 2011 e 2012. Nesse curto período de tempo, tive as maiores lições de minha vida; aprendi como NÃO tratar as pessoas, a como NÃO lidar com os profissionais que estão em cargo hierarquicamente inferior ao meu, e a como NÃO discriminar as pessoas por serem de regiões diferentes, em especial, as do interior do Estado.

Com essa difícil experiência, decidi mudar os rumos da minha história novamente. Participei de uma seleção pública para diretora de uma escola profissional, e fui considerada apta a assumir o cargo. Desde 2013, tenho vivido a inigualável experiência de trabalhar como diretora na Escola Estadual de Educação Profissional do Município de Nova Russas, em um projeto educacional pioneiro, que, com o desafio de integrar o Ensino Médio à formação profissional, oferece educação em tempo integral

aos jovens cearenses, ampliando a concepção do direito à educação, ao estabelecer um efetivo diálogo com o mundo do trabalho.

Gestão Escolar: A Descoberta do Caminho

Em 1º de fevereiro de 2013, assumi a gestão da Escola Estadual de Educação Profissional Manuel Abdias Evangelista, como também assumi e reconheci, em mim, a educadora que sou. Vi a minha vida mudar; as minhas vivências me trouxeram até aqui, as vitórias, os fracassos, as aprendizagens. Os desafios da gestão escolar são enormes e só cresceram, com o passar do tempo, legitimando a importância do trabalho dos gestores escolares no processo de ensino e aprendizagem.

A gestão escolar envolve um contingente de informações e atividades voltadas para o ensino e a aprendizagem. Nesse contexto, sempre ponderei as questões que envolvem o que se ensina e como se está ensinando, pela complexidade nelas existentes. O currículo é o caminho da escola; seu ponto de partida e chegada; compreender o currículo e as práticas que o envolvem é uma atividade que venho, ao longo dos anos, tentando entender e melhor definir.

Com as minhas observações dos fazeres adotados na escola, desejo realizar um resgate histórico sobre a implantação das Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs), a construção dos seus currículos, sua organização e desenvolvimento. Como as escolas situadas no Sertão dos Crateús vêm implantando seus currículos? Qual a relação desse currículo com o cotidiano dos educandos? Que práticas integradoras adotadas propiciam a integração curricular nessas escolas?

Para terminar, deixo aqui minhas vivências, e com elas, as certezas e incertezas que adquiri ao longo do caminho. Saberes que me permitiram chegar até aqui e construir a pessoa que sou.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatísticas da educação básica no Brasil**. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 1999.

MEMORIAL

Gabriela Pereira Souza⁵

Introdução

Escrever sobre meu percurso de vida é uma atividade que faz aflorar diversos sentimentos. Neste memorial, elenco os principais momentos que me tornaram a pessoa que sou hoje. Trata-se de lembrar cada passo que foi importante para o meu percurso profissional, pois hoje conto com a oportunidade de ingressar no Mestrado de Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal do Ceará (IFCE). Assim como Michele Gomes Alves (2022, p.293), em seu memorial, nos lembra que *"o processo de escrita do memorial é como rememorar, ou reviver memórias, e se autobiografar nos detalhes que suscitam ou suscitaram atenção"*.

Segundo Oliveira (2005, p. 121), memorial “[...] é um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa”.

Narrar é contar um fato ocorrido em dado lapso temporal. No que se refere a um memorial, construir uma narrativa é falar sobre si e tudo o que foi vivido, tal como diz Bakhtin (2003, p. 13), *“em que eu me torno um outro da minha própria história”*. Assim sendo, o ato de escrever sobre mim reporta muitas dores, marcas que sempre existirão, e que não devem ser esquecidas, ou deixadas de ser evidenciadas, pois são exatamente as que não me deixam esmorecer. Claro que existem muitos momentos de conquistas, que humildemente são reverenciadas como consequências de esforço, dedicação e persistência.

Por esse ângulo, farei um breve relato sobre minha vida na infância; minhas escolhas na Educação Básica; especialmente no Ensino Médio, todas impulsionadoras dos meus percursos acadêmico e escolar; minhas experiências profissionais, e jornadas de busca pelo aprendizado dentro da academia, bem como evidenciar pessoas que foram importantes em minha formação humana.

Origem Humilde: Superação e Esperança

Nasci em 1977, em Fortaleza/CE, numa família muito humilde. Minha mãe era muito jovem, quando, em um namoro curto com meu pai, me concebeu. Sem pai presente, minha mãe precisava

⁵ Mestranda do ProfEPT do IFCE. Professora da Rede Municipal de Maracanaú/CE. profgaby@hotmail.com

trabalhar. Logo, fui registrada e criada por minha avó. Uma pessoa iluminada por Deus, e que hoje mora com Ele, intercedendo por nossas vidas aqui na Terra.

Dois anos e sete meses mais tarde, ganhei uma irmã, Daniela, companheira, amiga, que também foi registrada e criada por minha avó. Depois, contei com mais quatro irmãos, frutos do casamento de minha mãe. De acordo com Weschenfelder (2007, p.15). “A família é a unidade responsável pela criança, que deve interagir influenciando o seu desenvolvimento”.

Pertencente a uma família com muitas restrições econômicas, minha avó e minha mãe sustentavam a casa com confecção de moda praia e moda íntima. Porém, o tempo todo me impulsionaram a estudar. Continuamente, estudei em escola pública. Elas, incansavelmente, incentivaram-me e ensinaram-me que só conseguiria mudar a minha vida, e, depois, a vida dos meus irmãos, com muito esforço e dedicação. E que somente com estudo eu teria uma vida melhor.

Somos personagens de vivências históricas, por isso, com o enfrentamento das condições que a vida nos impõe, podemos conduzir e reconduzir nossos percursos com a busca pelo conhecimento. Para Aranha (2006, p. 19), “não nos compreendemos fora da nossa prática social, porque esta, por sua vez, se encontra mergulhada em um contexto histórico-social concreto”. Desse modo, nos contextos sociais em que estamos inseridos é que construímos os caminhos que nos tornam os profissionais que somos, e que construímos nossos valores pessoais e pensamentos sociológicos e filosóficos daquilo que compõe o ser social no mundo.

Nesse contexto, desde pequena, compreendi que poderia mudar minha trajetória, transformando expectativas que muitos acreditavam ser as únicas, tais como, arranjar um marido; ter filhos; e cuidar da casa; para uma realidade em que eu estive incluída com pessoas que leem, discutem, pensam, e se tornam algo.

Aprendi a costurar muito cedo. Aos 9 anos, já produzia uma peça completa de biquini. Lembro-me dos momentos em que saíamos para comprar retalhos (pedaços de lycra – tecido), pois eram mais baratos do que comprar por metro. E, mesmo mocinhas, minha irmã e eu entrávamos no ônibus com os sacos na cabeça. Claro que tínhamos vergonha, mas precisávamos ajudar nossa mãe. E, apesar de toda a dificuldade que tínhamos, ela nunca nos deixou desistir dos estudos, sequer faltar às aulas, além de acompanhar ativamente na escola, inserindo-se em nossos ciclos de amizades. Ela me ensinou, desde pequena, que acompanhar o filho, em todos os momentos de sua vida, é o que faz a diferença na formação de uma pessoa.

Decisão Fundamental: Ser Professora

Pensando em ser alguém, com os incentivos e a certeza de que não queria me tornar uma costureira, no Ensino Médio, decidi cursar o Magistério.

Ocorre que a Lei n. 7.044/1982, referente à profissionalização do ensino (hoje revogada pela Lei n. 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN), estava em vigor em 1992, ano em que entrei no 1º ano do 2º Grau (forma como era titulado o atual Ensino Médio), e trazia, em seu artigo 4º, parágrafo 2º, que a preparação para o trabalho, no Ensino de 2º Grau, “poderá ensejar em habilitação profissional, a critério do estabelecimento de ensino”. E, desse modo, escolhi cursar o 2º Grau Pedagógico, como se falava na época, entre as opções de administração e contabilidade, que a única escola do bairro oferecia.

Nessa modalidade de ensino, os alunos estudavam o 1º ano, conhecido na época como Científico, e, no 2º ano, escolhiam a habilitação profissional que desejavam. A partir daí, não constavam mais as disciplinas preparatórias para o vestibular. No meu caso, vi todas as disciplinas voltadas para as metodologias do Ensino Infantil e 1º Grau menores (o que correspondia até a 4ª série).

Porém, essa escolha, para mim, foi muito significativa, pois minha mãe se separou e saiu de casa com meus outros quatro irmãos, nesse período, e foi morar próximo à minha avó, que ainda criava a mim e à minha irmã. Ininterruptamente, frequentamos ora a casa da minha mãe, ora da minha avó. E foi a partir dessa escolha que, aos 15 anos, procurei uma instituição comunitária de apoio social, escolar e profissional dos jovens da periferia, muito conhecida na cidade de Emaús. Solicitei ao coordenador, fundador do projeto, que me deixasse trabalhar numa das atividades de reforço escolar para crianças, que acontecia em um barracão. Com permissão, iniciei a prática de lecionar em reforço escolar, e como o projeto não poderia me beneficiar com retorno financeiro, eu ganhava uma panela de sopa, todo final de tarde, com a qual alimentava meus irmãos.

Estudando e trabalhando, surgiu uma oportunidade na minha escola. Tratava-se de uma seleção para monitoria da Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor do Estado do Ceará (Febemce). O município de Fortaleza contava com muitas casas de atendimento ao menor em situação de vulnerabilidade social. Desde então, os monitores eram estudantes oriundos do 2º Grau Pedagógico. Nessa seleção, eu fui escolhida, apesar de o processo só contar com uma vaga, para minha escola.

Estudava pela manhã e trabalhava na instituição à tarde. Recebia uma bolsa que auxiliava no transporte. Porém, foi nessa experiência que me encontrei. Ali, percebi que tinha feito a escolha certa para o que eu queria ser: professora.

No período do estágio, vivenciei diversos momentos difíceis, em família, mas quando estava na escola, ou na instituição, estagiando, eu fazia o que me tornava grande. Convivia com pessoas que eu tinha muita estima e consideração. Tínhamos formações na Secretaria de Ação Social. Realizávamos dinâmicas. Eu constantemente interagía com as pessoas, fazia meu melhor, para me tornar indispensável nos projetos que executávamos.

Então, o Ensino Médio acabou e, por sua vez, o estágio também. E, com isso, surgiu a necessidade de ingressar na universidade. Contudo, um grande impasse foi determinante, para que esse momento se tornasse mais difícil ainda. Eu não tinha estudado Matemática, Química, Física, Biologia, que me permitisse realizar um bom vestibular. Foi então que ingressei num cursinho, que minha mãe pagava, ainda costurando suas peças na máquina, e vendendo nas feiras do bairro. Além de ajudar no custeio dos estudos, minha avó e minha mãe ainda garantiam o sustento de meus irmãos, sem descansar e sem desmotivar nenhum de nós.

Eu estudava pela manhã, ajudava costurando à tarde, e voltava a estudar à noite. As matérias eram muito difíceis, eu não tinha base. Contudo, não passei no primeiro vestibular. Não há como descrever a decepção, quando ouvia no rádio cada aluno aprovado para Universidade Federal do Ceará (UFC), e que meu nome não aparecia. Pensava nos finais de semana, passando o dia no cursinho oferecido pelos alunos da Universidade Estadual do Ceará. Nos dias em que assistia aula durante o dia todo, e não tinha dinheiro para lanche, minha mãe, de bicicleta, deixava algo para eu comer no cursinho. Mas, enfim, não passei, e não poderia esperar muito tempo para reagir.

Primeiras Experiências Docentes

Já com 18 anos, conhecidos da minha mãe me indicaram para uma vaga numa escola pública do município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza. Iniciei minha primeira experiência verdadeiramente profissional. Comecei a lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Eu não queria nem saber quanto era o salário, apesar das dificuldades, o sentimento de importância em ser professora ali foi tão grande que suprimiu toda e qualquer necessidade de conhecer os processos contratuais.

Esses procedimentos de contratação de professores temporários, não muito diferentes de hoje, eram tão burocráticos que meu primeiro salário saiu com atraso de 3 meses. Minha mãe foi ao banco comigo. Quanto eu recebi, não me lembro. Mas sei que foi o suficiente para aliviar as contas da casa. Minha mãe perguntou o que eu queria, e eu pedi uma agenda rosa, daquelas infantis, da Minnie. No retorno para casa, vinha folheando a agenda, com tanto apreço, como se fosse um presente muito especial.

Permaneci dois anos lecionando nessa escola, quando um efetivo chegou para ocupar a vaga em que eu estava como temporária. A vida de um professor temporário, ou substituto, é muito instável. Porém, uma vez dentro do sistema, através de conhecimentos interpessoais, não demorou muito para surgirem novas vagas, em outras escolas. Portanto, permaneci lecionando no município por quase 4 anos. Já tinha uma profissão que me dava (e dá até hoje) muito orgulho.

Entre um contrato e outro, como substituta nas escolas públicas, costumava ficar uns dias em casa. Os contratos temporários são incertos, e raramente sabíamos se seríamos contratados novamente. Traz uma lembrança de como essa função tem sido fluida, conforme Bauman (2001, p. 8) retrata: “[...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la”.

Em 1999, por meio de conhecimentos adquiridos no estágio na Febemce, participei de uma entrevista de emprego, para o cargo de coordenador pedagógico de um projeto estadual conhecido como ABC. O referido projeto tinha como objetivo promover a inclusão social e o desenvolvimento infanto-juvenil, na perspectiva do exercício concreto da cidadania, por meio de atividades pedagógicas, esportivas, artísticas e culturais, sob a gerência da Secretaria do Trabalho e Ação Social. A seleção exigiu experiência em regência na docência e o Ensino Médio Magistério.

Dentre 12 candidatos, fui selecionada para assumir a vaga de Coordenadora Pedagógica no Projeto ABC, localizado no bairro do Pirambu. Passei cinco anos na função. Tempo suficiente para vivenciar diversas experiências exitosas. Nessa função, não se tratava de lecionar diretamente, mas coordenar pedagogicamente outros profissionais que exerciam a função de monitores educacionais em reforço e complemento pedagógico em arte, esporte e cursos profissionalizantes.

Entre 2000 e 2005, ainda na função de coordenadora pedagógica no Projeto ABC, lecionava em escolas estaduais, no turno da noite, como professora de inglês, em decorrência de um curso que realizei, entre outros diversos cursos e eventos educacionais de que participei. Sob indicação dos superiores da Ação Social, fui convidada a ministrar alguns cursos de aperfeiçoamento pedagógico. Entre eles, destaco o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), que objetivava combater o trabalho infantil com ações de incentivo à manutenção da criança na escola, e, para isso, disponibilizava um valor para a família manter a criança apenas estudando, tirando-a do trabalho infantil.

Meu trabalho no programa abrangia a formação dos monitores que trabalhavam no programa. Como o programa envolvia o estado do Ceará, as formações aconteciam em todos os municípios. Logo, tive a oportunidade de viajar para algumas cidades interioranas, e conhecer diversas pessoas e culturas diferentes. Naquele momento, de forma bem genuína, iniciava minha primeira experiência com Formação de Professores.

Universidade, Ganhos e Perdas: Mudança de Vida

Sem desmotivar dos projetos almejados para o ingresso na universidade. Em 2000, a UVA trouxe para Fortaleza o Curso de Pedagogia em regime especial. Fiz o vestibular, e consegui ingressar na primeira turma, em Fortaleza. As aulas eram nos finais de semana e nas férias, e tinha duração de

dois anos. Vale ressaltar que a intenção da UVA, nesses cursos em regime especial, era para atender a uma exigência que a LDBEN, Lei n. 9.394/1996 trazia no cumprimento de nível superior em Pedagogia, para lecionar nas séries iniciais, eximindo o direito de professores que tinham apenas o Ensino Médio Pedagógico.

Entre as ocupações do trabalho e da universidade, descobrimos que minha avó-mãe estava com um câncer de mama bem avançado. Iniciamos uma luta bastante difícil em nossas vidas. Minha mãe, minha irmã e eu, dividimos o acompanhamento de médicos, quimioterapias, e radioterapias, com nossas ocupações cotidianas. Mas, a maior dificuldade que sentíamos era ver a dor que ela sentia no corpo e na alma. Porém, nossa fé na restauração da saúde dela era tão forte, que não nos permitimos esmorecer. Estivemos ao lado dela em todos os momentos, até o fim.

Em 2005, casei-me e saí de casa. No mesmo ano, minha avó faleceu, ou seja, minha mãe de registro e criação. Diante dessas mudanças, pedi meu desligamento do Projeto ABC do Pirambu, e fui trabalhar numa escola privada. Nessa escola, exerci a docência e a coordenação do Ensino Médio. Por conseguinte, quando meu filho nasceu, em 2007, ele estudou nessa mesma escola toda sua Educação Infantil e o Ensino Fundamental, séries iniciais.

Estar inserida na rede privada de ensino requer mais disciplina; atuação mais conteudista; e com poucas oportunidades de participar de formações de aperfeiçoamento. Mesmo sem habilitação, ao longo desses anos, a escola me destinou turmas do Ensino Fundamental nas disciplinas de Português, Ciências, História, e Artes.

Diante disso, levada por uma inquietação e vontade de crescer na educação, almejava lecionar no Ensino Médio. Logo, ingressei em uma Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, na mesma universidade em que cursei Pedagogia.

Através desse curso, mesmo dividindo meu tempo entre a maternidade e a docência na escola particular, comecei a participar de seleções para professores temporários da Prefeitura de Fortaleza. A cada aprovação, eu era lotada em uma escola próxima da minha casa, nos turnos que estavam disponíveis, principalmente à noite. Então, trabalhava nos três turnos.

Com meu filho pequeno, tive (e tenho) muito apoio do meu esposo. Ele me apoia em tudo, nas tomadas de decisões em que almejava realizar meus sonhos profissionais. Compartilhamos a rotina diária doméstica e a educação do nosso filho. Temos percursos profissionais diferentes, porém, compartilhamos os mesmos sonhos de crescimento familiar. Por isso, como nos diz Almir Sater (1990), em sua composição: “Cada um de nós compõe a sua história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz”. Destarte, meu esposo e eu buscamos trilhar o nosso próprio caminho de vida, de forma simples e harmônica, com o intuito de constituir a formação do nosso filho, e a nossa felicidade, pessoal e profissional.

Mudança de Nível Docente: Concurso Público

Ainda buscando avançar na docência, no ano de 2009, passei a lecionar no Ensino Médio, como professora temporária, numa escola estadual, na disciplina de Língua Portuguesa, em decorrência da especialização, e na Língua Inglesa, em decorrência do curso mencionado. Assim, continuava a trabalhar na escola particular e na escola pública estadual.

A partir desse momento, retomei a rotina de capacitações docentes, nos cursos de formação continuada para professores, promovidas pela Secretaria de Educação.

Após dois anos de efetivo exercício na escola estadual, fui convidada para exercer o papel de Professor Diretor de Turma (PDT), na 1ª série do Ensino Médio. O PDT propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades (Seduc, 2008).

Essa experiência separa os conceitos de professor e educador. Compreendi que ser apenas professor, no seu conceito mais genérico, é aquele que transmite o conhecimento das disciplinas escolares, ao passo que o educador é comprometido com a formação integral do educando, e o seu papel na sociedade.

A partir de então, situei-me como professora-educadora, partindo dos pressupostos de Paulo Freire, quando disciplina sobre a importância de valorizar os conceitos de cada pessoa, considerando que o processo de ensino deve levar em consideração os saberes prévios dos educandos.

Lecionei em outras escolas estaduais, concomitantemente, até que, em 2011, fui aprovada no concurso público do município de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza. Durante o dia, passava em Maracanaú, e, à noite, lecionava na escola estadual. Esse período foi muito complicado em minha vida, pois meu esposo passava o dia trabalhando, e tivemos que deixar nosso filho aos cuidados da minha sogra.

A distância entre uma cidade e outra é de pouco mais de 23 quilômetros. A rotina foi ficando cansativa. Decorrido um ano e meio, surgiu uma seleção para gestão escolar do governo do estado. Participei e fui aprovada, no entanto, para assumir o papel precisava ser chamada por um diretor eleito pela comunidade escolar. Somente assim seria possível trabalhar próximo da minha casa, em cargo comissionado, cedida de Maracanaú para o Estado.

Entre algumas opções que o diretor da escola em que eu estava trabalhando no turno da noite tinha, ele escolheu me convidar para compor sua equipe de coordenadores escolares. Porém, outro desafio surgiu, pois estava em estágio probatório, posição de impedimento para cessão de servidores públicos. Porém, com a necessidade de estar mais próxima de casa, e conseguir cuidar do meu filho de 5 anos pessoalmente, aceitei ser cedida, interrompendo meu estágio probatório, que não foi cumprido até hoje.

Meu único filho é meu fundamento de vida. Em busca do meu equilíbrio pessoal, profissional e emocional, acredito que é o caminho para sua formação humana. Ao retratar minha vida no passado, trago o trecho de uma música que reflete exatamente o que penso e faço por ele: "Por você eu tenho feito, E faço tudo que puder, Pra que a vida seja mais alegre, Do que era antes..." (Fábio Júnior, 2001). Então, procuro proporcionar a ele melhores condições de estudo, companheirismo, apoio, disciplina, valores, enfim, tudo o que eu puder para que os caminhos que ele decidir seguir na sua vida sejam com mais oportunidades.

Coordenação Escolar: Novos Aprendizados e Novas Experiências

Em agosto de 2013, assumi a coordenação da Escola Estadual Deputado Manoel Rodrigues, função que exerço até os dias atuais. Por ser uma pessoa que procura aproveitar todas as oportunidades que surgem, na medida do possível, desde que me tornei coordenadora escolar estadual fiquei engajada com diversas atividades de formação de professores, tutorias, projetos e eventos educacionais.

A seleção para o banco de gestores do Governo do Estado do Ceará foi realizada pela UFC, que, após a homologação do resultado, promoveu uma nova seleção para um Curso de Especialização em Gestão Escolar. Completamente engajada, fui aprovada, dando início ao curso de modo semipresencial. Com duração de 2 anos, defendi, ao final do curso, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que versava sobre a Atuação do Conselho Escolar na Escola Estadual Deputado Manoel Rodrigues.

Insaciável, em 2017, fui aprovada no Curso de Graduação em Administração Pública, pela UFC, em formato semipresencial. Concluído em 2021, foi uma experiência muito enriquecedora para o exercício da minha função na gestão escolar. Em 2018, minha irmã me pediu que eu ajudasse no TCC do Curso de Direito. Começamos a escrever sobre o Direito ao Esquecimento. Li diversos artigos constitucionais que falavam sobre a dignidade da pessoa humana e liberdade de expressão. Essa experiência me fez procurar estudar o Curso de Direito em uma instituição privada de Ensino Superior. Associado ao Curso de Administração Pública, consegui o aproveitamento de algumas disciplinas, e atualmente estou concluindo o 7º semestre.

A rotina de coordenação de uma escola em que trabalhava, na época em que assumi o cargo, com Ensino Fundamental maior e Ensino Médio, é bem intensa. A escola tem mantido entre 1.200 e 1.400 alunos matriculados por ano. Logo, tive muita dificuldade em direcionar as ações cotidianas e o exercício da formação continuada de professores, bem como o acompanhamento pedagógico da prática docente.

A Secretaria de Educação do Ceará (Seduc) promove muitas capacitações e eventos de formação pedagógica para gestores e professores. Nessa perspectiva, fui me envolvendo com técnicos da Seduc e participando como colaboradora dessas ações que eram voltadas, *a priori*, para professores, e, posteriormente, para gestores.

O Programa de Fortalecimento da Atuação de Coordenadores Escolares (Face) é de responsabilidade da Coordenadoria de Formação, da Seduc, e tem como perspectiva fortalecer a liderança e o papel formador desses agentes, no processo de desenvolvimento da proposta pedagógica da escola. A primeira formação aconteceu em 2016, e eu já estava como formadora, apresentando as práticas exitosas na escola em que eu atuava e atuo até hoje.

Hoje, o Face recebe apoio gestor do Instituto Unibanco, que gerencia todo o processo anual de formação, de forma que, posteriormente, as formações continuadas de coordenadores são repassadas aos âmbitos regional e local. A proposta garante tornar o coordenador escolar mais capacitado, nas formações de professores dentro da escola. Nesse passo, faço parte de um grupo menor, que forma outros coordenadores, os quais formam seus professores. Conseqüentemente, realizo as formações pedagógicas dentro da escola em que atuo.

O Instituto Unibanco promove ações a partir de um programa conhecido como Jovem do Futuro, que tem como objetivo apoiar as redes públicas, com acompanhamento sistemático de projetos e resultados, a fim de promover uma educação de qualidade, e o desenvolvimento integral dos estudantes.

O Governo do Estado do Ceará utiliza-se dessa parceria e, dentre minhas atribuições, sou responsável pela elaboração e inserção do Plano de Ação anual, na plataforma virtual, no qual, a cada ação desenvolvida, é apontada, no sistema, a conclusão. No final do ano letivo, a frequência e os rendimentos são estudados, para analisar os resultados das atividades desenvolvidas.

Minha jornada profissional nessa escola possibilitou, e possibilita até hoje, muitas aprendizagens. A Secretaria de Educação tem diversas formações promovidas através da Coordenadoria Estadual de Formação Docente e Educação a Distância (CED). São cursos, *webinars*, jornadas pedagógicas e oficinas, que são disponibilizadas virtualmente aos professores e coordenadores, de formas síncrona e assíncrona. Nesse ambiente, foram contabilizados, até hoje, 27 certificados de formação. Porém, considerada a minha atuação com as formações, fui convidada a atuar como tutora nos cursos promovidos pela CED e Já contribuí como tutora em três cursos, com destaque para o Programa de Formação Continuada de Professores: Itinerário Formativo: Competências Digitais para Docência.

Meus percursos profissional e acadêmico, neste momento, tem sido impulsionado por uma forte vontade de aprender sobre o mundo das formações de professores, então, passei a me inscrever em programas de mestrado em educação com projetos de pesquisa sobre o assunto. Participei de sete

seleções, entre as universidades do Ceará e do Rio Grande do Norte, porém, ora era aprovada na primeira fase, e na segunda não; ora era aprovada em todas as fases e reprovada na entrevista.

Produção Acadêmica: Quase Mestranda

Nesse período, percebi a importância de escrever artigos. Então, comecei a descrever as ações que ocorriam na escola, e as submeti a publicações em revistas e eventos. Enfatizo três eventos, entre outros: o Seminário de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (Sepemo), promovido por professores e alunos do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece); o Tecnodocência, Encontros Universitários, da UFC e o Congresso Nacional de Educação (Conedu), acontecido em Maceió/Al. Todos renderam publicações em anais e revistas.

Em 2018, na seleção de mestrado da UECE, fiquei na relação dos classificáveis, e logo fui matriculada como aluna especial pelo Programa de Pós-graduação em Educação, quando cursei duas disciplinas: História da Educação e da Cultura Brasileira; e Pesquisa Educacional. Essa experiência foi fundamental para que eu compreendesse o universo do *stricto sensu*, e entendesse que é exatamente o lugar em que quero estar. Amava as leituras, a convivência com os colegas, de modo que, mesmo estando apenas como aluna especial, sem orientador, cursava as disciplinas normalmente, frequentando as aulas e realizando os trabalhos como se aluna regular eu fosse.

Retomando o relato sobre as ações da escola, desde 2014, quando iniciamos o ano letivo na gestão, fiquei responsável pelo acompanhamento de inscrição, acompanhamento e incentivo estudantil, para o Enem. A Seduc nomeia essa pessoa como interlocutora e essa atribuição me rendeu, e rende, até hoje, muitos eventos e formações.

O processo de formação de professores nas escolas ocorre por área, com um dia específico para cada uma delas. Acompanho a área de linguagens, na escola. Mas, mediante das apresentações das ações exitosas, passei a contribuir com formações continuadas de professores em Escolas de Educação Profissional do Estado do Ceará. Conhecer o mundo da Educação Profissional é impulsionador, no campo da pesquisa. Passei a conviver com a rotina de escola profissional e acompanhar os professores nas atividades pedagógicas e jornadas formativas.

Em cada atividade que me envolvia, e que, de alguma forma, apresentava um resultado positivo, eu me dedicava a escrever sobre a prática, e procurava publicar em algum evento. Com isso, surgiu uma oportunidade de publicar um artigo no livro “Ciências da Educação em Foco: Teorias, Teses e Hipóteses”, pela Editora Imprece. No início de 2020, participei do I Congresso Nacional de Gestão Pública para Resultados: Inovação e Desafios na Gestão Pública, promovido pela Seduc, que me rendeu mais um artigo publicado nos anais do evento.

No período da pandemia, os desafios tornaram-se inimagináveis. A gestão preocupava-se em manter o atendimento aos estudantes, à família e aos professores. Em isolamento social, passei a intensificar as formações para professores, pois já tinha conhecimento nas tecnologias digitais e ferramentas do Google, de forma que as aulas continuaram, mesmo remotamente. Fiz diversas capacitações síncronas; assisti a várias lives e *webinars*. E cada formação que eu fazia, procurava me reunir, semanalmente, com os professores, para repassar os conhecimentos.

Procurei ocupar todo o meu tempo, escrevendo, estudando e participando de seleções para mestrado, mesmo que *on-line*. Participei de simpósios, como palestrante, monitora ou ouvinte. Destaco, dentre outros, o Seminário de Docentes, e o XXX Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação; nesse último, como participante e monitora de sala temática. Em 2021, publiquei um artigo na revista “Ensino em Perspectiva”, da editora da Uece (EdUece).

Tive algumas experiências como palestrante em eventos e mesas-redondas, destacando-se: os I, II e III Encontros Formativos do Programa de Formação de Coordenadores Escolares, Educação Profissional: Contexto e Perspectivas; e Contribuição dos Componentes Eletivos na Formação Integral dos Estudantes.

Ainda em 2021, publiquei meu segundo artigo, no livro “Educação: Processo de Ensino e Aprendizagem”, volume II, pela Editora Conhecimento Livre. No mesmo ano, publiquei outro artigo no livro “Educação do Ceará em Tempos de Pandemia: Estratégias de Gestão”, da Coleção Educação do Ceará em Tempos de Pandemia, volume 1, Seduc: EdUece.

Atualmente, minha principal atuação está na formação de coordenadores e professores com temática voltada para a implementação do Novo Ensino Médio; estudos críticos sobre a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), Educação Profissional e eixos formativos nas escolas públicas do Estado do Ceará. Nessa seara, a Seduc vem preparando um evento formativo, que tem como título: Escola: Espaço de Reflexão, com o objetivo de discutir assuntos que versam sobre pautas pertinentes às escolas, e no qual tenho a honra de estar na equipe de organização.

Ingresso ao *Stricto Sensu*: Mestranda do ProfEPT IFCE

O ingresso no Mestrado de Educação Profissional e Tecnológica, em 2022, foi um presente de Deus. Participei dos processos seletivos desse mestrado em 2019; 2020; e 2022. Porém, em 2022, foi o processo de seleção mais acirrado, pois todos os aprovados não obtiveram nota menor do que a máxima de 100 pontos. Atribuo a aprovação, nesse ano, no processo de seleção ocorrido, aos trabalhos que realizei, especialmente em 2020 e 2021. Estar matriculada nesse programa é uma oportunidade indescritível de crescimentos acadêmico e profissional.

O mestrado reforça minha vontade de conhecer, produzir, e vivenciar novas experiências. Afinal, sinto-me como se iniciasse um grande sonho, que não se esgota por aqui. Tenho consciência das dificuldades existentes em conciliar estudo e trabalho, mas confesso ter conseguido conciliar até hoje; contudo, tenho ciência de que terei que dedicar todo o esforço necessário para obter o melhor desenvolvimento no curso. Sei que quero realizar um excelente aproveitamento no programa; defender com honra minha dissertação; destacar-me nas publicações, e certamente, avançar na pesquisa, nas produções científicas, e obter o doutorado, que são minhas próximas metas.

Considerações Finais

Escrever sobre tudo o que se passou em minha vida, foi uma experiência que me fez refletir a respeito de toda a minha história, resgatando valores de pessoas fundamentais, como minha mãe, minha avó, meus irmãos. Ao retomar a leitura, após a escrita, assumindo o papel de leitor da minha própria história, eu fico surpresa com a evolução. As origens distanciavam-me do mundo acadêmico, uma vez que as bases escolares eram precárias e a dificuldade de sobrevivência era imediata. Fico a me questionar o que impulsiona uma pessoa a acreditar que pode alcançar, incessantemente, mais. E essa pessoa sou eu, insaciável por aprendizagens, compartilhamento de experiências e transformar-se em ser algo.

Resgatar minha própria história trouxe-me a visão do meu percurso, o que, conseqüentemente, ampliou a valorização das minhas conquistas, e o que me fez chegar até aqui. De forma cronológica, pontuei os principais pontos que me tornaram professora-educadora-gestora. A educação transformou a minha vida e, conseqüentemente, mudou a vida dos meus irmãos. Espelhados em meu esforço incansável por estudos, dois deles fizeram Direito, e os demais concluíram o Ensino Médio. Todos trabalham e constituíram suas famílias, dando sossego espiritual à nossa mãe, que destinou sua vida à criação de seis filhos, sozinha.

Trago como fonte formadora os pressupostos ensinados pelo Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, que nos ensinou que a docência só se sustenta com a existência da discência, e que somos eternos aprendizes, por isso, a educação é inesgotável. E quando nos mostra que é preciso ter esperança, mas do verbo esperar, não se trata de esperar, porém, ser protagonista da própria história e construir os sonhos; em suas palavras, "esperança é juntar-se com os outros para fazer de outro modo". E esse outro modo é que define minha vida. Distante de tudo aquilo que muitos acreditavam ser, mas que não revelava o que eu queria ser. E que continuo mostrando a muitos a capacidade que todos têm quando se quer muito algo.

Agora, com o ingresso no Mestrado ProfEpt do IFCE, espero que seja o início de um caminho que me impulse a conquistar novos sonhos. O doutorado é um deles. Quero aprender com

referências importantes da produção científica, e me tornar referência para outros aprendizes. Intenciono produzir muito, publicando meus artigos, textos acadêmicos e experiências exitosas. Compreender os questionamentos que envolvem o Processo Sistemático de Formação e Motivação de Professores na Educação Profissional, nas escolas estaduais, será meu projeto de estudo, e que, ao final de todo o conhecimento consolidado, com as pesquisas realizadas, eu possa defender com mérito minha dissertação, e, dessa maneira, obter o primeiro título de Mestre da minha família. Seguir os estudos no doutorado e, posteriormente, um pós-doutorado fora do país. Sonhar é uma dádiva, mas crer que podemos realizar os sonhos é um exemplo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Michele Gomes. **Narrativas de si**: memórias de sujeitos em processo formativo. Organização: Natal Lânia Roque Fernandes... [et al.]. v. III, 1 ed., Rio de Janeiro: Pod, 2022.

ARANHA, Maria L. de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed., São Paulo: Moderna, 1996.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3-20.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Lei n. 7.044, de 18 de outubro de 1982. Ensino de 1º e 2º Graus. Diretrizes e bases – Legislação, Alteração.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN)**. Lei n. 9.394/1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

JÚNIOR, Fábio. **Alma Gêmea** (Áudio Oficial). 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fGuLjesWeT4>. Acesso em: 21 set. 2023.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SATER, Almir. **Tocando Em Frente** (Ao Vivo) (Áudio Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CugYXgJ2SFI>. Acesso em: 22 set. 2022.

WESCHENFELDER, Susimara. A educação começa em casa. **Jornal Zero Hora**, Ano 44, n. 15.360, Porto Alegre, 17 set. 2007, p. 15.

MEMORALIZANDO: REVISITANDO MEMÓRIAS E NARRANDO O QUE ME TROUXE ATÉ AQUI

Wiron de Araújo Holanda*

O dicionário Priberam da Língua Portuguesa apresenta quatro possíveis definições para a palavra “memorial”, dentre elas, que é um livro de memórias. Embora o texto que se inicia agora, neste parágrafo, não seja um livro, ele contém capítulos muito importantes da minha história de vida. Ao tratar de memórias, cada indivíduo pode apresentar uma percepção para isso.

Enquanto na música Memórias, escrita por Priscilla Novaes Leone, a Pitty, “memórias, não são só memórias, são fantasmas que me sopram aos ouvidos, coisas que eu nem quero, nem quero saber” (Leone, 2004-5); para o filósofo Aristóteles, as memórias são a manutenção das sensações experienciadas anteriormente e também a renovação dessas memorações (Dissertatio, UFPel, [30, 2009] 11-44).

Ainda que eu seja fã da cantora, identifico-me mais com a percepção do filósofo, logo, será em sintonia com ele que entrelaçarei minhas memórias, ao longo deste texto. Nas próximas laudas, reviverei sensações; renovarei memórias; e acredito que também perceberei a valoração de todo esse “memorável” tesouro, nesta fase da minha vida.

Sou o filho caçula de Maria Núbia Holanda de Araújo e Vicente Alves de Araújo (Em Memória). Nascido em 1978, ainda durante o período da ditadura militar, não percebi toda a crueldade desse capítulo vergonhoso da história do nosso país, ao longo da minha infância na tranquila cidade de Iguatu (topônimo que significa ‘água boa’ ou ‘rio bom’), no interior do Ceará; lugar conhecido por suas ruas planas, pela Lagoa da Bastiana, pelo calor extenuante de agosto a novembro e por ser a terra natal de Eleazar de Carvalho e Humberto Teixeira, este último conhecido em todo o Brasil como parceiro do Rei do Baião, Luiz Gonzaga.

Minha trajetória escolar iniciou-se numa escola particular de pequeno porte, nas séries chamadas de Jardim e que compreendiam três anos, por isso, a nomenclatura Jardim 1, 2 e 3. Em seguida, mudei para uma escola pertencente à CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), entidade existente praticamente em todo o país, nas décadas de 1980 e 1990. A escola chamava-se Centro Educacional Cenecista Ruy Barbosa e lá cursei da Alfabetização ao terceiro ano

Científico do Segundo Grau, o que equivale, atualmente, ao terceiro ano do Ensino Médio. Dessa escola, carrego memórias para cada fase de minha formação (Fundamental I e II e Ensino Médio).

*Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFCE. Licenciado em Letras, Português/Inglês, pela FECLI (Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu)/UECE. Especialista em Língua Portuguesa pela URCA (Universidade Regional do Cariri). Docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). wironhol@gmail.com

De tudo o que vivi, no Ensino Fundamental, me vem à mente e, quase que concomitantemente, ao coração, lembranças e sentimentos de uma escola que era plena de significados para mim. Naquele local, tudo era interessante. O corpo docente, em sua maioria, era muito afável com todos, com raras exceções, afinal exceções sempre existirão. A estrutura da escola começou simples e foi se engrandecendo mais e mais com o tempo.

Parece que havia uma simbiose, entre nosso crescimento pessoal e educacional com o alongamento daquela estrutura, que passava a receber mais pessoas interessadas em ter um ensino de qualidade, algo presente na proposta de uma formação cidadã propalada pela instituição, com um preço que pudesse contemplar a maior parcela das famílias iguatenses que manifestassem o desejo de ver o seu filho, ou a sua filha, tornarem-se cenecistas.

Ser um cenecista propiciou-me também acesso à prática desportiva, algo que contribuiu bastante no desenvolvimento de minha proatividade, senso de equipe, inteligências inter e intrapessoal, e, em especial, ajudou-me a vencer a timidez, companheira de boa parte da minha formação básica.

Desde cedo, fiquei encantado com o mundo das palavras e a capacidade que a leitura tem de nos levar para lugares fantásticos, nunca imaginados, bem como nos fazer refletir sobre a realidade que nos circunda. Simultaneamente à alfabetização que recebia na escola, as revistas em quadrinhos foram também minhas ‘alfabetizadoras’, visto que, por meio delas, fui fortalecendo minha capacidade leitora e, conseqüentemente, a construção de sentidos possíveis que cada história lida trazia para o meu mundo. Assim, desde o início da minha vida escolar, a área de linguagens e códigos me conquistou. Talvez essa conquista tenha sido a semente para eu decidir pela carreira docente.

Ao longo de todo o Ensino Fundamental, essa paixão com a área de linguagens e códigos só aumentava, ao passo que minha identificação com a Matemática diminuía, por causa da minha limitação e dificuldade de lidar com seus conteúdos. No Fundamental II, por conseguir lidar razoavelmente bem com as disciplinas de Português e Inglês, foram aparecendo aulas particulares, que talvez tenham sido o adubo para fazer germinar aquela semente plantada anteriormente.

No Ensino Médio, tanto a paixão quanto a não identificação, citadas no parágrafo anterior, se potencializaram. Para minimizar minha deficiência nas disciplinas nas quais a Matemática era base, eu ensinava Português ou Inglês para os colegas que tinham dificuldade em aprendê-las e, em contrapartida, eu recebia aulas de Matemática. Essa ‘aprendizagem solidária’ foi uma experiência mais do que válida, por propiciar a continuidade da minha prática de ensino e diminuir minhas dificuldades e inseguranças com determinados conteúdos, que me desafiavam mais. Dessa forma, o binômio ensinando e aprendendo ganhava mais significado para mim.

O esporte conquistou-me para valer, já no primeiro ano do Ensino Médio. Após tentativas bem frustrantes com futebol, basquetebol e handebol, o vôlei foi a garantia de que nem tudo estava perdido na minha carreira desportiva. Consegui vaga no time do colégio, e até joguei, depois, pela seleção da cidade, ápice profissional que um jovem estudante interiorano poderia desejar.

Sem dúvida, o Ensino Médio foi um período de enorme crescimento pessoal, marcado por conquistas e escolhas que geraram muitas memórias e o esquecimento ainda não as tomou para si. Falando em escolhas, como todo adolescente, tive que decidir por uma carreira a seguir. Embora fosse um apaixonado pela área das linguagens, a Biologia era fascinante para mim. Esse fascínio veio também por influência do professor Oduvaldo que mostrava, a cada aula, que estudar essa ciência era se preocupar com o estudo da vida nas suas mais variadas formas e níveis, sem que isso fosse complicado. Encantado com a Biologia, decidi ser biólogo e prestei vestibular na UFC para Ciências Biológicas.

Na mesma época do vestibular, inscrevi-me num concurso para a Companhia Energética do Ceará (Coelce), atualmente Enel Distribuição Ceará. Como nem sempre na vida as coisas acontecem como desejamos, passei no concurso e reprovei na segunda fase do vestibular, pois, na época, não havia Enem e, na UFC, o exame era feito em duas fases, sendo, a segunda, a prova de redação e a específica, de acordo com o curso desejado. Até fui bem na redação, porém, fui mal na prova de Biologia.

Confesso que fiquei um pouco decepcionado comigo mesmo, memória que, atualmente, não me causa mais quase nenhum incômodo, porque entendi que o tempo tem o poder de alterar lembranças ruins, a partir da sua capacidade de nos propiciar novas vivências, oriundas das nossas escolhas. Ademais, novas experiências chegam para alguém que, de alguma forma, modificou-se por meio da ação do tempo, ainda que não tenha percebido em si essa mudança. Isso tudo me fez lembrar que tudo tem um tempo para acontecer, dentro do destino que construímos, por isso, concordo (embora não seja pai) com a música Oração ao Tempo, de Caetano Veloso, que diz:

[...]

És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho...
Tempo, tempo, tempo, tempo, vou te fazer um pedido...
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos...
Tempo, tempo, tempo, tempo, entro num acordo contigo...
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo, e pareceres contínuo...
Tempo, tempo, tempo, tempo, és um dos deuses mais lindos...
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo, no som do meu estribilho,
Tempo, tempo, tempo, tempo: ouve bem o que eu te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso...
Tempo, tempo, tempo, tempo, quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

[...]

(Veloso, C., 1999. 1 CD. Faixa 2)

Trabalhar na Coelce foi a oportunidade de entender como era ter um primeiro emprego com carteira assinada; não depender mais do pai; administrar meu próprio dinheiro; entre tantas outras coisas legais. Contudo, estar empregado formalmente, aos 18 anos, exigiu uma adaptação que não foi nada fácil porque, até aquele capítulo de minha vida, eu tinha sido ‘estudante profissional’. O eletricista Wiron tinha bastante adrenalina diariamente, pois lidava com energia elétrica, um inimigo traiçoeiro e invisível. Após um mês trabalhando, pensei em desistir. O que me fez refletir sobre isso foi ter que voltar a depender do meu pai.

Reflexão feita, decidi continuar trabalhando e aproveitar ao máximo para aprender coisas novas, enfrentando meus medos e inseguranças, próprios da idade e do ambiente profissional no qual eu estava. Construí amizades dentro e fora da empresa, após vencer a barreira da timidez. Percebi, na execução das tarefas diárias, e a cada cliente que eu atendia, que o eletricista Wiron tentava, da melhor forma possível, explicar o que precisava ser compreendido. Funcionava como uma espécie de aula particular, como aquelas que eu ministrei no Ensino Médio, com a diferença de que o cliente não precisava ser avaliado formalmente, e tirar, no mínimo, a média, para não ter sua energia cortada. Com dois anos só trabalhando, uma incompletude/inquietação de vida me visitava com frequência. Senti a necessidade de voltar a estudar.

Naquela época, no Iguatu, havia somente a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, a FECLI, uma unidade da UECE, que ofertava dois cursos: Letras, Português/Inglês; e Pedagogia. Rememorando minhas experiências com as aulas particulares de Português e Inglês, para meus amigos, e àqueles que, fora do meu círculo de amizade, me contratavam, bem como observando a rotina de um irmão mais velho, professor de Português e Literatura, decidi prestar o vestibular para Letras.

Inicialmente, a insegurança por estar há dois anos sem estudar, falou mais alto. Assim, motivado pelo meu irmão e por familiares, organizei uma rotina de estudos para não chegar totalmente despreparado no vestibular. Apesar de não ter conseguido estudar todo o conteúdo listado no edital do vestibular, fui aprovado em nono lugar das 40 vagas ofertadas. O dia em que soube o resultado foi um dos mais felizes de minha vida.

O curso noturno teve duração de 4 anos e meio. Passava o dia trabalhando e à noite estava na faculdade. Dependendo da demanda de trabalho do dia, eu chegava muito cansado para assistir à aula, ou nem aparecia por lá. Foram anos desafiadores, mas, a cada nova disciplina e experiência acadêmica, fui me motivando a seguir e obter meu diploma de graduado em Letras. Minha turma era muito boa; nos dávamos bem demais, estudávamos e saíamos juntos. Tínhamos cumplicidade dentro e fora da instituição. Foram muitos seminários, recitais, discussões interessantes, enfim, construímos momentos que carrego até hoje em minhas melhores lembranças, as quais o tempo ainda não tomou de mim.

Infelizmente, não concluí o curso com essa turma, porque, ao final do terceiro semestre, optei por me habilitar também na Língua Inglesa, decisão possível, na época, e que me permitiu concluir o curso com a dupla habilitação.

A minha prática de estágio foi no Liceu do Ceará, de Iguatu. Recordo-me da primeira regência de aula, no Ensino Médio dessa instituição, sob o acompanhamento da professora Cristiane, a quem sempre serei grato pelo acolhimento e orientação, ao longo de todo o período de estágio.

Graduação concluída, recebi proposta de trabalho para lecionar Língua Inglesa na unidade do Centro de Cultura Anglo Americana (CCAA), em Iguatu. Dessa forma, um ex-aluno retornava à instituição no cargo de professor. Nessa renomada escola de línguas, aprendi muito sobre o idioma e como melhorar minha didática. Trabalhava de segunda a sexta-feira, na Coelce, e aos sábados, me dedicava às aulas de Inglês.

O contato com a academia e a obtenção do meu diploma em Letras me impulsionaram a continuar na busca por mais conhecimento. Decidi fazer especialização. Escolhi uma de Língua Portuguesa, na Universidade Regional do Cariri (URCA). Ainda me canso só em lembrar dos encontros quinzenais, com aulas nos períodos da manhã e tarde, da sexta-feira e do sábado e, somente pela manhã, aos domingos. Novamente, a vontade de obter novos conhecimentos me fez superar a cansaça, pois viajava na madrugada da sexta-feira, dia em que eu estava de folga da Coelce devido às horas extras trabalhadas anteriormente.

O tempo passou e cada vez mais a porção professor em mim crescia e me impulsionava a abraçar a carreira da docência. Em contrapartida, a porção de empregado da Coelce minguava cada vez mais, gerando bastante estresse, iniciado seis meses após o começo de minha 'carreira' na empresa, momento da sua privatização. Passei, com todos os meus colegas, a entender o peso do sistema capitalista e do capital estrangeiro sobre nossas rotinas laborais e, com certeza, também pessoais. Mesmo com a frustração e a insatisfação crescente naquele lugar, somente após 12 anos de trabalho tive a coragem de pôr um ponto final, nesse capítulo de minha vida, e começar a escrever um novo, no qual eu esperava não haver tanto desgaste quanto o vivenciado no anterior. O Wiron, da Coelce, ansiava por ser chamado apenas por professor Wiron.

Numa sexta-feira à tarde, do ano de 2009, visitando o Centro Educacional Cenecista Ruy Barbosa, no intuito de vender uma subestação de energia elétrica para a escola, o diretor, que havia sido meu professor de Matemática perguntou-me o que eu tinha feito da vida, após concluir o Ensino Médio. Falei das minhas formações na área de Letras e do meu trabalho na Coelce.

Após ouvir atentamente tudo, ele me fez uma proposta de trabalho. Senti que minhas preces a Deus para uma oportunidade de mudança de vida tinham sido atendidas. Entretanto, eu não tinha muito tempo para pensar e precisaria começar, caso aceitasse, na segunda-feira da semana seguinte. Lembro-me que passei o final de semana imerso em pensamentos e emoções, numa reflexão quase torturante sobre a decisão a ser tomada. Pedi a Deus que me ajudasse nisso. Na missa dominical noturna, celebrada por um padre que visitava nossa paróquia, recebi, na hora da homilia, a resposta que eu queria e precisava para, no dia seguinte, tomar minha decisão. Durante a homilia, o padre pediu que segurássemos a mão de Deus e tomássemos sem medo a decisão que poderia mudar nossas vidas para melhor.

Era tudo o que eu queria e precisava ouvir. E assim foi feito. No dia seguinte, comuniquei à minha chefia da capital o desligamento da empresa, e comecei a pagar o aviso prévio. Meu superior

pensava que eu desistiria, antes da conclusão do aviso prévio. Não desisti e em março de 2009 passei a viver somente dos rendimentos da educação. Foi a época em que o professor Wiron fortalecia sua identidade pessoal e profissional, ao passo que o Wiron da Coelce ficaria restrito às minhas memórias.

Viver como professor Wiron propiciou-me muita alegria e motivação para tentar fazer a diferença para melhor, na vida das pessoas, por meio da partilha de conhecimentos. Por outro lado, algumas pessoas mudaram o tratamento para comigo, porque eu deixara de ser o Wiron da Coelce e passei a ser apenas o Wiron professor. Essa vivência ajudou-me a perceber que certas pessoas vão considerar você pelo *status* e coisas que você tem e não pelo ser humano que você de fato é.

Atuando como professor e vivendo exclusivamente do meu trabalho na educação, continuei crescendo por meio das experiências que o mundo da educação me proporcionava a cada aula. Trabalhando três dias na escola particular, consegui tempo para continuar estudando. Fiz, em 2010, o concurso da SEDUC para professor do estado do Ceará e fui aprovado em todas as fases. Consegui ser lotado na minha cidade, no Liceu Dr. José Gondim, e na Escola Dr. Manoel Carlos de Gouvea. Nesta última, no primeiro dia de aula, deparei-me com uma sala inclusiva.

A Escola Carlos de Gouvea, como era conhecida na cidade, tinha surdos, cegos e uma estudante com baixa visão. Fiquei muito preocupado se conseguiria dar aulas de Português, tanto para o aluno cego, quanto para o aluno surdo, que estudavam com o restante da turma considerada ‘normal’ por não terem nenhuma deficiência física. Ainda não consegui apagar das minhas lembranças esse primeiro dia na turma do quinto ano da manhã da referida escola.

O aluno surdo da sala, ao me ver, gesticulou sem parar e dirigiu para mim, além dos gestos, expressões faciais que denotavam a sua insatisfação por eu estar naquele lugar. O nervosismo e a insegurança tomaram conta de mim, mas sabia que precisava superá-los, afinal, o Wiron da Coelce não era mais uma alternativa possível e o Wiron professor era a identidade que andaria com o já adulto, porém inseguro, Wiron indivíduo.

Com a ajuda da intérprete de Libras que chegou minutos após eu ter me deparado com aquela cena marcante, entendi tudo o que o aluno surdo expressara veementemente. Em síntese, ele sentenciara que queria a professora dele de volta e que não gostava de mim. Ciente do desabafo/protesto dele, que soava como minha primeira prova de fogo, pensei o que dizer-lhe, explicando os motivos que me levaram àquele lugar; como se dava o processo seletivo num concurso público; que eu não estava ali para tomar o lugar de ninguém; e que acreditava em tudo de bom que

ele dissera da professora anterior. Pedi apenas que ele se permitisse me conhecer para, após isso, confirmar ou não a sua antipatia por mim.

Com o tempo, e muito esforço, fui conquistando o aluno surdo, o cego e também os ditos normais. Com essa turma, em especial, eu me esforçava em dobro para fazer o meu melhor. Até aprendi alguns sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e alguma coisa sobre a escrita braile. O aluno cego deu-me dicas importantes de como dar aulas para uma pessoa cega, por exemplo, no que se refere à locomoção dentro do espaço da sala de aula e da audiodescrição.

Ainda que essa aula me exigisse muito mental, física e emocionalmente, ao final do dia, eu me sentia com uma sensação de ter feito a diferença, para melhor, na vida daqueles estudantes, que travavam suas lutas diárias pessoais, muitas vezes em contextos tão difíceis, esperando que a escola os ajudasse a construir possibilidades de um mundo futuro melhor, por meio dos conhecimentos e experiências oriundos do processo educativo.

No Liceu Dr. José Gondim, não trabalhei com a inclusão. Entretanto, foi a minha primeira experiência com Ensino Médio de uma escola pública. Muitos colegas professores me contaram péssimas histórias, do ensino público e do público desse ensino. Mais uma vez, buscando fazer o melhor que eu pudesse e entendendo que, na vida, por sermos indivíduos, não podemos esquecer que nossas experiências são particulares e consequência das escolhas que fazemos nos mais variados contextos, não vi se confirmar a maior parte das agruras relatadas por outros colegas de profissão. Conheci, entendi e aprendi, mais ainda, na instituição pública, o que significa trabalhar com educação, sem perder de vista que educar vai mais além do que superar deficiências, em relação aos conhecimentos trazidos pelas muitas disciplinas do currículo.

Imerso no ensino público estadual, que me exigia demais, diminuí consideravelmente minha carga horária na escola da CNEC. Talvez não tenha me desligado totalmente de lá, pelo vínculo emocional oriundo de valorosas memórias que geravam uma espécie de gratidão por aquela instituição, na qual eu podia ainda contribuir para a sua continuidade com o meu trabalho.

Com o tempo, a vivência na educação trouxe à tona uma vontade até então adormecida dentro de mim desde a época da especialização: o desejo de fazer um mestrado. Lembrei-me que um dos meus professores da especialização, cuja área eu tinha interesse em pesquisar, era professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com essa vontade, veio outra: saber como era viver fora do Iguatu.

Como nada é por acaso, mas, a meu ver, providencial, com a ajuda do ser superior chamado Deus, após muitas orações e mentalizações, veio a oportunidade de inscrever-me em um concurso da UFPB, para o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais. Renunciei às férias de julho e estudei disciplinadamente, no intuito de conseguir ser aprovado e mudar de endereço residencial do Ceará para a Paraíba, mais especificamente, para João Pessoa. A aprovação nesse concurso significava abandonar a carreira do Magistério e abraçar a carreira de técnico, tudo isso motivado pelo desejo de cursar um mestrado.

E o que era desejo, tornou-se realidade. Em novembro de 2011, o igatuense Wiron Holanda passou a morar e a trabalhar na UFPB, *campus* João Pessoa. Era tudo novo para o técnico com alma de docente, que aos 33 anos, tinha sua primeira experiência ‘solo’ de iniciar do zero a vida em outra cidade e outro estado. Na UFPB, fui lotado na secretaria do Centro de Ciências Jurídicas. Conheci pessoas; aprendi mais sobre o serviço público; descobri que grande parcela dos professores do Curso de Direito acredita estar numa classe social acima, mas muito acima, dos demais servidores, praticamente num nível inalcançável para os reles mortais. Ademais, estar lá significava a possibilidade de reencontrar meu professor da especialização que poderia ser meu futuro orientador no mestrado.

Fiz por onde a possibilidade se tornar uma realidade. Descobri o local do prédio da pós-graduação em Linguística; conversei com o professor, e ele lembrou-se de mim da época da especialização e até paguei, como aluno especial, uma disciplina ministrada por ele. A vida de técnico me permitia trabalhar por 6 horas corridas e ter tempo suficiente para estudar para a seleção do mestrado. A vida de técnico era boa, todavia, eu sentia falta de ensinar. Para tentar preencher isso, fui selecionado como tutor da Educação a Distância (EaD) da UFPB no curso de Pedagogia.

A experiência foi válida, porém percebi, desde aquela época, que o ensino remoto não gera a motivação ou a interação social propiciada pelo ensino presencial. Tudo fluía bem, na minha rotina de servidor da universidade até que, por questões familiares, precisei voltar para o Ceará. Fui redistribuído, em julho de 2013, para trabalhar na PROGEP (Pró-reitoria de Gestão de Pessoas) do IFCE. Foi um recomeçar nas terras alencarinhas.

Na PROGEP, deparei-me com uma realidade bem mais desgastante do que a da UFPB, no que se referia, principalmente, à rotina de trabalho. Em outras palavras, muito, muito trabalho para poucos servidores, gerando, assim, sobrecargas física e emocional nas pessoas do setor, inclusive em mim, pouco tempo após minha chegada. Restava-me, me adaptar, e assim o fiz. Aprendi novos

serviços e legislações; desenvolvi mais competências profissionais e pessoais; fui apresentado a várias pessoas, que contribuíram para o meu amadurecimento pessoal e profissional.

Trabalhar num setor que lidava, entre tantas demandas, com a contratação de professores, reavivou em mim, após um ano e meio de trabalho, a vontade de retomar minha carreira docente, agora como professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) no IFCE. Ansiando por isso, ao final de cada dia de árduo trabalho, passei a estudar no período noturno para um concurso de professor efetivo do IFCE, que ocorreu em 2014.

Como fui muito bem na prova subjetiva da primeira etapa, classifiquei-me para a prova didática, cuja temática foi a literatura, do descobrimento à contemporaneidade. Para tentar garantir minha boa colocação, empenhei-me na elaboração e no treino da aula que deveria ser a melhor que eu pudesse realizar. Tentando superar meu nervosismo e insegurança, saí da prova confiante e muito feliz por ter chegado até ali e ter dado conta de mais aquele desafio. A nota na minha prova de desempenho didático foi decepcionante e passou bem longe daquela que eu imaginara merecer.

Além disso, pela falta de um mestrado, ou doutorado, bem como pelos poucos títulos que tinha como servidor técnico, fiquei homologado fora das vagas, com a perspectiva de um dia ser chamado. A frustração me fez pensar que não conseguiria mais voltar a atuar em sala de aula, porque o trabalho continuaria exigindo mais e mais de mim, dificultando assim a preparação para outros concursos. Segui adiante, mirando naquela luz no fim do túnel que era a homologação em um concurso efetivo para a docência no instituto federal.

A vida seguiu, tentei, mesmo ainda sendo técnico, fazer um mestrado na área de Administração Pública, na UFC, mas não fui aprovado. Em 2016, prestes a caducar o edital do concurso de 2014, fui convocado para tomar a decisão de aceitar ou declinar o cargo de professor EBTT. Essa decisão chegou num momento delicado porque meu pai estava frequentemente vindo a Fortaleza para um tratamento de câncer de pulmão, que acabou ceifando sua vida em setembro daquele mesmo ano.

Sem vaga para Fortaleza, meu aceite significava ter que me ausentar de perto dele, que seria acompanhado apenas por minha mãe e minha irmã, considerando as distâncias das cidades que tinham os tratamentos disponíveis à época. Diante de decisão tão difícil para mim, conversei com papai, sobre toda a situação. Muito feliz por mim, sábia e amorosamente, me disse para não perder a oportunidade, e, além do mais, me fez prometer que não esqueceria de tentar fazer um mestrado. Essa

memória ainda me emociona demais e sinto que, mesmo não estando mais neste plano, comigo, onde quer que esteja, ele continua me dando força e feliz pelo caminho que estou trilhando.

Fui lotado no *campus* do IFCE em Camocim. Iniciei, mais uma vez, um novo ciclo de vida, que me trouxe novas amizades para toda a vida. Trabalhei na graduação de Letras e em cursos técnicos subsequentes. Aprendi bastante, ao longo do ano que permaneci lá. Diria que vivi um ano e pude aprender por dez.

Retomando as questões/necessidades familiares, consegui ser removido, em 2017, para o IFCE, *campus* Acopiara, distante 36 quilômetros da minha cidade natal, Iguatu. Essa remoção viabilizou meu retorno para casa e a ajuda aos meus dois irmãos, nos cuidados com a frágil saúde de nossa mãe, na época com 76 anos. Nessa unidade, entendi literalmente o significado da expressão ‘começar do zero’. Digo isso porque eu e os demais colegas iniciamos num prédio improvisado e emprestado pela prefeitura. Recebemos, gradativamente, os materiais que precisávamos e as pessoas para trabalharem lá.

No *campus* Acopiara, ministrei cursos de curta duração; aulas na especialização; e trabalhei como gestor de ensino; entre outras atividades. Ao final, descobri que não tenho ainda perfil para ser líder na gestão, preferindo estar em sala de aula. Por estar num grupo com quase todos os colegas com mestrado ou doutorado, voltei a pensar na possibilidade do mestrado, recebendo, inclusive, motivação e apoio de todos os servidores, incluindo a diretora do campus.

Trabalhando em Acopiara e morando em Iguatu, recebi convite para dar aulas no IFCE de Iguatu, algo bom para mim, porque, assim, preencheria a carga horária estando mais próximo ainda de casa. No *campus* Iguatu, reencontrei amigos e colegas, dentre eles, o professor Nunes, que fora meu professor na época de graduação e me convidou a fazer parte do GPEL (Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras). Estar no grupo era mais um fator motivacional para perseguir o mestrado.

Tentei, pela primeira vez, a seleção para o ProfEPT, em 2019. Comecei a estudar, mas, após 30 dias, devido a um sério problema de saúde com minha mãe, não pude dar continuidade aos estudos e, na data do exame, fui fazê-lo por experiência. Tentei novamente em 2020 e não fui aprovado. Em 2021, finalmente, consegui. Reafirmo que estar no ProfEPT significa a realização de um desejo pessoal, partilhado por vários familiares, que vibraram com essa conquista minha e têm me ajudado a dar conta desse desafio.

Ao longo da minha trajetória até aqui, como técnico ou docente, tentei ser o mais didático possível no que eu precisava repassar ao outro. Em especial na sala de aula, reflito diariamente como posso melhorar minha prática docente nas aulas de Língua Portuguesa. Em meio a essas reflexões, vou conhecendo autores fundamentais no meu processo reflexivo de melhoria didática. Em especial, despertou-me/inquietou-me, o proposto pela professora Irandé Antunes, na contracapa de um dos seus livros intitulado “Aula de Português – encontro e interação”:

Tem uma pedra no meio do caminho das aulas de Língua Portuguesa. A afirmação é da escritora Irandé Antunes, doutora em linguística pela Universidade Lisboa e professora da Universidade Estadual do Ceará. Nesta obra, ela expõe, sem piedade, os principais equívocos no estudo da disciplina. Sobre a escrita, Irandé aponta que ainda prevalece em sala de aula a prática mecânica e a memorização pura e simples de regras ortográficas. A leitura é reduzida a momentos de exercícios e não desperta o prazer nos alunos. E a gramática é apresentada fragmentada, com frases inventadas, sem contexto ou função [...] (Revista Nova Escola, set. 2004).

Em concordância com a professora Irandé, passei a tentar elaborar aulas mais atrativas, e assim colocar em prática as sugestões elencadas por ela na obra. Nesse viés, trabalhar com música ajudou-me a envolver o estudante no processo de aprendizagem. A cada experimentação de análise de letras de música por meio da escuta e compreensão, percebi, na prática, o aumento do engajamento dos discentes no decorrer da aula.

Retomando o fato de estar no ProfEPT, quando solicitado a produzir minha intenção de pesquisa, na disciplina de Seminário de Pesquisa, dentre as três possibilidades elencadas, ficou decidido, em consenso com a minha orientadora, investigar a contribuição das letras das músicas de Gabriel Pensador, de Cazusa e da banda Legião Urbana, para o pensamento crítico do estudante do Ensino Médio Integrado na Educação Profissional e Tecnológica. Fiquei motivado em pesquisar essa temática, pois está alinhada com a proposta da professora Irandé, para o ensino mais eficiente e atrativo da língua materna, contemplando, ainda, a formação do pensamento crítico, há tempos defendida por vários educadores, dentre eles, Paulo Freire (1970), que defendia, no seu livro “Pedagogia do Oprimido”, a educação como um ato político, libertando o indivíduo por meio da consciência crítica, transformadora e diferencial, emergente da educação como uma prática libertária. Para ele, a educação deve fomentar a criticidade do aluno para além do que ele lê.

A escrita deste texto propiciou revisitar acontecimentos marcantes da minha história pessoal e profissional. Arrisco dizer que essa viagem no tempo foi terapêutica, pois, por meio dela, pude perceber minha jornada evolutiva, com seus êxitos e fracassos; momentos de alegria e tristeza; enfim, com as experiências que construíram esse mestrando do ProfEPT, um estudante que tem sido desafiado diariamente para conseguir conciliar estudos e trabalho. Mais um desafio que tentarei

vencer, sabendo que essa vitória me propiciará outras memórias, material valioso para a continuidade da construção de minha história.

Referências

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRANCACCI, A.; GIGLIOTTI, G. (eds.). **Mémoire et souvenir. Six études sur Platon, Aristote, Hegel et Husserl**. Napoli: Bibliopolis, 2006, p. 47-87. (Traduzido por João Hobuss e Sonia Maria Schio [UFPEl]).(Dissertatio, UFPEl, [30, 2009] 11-44).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEONE, Priscilla Novaes. Memórias. **Anacrônico**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2004-05. 1 CD. Faixa 4.

MEMORIAL In.: DICIONÁRIO Priberan de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/memorial> Acesso em: 30 setembro 2023.

MOYA, Isabela. **Paulo Freire: o que diz a filosofia do educador brasileiro?** Politize, 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/paulo-freire/>. Acesso em: 20 maio 2022.

VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. **Cinema Transcendental**. Philips Records. 1999. 1 CD. Faixa 2.

MEMÓRIAS DE UMA VIDA PROFISSIONAL E ACADÊMICA

Rafael Saraiva da Silva

Introdução

A escrita sobre minhas trajetórias acadêmica e profissional, na forma de um memorial, me faz refletir integralmente sobre atividades executadas em minha vida até o presente momento e as consequências que vieram desses atos. Escrito com plena maturidade, neste documento, busco refletir e caracterizar uma fase da minha vida, ou seja, o caminho profissional. No decorrer da escrita, enfatizo algumas situações mais significativas e relevantes para minhas formações acadêmica e profissional. É importante lembrar que as experiências vividas foram analisadas tendo em vista o meu momento presente, a partir da minha compreensão de vida atual.

Escrevo sobre como escolhi o curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará (UEC) e como me inseri no mercado de trabalho, inicialmente fora da sala de aula, mas foi inevitável que ocorresse a transformação em professor. Também mostro como se deu a minha pós-graduação *lato sensu*; meus cursos de aperfeiçoamento e minhas atividades acadêmicas, de forma geral.

Para escrever este memorial, obedeci à ordem cronológica dos eventos com maior relevância, da minha vida e carreira profissional, por considerar que esse processo facilitaria a compreensão, minha própria e do leitor, dos fatos. Em seguida, destaco as atividades mais importantes na Pesquisa, Produção Científica e Administração. E, ao final, teço minhas Considerações Finais, costurando as experiências vividas como forma de ajudar o leitor e transparecer que a educação pode mudar o caminho já vivido.

Caracterização

Sou o mais velho de três filhos dessa família. Meu pai, Francisco, e minha mãe, Nildete, casaram-se em uma cidade do sertão do Ceará, Senador Pompeu. Porém, nasci no interior do Maranhão, numa cidade chamada Açailândia, mas morava em Buriticupu, cidade vizinha. Na minha saída do hospital, com dois dias de vida, minha mãe não veio comigo para casa, e fiquei sendo amamentado, algo em torno de quinze dias, por uma mãe de leite. Nesse tempo meu pai geria uma

loja de móveis, de onde tirava o sustento da família. Minha mãe dedicava-se exclusivamente aos cuidados do lar, como era de práxis nessa época. Lembro-me que, no quintal de casa, tínhamos umas hortas de verduras, que ajudavam a complementar a renda familiar, e sempre ficava aos cuidados do meu avô paterno.

Andamos por muitos lugares, devido ao trabalho do meu pai como gerente de loja de móveis; fomos do Ceará ao Maranhão percorrendo algumas cidades, como Fortaleza, no Ceará; Teresina, no Piauí. Estudei em várias escolas, nesse percurso, até voltarmos para a origem onde meus pais e a maioria da minha família residem, em Senador Pompeu, no Ceará. Já criança, partindo para a adolescência me estabeleci nessa localidade e fiz alguns amigos com os quais mantenho contato até os dias atuais.

Dentre essas idas e vindas, passei algum tempo no hospital, logo com 15 dias de nascido. Meus pais relatam que, de repente, eu caía em um choro descontrolado e achavam isso estranho, até que foi descoberta uma hérnia. Aos dois meses de nascido, fui operado pela primeira vez, para retirada do referido problema; ao mesmo tempo, descobriram que eu tinha nascido com o frênulo anormal, ou seja, tinha a “língua presa”; dois meses após a cirurgia para a retirada da hérnia, passei pela segunda cirurgia, agora para a correção do frênulo.

Algum tempo mais tarde, já na cidade de Senador Pompeu, aos 7 anos, dias depois do meu aniversário, fui internado pela terceira vez, com dores muito fortes no abdome. O hospital da cidade não conseguiu descobrir qual problema me afligia, então, fui transferido para o Hospital Albert Sabin, no município de Fortaleza. Chegando lá, descobriram que o meu apêndice tinha se rompido, foi então que passei por minha terceira cirurgia.

Ensino Fundamental

Nessa cidade, comecei minha vida escolar na Escola Técnica de Comércio Clovis Salgado, cursando da 1ª à 3ª série do Ensino Fundamental. Lembro-me de uma professora que marcou a minha infância, carinhosamente chamada de Tia Ana Paula, pois trazia o lúdico e tornava as aulas mais atrativas.

Logo após, meus pais me transferiram para outra escola, pois alguns fatores internos e externos estavam afetando o meu desempenho, e alguns anos mais tarde a referida instituição fechou as portas. Fui estudar no Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (CENEC) – Centro Educacional Aderaldo Mano, uma escola muito bem-conceituada na cidade e região. Escola de ensino tradicional, tinha uma diretora muito rígida, conhecida popularmente como Dona ou Tia Mazé, mas que, para a época, por volta dos anos 2000, era o que tinha de melhor em educação, na cidade.

Meus pais sempre fizeram de tudo para que estudássemos nas melhores escolas, que, na época, eram instituições privadas, pois o ensino público era muito defasado. Passei algo próximo de 3 anos na referida escola, onde, desde os tempos de Escola Técnica, me destacava da turma em conhecimento, o que se refletia nas notas; alcancei algumas aprovações em olimpíadas e destaque no nível escolar. Permaneci na escola até a 6ª série.

Até então, éramos dois filhos, sendo eu o mais velho, porém, minha mãe engravidou do meu irmão mais novo e o orçamento apertou um pouco; daí meus pais tiveram que nos transferir para a escola pública.

Recebi a notícia da transferência com muito desgosto, imaginando como seria a vida dali para a frente, pois nunca tinha colocado os pés em uma escola pública; as notícias que chegavam até nós é que não se tinha um ensino de qualidade, mas não externei nada do desgosto e desolação por mais uma mudança naquele momento, pois, por ser o mais velho, já entendia o motivo da mudança.

Na mesma época em que ocorreu a transição do ensino privado para o público, o candidato a prefeito do município de Senador Pompeu, que meu pai apoiava, perdeu o pleito eleitoral, e, com isso, chegou o desemprego dentro da nossa casa, pois ele exercia um cargo de confiança no município. A partir daí, ficamos dependendo dos meus avós, no que tange ao sustento básico para comer, lembro-me que passamos algum tempo tendo em casa somente arroz e feijão e, quando tínhamos algum tipo de mistura, tratava-se de um empanado de frango, para dividirmos entre cinco pessoas.

Mas os meus pais sempre reforçaram o peso da educação e a sua importância para os crescimentos pessoal e profissional. Pois arrependiam-se, ou, por vezes, justificavam o “ter” que trabalhar, como motivo de não terem conseguido terminar sequer o Ensino Médio. Minha família, de modo geral, sempre foi muito humilde, de origem na roça, e todos muito trabalhadores. Percebi, então, a importância da educação, no contexto social em que me encontrava. Só conseguiria superar e, no futuro, não me encontrar nas mesmas dificuldades, estudando. Parafraseando Nelson Mandela, a educação tem que ser usada para mudar o mundo, pois é a arma com mais poder que possuímos ao nosso alcance.

Comecei a minha jornada no ensino público cursando a 7ª série na Escola de 1º grau de Senador Pompeu. No primeiro dia de aula na “escola nova”, começamos nos apresentando aos professores, como era a prática da época, e conhecendo uns aos outros e só então vivenciei as dificuldades do ensino, como aluno. Porém, tínhamos professores muito comprometidos, que exerciam a educação a qualquer custo, e isso percebi já mudando a visão sobre as notícias que dali chegavam, e assim poderia tirar muito proveito daquele esforço e conseguir superar-me nos estudos. Ficou nítido que era possível fazer ensino público com qualidade. Finalizei o Ensino Fundamental

naquela escola e até hoje mantenho contato com alguns amigos ali formados, como também alguns professores que se tornaram colegas de profissão.

Ensino Médio

Iniciei o Ensino Médio cursando a primeira parte na Escola de Segundo Grau Coronel Aduino Bezerra e terminando no Liceu de Senador Pompeu, pois fomos mudados para o novo prédio, então construído na gestão do ex-governador Lúcio Alcântara. Deparei-me com um novo modo de ensinar, onde o aluno era o centro e dono do seu protagonismo e, de início, estranhei, mas logo internalizei o conceito e comecei a produzir mais uma nova história naquele centro de ensino.

Com o tempo, percebi que era necessário continuar estudando, entrar em uma universidade. Tracei dois caminhos a trilhar; o primeiro era seguir para a Medicina e o outro era seguir para a docência. Contudo, ainda sendo originário de família pobre, não consegui ingressar na Universidade de Medicina por vários motivos. Segui, então, para a segunda opção, que era a docência. As Ciências, de modo geral, sempre me fascinaram. Entender como as coisas funcionam é instigador e, meio ao acaso, com a influência de uma professora de Biologia do Ensino Médio, parti para as Ciências Biológicas. Sem dúvida, nesses tempos de escolaridade, aliados à formação familiar, é que se deu a formação de meu caráter, o meu modo de ser pessoal e profissional.

Ensino Superior e Vida Profissional

Assim que finalizei, com sucesso, o Ensino Médio, automaticamente, realizei o vestibular na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), *campus* da Universidade Estadual do Ceará, em Quixadá, pois meus pais não tinham condições de me sustentar em Fortaleza, para cursar Medicina. Então, como já mencionado neste pequeno reflexo da minha história, parti para a docência. Consegui a aprovação logo na primeira tentativa.

Estava muito empolgado, pois era o primeiro da minha família a chegar no Ensino Superior e todos viam um grande potencial, porém, como diz o Tio Ben, “... com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades” e foi assim, exatamente, que me senti. Ao mesmo tempo em que fui orgulho, por ter chegado onde ninguém mais conseguira, veio a pressão sempre por bons resultados.

Teria que me deslocar por 300 quilômetros de ida e volta, com uma duração de 4 horas de viagem, para chegar na faculdade. Concomitantemente com os estudos, comecei a trabalhar em uma oficina de bicicletas. Esse foi o meu primeiro emprego. Meses depois, surgiu a primeira oportunidade de ingressar na docência, de fato.

No ano de 2010, participei da minha primeira seleção de professores temporários do estado do Ceará; obtive a aprovação e fui trabalhar no laboratório de ciências da Escola Estadual de

Educação Profissional (EEEP) José Augusto Torres, como professor temporário da rede estadual do Ceará. Desempenhei a função de professor do Laboratório de Ciências até o final do ano em questão.

No ano de 2011, não consegui me inserir novamente na docência, pois estava apenas no 4º semestre da licenciatura e alegaram que eu não tinha experiência, mas precisava trabalhar. Dessa forma, comecei a procurar empregos em outras áreas; foi então que surgiu uma oportunidade no Banco do Brasil, para trabalhar de agente de crédito, e fiquei até o final de 2012. Sempre dando muita importância aos meus estudos, pois, como enfatiza Temilson Costa (2019, p. 65-75), em seu memorial: “A importância da educação, como forma de transformar a vida da família, servindo como princípio [...], buscando sempre o bem comum, ocasionando melhorias na qualidade de vida de todos”.

No primeiro semestre, senti o abismo que existe entre o Ensino Médio e o Ensino Superior. Chegaram as provas, os trabalhos e acompanhados de algumas notas baixas, o que me surpreendeu, pois, até então, a minha carreira discente era repleta de notas boas e aprovações; vi ser necessário me debruçar mais sobre os livros e apropriar-me dos conhecimentos solicitados. Acredito que ainda estava em processo de adaptação às mudanças sofridas, seja pelo fato de precisar deslocar-me até a cidade da faculdade, ou aliar os estudos ao trabalho. Dessa forma, estreitei ainda mais a minha relação com os estudos, tornando-os o centro da minha vida, naquele momento.

Muitos foram os desafios perpassados, no transcorrer da vida acadêmica, porém, com êxito, foram superados. Não posso, aqui, esquecer-me de agradecer a todos os professores que fizeram e deram seu máximo para que nos tornássemos excelentes profissionais. A adaptação foi natural, no decorrer de cada semestre, e foi, sem dúvida, um dos momentos mais enriquecedores da minha vida; momentos de descobertas e alguma liberdade vivida intensamente; participei de congressos, encontros universitários, palestras e a própria vida, dentro da universidade, interagindo em cada momento e aproveitando ao máximo.

Terminei o Curso de Ciências Biológicas em janeiro de 2013. Seis meses depois da colação de grau, surgiu uma oportunidade de, novamente, ingressar na docência; dessa vez, em outra cidade da região. Submeti-me outra vez ao processo seletivo para professor temporário do estado do Ceará. O resultado foi divulgado dois dias depois do processo seletivo. Tive que tomar a decisão sobre para qual escola iria trabalhar, naquele momento, sem dúvidas, pois já tinha família na cidade; assim, optei por Pedra Branca.

Tive que me mudar de cidade e sair “debaixo das asas” dos meus pais. Como traz a música Voo Livre, do grupo Roupa Nova (2006),

Alçar um voo livre
Se lançar

No mar azul do vento

Velejar

[...].

Naquele momento, foi como me senti; estava tomando, pela primeira vez e com certa independência, as rédeas do meu futuro profissional e pessoal.

Comecei a trabalhar na cidade de Pedra Branca, em agosto de 2013, e lá permaneço até os dias atuais, como professor da Escola de Ensino Profissionalizante Antônio Rodrigues de Oliveira, instituição de referência pelos excelentes resultados obtidos nos campos educacional e profissional, sempre inserindo alunos nas universidades e no mercado de trabalho.

Realizei vários cursos de aperfeiçoamento, para sempre melhorar minha prática docente e, dessa forma, adquirindo mais conhecimento e aliando à prática; ao mesmo tempo cursei uma especialização em Gestão Escolar Integrada.

No ano de 2014, submeti-me a concurso público para professor, da cidade de Pedra Branca, com êxito. Em 2017, fui chamado para assumir a vaga de professor do Ensino Fundamental II, na vaga do referido concurso. Dentre algumas funções que já exerci e que são de relevância para citar, estão o cargo de gestão no polo da Universidade aberta do Brasil (UaB); fui professor formador, com passagem pela Escola de Formação do município, mas sempre no exercício da docência no Ensino Médio. Hoje, atuo como coordenador do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), do Ensino Fundamental, em uma escola municipal.

No ano de 2022, o então gestor da instituição onde trabalho publicou, no grupo do whatsapp da escola, uma oportunidade de ingressar numa pós-graduação *stricto sensu*, o Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Candidatei-me uma única vez em outro programa de mestrado profissional, porém, não obtive êxito. Antes dessa primeira tentativa, nunca concorrera a nenhum programa, pois não segui uma vida acadêmica tradicional, de participação em bolsas de iniciação científica; monitorias; artigos em publicações; e/ou mesmo resumos expandidos, para apresentação em congressos; em resumo, levando em conta a vida universitária, as chances eram reduzidas.

Na vida profissional, pude participar e realizar palestras, mesas-redondas, olimpíadas, então, a partir do estilo do processo seletivo, as minhas esperanças foram retomadas.

Hoje, novamente, voltei à vida universitária, tendo que percorrer toda sexta-feira, ida e vinda, um pouco mais de 600 quilômetros, porém, desta vez, no ProfEPT, o qual tornou-se o centro de minhas atenções, além do trabalho na escola.

Entre no programa com o intuito de pesquisar qual a influência da educação científica nos educandos do Ensino Médio profissionalizante da escola onde exerço a docência. O interesse em

estudar o impacto da inserção da educação científica dentro do ensino de Ciências, no Ensino Médio Profissionalizante, justifica-se pelo fato de ser formado em Ciências Biológicas; lecionar essa disciplina na referida instituição de ensino, e ser um dos professores que estão à frente de um grupo de alunos que tem o interesse de participar de projetos científicos e olimpíadas, a fim de ampliar os conhecimentos. Não podemos negar a relação próxima entre educação e ciência, dado que na educação formal os educandos interagem com matérias que exigem a investigação científica (Schnetzler, 2002).

Conclusão

Com a análise de facetas da minha vida profissional e da pessoal aqui apresentadas e compreendendo que somente com a educação teremos ferramentas para ajudar na mudança da vida das pessoas, a partir dessa tarefa, espero contribuir com o processo de preparação educacional, e na constituição de saberes, para servir de alicerce, com prevalência da prática de interação entre cada sujeito e, dessa forma, ajudar a estabelecer associações que sempre concedam a busca de novos saberes e da educação, tornando-se o ensejo pelo qual o indivíduo se tornará protagonista da sua própria história de vida, seja profissional ou pessoal.

Referências

- COSTA, Temilson. Memórias de uma vida: retratos de um cotidiano pessoal, educacional e profissional. *In*: ALVES, F.R.V.; LIMA, J.Q.; JUCÁ, S.C.S.; SILVA, S.A. **Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos**, v. 1, n. 1, p. 65-75, Fortaleza, 2019.
- HOMEM ARANHA. Direção: Sam Raimi, Produção de Laura Ziskin e Ian Bryce. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2002.
- ROTH, T.; GUEDES, L. M. Voo livre. Roupas Nova. **Clarear**.
- SCHNETZLER, Roseli Pacheco; ANTUNES-SOUZA, Thiago. O desenvolvimento da pesquisa em educação e o seu reconhecimento no campo científico da química. **Educação Química em Ponto de Vista**, v. 1, 2018.
- SCHWARTZMAN, S. A pesquisa científica e o interesse público. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 361-395, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8648864>. Acesso em: 10 maio 2021.

O EU DE ONTEM E O EU DE HOJE EM UM DEBATE CONTEMPORÂNEO

Heidyani Leão de Souza⁶

Introdução

A narrativa que se segue tem início no século passado, no começo dos anos 1980, com o nascimento desta autora e alcança o ano de 2022, no contexto do Mestrado em Educação Profissional, no qual a elaboração deste memorial integra uma atividade da disciplina de Seminário em Pesquisa.

Segundo Pestana (2013), o texto narrativo é uma modalidade em que se conta um fato, ou fatos, fictício ou não, que ocorreu num tempo e lugar preciso, envolvendo certos personagens. Acrescenta, ainda, que toda narração tem um enredo, ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Decorrem disso alguns questionamentos preliminares: Como se escreve a história de vida de alguém? E quando esse alguém é você mesmo? Qual a metodologia a ser adotada? Entrevistar a si mesmo é um caminho possível? E qual percurso seguir, se pelas marcas afetivas, a partir dos fatos notadamente emocionantes; se pelos fatos da infância e adolescência que um adulto não esquece; se pelos aprendizados, como quando aprendi a ler e escrever; quando consegui decodificar as horas no relógio analógico ou digital; quando aprendi xadrez, vendo dois garotos jogarem sem que eu fizesse parte da brincadeira; quando aprendi a andar de bicicleta; dirigir um carro e até um caminhão; pelos sabores e sons que senti e ouvi; ou pelos tantos lugares que conheci? Voltar ao começo e compartilhar a ordem cronológica dos fatos e reconstituir os acontecimentos nesse mundo, embora lugar comum nas escritas de si-dos outros, parece-me uma via possível e tenaz.

Em vista disso, advirto que o escrito encerra o lapso temporal mencionado; o propósito de executar a tarefa designada; e seleciona os eventos relevantes para essa circunstância de composição,

⁶ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Direito Educacional pelo Instituto Pró-Minas. Técnica em Secretariado Executivo do IFCE. heidyani@gmail.com.

ordenação e produção de uma pesquisa educacional, e consecutiva escrita de uma dissertação e apresentação de um produto educacional ao Programa de Pós-graduação do IFCE.

Para tanto, reputo conveniente definir a acepção de narrar-se, tal como um inventar a si mesmo, assentado no tempo e espaço, e condensado num composto de frases que estabelecem determinadas relações de sentido. Esse inventar-se requer uma visita às lembranças, conservadas sob o tecido das emoções. Essa revista às memórias, ora agradável, ora desafiante, converte-se num viver novamente e conquista outro significado e novo valor, dissemelhante do original, uma vez que, simultaneamente, não sou e sou aquela que experimentou os fatos. Isso ampara a seleção de quais eventos comporão as frases que se sucedem e suas conexões, evidenciando uma perspectiva e apontando limites, sem a pretensão de abarcar todos os episódios importantes.

Os eventos selecionados estão contidos em duas partes. A primeira é intitulada: “Dos primeiros passos aos caminhos profissionais e acadêmicos” e, a segunda: “Caminhos possíveis no ProfEPT: entusiasmo e curiosidade de sobra”. Nessa primeira parte, concentro os primeiros passos na escola, apresentando o percurso formativo da Educação Básica, com os estudos na infância, adolescência, até o ingresso no Nível Superior, com as primeiras experiências no âmbito da pesquisa. Mencionarei, ainda, minha experiência profissional ao atuar na iniciativa privada até o ingresso no serviço público federal, em decorrência da nomeação em concurso público.

Na segunda parte, relato o contexto da seleção e aprovação para cursar o Mestrado Profissional em Educação Profissional; indico o plano para o desenvolvimento da investigação; e exibo a conjuntura social que me motiva e o objeto a ser examinado, com foco na formação humana integral nos cursos técnicos integrados do IFCE.

Concluo refletindo sobre essa escrita em si mesma. O anúncio sobre meu ensejo ante as possíveis impressões causadas ao/à leitor/a e uma aspiração a ser alcançada em razão da produção do citado mestrado.

Dos Primeiros Passos aos Caminhos Profissionais e Acadêmicos

Nasci nos anos iniciais da década de 1980. Segundo o acervo jornalístico⁷, as principais notícias comunicavam o retorno da nave espacial Colúmbia, nos Estados Unidos da América (EUA); o exército argentino instalava um tribunal de guerra para investigar as causas da rendição na Guerra das Malvinas; a expectativa da participação de Zico numa partida de futebol da seleção brasileira, pelo Grupo C da Copa do Mundo; e o presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) acusara o Partido

⁷ Cf. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820704-32919-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: 9 maio 2022.

do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) de lançar mão de métodos fascistas de ataque, tal qual o “voto útil”, para permanecer monopolizando o voto oposicionista. Essas eram as principais informações da capa do jornal na data em que foi registrado meu nascimento.

Do cenário político nacional, a primeira recordação que tenho é do cortejo fúnebre do primeiro presidente civil eleito, depois de 21 anos de ditadura, Tancredo Neves, ao som da música Coração de Estudante, de Milton Nascimento, numa imagem de televisão, no canal da extinta TV Manchete. Essa recordação evidencia que, desde tenra infância, atentava para o contexto político-econômico nacional, embora ainda não o compreendesse. Recordo-me de fatos como o movimento das Diretas Já; as eleições, no ano de 1989; as mudanças de planos econômicos; e o processo de *impeachment* de Fernando Collor.

Esse contexto destaca-se, em minhas memórias, tendo em vista que justificava as mudanças de meu itinerário estudantil, a começar na infância, com a escolha desta ou daquela escola em que eu estudaria. Filha caçula de um casal de maranhenses, vindos para o estado do Ceará em busca de melhores oportunidades de estudo e trabalho, ambos com formação completa do Ensino do 2º Grau⁸ e pertencentes à classe trabalhadora. Meu pai, mecânico de máquinas pesadas de uma tradicional construtora estadual; e minha mãe dedicada às atividades domésticas. Quaisquer alterações no cenário político-econômico nacional repercutiam imediatamente no dia a dia familiar e motivavam essas decisões sobre minha sina discente.

Recordo-me de cursar o 1º Grau em três escolas; duas delas privadas, de pequeno porte, com gestão familiar; e a terceira da Rede Estadual do Governo do Estado. O projeto pedagógico da escola em que cursei a maior parte do 1º Grau detinha, além das disciplinas básicas, conteúdos distintos e, ainda, atividades no contraturno, como modalidades esportivas, dança e um grupo folclórico, que associava aulas teóricas com a história das tradições nacionais e locais, e aulas práticas, com ensaio e apresentações esporádicas de danças, conforme o Art. 7º da Lei 5.692/1971:

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado, quanto à primeira, o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. Parágrafo único. O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus. (BRASIL, Lei n. 5.692/1971, Art. 7º)

⁸ Cf. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Capítulos 1 e 2 – Do Ensino de 1º e 2º Graus (Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>).

Assim, tínhamos disciplina de Teoria Musical; História da Matemática; e Educação Sexual. Essa conjuntura resultou favorável para minha formação, por ter sido fomentada tanto as noções dos conhecimentos básicos das Ciências quanto o desenvolvimento de sentidos estético, histórico e crítico.

As condições para estudar fora da escola não eram adequadas, assim mesmo tirava boas notas, com bom desempenho nas matérias; especialmente, Matemática, Língua Portuguesa, Ciências Sociais e Naturais. Aproveitava o tempo da aula e na escola para ler e fazer os exercícios recomendados. O hábito da leitura logo foi desenvolvido e conserva-se até hoje. Se tivesse oportunidade, buscava um lugar para ler algum dos livros recomendados pelos professores, e esforçava-me para fazer de modo breve, usufruindo do pouco tempo livre, e para logo devolver as obras que havia tomado de empréstimo de algum colega ou de alguma professora.

Cursei os dois primeiros anos do 2º Grau numa tradicional escola da Prefeitura de Fortaleza, o Colégio Filgueiras Lima. Apesar de tradicional, a estrutura estava precária, com salas de aula avariadas; a biblioteca desorganizada e sem acervo atualizado; a quadra esportiva e área de convivência desgastados. Apesar das poucas condições, o desvelo de dois professores desse Colégio, com o reconhecimento de minha dedicação aos estudos, conduziram-me a concorrer e ser aprovada em processo seletivo de uma escola privada – dessas que expõem seus resultados com aprovações em vestibulares e seleções nacionais, com grande número de aprovados e, geralmente, com indicação de 1º lugar – para cursar o 3º ano do 2º Grau. Fui matriculada, na condição de bolsista, para os estudos e preparação para o vestibular.

Nesse intenso ano, tive acesso a um ambiente escolar diverso de todo aquele que eu vivenciara até ali, tendo aulas com professores diligentes na tarefa de sermos aprovados no vestibular das principais universidades de Fortaleza, a saber, Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Estadual do Ceará (Uece); e Universidade de Fortaleza (Unifor). O espaço escolar continha salas de aula bem arquitetadas e climatizadas; biblioteca com acervo atualizado; sala de multimídia; atendimentos pedagógico e psicológico; e monitoramento constante dos resultados dos exames simulados realizados semanalmente, indicando quais conteúdos deveriam ser aprofundados para alcance de melhores notas. Essa conjuntura resultou na aprovação para o curso de Psicologia, na Unifor, um dos cinco cursos mais concorridos à época, em conjunto com os Cursos de Medicina, Direito, Odontologia e Engenharia Civil.

Não havia ambições específicas sobre qual profissão escolheria, mas estava determinada em conservar-me estudando. Aquela atividade outorgava, e outorga, vazão ao impulso de transbordar-me além do que queria me enquadrar, e ainda era prazerosa e acolhedora. Ansiava por um meio

para suprir uma mente curiosa, intensa, cheia de perguntas e ávida por conhecer o mundo e seus significados.

Com dificuldade e relutância familiar, consegui matricular-me nessa universidade e fui a primeira pessoa da família a ingressar no Nível Superior. Cursei dois semestres de Psicologia e o fascínio pelos fundamentos teóricos e as primeiras práticas em pesquisa acadêmica, embaralhavam-se aos desafios cotidianos da insuficiência de recursos financeiros. A primeira vivência com a prática da pesquisa ocorreu ainda no primeiro semestre, no decurso da disciplina de Metodologia Científica.

A proposta era que fosse elaborada uma monografia, sobre qualquer tema, com foco nos procedimentos de investigação, formatação e apresentação. Os melhores trabalhos seriam selecionados e apresentados no VI Encontro de Iniciação à Pesquisa, da Unifor, com a publicação de um livro contendo os resumos. Assim, tive meu estudo intitulado “Redescoberta da Morte com Pacientes Terminais”⁹ selecionado, apresentado e publicado, sob a orientação da professora Helza Lanz.¹⁰

As adversidades cotidianas, a angustiada incerteza sobre o futuro acadêmico-profissional eram misturados às leituras dos textos clássicos de Filosofia, Sociologia e Psicologia e tanto contribuíram para compreender as circunstâncias postas quanto nutriram a esperança de permanecer estudando.

As condições para a manutenção dessa formação seriam a conciliação com um trabalho remunerado, para manutenção dos custos, aliado à conquista de um Fundo de Financiamento estudantil (FIES). Alcancei uma atividade de meio período, no segmento da indústria farmacêutica, com pagamento equivalente a um salário mínimo, que contribuía para a manutenção diária, mas não o bastante para solver as mensalidades da Unifor. O financiamento nunca foi concedido, apesar dos esforços, considerando a escassez de recursos disponíveis. Ao término do segundo semestre, interrompi aquela formação, findando com as objeções domésticas. Uma canção de Gilberto Gil retrata bem aquele contexto:

O governador promete
Mas o sistema diz não
Os lucros são muito grandes
Mas ninguém quer abrir mão, não
Mesmo uma pequena parte
Já seria a solução
Mas a usura dessa gente
Já virou um aleijão
(Nos barracos da cidade. Composição: Gilberto Gil e Liminha/1985)

⁹ Cf. Leão, 2000.

¹⁰ Cf. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9480668981219511>

No início do ano seguinte, prestei vestibular novamente para a Uece e fui aprovada para o Curso de Filosofia. A opção por esse curso decorreu dos semestres cursados na Unifor e contato com os campos de conhecimento da Filosofia e Sociologia. Matriculei-me no semestre noturno e iniciei os estudos na sede do bairro de Fátima.

Nesse ínterim, tive a oportunidade de aprofundar minha atuação profissional na indústria farmacêutica e toda a cadeia comercial de produtos médicos e laboratoriais. A atividade comercial exercida demandava constantes viagens para o interior dos estados do Ceará, Piauí e Maranhão, além daquelas para treinamento em São Paulo. Nessas circunstâncias, pude estudar e compreender esse segmento de mercado, além de conhecer a maioria dos municípios cearenses; alguns do Piauí, Maranhão e a capital paulista. Os ganhos financeiros aumentaram concomitantemente à necessidade de suporte doméstico. Dessa forma, tranquei o Curso de Filosofia na Uece, após dois semestres, e dediquei-me à indústria citada por 14 anos.

Ao longo desse tempo, percorrendo tantos lugares, deparava-me, constantemente, com a desigualdade social e extrema pobreza, no interior nordestino; homens e mulheres distanciados do que verdadeiramente eram, como seres humanos, e, de igual modo, jovens e crianças com o incremento de vivenciarem a infância e adolescência permeadas pela rudeza do trabalho diário, a fome e a desesperança de um futuro diferente daquele que se anunciava.

Nos poucos momentos de folga, ou no intervalo entre uma viagem e outra, ir a uma livraria significava o mesmo que ir a um reduto de calma e, via de regra, estava próximo às prateleiras destinadas às Ciências Sociais, Filosofia e Educação. Até então, esse campo do conhecimento era inexplorado e, aos poucos, despertava minha curiosidade. Li alguns livros sobre Educação brasileira, teorias da aprendizagem e Psicologia na educação e, como disse Luís de Camões (1572, p. 31), os tempos e as vontades modificaram-se:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Em 2013, o cenário econômico mundial estava adverso e os impactos, no ramo em que eu atuava, tornava-o cada vez mais instável e permeado de incertezas. Percebi que era o momento de traçar uma nova rota e fazer outras escolhas, conjecturando um futuro distinto do que vivera até ali. Inscrevi-me no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)¹¹, realizei a prova e, no final do ano,

¹¹ Cf. Exame Nacional do Ensino Médio instituído pela Portaria n. 438, de 28 de maio de 1998, do Ministério da Educação (Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=5&data=01/06/1998>. Acesso em: 11 maio 2022).

submeti-me ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu)¹² e fui aprovada para o Curso de Pedagogia Noturno da UFC.

Graduei-me em Pedagogia pela UFC no interstício de 2014-2017, integralizando uma carga horária total de 3.216 horas. Durante a formação inicial, além dos componentes curriculares obrigatórios e optativos, integrei alguns Grupos de Pesquisa, a saber, Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação do Ceará (Gephec), coordenado pelo professor Dr. Francisco Ari de Andrade¹³, e do Grupo de Estudos e Pesquisas Práxis e Formação Humana em Antônio Gramsci (GRAMPFH) e Grupo de Estudos e Pesquisas Fundamentos Onto-históricos da Educação (Fonthe); esses vinculados ao projeto de pesquisa Contribuições dos Fundamentos da Filosofia da Práxis de Antônio Gramsci para Formação Humana e do Educador, coordenado pela professora Dra. Joeline Rodrigues de Sousa¹⁴.

Fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹⁵, no Projeto “Contribuições da Pós-graduação à Graduação: Subsidiando a Formação do Pedagogo”, coordenado pela professora Dra. Maria José Costa Santos¹⁶. Nesse projeto, aprofundi os estudos a respeito de Legislação Educacional; Formação Docente; Currículo; Ensino de Matemática; e Tecnologias Educacionais. Vivenciei a venturosa experiência do desenvolvimento da pesquisa educacional; participei de eventos científicos da UFC e de outras universidades¹⁷ e submeti trabalhos para publicação em revistas científicas.

Para concluir essa formação, desenvolvi um estudo que consistiu em debater a questão do currículo de Matemática para os anos iniciais, especialmente no contexto do processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁸, no âmbito da atuação docente nesse trajeto e suas expectativas ante aquela iminente implementação da proposta, tão logo se desse sua aprovação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), intitulado “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino da Matemática Anos Iniciais: Avanço e/ou Retrocesso?”.

¹² CF. Sistema de Seleção Unificado (Sisu) instituído e regulamentado pela Portaria Normativa do MEC n. 2, de 26 de janeiro de 2010 (Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5637-port-norm-2010-13&Itemid=30192, Acesso em: 14 maio 2022).

¹³ Cf. <http://lattes.cnpq.br/4884549948869079>

¹⁴ Cf. <http://lattes.cnpq.br/2595454356017682>

¹⁵ Cf. <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>

¹⁶ Cf. <http://lattes.cnpq.br/3144508981197442>

¹⁷ Cf. IX Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. 2015 (Disponível em: http://educonse.com.br/ixcoloquio/publicacao_eixos.asp. São Cristóvão/SE).

¹⁸ Cf. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

A pesquisa teve como objetivo identificar a perspectiva dos educadores matemáticos de uma escola pública da rede municipal de ensino situada no bairro da Vila União, do município de Fortaleza/Ceará. Considero que o estudo resultou exitoso na medida em que verifiquei que o nível de participação e contribuição dos professores foi mínimo, ou quase inexistente, tendo em vista que as condições de trabalho docente; a vultuosidade das atividades; e as horas dedicadas à prática pedagógica; e a escassez de espaços destinados a esse tema, interferiram e ocasionaram seus distanciamentos do desenvolvimento daquela política pública, e pude refletir sobre a legitimidade daquela ideia da normatização dos currículos escolares, através da BNCC, conforme Souza (2017, p. 50)¹⁹:

[...] ponderamos se a proposta da BNCC surge da real necessidade da população brasileira, atendendo às urgentes demandas de uma nação que ainda convive com a miséria, com a fome, a necessidade de uma revisão quanto a concentração de renda abundante para uma classe e mínima para a outra, com o aprofundamento dos conflitos sociais, da expansão da violência de um ser contra o outro por distintas razões, robustecendo nossas desumanidades.

Após esse percurso, busquei um aporte teórico para melhor abordar a legislação educacional brasileira, concluindo a Pós-graduação em Direito Educacional, pelo Instituto Prominas, com carga horária de 500 horas, em 2019. Essa formação explicitou saberes das Ciências Jurídicas, favorecendo a abordagem de normas educacionais sob a perspectiva do operador em Direito. Nesse contexto, desenvolvi um estudo sobre a implementação do Art. 17 da Resolução n. 2, de 22 de dezembro de 2017, do Conselho Nacional de Educação/CP, a partir das adequações dos currículos dos cursos destinados aos professores no âmbito da formação inicial, à BNCC, para o ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O objetivo foi identificar os aspectos essenciais para a conformação dos currículos dos cursos de formação inicial de professores à BNCC e, de modo específico, refletir quanto à necessidade de reformulação das disciplinas que fornecem instrumental para a atuação do professor para o ensino da Matemática.

Alcansei enquanto resultados: (a) a necessidade de abordagem de distintas linhas metodológicas para a construção de conceitos matemáticos; (b) a indispensabilidade de aprofundamento teórico para a contextualização de formas de construção de conhecimentos específicos matemáticos; (c) a contemplação de estratégias para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático; (d) a construção de um modelo epistemológico oportuno ao profissional docente

¹⁹ Cf. <https://www.repositoriobib.ufc.br/00005f/00005fee.pdf>

que atuará nos ensino da Matemática, favorecendo sua atuação autônoma; sendo, esse último, assim expresso, em Souza (2021, p. 511)²⁰:

As circunstâncias sociopolíticas postas são desafiantes. Assim mesmo, acredita-se possível efetivar alternativas para FI docente, com currículos que superem as limitações dos conhecimentos fragmentados e dispostos em disciplinas isoladas, para além da profissionalização e do desenvolvimento de competências e habilidades, com uma formação cidadã, democrática, criativa e emancipatória.

Após, concluí os Cursos de Aperfeiçoamento em Tecnologia na Educação, Ensino Híbrido e Inovação; e de Formação em Metodologias, Práticas Pedagógicas e Tecnologias Educacionais, promovidos pelo Laboratório de Educação Digital/UFC, ambos com carga horária de 180 horas, ao longo de 2020 e 2021²¹.

Conforme o citado soneto de Camões diz, que os tempos mudam e as vontades também, ainda em 2014, inscrevi-me no Concurso Público para Técnicos-Administrativos Educacionais (TAE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), regido pelo Edital n. 05/2014²². Fui aprovada e convocada no final de 2015, com a posse prevista para fevereiro do ano seguinte, encerrando minha atividade profissional no comércio farmacêutico. Atuo no IFCE desde o ano de 2016, como TAE, ocupante do cargo de técnico em Secretariado Executivo. Estive atribuída na Chefia de Gabinete do *campus* Ubajara, *campus* Aracati e, atualmente, na Secretaria do Gabinete do Reitor, na sede da Reitoria.

Caminhos Possíveis no ProfEPT: Entusiasmos e Curiosidades de Sobra

O anseio de prosseguir meus estudos em Educação mantiveram-me motivada a concorrer aos diversos processos seletivos para o Curso de Mestrado em Educação. A cada preparação e tentativa, os aprendizados intensificaram-se, apesar dos resultados negativos. Após cinco tentativas, fui aprovada para o Mestrado Profissional em em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) regido pelo Edital ProfEpt n. 01/2021²³.

A Educação Profissional confronta-se com vários desafios, para efetivar seu papel social (MOURA, 2014). A começar com a promulgação da Medida Provisória n. 746/2016, convertida na

²⁰ Cf. https://www.caeduca.com/wp-content/uploads/2021/09/02-CAEDUCA-2021-Temas-de-Gestao-Ensino-e-Formacao-Docente.pdf?vgo_ee=6ZvpQnkBvMbUk3jedLQ5eIvy7T5YEJ8ohjC9vauJg30%3D.

Acesso em: 15 maio 2022.

²¹ C.f. in: <https://sites.google.com/view/ldeufc>. Acesso em: 15 maio 2022.

²² Cf. https://ifce.edu.br/aceso-rapido/concursos-publicos/editais/concursos-e-selecoes/concursos-publicos/copy_of_concursos-publicos. Acesso em: 15 maio 2022.

²³ Cf. <https://profepf.ifes.edu.br/selecao/16462-edital22>. Acesso em: 14 maio 2022.

Lei n. 13.415/2017, que alterou a Lei n. 9.394/1996, e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e dá outras providências, até a assinatura da Portaria n. 521, de 13 de julho de 2021, que institui o cronograma nacional de implementação do novo Ensino Médio, visualizei um cenário adverso para a oferta de Educação Profissional e Tecnológica, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com a prática pedagógica, especialmente nos cursos técnicos integrados.

Refletindo sobre essa realidade, inquietei-me sobre quais serão os efeitos das citadas normativas no âmbito do IFCE, e propus uma investigação, a partir dos documentos institucionais, tais como resoluções, portarias e Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) dos citados cursos, editados no interstício de 2017 a 2022. O objetivo é identificar avanços ou retrocessos para a pretensa formação humana integral nos cursos técnicos integrados do IFCE.

Na pesquisa documental, com a revisão de textos que integram a legislação brasileira, bem como dos documentos institucionais, pretendo discuti-los, amparando-me nos referenciais teóricos, com destaque para: Gramsci (2014); Saviani (2003); Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005); e Moura (2010).

O debate sobre a construção do currículo na Educação Profissional é desafiante, considerando a diversidade de questões despontantes, e expressa a fertilidade teórica do campo, conforme apontado por Lopes (2010, p. 47-48):

Uma das principais marcas do pensamento curricular brasileiro atual é a mescla entre o discurso pós-moderno e o foco político na teorização crítica. [...] Entendemos, portanto, que estamos frente a uma redefinição do campo do currículo que envolve, não apenas a reterritorialização das referências da produção em currículo, mas a construção de novas preocupações.

Com base nesse estudo, considero possível a construção do produto educacional, contendo um quadro descritivo-histórico dos currículos dos Cursos Técnicos Integrados do IFCE, no intervalo de tempo estabelecido, e apresentado na forma de *e-book*.

Finalmente...

Redigir o presente memorial com a exploração de minhas memórias foi um processo laborioso e transformador, pois ofereceu a mim mesma a oportunidade de perceber fatos passados, sob uma outra perspectiva, tal como um debate sobre e em mim mesma, traduzindo minhas próprias forças com outras letras, como bem disse Rubem Alves (2003, p. 95), ao citar a explicação de Alberto Caieiro:

Procuo despir-me do que aprendi,
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Anelo que meu envolvimento com a Educação, de modo geral, reste notório, ao término da leitura destas linhas. Sigo dedicada a compreender mais sobre esse campo de conhecimento; alcançar as causas de tantas mazelas; bem como as alternativas disponíveis, e, quem sabe, ser propositiva para a melhoria de sua qualidade.

Para que isso ocorra, considero indispensável que os espaços institucionais para o debate educacional sejam ampliados, reconhecendo as inúmeras determinações sociopolíticas e econômicas impostas, e o diálogo entre educadores e profissionais de Educação sobre as políticas educacionais possa ser expandido, compreendendo os temas como conhecimento; poder; cultura; tempos; espaços; cotidiano; diferenças; tecnologias; e suas implicações curriculares.

Referências

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas: Verus, 2003.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Capítulos 1 e 2 – Do Ensino de 1º e 2º Graus. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 8 maio 2022.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 15 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: um documento preliminar**. 3. versão. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 22 jun. 2017.

BRASIL. Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Altera a Lei n. 9.394, de 20 dezembro de 1996**. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n. 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de dezembro de 2017, Seção 1, p. 41 a 44. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 9 mar. 2019.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os lusíadas de Luís Camões**. p. 31. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 9 maio 2022.

LEÃO, H. Redescoberta da morte com pacientes terminais. VI ENCONTRO DE INICIAÇÃO À PESQUISA. 11 a 13 de setembro de 2000. Resumos. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2000, p. 155.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (orgs.). Currículo: debates contemporâneos. 3ª. ed. **Série Cultura, Memória e Currículo**, v. 2, São Paulo: Cortez, 2010.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Coleção Formação Pedagógica, v. 3.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SOUZA, H. L. **A base nacional comum curricular (BNCC) no ensino da matemática anos iniciais: avanço e/ou retrocesso?** Disponível em: <https://www.repositoriobib.ufc.br/00005f/00005fee.pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

SOUZA, H. L. A implementação do art. 17 da Resolução n. 2, de 22 de dezembro de 2017, do CNE/CP: sobre a adequação dos currículos dos cursos de formação inicial de professores à base nacional comum curricular? BNCC para o ensino da matemática. *In*: CAEDUCA 2021 – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ALTOS ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro. Temas de gestão, ensino e formação docente. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2021.

Capítulo 12

NA BUSCA DA MÁXIMA RESILIÊNCIA E ANTIFRAGILIDADE

Gleivando Magno de Lima

Introdução

É com ansiedade de estreia que venho rememorar pontos de minha modesta história. Encaro como desafio primitivo, o que realmente o é, nessa empreitada pela titulação de Mestre, sendo uma incrementação de enorme valia para o meu currículo. Todavia, percebo um engrandecimento do chamado currículo oculto, pelas tamanhas interações com os colegas e professores do curso.

Na tarefa de descrever fatos relevantes, vejo-me desafiado pela mente, pois sabemos que, como mecanismo de defesa do próprio cérebro, as lembranças negativas tendem a serem esquecidas, e alguns fatos não chegam à mente de maneira cronologicamente organizada; algumas vezes, lapsos e hiatos lacunosos vem à cabeça, já como um bom esforço para os neurônios e suas sinapses.

Na vida, os papéis desempenhados são inúmeros e por demais enriquecidos de tarefas cotidianas, muitas vezes proporcionando esgotamento de forças físicas, mentais e até espirituais. A resiliência é um ponto de constante busca, pois a queda é inerente às lutas; de certo, há momentos de imperioso desânimo, contudo, *se viver é lutar*, parafraseando Gonçalves Dias, na *Canção do Tamoio*, a resiliência é integrante das conquistas. Vejo também, na mais pura contradição, os benefícios retirados de situações não favoráveis para o indivíduo. O crescimento individual e até coletivo, do ser humano, é notável, em meio ao obstáculo; uma terceira via é quase sem demanda, ou superamos ou somos superados.

Agregado pelo conceito de antifragilidade, que fala não só em permanecer ileso às intempéries e, sim, se tornar produtivo, a partir de sua incidência. Como uma das essências humanas é a sua sociabilidade, desencadeando na fraternidade, pensemos em qual herança genuinamente rica de ideias e pensamentos, ações e projetos, tornarão a vida dos semelhantes melhor, e é com certeza de que não faltarão barreiras a serem transpassadas, me disponho a participar, da forma mais intensiva possível, do ProfEPT. Na certeza de ir aos recantos da mente para expor aqui o meu perfil de pessoa e profissional para ter a ideia, pelo menos parcialmente, da minha identidade. Há poucos anos, me

descobri fazedor de alguns versos, espero, em algum momento, produzir a ponto de publicar um livro de poemas e agradeam aos apreciadores.

Das Origens

Venho da Região Jaguaribana, mais precisamente da cidade de JaguaribeCE.; Nasci no dia 6 de abril de 1981, e tenho uma irmã de nome também não muito comum, Nadja Tasmânia de Lima; Sou filho de Francisco Ires de Lima e Maria Noêmia de Lima, ele servidor público pertencente aos quadros da Fundação Nacional de Saúde, hoje aposentado; e ela do lar.

Residimos em vários lugares, dentro da minha cidade; Recordo-me de constantes mudanças de residência, nas quais ajudava bastante no tirar e colocar dos objetos de casa. A infância é vivida sem luxos, mas com bastante entusiasmo, para desfrutar das brincadeiras da época, que eram: bola de gude; soltar peão; esconder-se e tantas outras tão habituais de um momento bem diferente do qual temos na atualidade.

No mesmo mês de meu nascimento, ocorreu o atentado ao Riocentro, uma das últimas ações dos militares do período ditatorial, tentando não permitir uma abertura para o regime democrático; Na época, o presidente era o general Figueiredo, último presidente do regime militar. Em nível mundial, em outubro de 1981, o presidente do Egito, Anwar Sadat, foi assassinado durante um atentado, e, em maio, Mehmet Ali Ağca tentou assassinar o papa João Paulo II, na Praça São Pedro, no Vaticano, com um tiro. O papa sobreviveu, após se submeter a uma cirurgia, e visitou Mehmet na cadeia, ofertando o seu perdão.

Em 29 de julho, mais de 700 milhões de pessoas pararam para assistir ao casamento de Charles, príncipe de Gales, com a lady Diana Spencer, na Catedral de São Paulo, em Londres; Morreu Bob Marley, cantor e compositor jamaicano de *reggae*, considerado mundialmente como o maior nome desse gênero musical e responsável por propagá-lo em todo o planeta. E, também, o piloto brasileiro Nelson Piquet conquistou seu primeiro título mundial de Fórmula 1.

O início da minha vida escolar deu-se na Escolinha Alegre de Ensino Infantil; Ainda vem na lembrança o fardamento um tanto quanto alegórico, em suas cores, com a camisa em quadriculado esverdeado e branco, com um bolso frontal simulando uma bolsa de mãe canguru, e um calção branco. Tantos brinquedos e brincadeiras, Uma professora saudosa, bem meiga, diametralmente o oposto a um professor particular que tive, quando cursava o Fundamental I; Não sei se, pela época, é para encarar com normalidade, ou espanto, mas era o método palmatória, quando indagava a tabuada; Mas creio não ter ficado com trauma, pois lá consegui evoluir no processo de leitura e escrita.

Passando pelos Colégios Carmela Dutra e Clovis Beviláqua, ambos de Ensino Fundamental, na minha cidade natal, tive uma reprovação, quando cursava o 6º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática; algo que vi como um momento muito ruim, contudo, no ano seguinte quase

fui medalhista. Minha trajetória no Ensino Médio se deu no período de 1997 a 1999, no Curso Profissionalizante de Técnico em Agropecuária, na antiga Escola Agrotécnica Federal de Iguatu, como havia citado, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *campus* Iguatu, local de enorme aprendizado, não só de conhecimentos formalizados, mas também de ensino para a vida, pois eu era interno, e morava dentro da própria instituição de educação.

Tudo remonta bastante ao saudosismo, desde a participação no processo seletivo para o ingresso, das grandes amizades, de eventos, visitas técnicas, e muitos momentos de lazer usufruídos; Constatei as diferenças entre possuir origem do meio rural e ser criado na cidade; Os costumes; os conhecimentos empíricos dos camponeses; em suma, uma grandiosa miscigenação cultural, as orientações dos docentes para uma melhor compreensão de mundo.

Tudo tendo que fazer atividades, como lavar roupas, além dos trabalhos de manejo nas antigas Unidades de Extensão e Produção (UEPs). Antigamente, o lema era *aprender para fazer e fazer para aprender*, comportando criadouros de aves, no qual fazíamos a limpeza dos bebedouros e colocação de ração nos comedouros de corte, postura, além das práticas relacionadas, como vacinação, debicagem, e coleta de frangos adultos para o abate.

Nos anos seguintes vimos as práticas relacionadas à criação de suínos, como partos, castração e aplicação de medicamentos diversos. E, no último ano, os bovinos de corte e de produção de leite; fizemos ordenha manual; vacinação contra febre aftosa; isso apenas na parte de produção animal; Já na parte de agricultura, vimos e laboramos nos plantios de hortaliças, aplicação de defensivos agrícolas; culturas anuais (arroz, feijão e milho). E a fruticultura, onde era feito o manejo e os tratamentos culturais, nas plantações de banana e goiaba, nas quais realizávamos desbastes, podas e aplicação de adubos.

Um curso com uma formação muito variada, mas, pela não valorização da profissão, nos últimos anos, vem ocorrendo um declínio pela procura e formação de novas turmas de técnico em Agropecuária. Realizei estágio na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce), executando, de forma supervisionada, as atividades: Coleta de sangue em bovinos; visitas às comunidades rurais para orientação e assistência aos produtores em seus plantios e criação de animais.

Na caminhada pelas Ciências Agrárias, fui convidado a participar da capacitação de técnicos para o cultivo de flores e plantas ornamentais, aqui no Ceará, promovido pela Secretaria de Desenvolvimento Rural do Ceará (SDR); realizei o estágio após o curso, na cidade do Eusébio/CE, na propriedade da senhora Elizabete, que, por sinal, é minha conterrânea no cultivo e comercialização da espécie mini ixoria como uma das maiores produtoras do Brasil.

Família: Uma Construção

Página | 134

Como descrito na Bíblia: “Não é bom que o homem esteja só...” Livro Gênesis, 2:18), casei-me e construí uma família. O verdadeiro desdobramento de lutas para prover o sustento material e emocional das duas filhas, Gabriele e Ana Laíse, minhas preciosidades, leve-me superação de momentos desafiadores, mas sinto um amor transcendental, cultivado desde o momento do nascimento, até hodiernamente. Um fascínio por poder levar para a posteridade os nossos legados de patrimônio sentimental. Os verbos cuidar e amar, muito embora imbricados, são distintos, e creio que oferto os dois para minha célula social.

Minha esposa Neide e eu sempre refletimos sobre como proporcionar uma educação verdadeiramente emancipadora e que leve a autonomia do pensar e agir, em meio a uma sociedade de telas sensíveis e prontificadas para o imediato. A dita educação informal é tão ou mais repleta de obstáculos do que a formal, e concorremos com outros meios educativos, quase sempre não condizentes com os nossos valores a repassar. Destaco uma afirmação categórica do autor Pedro Demo.

Educação não é só ensinar, instruir, treinar, domesticar; é sobretudo formar a autonomia do sujeito histórico competente, uma vez que o educando não é o objetivo de ensino, mas sim sujeito do processo, parceiro de trabalho, trabalho este entre individualidade e solidariedade (Demo, 1996, p. 16 *apud* Cruz, 2009, s/p.).

A família e a escola são instituições com papéis distintos, porém, se complementam na formação do ser humano; por isso, para Piaget (2007, p. 50),

uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar reciprocamente aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

Numa sociedade líquida, como professa Zygmunt Bauman, “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. As certezas científicas mudam em grande velocidade e as relações sociais, os costumes, se liquefazem, nesse imediatismo. Vemos reflexos disso no ensino e nos seus sujeitos.

Já são perceptíveis os sintomas de ansiedade, em minhas descendentes, agravados ainda mais pela pandemia do Covid-19. O confinamento forçado, a falta de interação com os colegas, gerou problemas de ordem psicológica, com reflexos nos conteúdos escolares. A filha mais velha, Gabriele, já se aproxima daquele dilema sobre qual será a profissão a seguir; Eu e a mãe a deixamos bastante à vontade, para realizar sua escolha, e o que já sinaliza é apenas que será a área de humanas; A mais nova relata certo interesse pelo curso de Medicina Veterinária, mas, o decorrer do tempo, acredito na escolha mais aproximada de suas aptidões.

Trabalho e Formação

Desde a adolescência, meus pais sempre me orientaram sobre a importância dos estudos para, como consequência, ter boa empregabilidade, conceitos esses, hoje, bem fluidos e nem sempre com correlação direta entre eles. Como gostava muito de jogos de vídeo *games*, minha primeira experiência de trabalho em uma locadora de *games* na minha cidade natal, foi quando tinha por volta de 15 anos, e ficava encarregado de fazer as anotações de começo e término dos jogos; Foi por um curto período de tempo, mas a sensação de senso de responsabilidade, fora os estudos, me fez perceber o esforço do meu genitor destinado ao sustento da casa.

Após esse inicial labor, tive um lapso temporal considerável, depois de concluir o meu ensino profissionalizante em Técnico em Agropecuária, no qual ingressei, de 1997 a 1999, a convite de uma amiga de meu pai, que disse que o seu filho já estava estudando tal curso, fiz o exame de seleção e entrei como estudante na vaga de interno. Ao concluir o curso técnico, fui à procura de uma colocação no mercado de trabalho; por vezes, cheguei a pensar que não encontraria vaga, até quando participei de uma seleção, promovida pelo governo do estado do Ceará, para a função de agente rural, no qual obtive êxito, permanecendo por um ano.

Foi, de muita valia para minha formação humana o contato direto com produtores rurais e suas muitas dificuldades, pois desenvolvi ainda mais o senso de empatia; As situações de pobreza e extrema pobreza foram fatores que me instigaram a ser mais um agente de promoção de mudança dessa realidade tão adversa no meio rural. A agricultura familiar, devidamente subsidiada, é propulsora para uma transformação socioeconômica no campo e se estrutura em políticas públicas perenes de acesso ao crédito e de assistência técnica contínua.

Mas, ao conviver com o meu pai na função, um servidor público, parecia que estava direcionado para ingressar no serviço público, pois foi despertado em mim o desejo de um dia me tornar também um servidor, então, por volta dos anos 2000, passei a me submeter aos certames públicos; Tentei concurso para a aeronáutica, sem sucesso; Foram muitas reprovações, o que, como dizem os especialistas na área, é absolutamente normal, até que me submeti ao concurso público para o cargo de inspetor de polícia civil do estado do Ceará. Fui aprovado e assumi para; desempenhar as funções. Por 4 anos executei; a condução de viaturas; prestei auxílio à autoridade policial em todos os atos de investigação; no cumprimento de medidas de judiciais; e de outras atividades de naturezas policial e administrativa, bem como tarefas diversas.

Logo em seguida, fiquei à disposição do Departamento de Recursos Humanos, e foi justamente em virtude da referida atividade de policial que resolvi ingressar na Faculdade de Direito, e como reprovar parece ser a ordem natural das coisas, pelo menos para os medianos candidatos como

eu, não fui aprovado na primeira tentativa, mas, um sorriso de alegria veio na segunda participação no vestibular, então no ano de 2007, quando fui aprovado na Universidade Regional do Cariri, *campus* Iguatu, com curso concluído em 2013.

Senti as lacunas da transição entre Ensino Médio e Curso Superior. Uma descontinuidade e um modo de ensino para outro, que cobra do estudante posturas mais ativas na aprendizagem, sem, contudo, prepará-lo para qual fim. Na turma da qual fiz parte, apesar de ainda cursar o 9º semestre, obtive a aprovação no quadro de advogados da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Seção Ceará, sob o número 28107; Desempenho, de forma muito diminuta, a atuação na prática jurídica, pois acumulo o cargo de servidor público.

Outro fator que me causa certo desestímulo, é que, em alguns ramos do poder judiciário, a marcha processual torna-se ainda mais morosa do que o habitual, gerando desconforto para o causídico e para a parte que pleiteia uma resposta do estado-juz. Logo em seguida, foi lançada, pela referida universidade, o Curso de Pós-graduação, nível de Especialização em Direito do Trabalho e Previdenciário, que concluí ano de 2015, ainda com aspectos deficitários em relação e ser um pesquisador atuante, na confiança de que, com os inúmeros trabalhos e artigos elaborados possa atingir um grau satisfatório de pesquisador.

Retomando para o universo mais do que desafiador dos concursos públicos, no ano de 2011, obtive aprovação no concurso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF-Sertão), para o cargo de assistente em administração. Tive que realizar mudança para fixar residência, ficando, de forma momentânea, afastado de minha esposa e filhas, na cidade de Ouricuri-PE, que é, por sinal, uma terra de pessoas muito festivas e que gostam de resgatar valores culturais.

Fui lotado, inicialmente, no Setor de Biblioteca, no atendimento ao discente e, após, recolocado para desempenhar minhas funções no Setor de Reprografia, na execução das mais variadas impressões e fotocópias, e, depois de 9 meses no citado Instituto, fui redistribuído para fazer parte da instituição em que concluí o Ensino Profissional, desta vez, como servidor assistente em administração, onde atualmente estou, no *campus* Iguatu. do IFCE.

Já tive ricas oportunidades, uma delas, de ser lotado no Departamento de Ensino, no qual obtive uma atenção mais direta das práticas educacionais e de gestão do ensino; participei dos acalorados encontros pedagógicos; e pude perceber que, se não houver certa unidade para boas práticas na educação, não obteremos resultados satisfatórios no contexto educacional. Em outro momento, fui lotado no Setor de Biblioteca, no atendimento aos discentes, no empréstimo e consultas de livros; verifiquei um lado que muitos educadores constatarem diuturnamente que é a falta de motivação de vários educandos pelos estudos ou, talvez, a forma como lhe são apresentados.

Ao iniciar no tópico que descrevo veio-me a indagação para onde convergem a formação e o trabalho e em qual, ou quais pontos, se distanciam? Trabalho dignifica? Qual a formação que queremos? Para esses questionamentos, me veio uma palavra bem utilizada, no campo do Direito: depende, uma educação profissional em sistema capitalista e inserida em um país em pretensão de desenvolvimento, há de seguir outras diretrizes dos países desenvolvidos.

O desleixo governamental pela formação integral do aluno é proposital, diante da disputa indigesta entre o tecnicismo e o despertar para a verdadeira cidadania, não sendo apenas um vínculo jurídico formal entre a pessoa e o estado; a participação massiva, de forma consciente, requer um direcionamento instruído do ordenamento jurídico para apropriação dos direitos e garantias fundamentais. Não comporta nenhum exagero fazer a afirmação de que, quando se tem uma formação voltada apenas para a técnica, o fazer pelo fazer sem o questionamento a respeito do mundo em volta gera, por outro lado, uma *deformação* na parte da criticidade do aluno, tornando-o um mero expectador da realidade, sem capacidade de intervenção.

Nas reflexões literárias de Franz Kafka, o trabalho, em seu cunho de instrumento de dominação, despertou-me a consciência reforçadora na mente do dominado que, de alguma forma, não ambiciona uma quebra desse ciclo de subserviência e o seu ideário em obedecer à força, o padrão poderoso.

Um círculo de homens formado por senhores e servos. Faces trabalhadas, brilhando a cores vivas. O senhor se senta, e o servo lhe traz comida em um prato. Entre esses dois homens não há praticamente nenhuma diferença, quer dizer, nenhuma diferença que possa ser avaliada de outra maneira que entre um homem, por exemplo, que, graças ao curso de inumeráveis circunstâncias, é inglês e vive em Londres, e outro homem lapão, que, no mesmo momento, corre os mares, sozinho em seu barco na tempestade. Claro, o servo pode – e isso dependendo de certas condições – tornar-se senhor, mas seja lá qual for a resposta que se queira lhe dar, essa questão não é tão problemática aqui, pois trata-se de uma estima momentânea de dados momentâneos (Kafka, 4 de dezembro de 1913).

Os conceitos variados de trabalho, apresentados por vários teóricos, não desnaturam, na sua essencialidade etiológica, a compreensão de que o trabalho tem caráter de vertentes pluralística e polissêmica e que exige, do agente, conhecimento multidisciplinar; é também a atividade laboral fonte de experiência psicossocial, sobretudo dada a sua centralidade em um manancial de realizações de cunho pessoal e na singularidade do indivíduo, são realizados feitos que firmam e reafirmam identidades. Assim como a educação, conceituada em diversas espécies, não retira seu núcleo essencial de aclarar um que estava encoberto na mente e no mundo, tornando uma experiência única para cada pessoa e uma fonte de transformação e individualização.

Vejo que uma educação libertária parte de algumas primícias, dentre elas, o despertar crítico, que leva o aluno à análise de pormenores de sua realidade e municiando o seu intelecto a transformar

o meio através do trabalho; nesse sentido, as ferramentas laborais são instrumentadores à disposição do ser para a materialização de mudanças efetivas na sociedade. A autonomia a ser conquistada perpassa pelo aproveitamento do arcabouço de saberes prévios do nosso educando, suas já latentes aptidões, muitas vezes, aguardando apenas um estímulo por parte do professor.

No campo educacional, assim como em muitos ramos das Ciências Humanas, percebo que as culpas de uma má formação não são isoladas, assim como também os méritos não são únicos; os fatores de sucesso ou fracasso se entrelaçam, levando os sujeitos do aprendizado aos famigerados círculos viciosos ou virtuosos. As reproduções opressivas tendem a gerar mais opressão, assim como a liberdade. Em uma educação que pretende ser libertadora, o aprender é um ato de conhecer a realidade. Na ótica de Paulo Freire, essa é uma prática política, que pode libertar o homem e a mulher de sua ignorância social e possibilitar, assim, a luta pelos direitos básicos, tornando-os capazes de pensar e analisar o mundo.

Em certa entrevista, Rubem Alves afirmou que, em uma forma ideal de educação, o correto seria levar ao aluno não perguntas prontas para ele responder, e sim levar situações nas quais ele elaborasse as perguntas pertinentes ao caso. Pactuo com essa visão, pois compreender vai além de esboçar respostas, do analisar crítico, e propor soluções exige um comprometimento maior com o objeto estudado. Assim, retirar do ensino técnico e tecnológico, ou mitigar suas cargas horárias nas disciplinas da área de humanas, como: Filosofia e Sociologia, enfraquece demasiadamente a capacidade do nosso educando em torná-lo um ser consciente de sua realidade e apto a realizar pronta intervenção no seu meio.

Rumo ao ProfEPT

O mestrado me soava como um tanto distante da minha realidade, pois, inicialmente, divagava entre outras possibilidades profissionais; todavia, diante da pertinência temática e missão institucional da autarquia e educacional da qual faço parte, me vi direcionado a participar de um mestrado na área de Educação; Tentei, de início, na UFC, sem ter sido aprovado, tentei uma única vez, no ano de 2020, quando participei do ProfEPT; ainda sem sucesso, concorri para o *campus* Salgueiro-PE. Fui motivado por alguns colegas servidores a continuar fazendo as vindouras seleções, até que consegui ingressar, no ano de 2022, na turma V, do *campus* Fortaleza, em seleção realizada a partir de várias titulações e certificados, o que não perdeu em quase nada o seu grau de dificuldade.

Foi um sentimento de muita alegria, ao ver meu nome na lista de aprovados; agora, a coragem é o combustível para o enfrentamento de todos os desafios futuros, entre idas e vindas à Capital do Estado para assistir às aulas e muito empenho na busca de assimilação dos conteúdos ofertados e da realização de um produto, buscando contribuir para com as problemáticas educacionais. Uma

oportunidade ímpar é pertencer a uma turma tão seleta, com alunos e professores com ótimos currículos.

Educar alguém, em sentido lato da palavra, é uma tarefa complexa por excelência; lidar com traumas e toda a subjetividade nata do ser humano; despertar em outros a motivação devida a aprender algo novo que, muitas vezes, naquele momento, não lhe faz sentido prático, demonstra ainda mais o empenho e a sensibilidade na detecção dos problemas e a elaboração de variados produtos educacionais eficazes a sanar, ou proporcionar, a diminuição de lacunas no processo de ensino e aprendizagem.

Em meio a uma realidade de imensos problemas da educação técnica e tecnológica, há de se fazer criteriosa seleção para a escolha do tema para a produção da dissertação. A minha formação inclina-se para um diagnóstico da falta, ou deficiência, de conhecimentos sobre os direitos fundamentais, por parte dos alunos do *campus* Iguatu; pilares esses para a formação e o exercício da cidadania. Conforme relatei na introdução deste memorial, há pouco tempo, me dedico a escrever alguns versos, mas ainda sem uma produção contínua e consistente, mas produzo alguns e faço o encerramento criando um agora.

Um curso, um desafio, um tempo a cumprir
É no mestrado que vou discutir educação técnica
E também tecnológica, problemas, dilemas, seremos
Apostatas de uma educação que não cria.

Em coro, cantando, dizendo um não tão forte
Que criar trabalhador fantoche essa técnica
Ninguém diga só transforma o ensino se sair
Capaz de construir seu destino

Mas é tanto interesse que da mente não sai
Um questionar pertinente, muitos querem somente
A teoria passar e a prática fazer, se ao menos dizer
Que aquilo pode mudar.

Estamos em um fluxo inverso, para tirar do retrocesso
O estudo, a saber, que muitos travam uma poderosa luta
Para uma aprendizagem liberta, autonomia e crítica só para
Um ensino elitista, não dá, preciso mudar o que está posto, para
Formar cidadão verdadeiro, lhe forneça educação de pensar
Certeiro.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA. **Livro Gênesis, 2:18**. **Bíblia Online**. Brasil: Editor@Bibliaonline.Com.Br, 2024. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2/18>. Acesso em: 02 fev. 2023.

DIAS, G.; **Canção do Tamoio** Coimbra; 1843.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

TALEB, N. N. **Antifrágil**: coisas que se beneficiam com o caos. Nova Edição. Rio de Janeiro: Objetiva

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POR ONDE ANDEI

Francisco Jânio Silva Maia

Introdução

Este memorial descritivo é resultado de um processo de crescimentos pessoal e profissional. A ideia de revisitar-me, para atender a um processo avaliativo da disciplina de Seminário de Pesquisa, inquietou-me.

Relutei, repensei, sorri, chorei e busquei entender melhor como colocar de uma forma real, afinal, é uma narrativa da minha vida acadêmica e profissional que não pode ser contada sem trazer fatos da minha história. Alegre ou triste, mas de esperança, aprendizado e lutas!

De Onde Eu Vim

Sou Francisco Jânio Silva Maia e nasci em Fortaleza. Meu nascimento na capital alencarina tem um motivo. Minha avó materna morava em Potiretama/CE, distrito de Iracema, na região do médio Jaguaribe. Em busca de melhores condições de vida, mudou-se para a capital e residiu no bairro Aerolândia. Na sua cidade, deixou o meu avô, que vivia de pescaria, quando os açudes tinham água.

A casa da minha avó estava situada estrategicamente à beira da BR 116, pois, quem vinha do interior, quase sempre de carona, já descia vizinho à sua casa, que servia, assim, de apoio para muitas pessoas que estudavam em Fortaleza ou que precisavam de um lugar para ficar enquanto algum parente se tratava de alguma doença grave. Naquela casa sempre cheia, em 1972, minha mãe, ainda uma estudante colegial, se encantou pelo meu pai, que mantinha um eterno ir e vir entre a capital e o interior.

As viagens tinham um objetivo: trazer galinhas, ovos e porcos, para vender na capital. Assim, ela casou-se e voltou para Potiretama, tendo concluído apenas a 7ª série. Veio para Fortaleza para ter minhas duas irmãs mais velhas e eu.

Era abril de 1977. Após 15 dias, meus pais voltaram para o interior com mais um filho a construir sua história. Depois de mim, nasceu mais um irmão, que, com quatro meses de vida, foi a

óbito. Em 1993, deixei de ser o caçula, com a chegada de Eduardo, o temporão. Sempre digo que ele foi criado no “bate gut!”²⁴.

Morávamos em casa cedida por alguém, ou alugada, de pau a pique, ou alvenaria. Vivíamos em meio a uma das maiores secas do Estado do Ceará (entre 1979 e 1983). Beirando a extrema pobreza, fui criado no mingau d’água²⁵. Não podíamos fazer escolhas, era o que dava. A comida, que nunca faltou, era em quantidade bem reduzida. Meu pai deixou de viajar para Fortaleza e começou a pescar, seguindo o mesmo caminho do meu avô, mas veio o maior ano de seca, em 1983²⁶ e ele se inscreveu no bolsão de emergência do governo.

Quando pescava, o peixe que mais pegava era traíra²⁷, que vendia para comprar alguns alimentos. Para nós, ficava a pirambeba, o cangati, e o cascudo²⁸ que ninguém comprava e comíamos torrado com farinha e feijão. Para variar, às vezes, era cozido e, em outras ocasiões, feito paçoca²⁹. Quando não tinha peixe, em raríssimas vezes, comíamos uma lata de sardinha e fazíamos uma farofa para dividir entre nós cinco (papai, mamãe, minhas duas irmãs e eu). Mamãe não conseguia comer peixe e comia só feijão com farinha e óleo.

Depois que meu pai se tornou pescador, o consumo de carne bovina ou de bode ocorria em pouquíssima quantidade, e apenas aos domingos. Tudo era bem regrado. A bolacha do dia a dia era a mais barata da padaria local. Dividíamos cinco unidades para cada um. Refrigerante e bolacha tipo *cream cracker* eram permitidos apenas quando estávamos doentes. Como nós, eram também muitas famílias daquele pequeno vilarejo. Porém, mesmo com toda a dificuldade de não ter energia elétrica, até a década de 1980, temos imenso amor pela nossa comunidade e lembranças absurdamente felizes.

Mamãe, dona Alzenir, é a mulher mais forte que já conheci. Trabalhadora incansável, um “cabra macho” dos bons, no sentido de trabalho, coragem e de não desistir da luta nunca. Sei que ela

²⁴ Bebida láctea cremosa fermentada que fez sucesso nos anos 1990.

²⁵ Mistura feira com chá de erva-cidreira e goma ou farinha de trigo.

²⁶ Em 1983, havia 10 milhões de flagelados da seca, o equivalente a mais de um terço da população do Nordeste. O governo respondeu à crise criando os Bolsões de Emergência, frentes de trabalho para a construção de barragens, poços e estradas, nas maiores propriedades de terra. As obras ficavam em poder dos proprietários. Os flagelados que conseguiam um lugar nas frentes recebiam do governo 15 mil cruzeiros por mês, o equivalente a um terço do salário mínimo. Corrupção e abuso do trabalho, principalmente de mulheres e crianças, eram regras nesses bolsões. Tornaram-se frequentes os saques de legiões famintas a caminhões da Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal), em estradas e pequenas cidades, onde armazéns também eram alvos

²⁷ Traíra, ou lobó (*Hoplias spp.*), é o gênero de peixes carnívoros de água doce da família *Erythrinidae*, encontrado em quase todos os açudes, lagos, lagoas e rios.

²⁸ Pirambeba, Cangati, e cascudo, são peixes de baixo valor comercial mantidos em açudes, lagoas e rios.

²⁹ Filé do peixe cozido, temperado, depois frito em óleo e misturado com farinha.

já usou todas as forças existentes para superar as necessidades e, ainda, uma de suas grandes dores, foi aceitar a separação dos seus pais quando ela ainda era bem jovem.

Bordadeira e costureira, exercia o seu ofício, muitas vezes, à luz de lamparina, madrugada adentro. Ela costumava colocar água de galão, além de percorrer longas distâncias de bicicleta para plantar e colher feijão. Não permitia que faltasse nada para nós. Mão de ferro para nos educar, acompanhava o processo de aprendizagem acomodada na máquina de costura. Ali costurava e cobrava a execução das atividades escolares. Tinha um controle emocional enorme para aguentar as noites seguidas de bebida, jogo de baralho e sinuca do meu pai que gastava o pouco que tinha ganhado com a pescaria. Entristecia-me profundamente ver minha mãe chorar calada, escondida e abatida. Eu sei que aquele peito doía e tinha esperança de uma vida melhor.

Meu pai, seu Cimar, pouco alfabetizado, fumante, pescador, trocador, tinha atração para negociar com ciganos, que vez ou outra passavam na cidade em bandos. Metia-se a fazer de tudo. Viciado em jogo, tinha complexo de inferioridade, assombrado, nervoso, incapaz de guardar um segredo ou de ter controle emocional, mas um paizão, um amor arrebatador e incondicional pelos filhos.

Ele teve a pescaria como mola propulsora para sair da miséria absoluta e botar um pequeno negócio, que cresceu e perdura até hoje. Tinha medo de médico e era hipocondríaco. Descobriu alguns problemas cardíacos em um exame de rotina, e teve que ser internado. Como demoraram para realizar o procedimento necessário no hospital, pegou Covid-19. Todos nós também pegamos, e, comigo, foi bem forte, mas com papai, a doença o levou em maio de 2021. Foi a maior dor. Uma inexplicável dor, que nos sacode todos os dias. Era o amor da nossa vida, com todos os acertos, com todos os erros, com todas as incompreensões. Para mim, a cantora Maria Bethânia o traz em sua música “Onde estará o meu amor”, conforme o seguinte trecho:

Como esta noite findará/ E o sol então rebrilhará
Estou pensando em você/Onde estará o meu amor?
Será que vela como eu?/Será que chama como eu?
Será que pergunta por mim?/Onde estará o meu amor?
(Maria Bethânia, 1996).

Todos os dias, incontáveis dias, a lembrança dele é muito forte, talvez porque tive que sair mais cedo de casa e perdi muito tempo sem ele, mas me encontro nos versos de Iracema, do saudoso Adoniram Barbosa, que me embalou por toda a infância, ao ser acalentado por ele para brincar ou dormir.

E hoje ela vive lá no céu
E ela vive bem juntinho de nosso senhor

De lembrança, guardo somente suas meias e seus sapatos
Iracema, eu perdi o seu retrato
(BARBOSA, Adoniran, 1990).

Eu, menino magro, pobre, porém limpinho, bondoso, comunicativo, vendedor de peixe escalado (peixe seco e salgado para ser conservado por longo tempo) de dindim e botador de água de jumento. A dona Iraci Campelo era a melhor freguesa. Pagava a água e dava um pedaço de queijo e duas bananas. Ah, como era bom! Fui muito bem orientado para não aceitar comida nas casas dos outros e dizer que não estava com fome, nem que estivesse. Nessa época, mesmo criança, talvez pela euforia, já estava envolvido com os movimentos de emancipação política, que lutavam para Potiretama tornar-se cidade. Naquele tempo, eu já entoava a música cantada pelo artista Geraldo Vandré, “Pra não dizer que falei das flores” e me emocionava:

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
(VANDRÉ, Geraldo, 1979).

No dia 15 de maio de 1987, o distrito de Potiretama foi emancipado pela Lei estadual n. 11.317 e passou à categoria de município, com o território desmembrando de Iracema. Nesse tempo, consegui meu primeiro trabalho em um estabelecimento mercantil, apenas aos domingos, e depois trabalhei bastante tempo em um depósito de gás.

Em 1989, com a chegada da irmã Maria Cléofas, da Congregação Missionária Imaculada Conceição, eu e alguns adolescentes criamos o grupo de jovens Potiretama Jovem (PJ), que se reunia semanalmente para discutir temáticas sociais e de juventude, baseadas nos textos do jornal *Mundo Jovem* da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Assim, nos envolvemos mais com a igreja Católica e começamos a participar dos Encontros da Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), na Diocese de Limoeiro do Norte e cidades vizinhas.

Em 1991, aos 14 anos, concluí a 8ª série do Ensino Médio, que hoje corresponde ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nesse momento, recebi a visita de Antônio Cavalcante de Almeida, jovem contrarrâneo, que estudava na Casa do Estudante do Ceará (CEC)³⁰, um dos pioneiros a sair de Potiretama para vir estudar e morar na residência que possibilitava moradia e alimentação coletiva

³⁰ A Casa do Estudante do Ceará (CEC) foi fundada em 11 de agosto de 1934 e inaugurada em 11 de agosto de 1952, com a finalidade de acolher estudantes, em república, do Ensino Médio ou pré-universitário, não residentes ou domiciliados em Fortaleza ou Região Metropolitana. Reconhecida de utilidade pública, pela Lei municipal n. 3.473 de 24 de novembro de 1967 e Lei estadual n. 11.581, de 10 de julho de 1989.

para jovens sem familiares residentes em Fortaleza. Ele me fez o convite para tentar moradia nessa instituição filantrópica. Devido à pouca idade e às restritas condições financeiras, meus pais não deixaram.

Na minha cidade, não tinha Ensino Médio, por isso fui estudar em Rodolfo Fernandes/RN para cursar Magistério, que se tratava de um tipo de curso profissionalizante realizado com o 2º Grau, atual Ensino Médio, conforme Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Esse mesmo caminho também foi trilhado por minhas duas irmãs. Ao longo desse período, nós, alunos, entramos em contato com disciplinas relacionadas à Didática e Metodologia de Ensino, fundamentos da educação e alfabetização. Após a conclusão do curso, ficamos habilitados a dar aulas para alunos da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental (1ª à 4ª série). O Magistério era a nossa única opção, na cidade mais próxima.

Fomos inteiramente acolhidos pela cidade e pelas pessoas que nela residiam. Foram longos três anos, em pau de arara, 18 quilômetros diários de aventura, em estrada de barro batido. No inverno, transformava-se em inteira diversão, pelos deslizamentos constantes na estrada escorregadia, com buracos, riachos cheios, noites inteiras na estrada, esperando a água baixar.

A música foi nosso passatempo favorito, como forma de driblar os bancos duros e lotados do pau de arara. Cantávamos músicas de Nenhum de Nós; Engenheiros do Hawaii; Elba Ramalho; Fagner; Chiclete com Banana; Legião Urbana; Raul Seixas; Roupas Nova; e outros mais que despontavam na cena musical da época. Como as coisas não acontecem por acaso, fazer Magistério foi o meu primeiro contato com o processo de ensino, pois, no terceiro ano, em 1995, pude estagiar em uma sala de 4ª série, fazendo uso de recursos didáticos para enriquecimento das aulas e torná-las atraentes para os alunos.

Lembro-me que, ao se aproximar da conclusão, comecei minhas inquietações sobre o que fazer, como fazer e para onde ir. Decidi prestar vestibular para Economia, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), no polo Pau dos Ferros/RN. No primeiro momento, não fui classificado, porém não acompanhei a chamada dos classificáveis e só depois descobri que poderia ter dado certo se tivesse ido no dia da matrícula. Concomitantemente a essa situação, combinei com meu primo, Uberlândio, que também havia concluído o Ensino Médio no ano anterior a mim, de participar do processo seletivo para morar na CEC. Nesse momento, meus pais já aceitavam a minha vinda para Fortaleza, mas ficavam receosos de como eu iria me manter.

Para Onde Eu Vou

Em março de 1995, chegamos em Fortaleza. Com muitas expectativas, sonhos, e ávidos pelo desejo de passar em um vestibular e cursar uma faculdade. Como Potiretama não tinha linha de

ônibus, nossa locomoção foi de carona num caminhão que transportava botijões de gás, e a nossa bagagem foi descrita por Luiz Gonzaga, acho até que ele já previa essa cena:

Quando eu vim do sertão
Seu moço, do meu Bodocó
A malota era um saco
E o cadeado era um nó

Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau de arara
Eu penei, mas aqui cheguei
Eu penei, mas aqui cheguei

(GONZAGA, Luiz, 2022).

Uma lata cheia de carne torrada com farinha; um queijo coalho; alguns pacotes de bolacha; e uma caixa com alguns legumes, completavam nossa mudança. Fomos acolhidos por outros conterrâneos, que já moravam na residência. Ocupamos um quarto de 8 metros quadrados para três pessoas; cada um com um guarda-roupa de alvenaria e uma mesa para uso coletivo; banheiros, pias e lavanderias coletivas, e um restaurante fechado; mas eu estava feliz!

Nos primeiros dias, fomos apresentados aos problemas da falta de alimentação e que tínhamos de nos virar. Morar em coletividade não foi difícil. Um pouco de respeito, bom senso e atitude eram um bom caminho. No primeiro dia útil após a nossa chegada, tivemos que correr atrás de colégio para fazer o cursinho e, para isso, a saída foi nos oferecermos para trabalhar um horário e estudar no outro. Assim, entre uma negativa e outra, a vida seguia, mas nossa maior dificuldade era que os vestibulares cobravam conteúdo de quem fazia o científico, e nós, como cursamos Magistério, não conseguíamos assimilar o conteúdo, considerando que não tínhamos essa base.

E lá se foram alguns vestibulares em universidades públicas. Passava na primeira fase, caía na segunda, e ficava nos classificados. Era uma saga e um teste de emoções, ao ouvir o resultado pelo rádio, que não tinham medida.

No meio dessa convivência, Antônio Cavalcante, que me convidara para vir para Fortaleza, já tinha saído da CEC e morava na residência universitária da UFC. Era uma das residências onde alguns ex-moradores da CEC moravam, porque já haviam passado no vestibular da UFC.

Recordo-me que vinham, clandestinamente, carnes e legumes, para ajudar na nossa refeição. Quando faltavam esses complementos, fígado de galinha, mortadela e ovo, eram a nossa refeição de todos os dias. Para nos mantermos, fiscalizávamos provas, em vários colégios de Fortaleza, enquanto outros trabalhavam. Assim a vida seguia e eu não passava no vestibular.

A Educação me Emancipou

Depois de várias tentativas para passar em um vestibular na área de Administração de Empresas, ou Ciências Contábeis, e percorrer algumas outras para entrar na antiga Escola Técnica do Ceará, no Curso de Tecnologia da Comunicação, decidi fazer uma faculdade particular. Em 2001, fiz vestibular para Gestão de Pequenas e Médias Empresas, na Universidade Vale do Acaraú (UVA)/ Instituto de Desenvolvimento, Educação e Cultura do Ceará (Idecc), que teria duração de dois anos. Fui aprovado e as aulas eram no período da noite, no Colégio Marista Cearense.

Para quem já havia tentado vários vestibulares, estava feliz por cursar uma faculdade, mas, ao analisar o mercado local e a incerteza da validade do diploma, decidi fazer vestibular para Administração na Faculdade Evolutivo (Face). Naquele momento, a Rede Evolutivo estava em plena expansão na cidade. Fui aprovado e tranquei o curso na outra faculdade.

Era o ano de 2002, quando comecei a cursar Administração. Foram quatro anos sabáticos, entre trabalho e estudo, todas as noites. Nesse tempo, também sai da CEC e, sozinho, tinha que virar a noite para dar conta de acompanhar bem as disciplinas. O período da monografia foi bem complicado, porque fazia também algumas disciplinas. Mesmo já estando na área de Qualificação Profissional, desenvolvi o tema sobre “A Insatisfação dos Consumidores sobre o “p” de Promoção do Composto Mercadológico e suas Consequências: Estudo de Caso no Decon/CE”. Em meio a essa correria, em 2004, disputei uma vaga no legislativo de Potiretama, onde logrei êxito e estive vereador de 2005 a 2008, num bate e volta estressante, devido às ocupações também em Fortaleza.

Em 2008, decidi fazer uma especialização na Universidade Estadual do Ceará (Uece), para acalantar parte do sonho de estudar em uma universidade pública. A Uece era quase tudo o que eu queria, já que também queria a UFC. Sempre considerei a universidade pública um fervilhar de ideias e inquietações; de uma ambiência de estudo, discussão e amadurecimento formidável. A especialização em Gestão Estratégica Empresarial era paga; funcionava num bloco mais novo; com toda a estrutura de uma universidade particular e essa realidade contrastava com a realidade da grande massa de estudantes.

Como, em 2009, estava trabalhando em Potiretama, distante 288 quilômetros de Fortaleza, eu fazia um percurso quase diário bem cansativo. Não me pergunte como, mas consegui! Criamos um grupo bom de estudo e nos finais de semana a minha casa era um espaço de aprendizagem, em que, muitas vezes, também, ocorriam experiências gastronômicas.

Defendi a monografia em 2010, com a temática: “O Papel Estratégico do Treinamento e Desenvolvimento nas Organizações: A Percepção dos Colaboradores”. Terminei com vontade de continuar, mas o trabalho árduo, focado apenas no fazer, bater metas e a inexistência total do tempo, me fez adiar os estudos. Em 2019, em algumas buscas, no IFCE, descobri o Mestrado do ProfEPT. Inscrevi-me no Processo Seletivo, mas o envolvimento com o novo trabalho e algumas mudanças, me tiraram o foco, e acabei não estudando e nem fui fazer a prova.

Continuei com a inquietação para buscar conhecimento, considerando que havia ficado muito tempo parado. Só os cursos de qualificação nas áreas de Educação e Didática que eu vinha fazendo para me ajudar no processo de facilitar as aulas, não eram suficientes. Sempre defendi que, mesmo sendo graduado em Administração, o meu trabalho é dentro da Educação e, às vezes, sentia falta de teoria; modelos didáticos; e *expertise* pedagógica na tomada de decisões. Então, em 2021, decidi fazer outro curso superior. Estou cursando Pedagogia, na Universidade Norte do Paraná (Unopar), na modalidade Educação a Distância (EaD).

Com o período mais reflexivo a partir de todos os acontecimentos da pandemia, senti-me encorajado a seguir estudando. Fiz um curso de extensão de Introdução à Pesquisa, preparatório para seleção de mestrado realizado pelo Laboratório Digital Educacional (LDE); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); e Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). O curso deu-me nova motivação para buscar seleções em mestrado.

O Mercado de Trabalho me Absorveu

Em fevereiro de 1997, comecei a trabalhar no Departamento de Geração de Renda (DGR) da Fundação da Ação Social (faz), do Estado do Ceará, que oferecia crédito para artesãos cadastrados na Central de Artesanato (Ceart) e Qualificação Profissional nos municípios do interior do Estado e Centros Comunitários em parceria com as unidades dos Projeto ABC – Aprender, Brincar Crescer; equipamentos de assistência social em Fortaleza; da Fundação do Bem-Estar do Menor (FebemCE).

Depois, a FAZ e a Febem-CE foram extintas e foi criada a Secretaria da Ação Social do Estado. Essa experiência profissional proporcionou-me o acesso inicial à área de Qualificação Profissional que, indiretamente, me permitiu exercer as habilidades desenvolvidas no Magistério. Afinal, realizava atendimento aos professores; discutíamos sobre as tipologias de cursos; dava orientações acerca dos instrumentais de registros; conteúdos programáticos; e materiais de ensino. Trabalhei por cinco anos sem carteira assinada, recebendo apenas por pagamento avulso.

A partir de 2001, fui contratado por Organizações da Sociedade Civil (OSCs) que mantinham contrato de gestão com a Secretaria de Ação Social do Estado. Por alguns anos, atuei como assistente de coordenação no Projeto Somar, atual Primeiro Passo. O programa atende aos jovens entre 15 e 29 anos, oriundos da rede pública de ensino e em situação de vulnerabilidade, à procura do primeiro estágio, emprego, ou oportunidade de qualificação profissional. O Primeiro Passo atua nas linhas de ação: Jovem Aprendiz, Jovem Estagiário e Jovem Bolsista.

Em 2007, tornei-me supervisor do Projeto Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), da Secretaria de Ação Social do Estado, que ocorria em diversos municípios. Eu visitava as unidades em que se desenvolviam atividades lúdicas e de reforço escolar para as crianças; a implantação de cursos de qualificação voltados para as mães dos filhos contempladas no programa;

e visitas às famílias para os encaminhamentos e orientações das ações de prevenção ao trabalho infantil.

A oportunidade de visitar vários municípios, em todas as regiões do Estado, e de conhecer a realidade de muitas famílias e suas necessidades, começou com esse programa. Foram meses de abraços, depoimentos; descobrindo histórias, que me despertaram mais ainda para a necessidade de um olhar ainda mais sensível e da importância de visitar a família em sua casa.

Até hoje me lembro de uma situação em que a mãe contou que o filho lhe trouxera uma flor de papel, no dia das mães, e ela recebeu, mas ficou indiferente. Então, o filho começou a chorar e reclamou que ela não lhe dera um abraço, enquanto a mãe de um amigo dele tinha dado um abraço quando recebeu a flor. Ela defendeu-se dizendo que, como poderia lhe dar um abraço, se não sabia o que era aquilo, se nunca tinha recebido um abraço de ninguém, nem do pai dele, nem do pai dela. Ao contar essa história, ela chorou copiosamente e eu só a abracei e contive as lágrimas, até sair da casa para a visita seguinte.

As histórias despertaram-me para ser um ouvinte voraz, até me deparar mais uma vez com a narrativa de uma família que saiu do interior da Paraíba, com cinco crianças, numa bicicleta, em direção ao Rio de Janeiro. Suas aventuras e o descobrimento deles por parte de Fábio Barreto³¹, cineasta, o inspirou a criar o filme *O Caminho das Nuvens*³². Tempo depois, parte das visitas foram interrompidas, considerando que tive que assumir a coordenação dos cursos de qualificação do mesmo projeto.

Em 2009, retornei à minha cidade para assumir a coordenação de Gestão e Planejamento da Prefeitura Municipal de Potiretama/CE. Mesmo muito ocupado com a gestão administrativa, me envolvi novamente com a Educação. Participei das discussões estratégicas pedagógicas e administrativas e respondia pela coordenação do Curso de Pedagogia, parceria da Secretaria Municipal de Educação e do Instituto de Desenvolvimento, Educação, Cultura e Cultura do Ceará (Idecc). Realizei atividades de interlocução na solução de problemas dos alunos; criação de estratégias da permanência deles no curso, e suporte geral aos professores.

Retornei em 2011, para a execução de cursos profissionalizantes, contratado por uma OSC e ocupei algumas funções desde assistente técnico, até articulador técnico ou coordenador de

³¹ Bruno Barreto (1955) é um cineasta brasileiro. Dirigiu sucessos de bilheteria, dentre eles, “Dona Flor e seus Dois Maridos”; “Gabriela Cravo e Canela” e “O Beijo no Asfalto”. Bruno Villela Barreto Borges nasceu no Rio de Janeiro, no dia 16 de março de 1955.

³² “O Caminho das Nuvens” é um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Vicente Amorim. Foi produzido por Bruno Barreto e Ângelo Gastal; a trilha sonora é de André Abujamra. O filme é baseado em um fato real, na história de Cícero Ferreira Dias, um caminhoneiro desempregado que, com sua mulher e seus cinco filhos, pedalou desde Santa Rita, na Paraíba, até Bangu, no Rio de Janeiro.

Qualificação Profissional, sempre no Projeto Criando Oportunidades, que tem como objetivo ofertar cursos de qualificação inicial, em espaços não formais em todo o Estado do Ceará, contribuindo para consolidar a política de geração de emprego, trabalho e renda do Governo, articulada com outras políticas públicas; fortalecendo a cidadania e ampliando as oportunidades de inserção dos cidadãos cearenses em situação de vulnerabilidades social e econômica no mercado do trabalho. As turmas eram capacitadas para desenvolver competências técnicas específicas compatíveis com a potencialidade e a situação socioeconômica de cada município.

O público prioritário do projeto é formado por mulheres chefes de família cadastradas no Cadastro Único (CadÚnico), beneficiárias ou não do projeto Bolsa Família; trabalhadores sem ocupação e desempregados; pessoas que trabalham em condição autônoma; jovens a partir de 16 anos à procura do primeiro emprego; segmentos especiais como pessoas com deficiência, quilombolas, afrodescendentes, indígenas, apenados e egressos do sistema penal; jovens em cumprimento de medidas socioeducativas e LGBTTTQI+.

Ao longo de todo esse tempo de vivência profissional, foram centenas de cursos ofertados no Estado do Ceará. Tive a oportunidade de conhecer histórias, culinária, pessoas, fragilidades, carências, abraços, dores e fome. Percebi quão importante é o gestor sair do planejamento e ir para a execução. Na comunidade é que a gente se vê. Na base é que a vida acontece. Nesse meio tempo, entrei em salas de aula; fiz intervenções; substitui facilitadores; criamos juntos estratégias de manutenção de alunos; pedi ajuda a quem dominava o processo na teoria; e também de quem tinha notório saber para escolher as melhores práticas, capazes de qualificar e tornar o cidadão protagonista da sua história.

Sempre busquei dominar esse processo e ter uma nova visão, e, em 2017, comecei a ministrar palestras, treinamentos e cursos de qualificação profissional nas áreas Administrativa e de Formação Humana. Abracei essa oportunidade e tem sido uma experiência incrível. Pesquisei sobre metodologias ativas; ensino híbrido; didática; acolhimento; e outras abordagens que me possibilitassem abrir novos horizontes e ter outros pontos de vista das situações.

Em 2019, assumi a Articulação Institucional na Coordenação de Cursos de Qualificação da Secretaria de Assistência Social do Município de Potiretama/CE, fazendo a captação de cursos nas diversas Secretarias de Estado e entidades executoras de qualificação profissional.

Em 2021, assumi o cargo de supervisor na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, mais precisamente no Projeto Alcance. Estou à frente de estudos e pesquisas sobre o trabalho; acompanho as ações voltadas para a inserção do mercado de trabalho da Assembleia Legislativa; faço a gestão da sistematização das informações sobre o processo de inserção e reinserção no processo produtivo e da elaboração de conteúdos para os cursos de qualificação profissional que são disponibilizados à

população por meio da ação Protagonismo ao Meu Alcance, na plataforma *on-line* dos Cursos EaD da Assembleia Legislativa.

Nem Tudo Foi Estudo e Trabalho

Nem tudo foi só trabalho e estudo. Fortaleza abriu-me portas, corações e um diálogo com a cidade. Aprendi a gostar de cinema, teatro, museus, eventos culturais, em geral. O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi um verdadeiro laboratório para conhecer o que o nosso povo tem de melhor. Em cada batuque; em cada canto da cidade, uma nova perspectiva de amizade, interação. Conheci pessoas extraordinariamente humanas, amigas, positivas, engajadas com movimentos sociais, que foram luz no meu caminho e me inspiraram para ser uma pessoa melhor. A Praia de Iracema foi palco de muito transitar da minha pessoa. Conheci a boemia nos bares da beira-mar, assisti a Belchior; Ednardo; Amelinha; Fagner; Nana Caymmi; Lia de Itamaracá; e muitos outros cantores que ajudaram a formar o meu gosto musical.

Lá também comecei a correr e me encontrei no esporte. Fiz 5, 10 quilômetros, tornei-me meio maratonista, depois maratonista, e mais pessoas se tornaram luz que a corrida me deu e quero caminhar junto em todo o meu existir.

E, nesse tempo, também o amor me flertou, me emaranhou e cruzou o meu caminho com o de Suzana, a companheira da minha vida. Depois de bastante tempo de convivência e muita expectativa, nasceu meu grande amor, minha filha Ana Júlia. Tão planejada, desejada e esperada. Ana Júlia chegou para nos alegrar cada vez mais e dar outro sentido às palavras amor e família, e forças para seguirmos trilhando nossa caminhada.

O ProfEPT

No dia 7 de janeiro de 2022, pesquisando na internet sobre processo seletivo para mestrado, deparei-me com mais uma seleção do ProfEPT. Passou um filme na minha cabeça e me imaginei fazendo um mestrado na área em que eu sempre atuei, no mesmo contexto de Qualificação Profissional, voltado para o mundo do trabalho. Li o edital três vezes, tentando localizar as informações de provas e percebi que o processo seria diferenciado. Ao chegar ao trabalho, no dia seguinte, contei a novidade para a minha colega que faz Mestrado em Psicologia e levantei alguns questionamentos do Edital. Fizemos a leitura minuciosa para que não pairasse dúvidas.

Na certeza de que não teria projeto, nem prova, ela se dispôs a me ajudar e organizar a documentação, com o objetivo de evitar imprevistos, considerando que, no tempo de lançar os documentos, ela não estaria aqui para colaborar. Organizar a documentação já foi um memorial, pois tive que voltar às instituições que trabalhei para solicitar a declaração, reafirmando a minha área de

atuação, considerando que trabalhei muito com projetos de qualificação e na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) só era mencionada a função para a qual era contratado.

O ProfEPT tem me feito acreditar em novas perspectivas profissionais, com a possibilidade de concursos e me reconhecer definitivamente na área da Educação, permeando a trajetória que começou em 1992 no ensino do Magistério e perpassou por toda a vivência profissional. Meu assento, hoje, no ProfEPT, é o lugar que busquei anos atrás na tentativa de ser estudante da antiga escola técnica. O momento é de encontro dos meus sonhos passados, realizados no tempo certo. Só mudou a nomenclatura, de escola técnica, para Cefet e agora para IFCE, pois a emoção é a mesma!

O mestrado do ProfEPT me oportuniza criar um produto que norteará o processo de ensino no Projeto de Qualificação Profissional (Criando Oportunidade) do Governo do Estado do Ceará, que norteará a prática pedagógica nos espaços não formais. Bem como me alimentará de conhecimentos específicos do processo de Educação Profissional.

O pensamento é desenvolver a pesquisa na linha de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), trabalhando o macroprojeto 1 em propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT, o que me fará ter maior familiaridade e diálogo com a temática, considerando a minha vivência profissional e as diversas discussões que tínhamos com a coordenação dos projetos e com o corpo técnico da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS), atual Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS).

A vida não foi fácil, no entanto, ter sido difícil não me tornou menor. Cresci com as dificuldades, mas me desenvolvi forte, resistente, insistente, atrevido. Em meio às poucas condições, também tive incontáveis alegrias, festas, comemorações, por coisas que, para alguns, eram pequenas, e, para mim e meus irmãos, eram uma imensidão. Dei valor às pequenas coisas e aos pequenos gestos. Cresci amado, com a presença dos meus pais e fui moldado com afago, gentilezas e coletividade. Fui caco, mas me tornei mosaico. Eu e meus irmãos somos ousados, atrevidos, curiosos, porque somos filhos da Educação e ela nos move diuturnamente. Crescemos acolhedores, honestos, humanos, estudiosos, engenheiros, pedagogos, professores, especialistas, mestrando do ProfEPT 2022!

Referências

BARBOSA, Adoniran. Iracema. *In*: GAROA, Demônios da. **Raízes do samba**. São Paulo: EMI Music, 1990. 1 CD. Faixa 3.

CÉSAR, Chico. Onde andaré o meu amor. *In*: BETÂNIA, Maria. **Âmbar**. São Paulo: EMI Music, 1996. 1 CD. Faixa 4.

FUNDAÇÃO Cearense de Meteorologia. **Ceará passa pela pior seca prolongada desde 1910.** Disponível em: <http://www.funceme.br/?p=1403>. Acesso em: 14 maio 2022.

GONZAGA, Luiz. **Pau de arara.** Disponível em: https://www.lettras.mus.br/luiz_gonzaga/261217/. Acesso em: 9 maio 2022.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **País descobre a tragédia da seca.** Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/pais-descobre-a-tragedia-da-seca>. Acesso em: 15 out. 2022.

O CAMINHO das nuvens; Direção: Vicente Amorin. Produção: Bruno Barreto. Brasil: Globo Filmes, LC Barretos, Filmes do Equador e Miravista, 2003. 1 DVD (85 min.).

VANDRÉ, Geraldo. Pra não dizer que não falei das flores. *In*: VANDRÉ, Geraldo. **Geraldo Vandré.** São Paulo: RGE Discos, 1979. 1 LP. Faixa 1.

MEMORIAL DESCRITIVO

Antonio Barbosa Alves de Araújo

Introdução

A oportunidade de apresentar minha trajetória em um memorial permitiu-me uma reflexão sobre todas as minhas atividades realizadas ao longo da minha trajetória e um sentimento de que estou caminhando no rumo certo.

Redigido em plena maturidade, este Memorial permitiu-me identificar e refletir sobre uma etapa da minha vida, os percursos pessoal e profissional. É importante lembrar que as experiências vividas foram analisadas tendo em vista o meu momento presente, a partir da minha compreensão de vida atual, ou, como bem disse Magda Soares, em seu Memorial (2001): “Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora”.

Minha história começa em 7 de março de 1991. Nasci em uma casa simples, com ajuda de uma parteira, filho da Erineuda Alves de Araújo e Antonio Barbosa de Araújo, ambos agricultores, residentes na comunidade Malhadinha, zona rural do município de Quixeramobim, Ceará. Sou Antônio Barbosa Alves de Araújo e tenho 31 anos. Vivi até meus 17 anos na comunidade de Malhadinha, zona rural do município de Quixeramobim/CE, uma vida muito simples, humilde, mas feliz. Ajudava meus pais, na roça; não gostava muito, porém participava.

Sempre estudei em escola pública e minha primeira escola foi a Manoel Faustino de Almeida, na comunidade Forquilha, que fica a 2 quilômetros da minha casa; lá estudei até a 4ª série e íamos a pé, com a professora. Foi um tempo bem marcante e significativo da minha vida.

Em seguida, estudei da 5ª à 6ª série na Escola Afonso de Castro Almeida, em Várzea do Meio, distante 4 quilômetros da minha casa. Íamos de bicicleta. Era uma festa só, com muitas brincadeiras e aprendizado. Um fato marcante foi que, na 6ª série, fiquei pela primeira vez de recuperação. Foi muito triste, mas logo consegui recuperar e finalizar o ano letivo com notas boas.

A convite da minha prima, Maria das Dores, fui estudar na Escola Alfredo Almeida Machado, em São Miguel, sede do distrito, que fica a 6 quilômetros da minha casa; da 7ª série do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio, íamos de ônibus, porém não era nada prático, pois leva os alunos para a sede do município e, com isso, tínhamos que pegar, esse mesmo ônibus, às 11 horas da manhã e só chegávamos em casa por volta das 19h30min, e era bem cansativo. Fiz muitos amigos e sempre fui aluno dedicado. Gostava de Matemática e Geografia, cujas professoras eram maravilhosas.

Em 2008, por influência da mesma prima, Maria das Dores, vim morar na cidade, para concluir o 3º ano do Ensino Médio e fazer o curso Projovem. O ano foi bem desafiador, pois sair de casa aos 17 anos e ter que estudar e cuidar de mim mesmo não foi nada fácil, porém, isso me ajudou bastante no meu desenvolvimento pessoal e profissional. Morei na casa de uma tia de 2008 a 2010; um período de 2 anos morando sozinho. Tudo o que construí, ao longo da minha vida, foi através da educação, a porta de entrada para a realização dos meus sonhos pessoais e profissionais.

Em 2009, fiz meu primeiro vestibular e entrei no Curso Tecnológico em Agronegócio, pelo Instituto Centec; por lá passei três semestres, mas não o concluí. No mesmo ano, passei também para o Curso de Física, pela Universidade Federal do Ceará, e fiz apenas um semestre; participei do Enem e, no ano seguinte, ganhei uma bolsa de 100% do ProUni para o Curso de Ciências Contábeis pela Uniseb, que hoje é Estácio, então, fiz essa escolha e concluí o curso.

No decorrer do curso, percebi que não era o que queria seguir como profissão, mas, para não perder a bolsa, o concluí, mesmo sabendo que não iria exercer a função, ou seja, não iria dar continuidade na área de contabilidade. nesse mesmo ano em que comecei o curso, passei a trabalhar na fábrica de calçados da cidade e por lá passei 3 meses; meu horário era o noturno, das 23 horas às 5 horas da manhã; era bem puxado, mas logo em seguida comecei a trabalhar em construtora e terceirizada da empresa energética do Ceará; lá foram 4 anos de muito trabalho e aprendizado, fiz parte dos setores de Recursos Humanos, Almoxarifado, e coordenação das equipes.

Concomitantemente, como já sabia que não queria seguir na área da contabilidade, mas ser professor, visto que, desde criança, tinha essa vontade, pois sempre ajudava meus irmãos nas atividades domiciliares e, com isso, fui fazer o Curso de Pedagogia, onde me encontrei realmente na área que queria seguir, pois amo ser professor e foi a melhor escolha que já fiz.

De acordo com Marcelo (2009, p. 8), ser docente é uma “profissão do conhecimento”, e que o conhecimento e o saber legitimam tal profissão. O trabalho docente é baseado no “compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos”. Nessa perspectiva,

o professor é um profissional que trabalha com o conhecimento, e, para tanto, necessita ter compromisso com a aprendizagem discente.

Para Marcelo (2009), nos dias de hoje, ser professor configura-se em compreender que tanto os alunos como o conhecimento transformam-se muito rapidamente, mais do que estávamos habituados, e para continuar respondendo adequadamente ao direito discente de aprender é preciso que os professores se esforcem também para continuar aprendendo. Dito de outro modo, não é só a tarefa de ensinar aos alunos, de fazê-los aprender, mas também é necessário o esforço do professor para continuar aprendendo e assim ensinar.

Mesmo sabendo a profissão com a qual iria trabalhar, continuei as duas faculdades e trabalhando. Em setembro de 2013, comecei outro grande desafio da minha vida que foi lecionar. Fui direto para a rede estadual e os primeiros dias foram bem difíceis; pensei que não iria conseguir, porém, foram 6 anos como professor no Ensino Médio, diretor de turma, coordenador de área, e muito projetos desenvolvidos, com premiações em feiras e apresentação de trabalho em congresso. Trabalhei em duas escolas: a CEL. Humberto Bezerra e o Liceu de Quixeramobim, do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, sempre com as disciplinas na área de Matemática ou Ciências da Natureza.

Em 2014, após concluir minha primeira graduação, comecei minha primeira Pós-graduação em Docência para o Ensino Superior, pela Estácio, onde também ganhei bolsa de 50% e, nos anos seguintes, fiz mais duas Pós-graduações: Gestão e Administração Escolar, pela Universidade Cândido Mendes, e Docência na Educação Profissional, Científica e Tecnológica, pelo IFCE.

Como comecei a trabalhar na Educação, como professor temporário na rede estadual, logo de início senti a necessidade de ser efetivo, visto que a instabilidade no emprego me deixa muitas vezes inseguro; então, em 2014, comecei a fazer todos os concursos próximos da minha cidade e, com a graça de Deus e muito estudo, passei como professor, na minha cidade (Quixeramobim), vindo a assumir a função em 2015, e lá estando até o presente momento; no ano de 2015, passei como professor, na cidade de Boa Viagem, e, em 2016, como professor, na cidade de Quixadá, onde assumi em 2019 e estou até o presente momento.

Na rede municipal de ensino de Quixeramobim, fui trabalhar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no 4º ano, na Escola Maria do Socorro Coelho Benício. Foi tudo muito novo, trabalhar com crianças, visto que minha experiência era somente no Ensino Médio, porém, apaixonei-me ainda mais pela Educação e me dedicava cada dia mais para tornar o ensino e a aprendizagem dos meus

alunos mais significativo e prazeroso e, com isso, o trabalho com projeto ajuda bastante. Então baseado na aprendizagem cooperativa, fiz o projeto Matemática em Cooperação, disciplina em que os alunos tinham mais dificuldade e o resultado foi maravilhoso. No final do ano letivo, além de termos concorrido a um prêmio na cidade, ainda fomos os vencedores.

A Aprendizagem Cooperativa é uma metodologia de ensino que estimula o trabalho em equipe, com os membros do grupo participando mutuamente, com esforços cooperativos, e conseguindo, dessa forma, enfatizar a aprendizagem natural (estruturada). Essa metodologia só acontece efetivamente nos grupos em que os alunos trabalham juntos, criando sua própria situação de aprendizado. As principais vantagens são, dentre outras: ganhos acadêmicos (especialmente para os alunos com dificuldades de aprendizagem); melhoria nas relações sociais; desenvolvimento social e afetivo, entre os alunos (Barata, 2000).

As interações sociais têm assumido maior importância no desenvolvimento cognitivo das crianças, e a aprendizagem cooperativa tem sido descrita como uma forma eficaz de praticar, de modo concreto, a diferenciação em sala. A ideia é evidenciada por Sprinthall e Sprinthall (1993, citado por Tavares; Sanches, 2013), que reforçam que essa metodologia surge como uma mistura de práticas de trabalho em pequenos grupos com objetivos específicos de cooperação, onde o objetivo individual só é alcançado quando todos os indivíduos do grupo alcançam os objetivos.

Com a mesma ideia, Pujólas (2001, citado por Fontes; Freixo, 2004) acrescenta que é recurso ou estratégia em que se considera a diversidade de alunos existentes na turma; onde se privilegia uma aprendizagem personalizada; e que só é possível se existir cooperação entre os alunos para aprender, sem o distanciamento da aprendizagem individualista e competitiva. Inclui as aprendizagens sociais e destaca a importância das interações entre adultos e crianças. É um procedimento educativo capaz de desenvolver nos alunos a capacidade de colaborar com os outros e conduzir ao desenvolvimento cognitivo, tal como defende Vygotsky, com a sua teoria socioconstrutivista (Fontes; Freixo, 2004)

No ano de 2017, comecei a trabalhar no Ensino Superior como tutor presencial do Curso de Administração Pública, pela Universidade Estadual do Ceará, através da UAB. Foram 5 anos de muita troca e aprendizado.

Chegamos em 2019, o ano em que minha vida deu uma reviravolta total e sou muito feliz por tudo o que aconteceu. Fui convocado para assumir o concurso na cidade vizinha, Quixadá/CE, que fica a 40 quilômetros de Quixeramobim. Cidade nova, escola nova, tudo novo. Isso me deu ainda

mais forças para continuar construindo uma escola participativa, democrática e com alunos mais protagonistas e autônomos de sua própria aprendizagem.

Tendo em vista tudo isso, continuei com o projeto em que já trabalhava, na outra escola, e como sempre gostei das redes sociais, fazia postagens dos trabalhos e das atividades desenvolvidos em sala de aula e fora dela. Através disso, um produtor do então programa Encontro, com Fátima Bernardes, da TV Globo, gostou muito e me convidou para fazer uma reportagem sobre o projeto. Muito feliz, além da gravação, fui convidado para ir ao Rio de Janeiro participar, ao vivo, com Fátima. Foi um sonho realizado, minha cidade parou para assistir.

Voltei e continuei com meus trabalhos, mas, a partir dali, muitas portas foram se abrindo devido à grande visibilidade nacional e, no mesmo ano, participei de uma seleção para o programa Geração de Educadores, do Canal Futura, e fui selecionado com mais 19 professores, todos de estados diferentes da federação. Passamos uma semana, na sede do canal, fazendo um curso de audiovisual, com a finalidade de inserir a técnica dentro das escolas. Logo em seguida, fui convidado também para apresentar o projeto e minha história na área da educação, para participar de uma audiência na Câmara Federal dos Deputados, em Brasília, na Comissão de Educação.

O ano de 2020 chegou com a pandemia, o medo e, também, incertezas, mas não paramos, continuamos nas aulas remotas, mesmo com todos os desafios, demos o nosso melhor para os alunos. Nessa perspectiva, o ensino remoto visa a otimização do tempo na aprendizagem; a criatividade no ensino; capacitação para a produção de conteúdo programático; e sua reprodução, em que se exige competição, mediante a sua interação, com todos voltados a obter o mesmo resultado, que é a informação, e transformá-la em conhecimento, em um determinado espaço cibernético, para Levy (2009, p. 92),

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso.

No início do ano, surgiu outra oportunidade incrível de ser professor autor da Nova Escola. Em um processo seletivo, eu e mais sete professores, dos mais diferentes municípios do Ceará, produzimos o novo material educacional do estado nos componentes de Português; Matemática;

História; Geografia; e Ciências, para os alunos do 1º ao 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No final de 2021, participei do prêmio Alpha Lumem Criatividade na Educação. É um prêmio internacional com três etapas de seleção. Com o projeto Aprendendo e Cooperando Saberes fui um dos vencedores na categoria do Ensino Fundamental I. No mesmo ano, fui semifinalista do prêmio Professor Transformador, com o mesmo projeto.

Em 2022, fui convidado para fazer parte da gestão municipal de Quixadá, para trabalhar na Secretaria Municipal da Educação, como gerente de Currículo e Tempo Integral e como formador dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No mesmo ano, decidi que faria um mestrado e fiz a seleção da Urca. Não obtive sucesso e tentei o ProfEPT. Nossa, como queria entrar! Mas, sinceramente, não acreditava que passaria. Fiz todos as etapas da seleção e fiquei na 26ª colocação mas eram 24 vagas. Fique triste, mas feliz também por ter chegado tão próximo. Até que, no dia 5 de abril de 2022, recebi a tão sonhada ligação de que iria entrar, visto que teve desistência. Não acreditei que realizaria o sonho de entrar em um mestrado público e federal e que iria descobrir novos caminhos e assim dar continuidade ao processo de formação, tanto profissional como pessoal.

Minha intenção de pesquisa é focada na aprendizagem cooperativa, visto que um dos evidentes problemas identificados nas escolas profissionais através dos resultados é o baixo rendimento em alguns componentes; então, sente-se a necessidade de tornar o ensino mais significativo, através da socialização de saberes e a cooperação de aprendizagem, fazendo um ensino com mais qualidade e eficácia.

A aprendizagem cooperativa diferencia-se das outras metodologias, por possibilitar ao aluno exercer um papel mais ativo em seu processo de aprendizagem, cujas atividades são desenvolvidas por grupos heterogêneos. Dessa forma, a aprendizagem passa a ser construída mediante um conjunto de interações sociais e culturais estabelecidas entre os membros de um grupo heterogêneo, condições que estimulam a discussão e a partilha de ideias entre os pares na procura de solução de problemas, o que, por sua vez, contribui para o aumento dos processos mentais mais elevados, como o raciocínio, a abstração e o pensamento crítico (Andrade, 2011).

CONCLUSÃO

Concluir é tão difícil quanto começar. Talvez seja bem mais difícil o ponto final do que a primeira palavra, pois foram muitos momentos lembrados e revividos, ao longo da história que venho construindo.

Estar hoje cursando o mestrado em Educação Profissional Tecnológica tem um valor pessoal, pois, certamente, agregará saberes necessários à minha formação e atuação como docente, fortalecendo as ações no âmbito escolar. E, certamente, agregará aos saberes construídos ao longo da minha trajetória acadêmica, tanto durante as aulas no IFCE compartilhadas com colegas discentes, em eventos acadêmicos, grupos de estudos, que exigirão meu protagonismo, dedicação, pesquisa e muita inteligência emocional, todos os dias me refaço, enquanto sujeito integral, para contribuir como um novo fazer pedagógico, mediado pelas tecnologias digitais e marcado por uma pandemia.

Para finalizar, consumi algumas páginas, começando este memorial, um pouco à maneira que fez Brás Cubas, do romance de Machado de Assis. Como se sabe, o célebre defunto autor arremata suas memórias declarando que não teve filhos e que não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Mas tenho inúmeros alunos, para os quais, diariamente, me esforço para transmitir um legado e uma aprendizagem significativa, além do mais, sou um eterno estudante. No momento, como mestrando, e, na vida, como autor e construtor da minha própria história que se reconstrói e cresce diariamente com meus sonhos e minhas conquistas já obtidas ao longo da minha caminhada.

Referências

ANDRADE, C. D. N. R. **Aprendizagem cooperativa**: estudo com alunos do 3º CEB (Doctoral dissertation) - Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, 2011.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

BARATA, Kátia Maria Alves. Aprendizagem cooperativa: aprender a cooperar e cooperar para aprender. **Revista Mestre**, nov. 2000.

FONTES, A.; FREIXO, O. **Vygotsky e a aprendizagem cooperativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Ciências da Educação**, n. 8, 2009, p.7-22.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

TAVARES, C.; SANCHES, I. Gerir a diversidade: contributos da aprendizagem cooperativa para a construção de salas de aula inclusivas. **Revista Portuguesa de Educação**, 26, 2013, p. 307-347.

MEMORIAL DESCRITIVO

Sherida Nayara Alves da Silva

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço que minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela vá à falência. Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um “não”. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta (Augusto Cury, 2021)

Agradecimentos

Em um contexto amplo, agradeço a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, fizeram parte de toda a minha trajetória profissional, que será apresentada neste trabalho. Dessa forma, agradeço especialmente:

A Deus, pela dádiva da vida, pelo aconchego e direcionamento nos momentos de dúvida e aflição.

Aos meus pais, especialmente à minha mãe, pela garra no trabalho, que me serviram de inspiração para sempre fazer o melhor naquilo que é proposto.

A Letícia, uma pessoa que ajudou na minha descoberta profissional como professora, e também foi inspiração sobre a minha prática docente.

Ao meu filho, Sílvio, ou melhor, meu Silvinho, que me apresentou o mais lindo e puro sentido do amor, e é por esse motivo que não paro a busca constante de conquistar novos objetivos.

Aos meus professores, pelo ensino e dedicação à educação desse país.

Aos meus colegas de graduação, especialização e mestrado, pelo convívio e a troca de conhecimento.

Aos meus alunos, pela possibilidade de desenvolver minha prática de forma qualitativa.

Aos meus amigos e parentes, que estiveram presentes em momentos de frustração e conquistas, sempre prontos para vibrar e chorar junto.

A todas as instituições que me acolheram como profissional e enquanto estudante, especialmente ao Centro Universitário UniAteneu.

Introdução

Página | 163

Em um momento de pausa e reflexão, na minha residência, decidi, com um certo tempo de atraso, dar início a este memorial, tendo em vista a conquista do direito de cursar o mestrado de Educação Técnica e Profissional.

Era um final de tarde do mês de maio quando parei para fazer algumas reflexões. Estava na minha residência, ocupada com serviços domésticos e alguns trabalhos acadêmicos.

Em pensamentos e pensamentos, adentrei em minha história, resgatando memórias significativas, que não se limitaram aos anos de formada, mas de todos os pontos e nós que me fizeram chegar até aqui. Não é possível contar sobre a minha caminhada, sem falar da minha história profissional que também está intimamente ligada ao pessoal, pois revela resgates sobre minha origem, minha família, as pessoas próximas, que estabeleceram conexões sobre todas as minhas conquistas.

Os resgates são incríveis, no entanto, o pensamento reflexivo nos leva à mudança de foco, pois nos conduz a sensações e emoções inconsoláveis a respeito das nossas próprias decisões. A principal questão foi conciliar a proposta com histórias paralelas. O objetivo foi contar minha história até a entrada no Mestrado Profissional de Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), na qual revela certezas e incertezas nos campos pessoal e profissional. Dessa forma, os leitores desse memorial devem levar em consideração aspectos objetivos e subjetivos, os quais foram vivenciados com bastante aproveitamento.

As pessoas que estiveram e estão próximas, possivelmente, vão demonstrar estranhamento, na cronologia da história. Confesso que foi um esforço mental, porém, sem sofrimento, orquestrar os fatos. Dessa forma, o objetivo maior foi atender à proposta da disciplina Seminário de Pesquisa.

Do Nascimento até o Ingresso na Universidade

Nasci em 23 de junho de 1967, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Filha de Silvio José Lobo da Silva e Sheila Alves da Silva, estreei no mundo, por meio de parto natural, como primogênita. Meus pais tiveram duas filhas.

Apesar de ter nascido em Fortaleza, as boas lembranças de infância são da localidade de Mangabeira, localizada no município de Eusébio, onde passava todas as minhas férias e finais de semana; no entanto, na fase adulta, morei por um curto tempo.

De Mangabeira, tenho recordações magníficas. Lá, aproveitei todas as possibilidades de uma criança do interior; com brincadeiras na beirada do rio; pique esconde; subir nas árvores; e ficar jogando conversa fora com meus primos; tirar a fruta das árvores; e brincávamos até tarde da noite sem preocupação com a segurança. Foram momentos que sempre serão resgatados da minha memória, e que sempre guardarei com muito carinho. Meu coração fica bem apertadinho, em não proporcionar as mesmas condições para o meu filho.

Na fase adulta, morando em Mangabeira, com 18 anos de idade, perdi meu pai, que faleceu de AVC hemorrágico, seguido de morte cefálica, condição seguida de uma falta de interesse pessoal em cuidar da própria saúde, visto que ele conhecia suas questões e, mesmo assim, se deixou consumir pelo vício do álcool. Apesar de saber disso, ainda guardo com muita tristeza aquele dia, no qual não me permiti a despedida, certamente por um sentimento de negação e incompreensão da realidade. Meu pai faleceu com 42 anos, deixando minha mãe, eu, e minha irmã, com apenas 8 anos de idade. Foram dias difíceis!!

Tenho muitas lembranças do meu pai, afinal, sou a primogênita e sempre muito mimada por ele. Lembro-me dele como um homem muito trabalhador, e de uma inteligência inacreditável, pois era um leitor incansável, e não é por pouco que ele conhecia a escrita e fala de cinco línguas estrangeiras. Meu pai tinha o sonho de ser advogado, porém, conforme ele, necessitou trabalhar para manter a família, e acabou deixando seus sonhos de “canto”, para manutenção da família. Seu comportamento era de uma pessoa introspectiva, porém, com um coração gigante, que carregava honestidade e lealdade a todos que o cercavam.

A partida do meu pai acarretou uma gama de obrigações unilaterais da minha mãe para comigo e minha irmã. Minha mãe sempre foi muito trabalhadora; já carregou lenha para ajudar nas atividades da família; já trabalhou de auxiliar de serviço; auxiliar de cozinha; que serviram para ganhar um dinheiro extra com doces e salgados, e, por fim, fez um Curso Técnico de Enfermagem para tentar prestar concurso, no qual está até hoje, como estatutária, no município de Eusébio. Com meu pai, sempre defendeu e valorizou a educação, e, dessa forma, sempre cobrou empenho e dedicação.

Com 4 anos de idade, entrei na instituição escolar, mas não tenho memórias significativas da Educação Infantil. Minhas memórias da Educação Básica são poucas, mas me direcionam à imagem de bons e péssimos professores, assim como a conteúdos “intragáveis” e apaixonantes, com a literatura, que foram introduzidos de forma significativa no Ensino Médio, por dois professores incríveis, Nádia Gurgel e Guto Stress. No Ensino Médio, eu ainda não tinha certeza sobre qual atividade profissional seguir, mas eu tinha certeza que professora eu nunca seria, porém, nossas certezas acabam nos certificando de que nada é absoluto, pois hoje exerço essa profissão com muito apreço.

Em 1995, terminei o Ensino Médio na Escola pública Doutor Cesar Cals, e, no mesmo período, ingressei no mercado de trabalho como promotora de cartão de crédito, no qual sempre batia as metas e era considerada uma das melhores, e, dessa forma, estive em cargo de liderança. Após trabalhar como promotora de cartão, fui indicada para trabalhar como *hostess* no *resort* Beach Park, e foi nesse espaço que compreendi muitas das minhas habilidades profissionais, visto que me foram proporcionadas muitas ações de crescimento.

No entanto, minha saída foi bem impactante, pois me proporcionou questionamentos sobre o meu futuro, pois eu fiquei entristecida, devido à falta de reconhecimento profissional; no entanto, eu não tinha nenhuma formação técnica de nível superior, ou médio, que me qualificasse, ou certificasse, e, dessa forma, compreendi que, por maior que fosse o meu esforço para demonstrar meu potencial, sem um respaldo intelectual científico, eu não obteria crescimento em qualquer área.

Na minha cabeça, tudo era possível, e passei a pesquisar instituições de ensino que poderiam me dar todo o suporte necessário para atingir meus objetivos, mas tudo ficou apenas no campo das ideias e acabei buscando empregos nos quais não era exigida formação de Ensino Superior, como *telemarketing*, porém, devido à minha experiência no Beach Park, surgiu a oportunidade de estar novamente na área de turismo, como supervisora de alimentos e bebidas no *resort* Porto d'Aldeia

Muitas pessoas foram essenciais, durante a minha trajetória de entrada, permanência e saída da universidade. Torna-se necessário pontuar algumas pessoas, mesmo parecendo ser injusto com muitos, porém, essas estenderam as mãos e confiaram no meu potencial. Dessas, minha mãe, Sheila, e meu pai, Sílvio, sempre ofereceram até a última gota de suor para garantir meus estudos e possibilidades; minha irmã, Synara, que sempre foi minha fã e acabou sendo minha parceira de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na obtenção do título de graduada no Curso de Pedagogia; minha ex-professora, Sílvia Letícia, que me direcionou ao caminho acadêmico com muita maestria e foi uma das principais influências profissionais; meu filho, Sílvio, que foi e é o principal motivador para eu desejar melhorar sempre; meus professores, Janaína Queiroz, e Antônio Marcos, que, nas aulas de graduação, no Curso de Turismo, sempre me direcionaram à atuação de docente, e à UniAteneu, que acreditou no meu potencial no espaço educacional.

Para minha mãe e alguns amigos, eu devo sempre ser grata a todos que me ajudaram de formas direta e indireta, porém, esse agradecimento deve ser inesgotável. Meus pais foram mestres em transmissão de valores, como honestidade, lealdade, caráter e personalidade, assim como garra para o trabalho, que não nego para ninguém.

Ensino Superior até a Docência

Em janeiro de 2011, fiz vestibular na Faculdade Ateneu para o Curso de Gestão em Turismo e, com o dinheiro recebido pelo desligamento do *resort* Porto d'Aldeia, fiz a matrícula. Foi em 1º de fevereiro de 2011 que iniciei, então, minhas aulas no Ensino Superior. O Curso de Turismo, na época, registrava muita procura e o mercado ansiava por pessoas qualificadas no aspecto técnico-intelectual para facilitar a compreensão das ações práticas.

Lembro-me de que, no meu primeiro dia de aula, surgiram medos e desejos que nunca tinham passado por minha cabeça, e que me motivaram mais e mais a atingir meu objetivo que era me tornar

competitiva no mercado de trabalho que já não aceitava apenas uma única formação, mas, para mim, era o início de muitas conquistas.

Logo no início, percebi que as pessoas realmente estavam interessadas na área de Turismo e que não cursavam apenas para obter uma certificação. Mesmo sendo em uma faculdade privada, me surpreendeu muito o currículo oferecido e todo o suporte dado.

Durante meu curso, todas as oportunidades foram aproveitadas, pois eu acreditava que aquele espaço era a única condição dada para alavancar a carreira, e também o principal espaço para fazer contatos. Logo no segundo semestre, as dificuldades começaram, e as disciplinas estavam ficando cada vez mais atraentes, pois tudo me encantava, assim como alguns questionamentos sobre a prática profissional no Turismo, e dos professores do curso em andamento.

No início do terceiro semestre, precisei sair da faculdade para trabalhar, pois eu tinha a percepção de que não dava para fazer com maestria os dois, e que era necessário optar, e a minha decisão foi trabalhar, mas, na atualidade, eu não teria o mesmo comportamento. Fui exercer algumas atividades profissionais que me auxiliaram no amadurecimento profissional e pessoal. Após o desligamento, fiz um ano sabático. Quando voltei a procurar emprego, aceitei algumas propostas como promotora de vendas, televendedora de telefonia para a empresa Claro, e assim reencontrei pessoas decisivas para minha mudança, e uma delas foi minha professora Sílvia Letícia, que me incentivou a retornar aos estudos.

No segundo semestre de 2014, retomei meu sonho de ter uma formação em Ensino Superior, e assim concluir com maestria e outros pensamentos para o futuro, pois foi nesse momento que meus professores, Janaína Queirós e Antônio Marcos, sinalizaram sobre minha habilidade em sala de aula para ser professora.

Quando terminei a Faculdade de Turismo, surgiu a possibilidade, na Faculdade Ateneu, de oferecer uma oficina sobre qualquer temática na semana acadêmica, e, dessa forma, ofereci, para os alunos do Curso de Turismo, uma oficina voltada para alimentos e bebidas, pois, afinal, era a minha área de domínio. No dia de ministrar o curso, o meu espanto foi assustador, pois, ao perguntar em sala se todos ali eram alunos do Turismo, somente três pessoas levantaram as mãos, em um universo de 40 pessoas, distribuídas entre processos gerenciais e logística. Precisei mudar todo o meu planejamento, e acabei não utilizando os *slides* preparados, apenas o quadro para direcionar os assuntos à realidade dos alunos ali presentes. Nesse momento, eu me encontrei profissionalmente.

Parei para refletir sobre a ideia de docência, mas eu não aceitava exercer a profissão de professora sem conhecer o mínimo sobre Educação. Foi quando decidi fazer especialização na área da Educação, pensando ser o suficiente. Matriculei-me no Curso de Especialização em Psicopedagogia; no entanto, durante as aulas e o diálogo com os colegas de sala, notei que só

conseguiria acompanhar a proposta do curso apenas com os conhecimentos básicos da Pedagogia, oferecidos em curso de graduação.

Nesse processo, fui indicada, pela professora Sílvia Letícia, à vaga de tutoria de Educação a Distância (EaD) na Faculdade Ateneu, que me proporcionou muitos aprendizados e possibilidades, como fazer outra graduação com desconto, porém voltada para a área educacional. Dessa forma, fiz minha matrícula no Curso de Pedagogia, no ano de 2015 e concluí a pós-graduação em 2016. Considero minha trajetória, no Curso de Pedagogia, bastante significativa, mas com fragilidade prática. Minha aprendizagem teórica foi excelente, e por esse motivo é que prestei concurso em 2017 para professora de Ensinos Infantil e Fundamental I sem estudar, e acabei sendo aprovada, porém, fui convocada apenas em 2019.

No mesmo ano em que terminei a pós-graduação, participei da seleção de professor para a UniAteneu, e passei no processo com louvor. Dessa forma, estava na mesma instituição como coordenadora de tutoria em EaD e docente nos cursos de gestão; porém, quando assumi a vaga do concurso no município de Aquiraz, pedi desligamento da coordenação de tutoria, devido ao choque de horário.

Em busca de novos conhecimentos e aprimoramento para minhas aulas nos cursos de gestão, em 2021, iniciei uma pós-graduação em Master of Business Administration (MBA) em Gestão de Pessoas, e também estava em andamento uma graduação em Gestão de Recursos Humanos, que me qualificaram mais ainda para a atuação em sala de aula.

Hoje, sinto-me uma profissional com grandes realizações, porém, ainda em processo de desenvolvimento, visto que faltam outras conquistas que qualificam e respaldam melhor os profissionais docentes.

Docência: De Março de 2015 até os Dias Atuais

Ingressei na UniAteneu em 5 de março de 2015, na função de tutora em EaD para os Cursos de Turismo e Gestão. Como a atuação na docência nunca me despertara interesse, não me dediquei o suficiente, porém, minhas ações foram vistas de bom grado, pois, quando surgiu a oportunidade de promoção, fui indicada para coordenadora de tutoria no mesmo ano de ingresso. Dessa forma, no segundo semestre entrei na gestão, e com o contato direto com os coordenadores de curso, me informei sobre a seleção de docentes, e foi em um desses processos que entrei para ministrar disciplinas de Psicologia das Organizações e Planejamento de Carreira.

Na UniAteneu estive como coordenadora de tutoria até 2019, porém, como docente, estou até o presente momento (maio de 2022), atuando nos Cursos de Administração, Processos Gerenciais e Recursos Humanos. Saí da coordenação de tutoria para assumir o concurso de professora do Infantil

Fundamental I na rede de ensino do município de Aquiraz, na qual hoje (maio de 2022) estou como diretora escolar.

Durantes os anos de 2015 até 2022, passei por várias práticas docentes, que me fizeram melhorar como profissional, e entre essas estão palestras e cursos ministrados na 3s Consultoria Educacional; na Comunidade Professor Autor; na Escola Espaço Vida, que tem como idealizadora e proprietária a senhora Amália Simonetti. Nesse mesmo viés, fui convidada para ministrar aulas de pós-graduação na Faculdade Millenium (Famil), para o Curso de Psicopedagogia e na UniAteneu para o Curso de Didática de Ensino Superior e Tutoria EaD.

Torna-se necessário pontuar que fui privilegiada em diversas fases profissionais e no contexto educacional tenho a honra de estar, ou ter estado, próxima de pessoas importantes, no cenário educacional do nosso país, como Luzia de Queiroz Hippolyto; Eliane Carvalho; Cipriano Carlos Luckesi; Maria Amália Simonetti Gomes de Andrade; Lucidalva Bacelar; e Rosany Bezerra; dentre outros, que, em um contexto amplo, foram referência para mim.

A Chegada no ProfEPT

Entrar no mestrado sempre foi o meu sonho, a partir do momento em que comecei a compreender a proposta do conhecimento científico, assim como o reconhecimento com respaldo profissional e acadêmico, porém, sempre existiram variados impasses, como tempo para estudar e possibilidades claras de ingresso, pois não existiam temas e assuntos que me interessavam. Foi nesse viés que me deparei com a seleção do ProfEPT, no ano de 2017, no qual contava com uma prova na qual acertei 85% e acabei eliminada. Fiquei triste, porém não desanimada.

Diante da minha reprovação, decidi me preparar melhor para as provas futuras; no entanto, fui deixando os anos passarem, e, no ano de 2022, surgiu novamente a oportunidade, mas com uma roupagem diferenciada, pois não existia prova e sim análise de históricos profissional e acadêmico. Nesse contexto, o sonho concretizou-se com aprovação de 100%, fato que me deixou muito orgulhosa, porém, contei com o auxílio de grandes colegas, como Rosangela Del Veelchio e Sílvia Letícia, que sempre me direcionaram para a produção científica e a correr atrás dos meus objetivos.

Dessa forma, destaco, a seguir, meu currículo, com os dados que me fizeram chegar ao ProfEPT com nota louvável.

Dados Curriculares

Sherida Nayara Aleves da Silva

– Dados Pessoais

Filiação: Sílvio José Lobo da Silva e Sheila Alves da Silva

Nascimento: 23/6/1988 – Brasil

Página | 169

Contato: sheridanayara2306@gmail.com

– Formação Acadêmica

Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em rede nacional – 2022 – Atual – Instituto Federal do Ceará (IFCE) – Reitoria, Fortaleza, Brasil. Orientador: Ainda não definido.

Especialização em MBA em Gestão de Pessoas – 2018 – 2020 – Centro Universitário Ateneu

Graduação em Recursos Humanos – 2019 – 2021 – Centro Universitário Ateneu

Graduação em Gestão em Turismo – 2011 – 2014 – Faculdade Ateneu

Especialização em Psicopedagogia – 2014 – 2016 – Centro Universitário Ateneu – TCC: Educação a distância como suporte de inclusão educacional e social para pessoas com deficiência auditiva.

Orientadora: Lucidalva Pereira Bacelar

Graduação em Pedagogia – 2015 – 2018 – Centro Universitário Ateneu – TCC: As percepções dos profissionais que atuam no espaço escolar sobre a síndrome do X frágil. Orientador: João Carlos Rodrigues Silva

– Formação Complementar

2021: Curso de curta duração em Elaboração de Itens (Carga horária: 80h). Comunidade Professor Autor (CPA), Brasil

2021: Curso de curta duração em Como Fazer uma Prova Nota 10 (Carga horária: 20h). Comunidade Professor Autor (CPA), Brasil

2019: Extensão universitária em Capacitação para Tutores (Carga horária: 40h). Centro Universitário Ateneu, Brasil

2018: Semana Pedagógica em 2018.2 (Carga horária: 6h). Centro Universitário Ateneu, Brasil

2018: Extensão universitária em Novas Tecnologias para EaD (Carga horária: 120h). Centro Universitário Ateneu, Brasil

2017: Curso de curta duração em Moderadores de Salas Virtuais Moodle Rooms (Carga horária: 8h). Faculdade Ateneu (Fate), Fortaleza, Brasil

2015 – 2016: Extensão universitária em Formação de Tutores: Educação no Contexto das Novas (Carga horária: 60h). Faculdade Ateneu (Fate), Fortaleza, Brasil

2016: Curso de curta duração em Planejamento Estratégico para Vida e para Carreira (Carga horária: 20h). Faculdade Ateneu (Fate), Fortaleza, Brasil

2015: Curso de curta duração em Didática Básica (Carga horária: 40h). Senai – Departamento Regional de Goiás, Senai/DR/GO, Goiânia, Brasil

2015: Curso de curta duração em Formação de Tutores para Educação a Distância (Carga horária: 12h). Senai – Departamento Regional de Goiás, Senai/DR/GO, Goiânia, Brasil

2015: Curso de curta duração em Métodos e Técnicas de Pesquisa (Carga horária: 40h). Sesi/Senai, Sesi, Brasil

Página | 170

2015: Curso de curta duração em Curso de Formação para Professores Conteudistas (Carga horária: 8h). Faculdade Ateneu (Fate), Fortaleza, Brasil

2014: Curso Básico de Guia de Turismo (Carga horária: 60h). Universidade de Fortaleza (Unifor), Fortaleza, Brasil. Bolsista da Secretaria Especial da Copa 2014 do Governo do Estado do Ceará

2014: Curso de curta duração em Formação de Tutores da Educação a Distância (Carga horária: 60h). Faculdade Ateneu (Fate), Fortaleza, Brasil

– Vínculo institucional

1. Prefeitura Municipal de Aquiraz (PMA)

2022: Atual: Vínculo: Servidor público - Enquadramento funcional: diretora escolar (Carga horária: 40), Regime: Integral

2020 – 2021: Atual: Vínculo: Servidor público, Enquadramento funcional: professora pedagoga, (Carga horária: 40h), Regime: Integral

Outras informações: Atuação pela manhã (Educação Infantil). Atuação à tarde (Ensino fundamental)

2. Centro Universitário Ateneu (UniAteneu)

2020 – 2021: Vínculo: Professor visitante, Enquadramento funcional: Professor – Pós-graduação, Regime: Parcial

Outras informações: Ministrando Disciplina de: *Estágio Supervisionado (60h) – 18.10.2020 – 21.11.2020; 5.12.2020 – 30.1.2021 – 27.02.2021

2020: Vínculo: Professor visitante, Enquadramento funcional: Professor – Pós-graduação, Regime: Parcial

Outras informações: Ministrando Disciplina de: *Métodos e Práticas de Tutoria em Educação a Distância (60h) – 22 e 23.8.2020 – 19.9.2020

2019 – Atual: Vínculo: Celetista, Enquadramento funcional: Professora – Graduação (Carga horária: 8h), Regime: Parcial

Outras informações: 2019.1 – Ministrando disciplina de Psicologia das Organizações, 2019.1 – Ministrando disciplina de Planejamento de Carreiras, 2019.2 – Ministrando disciplina de Recrutamento e Seleção, 2019.2 – Ministrando disciplina de Projeto Interdisciplinar, 2020.1 – Ministrando disciplina de Posicionamento Profissional, 2020.1 – Ministrando disciplina de Planejamento de Carreiras, 2020.2 – Ministrando disciplina de Posicionamento Profissional, 2020.2 – Ministrando disciplina de Recrutamento e Seleção, 2020.2 – Ministrando disciplina de Treinamento e Desenvolvimento, 2021.1 – Ministrando disciplina de Psicologia das Organizações

2019: Vínculo: Professor visitante, Enquadramento funcional: Professor – Pós-graduação, Regime: Parcial

Outras informações: Ministrando disciplinas de Teorias da Aprendizagem e Fundamentos da Educação a Distância nos dias 28 e 29.9.2019. Disciplinas com duração de 60h

2017 – 2020: Vínculo: Celetista, Enquadramento funcional: Coordenador de Tutoria (Carga horária: 40h), Regime: Dedicção exclusiva

Outras informações: Atuava como liderança da equipe de tutoria, nos processos de escala, desenho dos processos, administradora da plataforma, mediadora de conflitos, relatórios de atuação, treinamento da equipe

2015 – 2020: Vínculo: Celetista, Enquadramento funcional: Tutor – EaD e Professor (Carga horária: 40h), Regime: Dedicção exclusiva

Outras informações: Tutoria das disciplinas: Tópicos Especiais em Turismo I e II 2015.1, Fundamentos do Turismo 2015.1, Filosofia Lógica e Ética 2015.2, 2016.1, 2017.1, 2017.2, Responsabilidade Social 2015.1, 2015.2, 2016.1, 2016.2, 2017.1, 2017.2, Elaboração de Projetos Sociais 2017.2, 2018.1, Gestão de Serviço Social 2017.2, 2018.1, Marketing de Produtos de Moda 2017.2, 2018.1, Higiene e Segurança do Trabalho, Projetos Psicologia das Organizações, Fundamentos da Séries Iniciais, Fundamentos da Pedagogia Multiculturalismo

3. Faculdade Millenium (Famil)

2019: Vínculo: Professor Visitante, Enquadramento funcional: Professor, Regime: Parcial

Outras informações: Ministrou a disciplina de Intervenções Psicopedagógicas no Raciocínio Lógico-matemático. Período: 13.4.2019 e 18.5.2019

4. Beach Park Resorts

2008 – 2009: Vínculo: Serviço Privado, Enquadramento funcional: Hostess (Carga horária: 48h), Regime: Dedicção exclusiva

5. BNTravel

2014 – 2014: Vínculo: Serviço Privado, Enquadramento funcional: Consultora de Viagens (Carga horária: 40h), Regime: Dedicção exclusiva

6. Cagece (Provider)

2009 – 2010: Vínculo: Servidor público, Enquadramento funcional: Operadora de Telemarketing (Carga horária: 36h), Regime: Dedicção exclusiva

7. Resort Porto d'Aldeia

2010 – 2011: Vínculo: Serviço Privado, Enquadramento funcional: Supervisora de Alimentos e Bebidas (Carga horária: 48h), Regime: Dedicção exclusiva

– Produção bibliográfica

– Artigos completos publicados em periódicos

1. MENDONÇA, Esther Costa; ALVES DA SILVA, Shériida Nayara; VASCONCELOS, Karla Colares. Educação Quilombola: estabelecimento e autoafirmação da identidade e cultura negra através da instituição escolar. **Cadernos de Pós-graduação**, v.17, p.100-112, 2018.

2. ABREU, S. L. M.; SILVA, S. N. A. Educação a distância como suporte de inclusão educacional e social para pessoas com deficiência auditiva. **EaD em Debate: Ferramentas educativas como suporte na educação a distância**, v.4, p. 38-50, 2017.

– **Livro publicado**

1. SILVA, S. N. A. **Atendimento ao público**, 2019.

– **Capítulo de livro publicado**

1. ABREU, S. L. M.; SILVA, S. N. A. Crianças com síndrome do X frágil e as práticas relacionais inclusivas. *In: ABREU, S. L. M.; SILVA, S. N. A. **Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas**. 2. ed. v. 5, p. 226-234, Ponta Grossa: Aya, 2021.*

– **Demais produções bibliográficas**

1. SILVA, S. N. A. **Supervisão escolar**. Elaboração de material institucional para educação a distância (extensão). UniAteneu, 2018. (Outra produção bibliográfica).

2. SILVA, S. N. A.; ABREU, S. L. M.; DEL VECCHIO, Rosângela Couras. **Gestão empresarial: foco e resultados**. Fortaleza. Bibliotecária: Aparecida Porto – CRB3/770, 2019. (Apresentação, Prefácio, Posfácio).

– **Produção técnica**

– **Trabalhos técnicos**

1. ABREU, S. L. M.; SILVA, A. B.; VECCHIO, R. C.; OLIVEIRA, M. P.; OLIVEIRA, R. M. C.; SALES, A. D. S.; SOUZA, T. A. S.; DUTRA, P. M. C.; GOMES, A. D.; LEITÃO, A. L.; SANTOS, J. K. M.; AQUINO, R. O.; TAVARES, M. O. P. L.; SILVA, S. N. A. **Neuropsicopedagogia – a neurociência e as suas variáveis**. v. 01, 2021.

2. SILVA, S. N. A.; ABREU, S. L. M.; DEL VECCHIO, ROSÂNGELA COURAS; ANDRADE, E. C. R.; ALVES, S. S.; SOUSA, M. S.; SOUSA, M. R.; MIRANDA, O.; AGUIAR, R. S.; PONTES, T. P. F. M. **Neuropsicopedagogia – a neurociência e as suas variáveis**. v. 02, 2021

- **Outras produções técnicas**

1. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina empregabilidade e carreira**. 2020.

2. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina ética, cidadania e gestão**. 2020.

3. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para ebook de pesquisa e prática pedagógica**. v, 2020.

4. SILVA, S. N. A. **Simpósio de didática de ensino superior e tutoria em EaD**. 2020.

5. SILVA, S. N. A. **Gestão empresarial: foco e resultados**, 2019. (Carta, Mapa ou Similar) .

6. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina elaboração de projetos sociais**. 2017.

7. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina família, gênero e serviço social.** 2017.
8. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina fundamentos da gerontologia.** 2017.
9. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina gestão em serviço social.** 2017.
10. SILVA, S. N. A. **Elaboração de itens para banco de dados da disciplina psicologia das organizações.** 2017.
11. SILVA, S. N. A. **Itens para concurso câmara municipal de Val Paraíso, Goiás.** 2016.
12. SILVA, S. N. A. **IV SEMANA DA PEDAGOGIA – Família x Escola: o desafio de educar – Fate,** 2015. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado).
13. SILVA, S. N. A. **Gestão em alimentos e bebidas,** 2014. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado).

– **Orientações e supervisões**

1. SILVA, S. N. A. **Os impactos da comunicação interna como indicadores da produtividade de trabalho.** 2018. Orientação de outra natureza. Centro Universitário Ateneu.
2. SILVA, S. N. A. **Sustentabilidade organizacional** – aplicação das ferramentas da moderna gestão no âmbito escolar. 2018. Orientação de outra natureza. Centro Universitário Ateneu.

– **Participação em eventos**

1. Apresentação oral na IV SEMANA DA PEDAGOGIA – Família x Escola: O desafio de Educar, Fate, 2015. (Oficina) Programa de Gerenciamento dos 5S (sensos) no ambiente escolar.
2. Apresentação oral no Universo Ateneu, 2014. (Oficina) Gestão em Alimentos e Bebidas.
3. Turismo Talk Show 2, 2013. (Outra)

– **Organização de eventos**

1. SILVA, S. N. A. **SIMPÓSIO DE DIDÁTICA DE ENSINO SUPERIOR EM EaD,** 2020.
2. SILVA, S. N. A.; FORTES, Odmir; ABREU, M. L. M. **1º ENCONTRO OFF-LINE MULTILETRAMENTO E IMERSÃO NA EaD,** 2017.
3. SILVA, S. N. A.; LIMA, S. M.; ABREU, S. L. M. **I SIMPÓSIO DE PSICOPEDAGOGIA: Conceitos, práticas e perspectivas,** 2016.

– **Bancas**

– Participação em banca de comissões julgadoras

1. SANTOS. Eugenia da Silva; DELFINO. Priscila Ingrid Souza. **A gestão escolar democrática no ensino público: teorias e práticas.** Centro Universitário Ateneu, 2020.

– **Curso ministrado**

1. SILVA, S. N. A. da. **Ikigai. Formação profissional.** 3S Consultoria Educacional, 2021.

Página | 174

– **Palestras**

1. Ensino não propedêutico. 1º SIMPÓSIO DA COMUNIDADE PROFESSOR AUTOR – Desvelando o conceito de habilidades e competências, 2021.
2. **Ikigai e 5S**: estratégias para sua carreira. 2021. Centro Universitário UniAteneu.
3. Ensino híbrido: sala de aula invertida. 2020. Escola Luiz Eduardo Studart Gomes. Aquiraz.

MEMORIAL

Ian do Carmo Marques

Minha história começou após o Natal de 1994. Filho de um pescador e uma dona de casa, minha história não é um clichê de dificuldades e superação, mas de persistência; de não conseguir e tentar novamente. Sempre acreditei que tudo acontece quando simplesmente tem de acontecer.

Neste memorial, retratarei a minha trajetória de vida, destacando os principais momentos da minha vida acadêmica, da atuação profissional e aspectos pessoais, que me trouxeram até aqui. Muitas vezes, tentamos separá-los, porém, é quase impossível. Somos seres dotados de razão e sentimento. Assim, separar o trabalho, da existência das pessoas, é muito difícil, quase impossível, diante da importância e do impacto que o trabalho nelas provoca (Jacques, 1996).

Minha Infância: O Primeiro Contato com a Vida Escolar

Nasci no dia 27 de dezembro de 1994, na cidade de Camocim. Caçula de um total de cinco filhos, de dona Marluce e seu Gilvan, minha infância não foi de muitas dificuldades. Apesar de sermos uma família humilde, meus pais sempre priorizaram o prato na mesa, em vez de bens materiais. Não crescemos com muito luxo e sempre aprendemos a dar valor às pequenas coisas.

Minhas lembranças de infância são meio turvas. Sempre fui agitado, travesso, assim como todos os meus irmãos. Na escola, não foi muito diferente. Iniciei meus estudos em 1999, em uma escolinha infantil que funcionava no antigo Centro Social Urbano (CSU) em Camocim. Tenho poucas lembranças dessa época, mas era um alugar adaptado, com poucas salas e não muita estrutura. Todos éramos muito felizes, por estarmos em um espaço lúdico. Estudei os Jardins I e II no referido local, e lembro-me apenas de uma das professoras, tia Rosinha. Nos encontramos algumas vezes, já na vida adulta. Eu morava perto da casa de sua sogra e ela sempre perguntava se eu continuava sendo muito travesso e eu respondia: “Não mais, aprendi a me comportar”.

Como estudávamos em um lugar com poucas salas, tivemos que mudar de escola para outro prédio perto, para cursar a alfabetização, antigo ABC, como chamávamos. Fátima era a professora. Estudávamos as letras e as sílabas, porém, achava muito estranho, pois tinha grande facilidade de

aprender todo aquele emaranhado de letras. Acredito que, já no Jardim II, eu dominava parcialmente a leitura. Acredito que, poucas vezes, senti dificuldade de aprendizagem na Educação Básica.

Para iniciar o Ensino Fundamental, tive que me mudar de escola novamente. Havia sido inaugurada, recentemente, perto de casa, a Escola de Ensino Fundamental Alba Maria de Araújo Lima Aguiar. Dessa eu tenho bastante lembranças, pois passei 8 anos estudando e nela vivi bons momentos. A professora da 1ª série era a tia Vilani. Eu nutria grande afeição por ela e, alguns anos depois, descobri que na época, só tinha 16 anos e fazia o antigo pedagógico. Até hoje eu me surpreendo como conseguia ter tanta desenvoltura com tão pouca idade. Acredito que fomos a primeira experiência dela e ela era uma excelente professora.

As crianças, na época, foram divididas em três turmas, de acordo com o grau de domínio da leitura. Na época, eu já lia bem, então, fiquei na primeira turma, na qual as crianças não tinham dificuldades, nesse aspecto. De muitos colegas, consigo lembrar-me até hoje, pois estudamos basicamente todo o Fundamental juntos. Uma, inclusive, Edwiges, estudou comigo até o fim do Ensino Médio.

Já no 2º ano, tivemos uma professora rígida. Impossível não lembrar, pois foi o ano em que minha mãe vivia indo ao colégio e que me ameaçaram até de expulsão. Não conseguia muito bem entender os reais motivos para as advertências. Sempre fui travesso, mas costumava respeitar os professores. Apesar de ser bom aluno e sempre tirar notas altas, jamais consegui controlar minha agitação, na época do Fundamental.

Desse ano, tenho muitas lembranças. Meu pai foi trabalhar no Pará e minha mãe o visitava constantemente. Como não tinha com quem me deixar, pois era muito pequeno, me levava com ela nas viagens. Eu gostava, apesar de viajar 24 horas em um carro. Ficava admirando as cidades pelas quais passávamos. Quando chegávamos em Bragança, tudo era diferente. Uma cidade grande, na mente de uma criança. Lembro-me de lá provar açaí e cupuaçu, pela primeira vez. Ouvia falar e tinha altas expectativas, porém, detestei o sabor, uma extremamente azeda, e, a outra, quase com gosto de terra.

Com o fim do ano letivo, deparei-me com algo impressionante. Descobri que, devido às diversas advertências, estava na recuperação. Eu achei estranho, assim como minha mãe, pois, apesar dos ocorridos, sempre tirava notas altas. Lembro-me de ir para a escola e ficar respondendo às questões e que, após o período, nem nota recebi, pois já estava aprovado.

Nas demais séries, até o 8º ano, eu não tive mais nenhum problema com coordenação ou problemas graves com professores. Era o melhor aluno da turma, mesmo com minha agitação. Tive professores maravilhosos e quando comecei a ter vários professores por série, ainda foi mais incrível, pois a mudança parecia ser sadia para todos nós. Por vezes, fui até líder de sala.

No 9º ano, uma escola da minha cidade foi transformada em Ensino Médio profissionalizante e todos os alunos da mesma série que eu tiveram de ser transferidos. Lembro-me que, quando descobrimos sobre a proposta, ficamos bem animados. Estudar integralmente na escola, ter acesso aos cursos técnicos, parecia algo além da nossa realidade. Devido a algumas amizades do colégio, não me esforcei para ser aprovado e continuei seguindo minha vida como antes. Até tirava notas altas, porém, não para passar na seleção. Sabia que as notas seriam a forma de acesso.

Com o fim do 9º ano, tinha que escolher para onde iria, pois teria que mudar para alguma escola do Estado. Meus amigos e colegas se dividiam entre ir para o Colégio do bairro ou ir para a Escola Profissionalizante. Eu optei, primeiramente, pelo Colégio do bairro, pois a ideia de passar o dia inteiro na escola, e a distância, eram dificuldades que naquele momento não estava disposto a aceitar. Porém algo aconteceu, meu amigo Matheus, que era muito próximo, conseguiu me convencer a ir para a Escola Profissionalizante e fazermos juntos o Curso de Turismo. Sabia que tinha muita chance de entrar, devido às notas, que sempre foram bem altas.

O ano de 2010 se iniciou e tivemos que nos deslocar até a escola, que ficava no outro extremo da cidade, para visualizar o resultado da seleção. Na época, tudo era muito manual. Não tínhamos acesso à Internet e muito menos acesso a *sites* que publicam hoje esses resultados. Quando chegamos e vimos o resultado, virou uma mistura de felicidade e tristeza. Alguns passaram e outros, infelizmente, não conseguiram.

Eu lembro-me que quase não acreditei, quando vi meu nome na lista, estava em 9º lugar, dentre 92 vagas. Basicamente, só estava atrás de um aluno, da minha antiga escola. Fiz as contas e eu era o segundo melhor aluno do 9º ano, sem muito esforço, e estava bem à frente de todos os colegas da turma que também se inscreveram. As matrículas começaram e minha mãe deslocou-se até a escola para finalizá-la. Naquele momento, eu tive que tomar uma grande decisão e optar por um dos três cursos oferecidos. Sempre quis fazer um curso na área de informática, porém, as condições na época não eram favoráveis; então, decidi matricular-me no Curso de Informática.

A Adolescência em uma Escola de Tempo Integral

As aulas começaram. Era tudo muito novo; uma turma totalmente diferente. Eram alunos de escolas de toda a cidade, até de particulares e distritos. Alguns não conseguiram adaptar-se e acabaram desistindo. Mesmo com poucas condições e estudando em uma escola adaptada, foi um período de 1 ano e meio muito feliz que vivi naquela escola. A adaptação foi muito complicada. Estudávamos dois turnos com matérias que nunca tivemos contato. Foi uma carga de conteúdos muito alta para todos. Na Escola Estadual de Educação Profissional Monsenhor Expedito aprendi, desde o início, que a metodologia seria um pouco diferente das demais escolas. Tínhamos disciplinas da base

comum, as técnicas e diversificadas, que proporcionavam uma formação ampla e bastante robusta. Não me arrependi em nenhum momento da escolha, pois, naquele momento, acreditei que poderia mudar bastante a minha vida e da minha família. Aprendi a ser bem mais do que aquele aluno que estudava apenas por estudar

Descobrimos que tínhamos um professor responsável por nossa sala. A escolhida foi a professora de Biologia. A princípio, foi uma alegria muito grande; gostamos bastante dela; e que seria uma ótima responsável. Mas, o que pareceu um sonho, logo virou pesadelo. Ela queria que fôssemos perfeitos e era muito exigente; às vezes rude e grossa conosco. Eu não demorei a chamar a atenção dela e novamente me via, na 2ª série, com uma professora transformando milhares de coisas fúteis em problemas maiores. Ela manteve certa perseguição com vários colegas de turma, inclusive comigo.

No final do 2º ano, tivemos muitas mudanças. Ocupamos um prédio novo e totalmente equipado. Acabamos recebendo professores novos e, principalmente um, que, de certa forma, mudou a minha vida, o professor Marcos Ambrósio. Ele nos mostrou que tudo poderia ser fácil, e parte da minha relação com os meus alunos vem da excelente relação que mantivemos no Ensino Médio.

No fim do ano, tínhamos o estágio curricular, e estagiei na Secretaria de Educação do município. À primeira vista, não gostei, pois, na época, eu já almejava fazer Ciências Contábeis e queria estagiar em escritório de contabilidade. Nos primeiros dias, tivemos que retornar, pois o secretário não estava na concedente. Quando o estágio começou, fizemos mais tarefas administrativas do que as do curso. Foi uma primeira experiência muito gratificante. Éramos queridos por todos e sempre fomos muito bem tratados. Ao fim do estágio, eu estava meio decepcionado com o curso. Não me via programando na área de informática e muito menos previa grandes oportunidade na minha cidade.

O período na EEEP Monsenhor Expedito foi de muitas conquistas, aprendizagem e também de muito choro. Aprendi a ser mais exigente comigo; não estagnar na vida; sempre em busca de novos desafios e conquistas. Aprendi a ser não apenas um técnico em Informática, mas alguém que pode usar esse conhecimento tanto para o crescimento profissional, quanto para repassar a outras pessoas. Por fim, não segui, no primeiro momento, na área, e consegui uma bolsa do Programa Universidade para Todos (Prouni), em Ciências Contábeis, na Faculdade Anhanguera.

O Primeiro Emprego e as Novas Descobertas

Paralelamente à faculdade, tive a oportunidade, finalmente, de fazer um Curso de Informática, dessa vez, pago por mim, através dos bicos como técnico. O curso era ofertado pela empresa do meu professor, Marcos Ambrósio. Era um curso de manutenção de computadores e eu sempre tive muito

interesse por essa área. Quando fiz meu curso técnico, esperava aprender bastante sobre isso, porém o foco foi em programação. Com o curso de manutenção, aprendi muito do que sei hoje: Perdi o medo de desmontar computadores e *notebooks*; Consegui aperfeiçoar meus conhecimentos em formatação e instalação de sistemas operacionais; Aprendi a configurar roteadores e a fazer cabos de rede; Instalar impressoras e recarregar cartuchos. Foram 6 meses durante os quais esperava ansioso, toda a semana, pelas aulas. Encontrei-me na área e no que eu gostava.

Graças ao curso e à indicação do professor Marcos, fui indicado a participar de uma seleção para ser monitor do Projeto E-Jovem. A seleção ocorreu com mais duas pessoas. Lembro-me de ter respondido a algumas perguntas e, principalmente, de expor os motivos de almejar a vaga. Eu disse que a oportunidade seria uma experiência, pois o dinheiro não seria muito, mas contaria bastante no meu currículo.

Consegui a vaga e tive minha primeira experiência profissional, descobrindo que o projeto passaria por uma mudança e que teria de dar aulas como instrutor. Acabei ministrando aulas de informática para pessoas mais velhas do que eu. Com apenas 18 anos, tive muito medo, porém, comecei a ter excelente relação com os alunos e os 9 meses em que ministrei aulas, duas vezes na semana, foram muito gratificantes.

Em 2014, soube que a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede) 4, do Estado, estava com seleção aberta para suporte técnico. Foi algo que sempre quisera, porém, nunca havia surgido a oportunidade. Recebi a informação de vários colegas que lá trabalhavam e imaginei que não seria fácil, pois não tinha tanta experiência e ia competir com 20 pessoas mais velhas e, alguns, com anos à minha frente na área.

Descobri que a seleção seria em duas fases; a primeira, com prova teórica e, a segunda, em Fortaleza, com provas teórica e prática. Estava muito inseguro, porém, naquele momento, simplesmente deixei acontecer. Na primeira fase, passei em primeiro lugar. Quase não acreditei quando vi o resultado, que saiu logo após a aplicação. Sempre gostei da área e estudava muito. Inclusive, na época, já estudava para concursos e havia feito um em Teresina/PI, servindo de base para minha aprovação nessa seleção.

Já na segunda fase, minha mãe pagou as passagens e me desloquei até Fortaleza/CE. Éramos quatro disputando duas vagas. Na hora, lembrei-me de algumas dicas do recrutador e também dei dicas ao outro colega, pois estávamos em dupla, e eu queria que ele passasse comigo. Acabou que caiu tudo o que eu já sabia e, com minha ajuda, meu colega conseguiu a pontuação que precisávamos e também tirou a nota máxima. Eu fiz a prova muito rapidamente e meu colega também. Os demais passaram o tempo previsto e foram desclassificados. Quando saiu o resultado, em dois dias, já era nítido que seríamos os dois aprovados.

Quando fui chamado para trabalhar, estava cheio de expectativas. Principalmente, porque estava aprendendo a atuar em um mundo totalmente novo. Na Crede 4, realizávamos suporte técnico em todo o parque tecnológico das escolas do estado, na região. Viajávamos bastante e aprendíamos muito com o nosso serviço.

Novas Mudanças e a Vida de Concurseiro

Quando comecei o Nível Superior, estava maravilhado com a ideia. Passei 2 anos, até notar que não me via na área e muito menos estava agregando valor, naquele momento, no meu currículo. Eu fazia muitos bicos de técnico em Informática, o que me ajudou a ter um pouco de independência financeira. A desistência do curso não foi uma decisão difícil. Estava indo para um curso que, naquele momento, poderia somar bem mais na minha vida, e que me ajudou a chegar hoje no Mestrado. Mudei para Análise e Desenvolvimento de Sistemas, pois na época ainda estava trabalhando como técnico em Informática.

Em 2015, prestei o Enem e consegui uma Bolsa de Análise de Sistemas na Universidade Norte do Paraná (Unopar), no município de Sobral. Como as aulas eram apenas uma vez por semana, conseguiria conciliá-las com o trabalho. Resolvi pedir cancelamento da matrícula na Anhanguera, em Ciências Contábeis, e resolvi fazer um curso que agregaria bastante à minha vida profissional, naquele momento. A escolha foi até fácil, pois o diploma poderia me abrir diversas portas.

Logo após todas essas conquistas, a vida me daria uma lição da qual, acredito, jamais me recuperarei. A relação com a minha família não era das melhores. Tínhamos diversas crises, mas continuava a conviver e morar com meus pais e um dos meus irmãos. Mas jamais imaginávamos que poderíamos passar por tamanha tragédia.

Minha mãe faleceu, misteriosamente, depois de diversos problemas de saúde. Nunca descobrimos o real motivo de tantos problemas ao mesmo tempo. Foi um total desespero. Estava em outro estado e tive que viajar por horas, na viagem mais longa da minha vida. A ficha não caía. No velório, não tinha nem onde dormir. A casa estava lotada de parentes e os mais novos, todos, dormiram nas camas e redes. Tive que dormir em um carro.

Ao final do enterro, a ficha continuava a não cair. Não sabia como seguir em frente, pois tinha a certeza de que teria que me agarrar, o máximo que eu pudesse, nas oportunidades e começar a me virar sozinho. Não tardou, e meu pai passou a se relacionar com uma nova mulher e meu irmão saiu de casa. Os momentos de solidão e incertezas logo surgiram. Tive que novamente ocupar minha mente nos dias em que não estava na aula. Tive a oportunidade de largar tudo e ir embora para Crateús, cursar Engenharia Civil. Sabia que era uma boa área, porém, não tinha apoio e nem como me manter,

nos primeiros meses. Acabei desistindo e optando por continuar cursando Análise de Sistemas e trabalhando.

No fim de 2015, o Instituto Federal do Ceará (IFCE), *campus* de Camocim, abriu seleção para o Curso de Licenciatura em Química. Inscrevi-me e fui aprovado em primeiro lugar. Então, passei a revezar nas aulas em Sobral e em Camocim. Assim também conseguia ocupar minha mente com trabalho, viagem e faculdade. O Curso de Química era muito inovador e gostei bastante, porém, tive que trancar para dedicar-me a estudar para concursos. A vida na Crede 4 era repleta de incertezas e, principalmente, a relação com alguns colegas de trabalho era bem complicada e estava sofrendo com crises de ansiedade. O concurso me daria a estabilidade que necessitava na época.

Fiz inscrição para diversos concursos. Fiz no Instituto Federal do Piauí (IFPI) e fui desclassificado devido a uma questão de Português. Nos de município, sempre tinha poucas vagas e não conseguia. Mas estava focado em passar na Universidade Estadual do Ceará (Uece). Esforcei-me muito, porém, a aprovação não saiu, nem com 95% da prova. Fiquei bastante desmotivado, e pensando que jamais conseguiria uma vaga em um concurso da minha área.

Porém, sempre tive vontade de fazer concurso para o IFCE. Já conhecia a Instituição e, mesmo antes de ser aluno, tive a oportunidade de fazer o concurso, mas desisti. Além da pouca experiência na época, tinha começado em um novo emprego e estava me dedicando exclusivamente às funções. Porém, em 2016, resolvi estudar mais, para esse concurso, mas não fui muito bem-sucedido na prova. Mudaram o conteúdo e não percebi. Caiu bastante programação e fui super mal na prova; porém, o suficiente para passar por média.

Com a decepção nos concursos, tentei novas oportunidades em Fortaleza/CE. Mandava currículo para todas as seleções. Tentei transferência de emprego. Mas todas as tentativas sem sucesso. Tentei, então, a seleção para o Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec). Fiz tudo escondido, pois não queria demonstrar para ninguém que estava insatisfeito com o trabalho. Na minha cabeça, poderia ser demitido por isso. Então, participei da seleção sem saber que seria feita pelos meus próprios colegas de trabalho. Quase desisti quando vi que eles iriam aplicar a prova. Mesmo assim, resolvi continuar e, novamente, uma questão me eliminou e o fracasso tomou conta de mim.

Uma Conquista que Mudou Minha Vida

Desmotivado e sem muitas opções, continuei a vida de trabalhador e estudante. E soube que saíra o resultado do IFCE. Acabei nem vendo, pois, com o fracasso que foi a prova, imaginei que jamais estaria entre os aprovados. Porém, um dia, por curiosidade, abri o resultado e vi muitos desclassificados. Quando cheguei na lista de ampla concorrência, meu nome constava como

classificado; porém, estava fora das vagas, em 14^o lugar. Não entendi muito bem, na hora. A ficha não caía. Parece que um turbilhão de coisas passava na minha cabeça.

Acontece que, todos os candidatos que estavam nas cotas, foram reprovados, e todos os candidatos que passaram por média, foram aprovados. Eu quase não acreditei. Fiquei perplexo e minha vontade era não contar para ninguém e esperar o resultado final, ou a convocação. contei para o mínimo possível de pessoas. Não contei para minha família e nem para colegas de trabalho. Mas descobriram a minha aprovação e tive que confirmar, após uns meses. Foi estranho, pois todos queriam saber se ia sair, quando e para onde iria. Alguns ficaram muito felizes, outros, nem tanto.

A convocação demorou alguns meses, porém, estava sofrendo muito, com a ansiedade, e já tinham feito uma seleção para minha substituição, na Crede 4. Criei coragem e pedi demissão. Com o dinheiro da rescisão, eu poderia me manter até o final do ano, além do mais, poderia receber o seguro desemprego. Estava muito esperançoso, pois sabia que tinha uma vaga no IFCE na minha cidade para o meu cargo, no qual fui aprovado e poderia continuar com minha vida, apenas com mudança de emprego. Mas o destino me colocou à prova novamente. Um dos colegas aprovados conseguiu meu contato. Falou que estavam organizando as informações e, principalmente, verificando a possibilidade de onde cada um iria ficar. Descobri que existia concorrência para a vaga, em Camocim, e, na lotação, acabei perdendo por ser mais novo.

No início, foi um grande choque. Estaria longe dos amigos e da família. Começaria do zero, em outra cidade. Mesmo assim, consegui ver o lado bom, pois estaria em um emprego que me garantiria estabilidade. Então, tinha pretensão de ir para Sobral, mas a vaga foi removida, logo antes do sistema iniciar, restando apenas cidades bem distantes, como Acaraú e Ubajara. Optei por Acaraú. Estaria perto de casa, da faculdade e a meio caminho de Fortaleza.

Minha posse aconteceu no dia 28 de agosto de 2017. Foi um dia incrível, muita gente arrumada. Mesmo quando fui receber o broche e assinei o termo de posse, a ficha não caía. Parece que estava vivendo um sonho. Quando entrei em exercício, foi mais outro choque de realidade. Já havia visitado o *campus* e alugado casa na cidade, porém, tinha que organizar mudança e comprar algumas coisas que não conseguiria trazer. Foi tudo muito rápido. Consegui um transporte e, como a casa não estava pronta, morei com minha prima durante um mês.

O início foi muito tranquilo. Recebi algumas orientações e os novos colegas de trabalho eram bem acolhedores. Como já fazia função parecida, no meu antigo trabalho, foi rápida a adaptação. Com alguns meses no meu novo emprego, concluí o Curso Superior em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Também iniciei uma Pós-graduação em Gestão de Tecnologia da Informação.

Em 2018, sentia que estava muito estagnado, assim, concluí rapidamente minha especialização e resolvi tentar novamente a seleção do Centec. Tinha pretensão de ser orientador de estágio. Seria um trabalho fácil de conciliar com o do IFCE. Fiz minha inscrição por precaução, mas

não estudei para a seleção. Criei coragem na noite anterior à prova e li somente a parte de legislação. Fui com minha intuição e, no fim, deu tudo certo, pois consegui uma pontuação bem alta na prova, próximo a 95%, e ficando em 1º lugar. Os demais candidatos não alcançaram a pontuação mínima. Publiquei em todas as minhas redes sociais, pois foi um momento de me vangloriar dessa conquista, visto que, na primeira vez, não tinha alcançado nem a exigência mínima e agora tinha passado, quase com a nota máxima.

Alguns meses após a divulgação do resultado, recebi um *e-mail* e um telefone. O *e-mail* era do Centec, informando que eu estava sendo convocado para assumir uma vaga na EEEP Marta Maria Giffoni de Souza, no Curso Técnico em Redes de Computadores, na cidade onde moro. Fiquei sem acreditar, pois esperava que isso fosse acontecer só muito tempo depois. Tinha colegas que estavam aguardando há mais de 1 ano e não tinham sido convocados. Recebi um telefonema do diretor pedindo para me apresentar na escola e conversar sobre horários. Imediatamente, fui me informar. Não aceitei, de início, pois tinha muito medo de não conseguir conciliar os dois empregos, e perder a oportunidade de ser orientador. A vaga ofertada era de professor técnico.

Consultei alguns amigos e todos me deram muito apoio. Meu chefe, Daniel Filho, disse que seria uma oportunidade única na vida e que serviria muito para o meu currículo, e que se tivesse minha idade e a oportunidade, agarraria com força. Acabei aceitando o desafio mesmo sabendo que a inexperiência e, principalmente, a adaptação poderiam ser bem complicadas. No início, a escola estava passando por mudanças e tive muitos problemas, pois as informações chegavam de paraquedas. Sentia-me perdido, pois as orientações estavam vindo em migalhas e não entendi muito bem a dinâmica da escola. Com os meses, fui conseguindo me adaptar à rotina e, principalmente, aos alunos, que fizeram forte parceria comigo, durante todo o Ensino Médio.

Durante esse tempo como professor, realmente encontrei uma razão para continuar a minha trajetória. O fato de sempre estar próximo, conhecer histórias e ter novas práticas em sala, me fizeram uma pessoa melhor. Não foi fácil conciliar meus horários e, muito menos, a rotina de 60 horas semanais, porém, com o tempo, passei a me organizar.

A Grande Batalha para Ingressar no Mestrado em uma Pandemia

No ano de 2017, assim que entrei no IFCE, uma amiga me falou do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Gostei muito da proposta, pois se encaixaria perfeitamente com minha vida profissional, tanto como professor quanto técnico. Esperei por 3 anos, pois, além da rotina cansativa, depois do estágio probatório, existe a possibilidade de afastamento do IFCE, para realizar o mestrado.

Aguardei o tempo e me preparei para a seleção de 2020. Uma amiga do trabalho conseguiu ser aprovada em 2019, e estava conseguindo conciliar, mas tinha que trabalhar 10 horas por dia. Mesmo sabendo que não seria uma tarefa fácil, resolvi tentar. Sempre tive a pretensão de continuar a me provar, e minha vida sempre foi assim, em busca de novas formas de me reinventar, quando me via estagnado.

Foram longos dias de estudo e, com a pandemia e a impossibilidade de trabalhar presencialmente, fui afastado dos meus dois empregos. No de professor, tive o contrato suspenso e no do IFCE ia apenas em casos de extrema necessidade. Adquiri diversas crises de ansiedade, mas aproveitei bastante para me afogar nos textos e, principalmente, nos simulados para a prova de seleção do ProfEPT. Estava muito preparado para a prova. Li, reli e fui atrás de mais e mais textos sobre aquelas bases conceituais. Sentia-me realmente conquistado pelos assuntos e gostava cada vez mais do Marxismo e da Educação. Não foi à toa que montei uma biblioteca de Marx e diversos autores que conheci na seleção.

No decorrer da pandemia ocorreram dois acontecimentos que me afetaram bastante. A morte de um amigo querido e a suspensão e alteração da forma de seleção do ProfEPT. A suspensão da prova já era esperada, visto que, com a alta de casos da pandemia, todos imaginávamos que a qualquer momento o exame seria adiado. A cada mês, passou a ser enviado um *e-mail* explicando que a situação não era oportuna para a realização da prova e seguia sem data marcada. Depois de longa espera, recebemos a notícia de que a prova não aconteceria e mudariam a seleção para análise de títulos. Foi muito frustrante para mim, pois tinha estudado por mais de 1 ano, mergulhado nos textos das seleções, cursos e outros textos complementares e, de repente, ver as oportunidades escorregando por entre seus dedos.

Segui em frente, como diria Almir Sater: “Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente”. Então, a vida me fez aprender que tudo acontece no seu tempo. Em 2021, sentia que ia ser diferente e teria uma nova oportunidade de ingressar no mestrado. Apareceram algumas oportunidades, porém, os outros programas de mestrado não me interessavam. Queria fazer um mestrado não somente por fazer, mas que pudesse me transformar e, principalmente, no que gosto e pretendo seguir.

Acontece que a vida, novamente, nos colocava à prova, diante das tragédias. A pandemia estava sendo devastadora e os casos continuavam a subir, com a nova variante do vírus. A vacina estava chegando, porém, apenas para uma pequena parte de pessoas, que tinha alto risco de vida. No mês de abril, recebi a notícia de que um grande amigo e colega de trabalho, o Deles, havia sido infectado pelo vírus. Todos tínhamos muito medo de ele pegar o vírus, pois tinha diversas doenças, além do fato de ser obeso.

Foi um mês de muita aflição e esperança. Oramos e torcemos muito, para que ele saísse da situação. Infelizmente, mesmo procurando atendimento precoce e todos os recursos, ele faleceu em maio e levou uma parte de todos nós da Escola Marta Giffoni. Tivemos mais uma vez que seguir em frente, com toda a dor. Estava ciente de que teria que ser a base dos alunos, pois ficaríamos arrasados e sem chão. Pude finalizar o ciclo e continuar levando o legado do Deles, e ele continua sempre presente nas minhas lembranças.

Após tantas derrotas, muita dor e sofrimentos, retornei à docência e chegou a tão sonhada vacina. Após a imunização completa, chegou o tão esperado dia de voltar às aulas presenciais. Feita com revezamento de alunos, foi muito gratificante estar novamente em uma sala de aula. Em 2022, o IFCE voltou às atividades presenciais e a tão desejada normalidade estava cada vez mais perto. Porém, a vida me pregou mais um grande susto, pois descobri que estava com Covid-19, após ir realizar um teste com um colega de trabalho. Foram momentos de aflição, no início, mas estava assintomático e não senti quase nada, muito menos tive sequelas.

Após voltar às atividades e à rotina de três turnos, depois de quase 2 anos de ensino remoto e pandemia, foi um pouco estranho e, ao mesmo tempo, glorioso. Passei por tudo, estava vivo e bem. Porém, sentia que falta alguma coisa. Queria realmente entrar no ProfEPT. Novamente tive a informação de que o processo se repetiria com provas e títulos. Fiquei novamente decepcionado, pois, como não tive muitas chances, na primeira vez, acreditava que dessa vez não seria diferente.

Cheguei a desistir de fazer a inscrição. Algumas amigas até que insistiram, porém, não tinha muita esperança de ser aprovado. Porém, uma amiga que conheci durante a seleção, Arianne, me deu uma força durante o processo e, com sua ajuda e a mudança de alguns requisitos, consegui a tão sonhada vaga no ProfEPT.

Vejo o mestrado profissional como uma ótima oportunidade de crescimento, pois seu foco é formar profissionais capacitados para ir além da academia, bem como a aproximação da Universidade e do setor produtivo, com prioridade na criação de cursos *stricto sensu*, atendendo à nova dinâmica de mercado (Leite, 2018). Pretendo, no mestrado, desenvolver uma pesquisa para analisar o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no letramento digital e, principalmente, na formação integral do aluno no Ensino Médio Profissionalizante, na EEEP Marta Maria Giffoni de Souza, na qual leciono há quase 4 anos. Pretendo analisar, principalmente, o papel das disciplinas de Formação Técnica e Profissional na capacidade de utilizar a tecnologia digital e os conhecimentos de leitura e escrita como prática social (Valente, 2018).

Considerações Finais

O ano de 2022 mostrou-se repleto de novas mudanças e de muitas conquistas. Tudo aconteceu no seu tempo. Como na minha vida nada foi fácil e, muitas vezes, sempre acabei errando na primeira tentativa, nunca desisti e sempre insisti. Assim como diria Raul Seixas, “Tente e não diga que a vitória está perdida, se é de batalhas que se vive a vida, tente outra vez”.

Sou muito grato por tudo o que conquistei e, mais ainda, por todos aqueles que torceram por meu sucesso. Acredito que as minhas vitórias não são apenas minhas, mas de todos os que caminharam comigo durante toda a minha trajetória: Minha família; meus amigos; os colegas de trabalho; e meus alunos, que, todos os dias, me dão força para continuar enfrentando as minhas batalhas. Minha vida sempre foi feita de desafios, e hoje vivo mais um, que é conciliar o mestrado profissional com dois empregos. Ninguém disse que ia ser fácil, mas estou pronto para enfrentar essa batalha e ter o meu tão sonhado título de mestre; se cair ou apanhar, vou continuar tentando até conseguir. Seja tocando em frente, seja tentando outra vez.

Referências

JACQUES, M. G. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. *In*: TAMAYO, A.; BORGES-ANDRADE, J. E.; CODO, W. (orgs.). **Trabalho, organizações e cultura**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, 1996. Coletâneas da Anpepp, n. 11, p. 21-26.

LEITE, Priscila de Souza Chisté. Materialismo histórico-dialético e suas relações com a pesquisa participante: contribuições para pesquisas em mestrados profissionais. **Revista Anhanguera**, v. 18, n. 1, p. 52-73, 2018. Disponível em: <https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/revista-anhanguera-pesquisa-quali-2018.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SATER, Almir. **Tocando em frente**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44082/>. Acesso em: 9 maio 2022.

SEIXAS, Raul. **Tente outra vez**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48334/>. Acesso em: 9 maio 2022.

VALENTE, J. A. **A espiral da espiral de aprendizagem**: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação. 2005. Tese (Livre-docência) – Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação, Instituto de Artes (IA), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284458>. Acesso em: 30 abril 2022.

NA ESTRADA DO CONHECIMENTO

Irislany Cazumba Parente Pinho*
(Irislany Cazumba)

Introdução

A disciplina de Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFCE) requer dos discentes a produção de um memorial acadêmico. Neste memorial, descrevo minha formação acadêmica e a trajetória profissional até os dias atuais, em um relato, no qual também constam informações da vida pessoal, visto que, no processo de formação, não é possível separar família, estudo e profissão.

Desde o primeiro momento da informação de elaborar um memorial descritivo, fiquei muito apreensiva, pois, muitas vezes, não é fácil relembrar o passado, porque sempre buscamos esquecer os momentos difíceis e lembrar apenas dos momentos felizes. E, seguramente, essa elaboração é um ‘longa-metragem’ da minha vida.

Contexto Familiar e Educação Básica

Nasci em 17 de agosto de 1974, na cidade de Fortaleza/CE, filha de José Perboyre Parente e Maria Iris Cazumba Parente. Meu pai, motorista, e minha mãe, costureira, ambos extremamente trabalhadores e pessoas de muita sabedoria. Minha mãe era uma mulher de múltiplas habilidades, com uma compreensão de mundo admirável e sempre nos falava da importância de estudar. Eles tiveram cinco filhos: Lauriscélia, Leila, Guilherme, Irislany (eu) e Henrique. Guilherme sempre foi o meu porto seguro, meu grande amigo, minha inspiração, meu apoio e quem sempre me ajudou e me incentivou nos estudos. Também não posso deixar de mencionar a minha sobrinha e afilhada Lêda, que cresceu na nossa companhia e acabou sendo mais do que uma sobrinha, posso dizer que uma irmã mais nova.

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFCE). Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Espanhol, com suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Linguística Aplicada: Ensino de Língua Estrangeira, pela Faculdade 7 de Setembro (FA7). Docente de Língua Espanhola do IFCE, *campus* Aracati.

Nossa casa está localizada na Lagoa Redonda, bairro localizado na cidade de Fortaleza com extensa área verde, lagoas e muitos passarinhos. O que encantou e encanta o meu marido, Hélder, assim como a nossa filha Laura, que adorava, quando criança, passar o fim de semana na casa da vovó.

Em relação aos estudos, a Educação Básica foi quase que totalmente cursada na escola pública. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, estudei na Escola Seminário Seráfico Nossa Senhora do Brasil, no bairro Messejana. Cursei as séries iniciais do Ensino Fundamental II, nos anos de 1985 e 1986, na Escola Deputado Moreira da Rocha, bairro em que morava. No ano seguinte, estudei no Colégio Carlos de Carvalho, unidade particular, no centro da cidade de Fortaleza. No entanto, em 1988, retornei, com muita alegria, para a Escola Seminário Seráfico, e concluí o Ensino Fundamental II.

Curvei o Ensino Médio na Escola Estadual Deputado Paulo Benevides, no bairro de Messejana. Estudei os quatro anos de Ensino Pedagógico, momento em que iniciei a minha formação como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Minha mãe incentivou-me a fazer esse curso, pois as minhas tias eram professoras. Identifiquei-me com o curso; os professores eram excelentes; e a estrutura física da escola era muito boa.

Recordo-me que exigiam muito, das alunas do Pedagógico, por isso, organizávamos exposições de trabalho de artes; celebração da Páscoa; e festa junina, além da nossa professora de Literatura Infantil nos propor a criação de um livrinho para crianças e uma apresentação artística no Dia do Livro, no Shopping Iguatemi. Lembro-me também do professor de Redação, que, logo no início das aulas do 1º ano Pedagógico, solicitou-nos a produção de três textos, nos quais não poderia haver nenhuma rasura. Foi difícil, mas consegui finalizar! A satisfação não foi somente pela nota obtida, mas pelo comentário do professor: “Você vai longe, tenho certeza de que ingressará na Universidade”. Desde o 1º ano do Ensino Médio já pensava em cursar o Ensino Superior, pois tinha como inspiração o meu irmão Guilherme, que cursava Ciências Econômicas, na Universidade Federal do Ceará. No entanto, a formação do Ensino Pedagógico não nos preparava para o vestibular.

Ao concluir o Ensino Médio, em 1992, passei a enviar currículos para Escolas de Educação Infantil dos bairros próximos ao que eu morava. Fui selecionada em algumas escolas e, no ano de 1993, passei a ministrar aulas no Jardim I, para crianças de 4 anos. Foi uma experiência maravilhosa, acompanhar o desenvolvimento e processo de aprendizagem daqueles alunos tão pequeninos. Contudo, não havia esquecido o meu objetivo de ingressar no Ensino Superior.

Como a formação do Pedagógico não era suficiente para prestar o vestibular, foi necessário me matricular em um cursinho. Dava aula pela manhã e, à tarde, assistia às aulas no Colégio Geo, no centro da cidade. Uma rotina muito cansativa, pois as aulas pela manhã eram bem intensas. E o outro fator é que, no cursinho, eu não estava revisando conteúdo, como a maioria dos alunos, mas estudando-os pela primeira vez, pois a grade curricular do Ensino Pedagógico não contemplava disciplinas como Física, Química, entre outras.

Prestei o vestibular das Universidades Federal e Estadual, no final do ano de 1993, e infelizmente, não obtive êxito. No entanto, não desisti, recebi apoio dos meus pais e do meu irmão Guilherme, que me aconselharam a deixar a Escola na qual trabalhava para me dedicar somente à preparação do vestibular. Foi uma decisão difícil, mas compreendia que precisava de mais tempo para estudar. Então, no ano de 1994, mais uma vez estava matriculada no cursinho e com um ritmo de estudo intenso.

Abertas as inscrições do vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC), no ato da escolha do curso, tive dúvidas, no entanto, optei por Letras. Vale ressaltar que o vestibular da UFC, na primeira fase, consistia em uma prova objetiva, somatória, extremamente difícil, mas consegui ser aprovada na primeira fase e foi grande a emoção ao ver o meu nome na lista. A primeira reação, muito emocionada, foi correr para o orelhão e ligar para minha mãe para dar a notícia. Depois, teve início a preparação para a segunda fase, que constou de prova específica e redação. E, felizmente, obtive êxito: fui aprovada na UFC, um objetivo que se concretizava. Na matrícula, realizada em julho de 1994, no *campus* do Pici, mais uma escolha. Como o Curso de Letras forma professores de Língua Portuguesa e Estrangeira, naquele momento, teria a oportunidade de escolher uma língua estrangeira como habilitação, e optei pela Língua Espanhola, sobretudo porque, no cursinho, me identifiquei com esse idioma.

Vida Acadêmica e Profissional

Em agosto de 1994, iniciei os meus estudos acadêmicos. No primeiro dia de aula, como aluna do Curso de Letras, na UFC, senti muito orgulho e satisfação de ter alcançado o meu objetivo. Iniciava-se um novo ciclo de formação docente e, a cada dia, estava mais interessada nas aulas das disciplinas de Língua Espanhola e com a convicção de, no futuro, atuar nessa área. No 4º semestre do Curso de Letras, consegui uma bolsa pela UFC para trabalhar na secretaria da Casa

de Cultura Hispânica. Fiquei muito entusiasmada, pois poderia observar a rotina das aulas, dos professores e o material didático adotado.

Além de propiciar a formação acadêmica e a profissional, a Universidade também contribuiu para um encontro de duas vidas, pois foi nesse espaço que teve início um romance entre Hélder e Irislany, que passou pelas fases do namoro, noivado e casamento.

Ainda como bolsista da Casa de Cultura Hispânica, comecei a ministrar aulas em Cursos de Idiomas. Minha rotina passou a ser muito intensa: cursava Letras, no turno da manhã; era bolsista na Casa de Cultura à tarde; e, à noite e aos sábados; ministrava aula no Instituto de Línguas e Culturas- Poliglota. Era cansativo, no entanto, estava vivenciando teoria e prática de forma simultânea.

Em 1997, realizei a inscrição no Diploma Básico de Español como Lengua Extranjera (DELE Básico) e um ano após no Diploma Superior de Español como Lengua Extranjera (DELE Superior). Na época, o local de aplicação das provas era a Casa de Cultura Hispânica da UFC, que recebia os professores examinadores. No entanto, a avaliação era efetuada pela Universidade de Salamanca/Espanha. Obtive êxito nos dois exames, que avaliam as habilidades escrita, oral, auditiva, leitora, assim como a gramática e o léxico. Logo, recebi a certificação nos dois níveis. “Os diplomas de Espanhol DELE são títulos oficiais do Ministério da Educação e Formação Profissional da Espanha. [...] estão consolidados desde o início de sua trajetória em 1989, com um amplo reconhecimento internacional” (Cervantes, 1991). A cada dia, eu tinha convicção de que seguiria como professora de Espanhol.

Em março de 1999, conclui, ou melhor, concluímos o Curso de Letras, pois Hélder, meu noivo na época, estava entre os concludentes. Muita emoção em todos os momentos da colação de grau, com a presença dos meus pais, irmãos e tios. Concluído o Curso Superior, segui ministrando aulas de Espanhol em cursos de idiomas. No entanto, tinha outros objetivos: ser docente da Casa de Cultura Hispânica da UFC e cursar mestrado em uma universidade de algum país que tivesse o espanhol como língua oficial.

No início de 2000, foi aberto processo seletivo simplificado para docente da Casa de Cultura Hispânica da UFC. Inscrevi-me e, em poucos dias, ocorreu a aplicação das Provas Escrita e Didática. Fui aprovada e passei dois anos como professora substituta.

No plano pessoal, ocorreram muitas mudanças. Em julho de 2000, Hélder e eu nos casamos, realizando um grande sonho. Em novembro de 2001, nasceu a nossa amada filha, Laura. No entanto, durante a gravidez, um outro objetivo foi concretizado, o de viajar à Espanha para cursar mestrado. Participei de uma seleção, promovida pelo Instituto Cervantes, concorrendo a uma bolsa da Universidad Internacional Menéndez Pelayo, Máster en Enseñanza de Español para Profesores Brasileños.

Estava realizando dois sonhos: o de ser mãe e estudar na Espanha, mas vivi um grande dilema, pois estava com receio de realizar essa viagem e apresentar problemas na gravidez. Felizmente, contei com o apoio do meu marido e da minha família também. Enfim, em julho de 2001, cursei as disciplinas do primeiro módulo do mestrado. Consegui adiar o segundo módulo, devido ao nascimento da minha filha Laura, e retomei somente em 2003. Mas, infelizmente, o programa não teve continuidade.

No ano de 2001, tive a oportunidade de participar do IX Congreso Brasileño de Profesores de Español, realizado em Fortaleza. O evento foi grandioso; contou com a presença de autores espanhóis e sul-americanos de materiais de Língua Espanhola que utilizávamos. Além dos estandes com livros didáticos, jogos, entre outros, um mundo de possibilidades que não tínhamos acesso foi exposto, pois os materiais de Língua espanhola sempre ocuparam pouco espaço nas prateleiras das livrarias de idiomas da nossa cidade. Tive a oportunidade de encontrar alguns docentes das disciplinas do Mestrado que cursei na Espanha, assim como os diretores do Instituto Cervantes, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Também estavam presentes docentes e discentes das Universidades Federal e Estadual do Ceará e de cursos de idiomas.

Terminado o meu contrato como professora substituta da Casa de Cultura Hispânica da UFC, em 2002, prossegui ministrando aulas em cursos de idiomas e ingressei em um colégio particular em Fortaleza, que tinha um projeto interessante: no turno da manhã, funcionava com aulas regulares e, no período da tarde, ofertava curso de idiomas, inglês e espanhol, para os seus alunos. Atuei nesse colégio por 10 anos, como docente e coordenadora de área de Língua Espanhola, como também seguia trabalhando em outras instituições.

Passados os dois anos do final do meu contrato na Casa de Cultura Hispânica da UFC, realizei o processo seletivo simplificado para professor substituto de Língua Espanhola do Cefet-CE, *campus* Fortaleza. Consegui ser aprovada e o contrato foi de 2004 a 2006. Ministrei aulas somente no Eixo do Turismo, nos cursos técnicos subsequentes e tecnólogos. Durante esse

tempo, cursei a Especialização em Linguística Aplicada: Ensino de Língua Estrangeira, pela Faculdade 7 de Setembro (FA7).

Foi bastante cansativo, pois trabalhava de segunda a sábado até às 11h30, e as aulas eram aos sábados à tarde. Além disso, nesse período, tive perdas irreparáveis: meus pais faleceram. Pensei em desistir de cursar a Especialização, entretanto, Deus colocou na minha vida pessoas maravilhosas, os professores Fábio Delano, coordenador do curso, e Cleudene Aragão, minha orientadora, que me deram todo o suporte para prosseguir. Felizmente, concluí a monografia e fiz a defesa.

Algum tempo depois, em 2012, optei por me desligar do Colégio particular, no qual estava há 10 anos e me inscrevi em um processo seletivo para professor substituto da Casa de Cultura Hispânica da UFC. Mais uma vez, estava nesse ambiente que me dava muita satisfação, porém, o contrato teve a duração apenas de 6 meses. Então, decidi participar da seleção para professor substituto do Centro de Línguas do Instituto Municipal de Desenvolvimento de Recursos Humanos (Imparh), no qual fiquei por 11 meses, pois solicitei rescisão do contrato para assumir o cargo de professor efetivo do IFCE.

Tinha traçado mais esse objetivo, para a minha vida profissional: ser professora efetiva do IFCE ou da Casa de Cultura Hispânica da UFC. Em 2014, foi lançado edital do concurso público para professor efetivo do IFCE; outros concursos ocorreram antes, mas eu não me inscrevi, por questões familiares, pois minha filha era pequena. Decidi participar desse, de 2014, no qual obtive êxito em todas as suas fases.

Em 23 de setembro de 2014, tomei posse, com muita emoção, e, ao meu lado, estavam minha filha e meu marido. Uma nova rotina, viagens semanais, estrada longa, pois estava lotada no IFCE, *campus* Crateús. Ao completar 1 ano e 2 meses consegui remoção para o *campus* de Aracati, no qual permaneço até os dias atuais.

No *campus* de Crateús, ministrei aula na Licenciatura em Letras, nos Cursos Técnicos Integrados em Química e Edificações. Iniciamos um Curso de Língua Espanhola, seguindo o formato de Curso de Idiomas, Básico I e Básico II. Tivemos muitas inscrições, com públicos interno e externo, formando duas turmas.

No *campus* de Aracati, minha área de atuação está centrada nos cursos do Eixo da Hospitalidade e Lazer: Técnico Subsequente em Eventos; Técnico Subsequente em Guia de Turismo;

Tecnólogo em Hotelaria, como também ministrei aula no Curso Técnico Integrado em Petroquímica. Em 2019, ofertamos Curso de Língua Espanhola, Básico I, e, em 2020, Básico II. Além da oferta de cursos à distância, Espanhol Inicial I, pela plataforma Ficemcasa. Assim como, tínhamos o Programa de Extensão Línguas, Culturas e Gastronomia, que visava integrar gastronomia e idiomas como forma de promover o conhecimento e respeito às diferentes culturas. Foram desenvolvidas as seguintes ações: Festa Halloween / Día de los Muertos; Oficina de Conversação em Espanhol: Aprender cozinhando!; Diálogos sobre a influência das culinárias indígena e africana no Brasil; e Oficina de Conversação em Inglês: Aprendendo inglês com receitas saudáveis.

Todos os dias agradeço a Deus por tudo o que conquistei na minha vida, pois me considero uma pessoa realizada profissionalmente e na vida pessoal. Agradeço aos meus pais, e ao meu irmão Guilherme, pela formação e orientação dada, pois fizeram com que eu me tornasse uma mulher forte e segura, batalhando pelos meus objetivos, e nunca desistindo, mesmo que estivesse numa estrada difícil. E não poderia deixar de mencionar o apoio incondicional do meu marido, Hélder, e da minha adorável filha, Laura.

A conquista do ProfEPT

O objetivo de cursar uma pós-graduação ainda existia, por isso acompanhava o período de inscrições de alguns mestrados: Mestrado em Linguística Aplicada, da UECE, no qual cursei duas disciplinas como aluna especial; Mestrado em Tradução da UFC; Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do IFCE. No entanto, nos últimos anos, participei somente da seleção do ProfEPT.

No ano de 2018, inscrevi-me na seleção do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, que constava de duas etapas: prova objetiva e discursiva. Estudei os textos da bibliografia indicada, porém, não obtive êxito, a pontuação não foi baixa, mas insuficiente para ser aprovada. Vale ressaltar que, não dominava o assunto estudado, e foi necessário realizar várias leituras de um mesmo texto.

Segui acompanhando os editais, e me inscrevi apenas na seleção de 2021, para ingresso 2022, que apresentou um formato diferenciado, devido ao contexto da pandemia mundial de Covid-19. O modelo de avaliação adotado, denominado “Histórico Profissional e Acadêmico” considerou aspectos referentes ao desempenho de funções profissionais e produções/participações

acadêmicas dos candidatos. Tive êxito nesse processo seletivo e, agora, sou mestranda do ProfEPT.

Com o início das aulas, percebi que seria necessário realizar várias leituras, visto que são muitos textos e autores pouco conhecidos, até então, para mim, para compreender conceitos como politecnicidade; educação unitária; formação integral; entre outros temas; e autores como Gramsci, Saviani... Logo nas primeiras aulas, foi solicitada a intenção de tema da dissertação, assim como o produto educacional a ser desenvolvido. O que causou muita preocupação, pois, como não tinha tanta familiaridade com os textos estudados, não vislumbrava nenhuma proposta, no entanto, com a informação de que seria possível um tema relacionado à nossa área de atuação profissional, mas associado às linhas de pesquisa do ProfEPT, percebi a oportunidade de desenvolver um projeto relacionado à Língua Espanhola.

Há mais de 20 anos atuo como docente de Língua Espanhola, então, quando penso em desenvolver algum estudo, é sempre direcionado a esse idioma. A intenção de tema, a saber: Material Didático e Ensino-Aprendizagem de Espanhol no Eixo da Hospitalidade e Lazer no IFCE, *campus* Aracati. O interesse em desenvolver uma pesquisa sobre esse tema, justifica-se pela relevância que os materiais didáticos exercem no processo de ensino-aprendizagem e na minha atuação como docente nos cursos: Técnico Subsequente em Eventos, Técnico Subsequente em Guia de Turismo e Tecnólogo em Hotelaria, assim como, dada a importância de aplicar materiais didáticos que atendam às necessidades inerentes a esses cursos, com conteúdos relacionados à vida prática dos estudantes.

O objetivo da pesquisa é analisar os materiais didáticos utilizados nas disciplinas de espanhol nos cursos do Eixo da Hospitalidade e Lazer do IFCE, *campus* Aracati, observando se esses materiais didáticos adotados favorecem o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma mudança de visão e prática social dos discentes dos cursos pesquisados. No decorrer do estudo, pretende-se aplicar questionários aos docentes e discentes para saber o grau de satisfação em relação aos materiais utilizados, assim como sugestões, entre outros aspectos.

Como o produto educacional deve estar diretamente relacionado ao tema da dissertação, a proposta é a criação de uma sequência didática com sugestões de conteúdos e materiais didáticos de espanhol para os cursos do Eixo da Hospitalidade e Lazer ofertados no IFCE, *campus* Aracati.

Conclusão

“Você não sabe o quanto eu caminhei / Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir / Eu não cochilei
Os mais belos montes escalei / Nas noites escuras de frio chorei...
A vida ensina e o tempo traz o tom / Pra nascer uma canção
Com a fé no dia-a-dia / Encontro a solução / Encontro a solução...”
(Cidade Negra, 1998)

O trecho da letra da música A Estrada retrata o caminho que percorri ao longo desses anos. Ao ouvir essa música, como tema da formatura, no Curso de Direito da Faculdade Integrada do Ceará (FIC), que meu irmão mais novo, Henrique, estava concluindo, passei a observar a sua mensagem. Inclusive, no meu discurso como paraninfa dos Cursos Técnicos do IFCE, *campus* Aracati, no ano de 2019, citei o trecho mencionado. Penso que representa a vivência de muitos de nós, que percorremos milhas e milhas, muitas vezes sem dormir. Mas com a disposição de mudar vidas. Antes, a mudança estava centrada em construir uma vida melhor, nos planos pessoal, acadêmico e profissional. No entanto, nessa estrada, construímos saberes para serem compartilhados, contribuindo nos processos de formação docente e discente.

A escrita desse memorial permitiu uma reflexão acerca de uma vida construída ao longo desses 49 anos de existência, nos contextos familiar, educacional e profissional. Ressaltando a disposição para novos desafios; transformações; adaptação a realidades distintas, pois estamos em um processo contínuo de construção, adquirindo novos saberes, aprendendo a cada dia.

No capítulo 2 do livro “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa”, Paulo Freire nos fala da consciência do inacabado

Aqui chegamos a ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (Freire, 2002, p. 21).

Portanto, com o ProfPET, objetivo ampliar meus conhecimentos; abrir novos caminhos; e realizar estudos, pesquisas, que contribuam para o aprendizado em Língua Espanhola dos discentes do Curso do Eixo da Hospitalidade e Lazer do IFCE: Técnico em Eventos, Técnico em Guia de

Turismo e Tecnólogo em Hotelaria, assim como, havendo possibilidade, expandir para outros eixos.

Referências

BRASIL. Edital n. 01/2021 - ProfEPT - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em <https://profept.ifes.edu.br>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CERVANTES, Instituto. **Diplomas de espanhol Dele**. 1991. Disponível em https://brasil.cervantes.es/br/diplomas_espanhol/informacao_diplomas.htm. Acesso em: 22 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. GARRIDO, Toni. A estrada. *In*: GARRIDO, Toni. **Cidade Negra**. 1998. Disponível em <https://www.vagalume.com.br>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CE, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Aracati. **Programa de Extensão Línguas, Culturas e Gastronomia**. Aracati, 2020.

JUCA, Sandro Cesar Silveira *et al.* **Narrativas de si**: memórias de sujeitos em processos formativos. V. 2, Rio de Janeiro: Pod, 2020.

ECLETICIDADE: A ARTE DE VIVER VARIADAS SITUAÇÕES

Rafael de Oliveira Ferreira

Fazer um resgate memorial de parte do que já vivemos é sempre um exercício que, inevitavelmente, nos faz selecionar trechos, esquecer de algo e relembrar momentos marcantes. Para Perazzo e Caprino (2008, p.32) “a memória pode ser concebida em âmbitos coletivos e individuais e são materializados em atos narrativos. Não pode ser percebida, de forma reduzida, como um fenômeno de interiorização individual, mas de fenômenos coletivos”.

Acredito que nada, neste mundo, acontece por acaso. Há sempre uma razão de ser e eis que há 36 anos vim ao mundo com várias missões, diversos objetivos, desejos e, sobretudo, muitos desafios. Nasci em Fortaleza/CE, mas tenho em mim uma miscigenação do litoral norte do Ceará, mais precisamente, da cidade de Camocim, terra natal da minha mãe, Socorro Oliveira, com a cidade de Guaiúba, localizada na região metropolitana, local onde meu pai, Lucivan Ferreira, nasceu.

Lembro-me pouco da minha infância até os 5 anos de idade. Morava no Bairro Pici, por trás do campo do Fortaleza, time que, anos mais tarde, vinha a ser o meu clube do coração. O que minha mãe sempre fala é que me matriculou no Colégio Chirstus (em que minha irmã também estudava na época) e eu não me adaptei. Todos os dias, era uma luta para eu ir; chorava muito e não queria ficar na escola. Após várias tentativas, minha mãe decidiu realmente não me mandar mais, faltando ainda cerca de 2 meses para o ano letivo terminar.

No ano seguinte, mudei de colégio, fui estudar no Manuelito Azevedo, localizado no bairro Panamericano. Aí tudo foi diferente; adaptei-me melhor a uma escola menor e lá fiquei até meus pais se mudarem para a Cidade 2000, no ano de 1991. No novo bairro, passei a estudar no Jardim Escola Vovó Júlia, onde fui alfabetizado, tornando-me, assim, um “Doutor do ABC”, festa que ainda hoje me lembro e tenho fotografias.

Os três anos morando na Cidade 2000 foram difíceis. Para mim, pois lá quase não tinha amigos; morava em casa; e, devido ao perigo urbano que já surgia em Fortaleza naquela época, com assaltos e furtos, meus pais pouco me permitiam brincar na rua; somente nos momentos em que alguém podia estar comigo. Minha convivência diária era praticamente restrita à escola e, no turno da tarde, ficava sempre em casa, com a minha irmã, Cristiane, e uma tia-avó que morou

durante boa parte da vida conosco, chamada Iracema, pois, nessa época, minha mãe passava o dia inteiro fora de casa, trabalhando, e meu pai ficava a semana em Guaiúba, onde tinha um comércio de material de construção.

E, por falar em Guaiúba, essa cidade foi muito marcante em minha vida, pois, em meio ao “isolamento” que vivia na Cidade 2000, era nos finais de semana que quase sempre íamos para lá, e eu tinha a tão sonhada “liberdade”. Em Guaiúba, aprendi a jogar futebol, andar de bicicleta, e até a dirigir automóvel, aos 12 anos de idade. Tinha dezenas de amigos e organizávamos campeonatos esportivos; comemorava meus aniversários; vivia cercado de gente, era uma festa. Nessa cidade, eu desenvolvi a minha socialização e o poder de comunicação. Como ressalta Bordenave (2005, p. 67):

A comunicação se faz presente na vida do homem, desde os primórdios da existência e sua importância é análoga ao ar que respiramos. Todos os dias nos comunicamos, de diferentes maneiras e métodos. Foi por meio da comunicação que o homem se tornou um ser social, adquiriu a cultura, os modos de pensamento, as crenças, os valores, os hábitos e os tabus, que foram transmitidos pela família, pelos amigos, pela educação escolar e pela nação.

Nesse aspecto, identificamos a comunicação como importante agente na formação do indivíduo, nos vários campos do saber, por ser fundamental para modificar a disposição mental das pessoas envolvidas durante o processo de comunicação. “No mundo moderno a palavra comunicação tornou-se lugar comum e transformou-se em força de extraordinária vitalidade na observação das relações humanas e no comportamento individual” (Martins; Zilberknop, 2010, p. 27).

E essas contribuições nos campos da comunicação e socialização foram importantes, na minha vida. Em 1994, mudei de bairro por duas vezes. Minha mãe trabalhava, nessa época, na extinta Teleceará, e havia adquirido um apartamento no bairro Montese, onde meus pais moram até hoje. Porém, antes de mudarmos para o referido bairro, passamos quatro meses morando no centro, mais precisamente próximo ao, hoje, Hospital São Camilo, fato que me fez estudar durante um ano no Colégio Anglo, onde cursei a 3ª série do Ensino Fundamental.

Em 1995, enfim, eu voltei a estudar em um “colégio grande”. Minha mãe acreditava que, após a experiência mal-sucedida, no início da minha vida estudantil, no Colégio Christus, era hora de voltar. E deu muito certo. Foram oito anos de Colégio Farias Brito, desde a 4ª série do Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Foi uma experiência de muito aprendizado e amadurecimento, em minha vida; com centenas de amigos e alguns que conservo até hoje; memórias de momentos que ainda carrego em minha mente.

O Farias Brito foi marcante. Lá eu amadureci bastante, desenvolvi a capacidade de estudar sozinho e, muitas vezes, assimilar o conteúdo debruçando-me sobre os livros e as

anotações no caderno. Sem dúvida, a boa base adquirida nesse colégio me proporcionou, anos mais tarde, o ingresso em cursos de acirrada concorrência, nas universidades públicas.

E não só o Colégio Farias Brito foi importante. A chegada ao bairro que amo de coração, o querido Grande Montese, foi marcante demais em minha trajetória e, sem dúvidas, faz parte de minha formação cultural, social, política e religiosa. Pela primeira vez em minha vida, eu estava morando em um condomínio cheio de muitas crianças; todas as noites descíamos para brincar e era uma festa enorme. Nessa época, ainda não existia o telefone celular, a febre da época eram os *videogames*. Minha mãe costuma dizer que o condomínio foi maravilhoso para mim, pois aquele menino zangado, que, aqui em Fortaleza, vivia “preso”, ganhou um “novo mundo”, de brincadeiras, amizades, descobertas e realizações.

Amizades e brincadeiras que me despertaram também a atenção para uma paixão que fez parte da minha vida durante muitos anos: o futebol. Lembro-me que, em 1994, às vésperas da Copa do Mundo, fui ao estádio Castelão, com meus pais, meus tios e meu primo, assistir a um amistoso da seleção brasileira e, por coincidência, o jogo preliminar foi um clássico rei do futebol cearense: Fortaleza *versus* Ceará. Nesse momento, nasceu a simpatia pelas cores tricoloridas do “Leão do Pici”. Durante anos, as idas ao estádio de futebol fizeram parte da minha rotina; praticamente toda semana frequentava o Estádio Presidente Vargas, ou o Castelão. Era toda uma rotina que começava com a compra do ingresso antecipado e se estendia até as brincadeiras e “zuações” com os colegas.

Os anos se passaram e “rompi” os muros do condomínio. fui o pioneiro da turma, nesse quesito; fiz amizades nas vizinhanças; conheci colegas de outros condomínios; frequentava a Paróquia de Nazaré, onde fiz a Primeira Comunhão e também a Crisma. Tudo isso me rendeu inúmeras amizades e o ‘mundo restrito’ do condomínio foi ficando para trás. Agora eu já conhecia pessoas de vários locais do Montese, tanto que, ainda hoje, mesmo morando há quase 4 anos no bairro Cocó, meu carinho pelo bairro do coração ainda é imenso.

A Maturidade

Nem só de brincadeiras e estádio de futebol poderia se constituir a minha vida. E o aluno mediano, que nunca foi o primeiro da sala, mas também nunca ficou abaixo da média exigida para aprovação, chegava ao 3º ano do Ensino Médio e a pergunta que todos faziam era sempre a mesma: Vai prestar vestibular para qual curso?

Nessa época, minha irmã, mais velha do que eu 5 anos, já era acadêmica do Curso de Direito. Aos 17 anos incompletos, eu não tinha muita ideia do que queria e foi então que, durante uma entrevista, que fiz com um colega de classe, no setor pedagógico da escola, surgiu a ideia do Curso de Jornalismo. Mas porque Jornalismo? Eu amava escutar rádio de Amplitude

Modulada (AM), mais especificamente, os noticiários de futebol; era o meu *hobby* preferido; sabia o nome de todos os locutores, do repórter e dos comentaristas e isso me despertou imensa vontade de trabalhar nessa área.

O universo do rádio, alinhado ao futebol, é contagiante. “As transmissões esportivas desde o início se caracterizavam por apresentar um jornalismo de natureza ‘substantiva’ em seu grau máximo, com recriação do fato para o ouvinte com toda a sua emocionalidade que as palavras podem conseguir” (Ortriwano, 1985, p.26). E para um jovem fã do futebol cearense, isso trazia empolgação e ilusionismo.

Então, estava decidido: eu iria prestar vestibular para o Curso de Jornalismo. A dedicação, durante o ano de 2002, foi intensa, porém, a “tentação” de sair com os amigos para festas, frequentar os jogos do Fortaleza, e passar horas conversando com colegas, na esquina do prédio, concorriam fortemente com os estudos.

O período não era dos melhores, em termos financeiros, da minha família. A Teleceará havia sido privatizada e minha mãe acabou sendo desligada da empresa, fato que a obrigou a solicitar uma aposentadoria de forma “proporcional” precocemente e, por consequência, com diminuição do seu salário. Meu pai havia fechado o comércio que tinha em Guaiúba e estava desempregado. As coisas já estavam muito apertadas; minha mãe pagava o Colégio Farias Brito com muito sacrifício, para me proporcionar uma educação de ótima qualidade. Mas não tinha jeito, eu teria que fazer uma faculdade que fosse pública.

Prestei o vestibular no final de 2002, para a Universidade Federal do Ceará (UFC). Fui fazer a prova um pouco nervoso, e acabei errando a marcação do gabarito, no momento de assinalar as respostas, e isso me custou a não aprovação na primeira fase. Duzentos candidatos seriam aprovados na primeira fase e eu fiquei na posição 205. Não tinha jeito, estava fora. A tristeza foi imensa; para um jovem imaturo, o sentimento era de desolação. Ainda restava uma esperança, a Universidade Estadual do Ceará (Uece). Mas lá não era oferecido o Curso de Jornalismo; então, optei por História, por ser uma disciplina que eu adorava e um excelente professor que tive no 3º ano do Ensino Médio, chamado Hermano Melo, me inspirou a tentar o curso.

No vestibular da Uece a história foi outra. Fui fazer a prova leve e, mesmo antes de sair o resultado, eu já aguardava a aprovação. Saiu o meu nome no jornal; os colegas raspam a minha cabeça; e agora eu era então um estudante universitário. Mas, e o Jornalismo, o sonho ficaria para trás? Jamais!

Combinei com minha mãe que faria o primeiro semestre do Curso de História e que, no segundo semestre de 2003, gostaria de voltar ao Farias Brito para fazer um cursinho e me preparar novamente para o vestibular da UFC. Ela concordou. Assim eu fiz. Entrei para a Licenciatura na

Uece, amei, fiz maravilhosos amigos, conheci o mundo acadêmico, outra realidade, mas o mês de agosto chegou e era hora de retornar ao Farias Brito e ao mundo das apostilas e frenéticos dias de aulas de domingo a domingo.

Dei um tempo na Uece e reiniciei os estudos. Sabia que, ali, seria minha última chance de entrar para o Jornalismo; a cobrança já era sentida; muitos amigos, do então Ensino Médio, já estavam na faculdade. Mas, dessa vez, o enredo foi diferente. Encarei com tranquilidade a maratona do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), 1ª e 2ª fases de vestibular, e o 34º lugar selou a minha sonhada aprovação na UFC, motivo de muita comemoração.

Surgiu, então, um impasse: E o Curso de História, na Uece, abandonaria? Não mesmo! Decidi encarar o desafio de fazer duas faculdades ao mesmo tempo, mesmo diante do ceticismo de muitas pessoas. Priorizei o Jornalismo e o Curso de História eu conseguia ir levando paralelamente, fazendo aos poucos. A entrada na UFC foi um êxtase, era o sonho de muitos jovens e eu estava realizando. E, o melhor, agora, meus pais já não precisavam pagar nada para eu estudar, somente me dar uma mesada para bancar meus transportes, xerox de textos e lanches.

Foram quatro anos do Curso de Jornalismo, bem vividos. Nessa época, conheci mais a fundo os encantos e as nuances do bairro Benfica. Tive a oportunidade de, enfim, ver os bastidores do rádio de pertinho, pois fui estagiar na Rádio Universitária de Frequência Modulada (FM), num programa chamado Jornal da Educação. Essa experiência foi fundamental para a minha formação de profissional da comunicação. No estágio, pude compreender melhor o papel do Jornalismo dentro da Ciência e discernir que o nosso papel, como profissional da área, é utilizar técnicas para falar sobre assuntos que, muitas vezes, são de difícil compreensão, a partir de uma linguagem simples e acessível. Como destaca Bueno (2014, p. 6), esse processo “pressupõe a transposição de uma linguagem especializada para outra não especializada, de modo a tornar as informações acessíveis a uma ampla audiência”.

Tornou-se a minha função diária, no Jornal da Educação, transformar as pautas que me eram destinadas em uma matéria que o ouvinte que estivesse no carro, no ônibus, ou na rua, pudesse escutar e facilmente compreender. Como frisa Oliveira (2005, p. 43), para atuar no Jornalismo Científico, é necessário que o profissional adquira familiaridade com as técnicas de pesquisa, política científica e os métodos. “Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto”.

Também tive o contato com o tão sonhado futebol, no estágio supervisionado na Equipe Esportiva da Rádio O Povo CBN. Foi um momento mágico, estar lado a lado com os meus “ídolos” da radiofonia AM; falar ao vivo nas ondas do rádio; participar da transmissão de um jogo de futebol. Era o sonho do jovem menino tornando-se realidade. Porém, com um misto de

decepção. Aos poucos, fui descobrindo que o radiojornalismo cearense era um campo em que os profissionais, de maneira geral, ganhavam muito pouco e que prevalecia a pouca formação; em sua maioria, os repórteres tinham apenas o Ensino Médio e estavam no rádio por necessidade e por que fizeram um curso rápido de radialista no Sindicato dos Radialistas do Estado do Ceará.

Essas nuances, por vezes, descaracterizam o trabalho de alguns profissionais e provocam distorções, conforme destaca Ortriwano (1985, p. 106):

A rigor, o repórter setorista deveria apenas fazer o acompanhamento diário do setor que lhe cabe, sugerir pautas a redação e, no caso do rádio, muitas vezes transmitir de viva voz as informações, uma vez que, encontrando-se em posto fixo, tem maiores facilidades para os contatos e o levantamento dos assuntos. Mas na realidade do dia a dia, a maioria dos setoristas acaba formando as citadas “panelas”, em que predomina o jogo de interesses recíprocos, de origem diversa. Há inclusive pressões muito fortes, nos setores, contra os que não se sujeitam a divulgar apenas o que a “panela” libera (grifo original).

Esse fato causou-me decepção e angústia. Afinal, o curso que eu tanto sonhava em fazer agora me apresentava poucas opções de trabalho. Muitos colegas já estavam estagiando em redações de jornal impresso ou emissoras de TV e, apesar de gostar de ambas as áreas, era algo que não me enchia os olhos. Eu adorava o meu ambiente de estágio, na Rádio Universitária FM, porém, a emissora não me daria tantas oportunidades, quando eu me formasse, pois, por se tratar de uma rádio pública, a maioria dos profissionais é servidor da UFC, que ingressam por meio de concurso público.

Porém, o curso proporcionou-me experiências fantásticas e jamais esquecidas. Trabalhos como o de fazer uma ampla reportagem sobre as nuances da noite do centro de Fortaleza, tendo que entender desde a história dos vendedores de churrasquinho de final de expediente; moradores de rua; catadores de lixo; e transeuntes; até os frequentadores dos cines pornográficos que ainda hoje resistem na parte central da nossa capital.

Tive desafios imensos, como fazer matérias sobre *rock*, praia, terminais de ônibus e história do futsal cearense. Entrevistamos o conservador e temido ex-deputado estadual Temístocles de Castro e Silva (In Memória) e fizemos matéria de rua com um microfone na mão e o sol no rosto. Porém, tudo isso fez parte da boa formação, que recebemos na universidade.

Mas eu já estava na reta final do curso e desistir era uma palavra que não existia no meu vocabulário. Eu segui firme, para concluir a graduação, e estava decidido que, com o diploma na mão, iria dedicar-me a também concluir a Licenciatura em História que, devagarinho, eu estava fazendo e, logo após, me dedicaria a um concurso público, independentemente da área que fosse, pois eu necessitava realmente ter um emprego que me proporcionasse autonomia financeira e independência.

Nessa época, tive o primeiro contato mais efetivo com a questão da pesquisa. Para concluir a graduação em Comunicação Social – Jornalismo, era requisito fundamental e imprescindível a apresentação de um trabalho de monografia. O meu tema escolhido foi o radiojornalismo esportivo e, mesmo com todos os percalços, medos, erros, angústias e aperreios, consegui apresentar minha monografia para a exigente banca da UFC, sob a orientação do professor e amigo Nonato Lima e obter a sonhada nota 10 com louvor. Estava, então, concluído, o Curso de Jornalismo e agora eu não era mais um estudante e sim um profissional recém-formado, que tinha que buscar o meu espaço no mercado de trabalho.

IFCE: A Recompensa de Muito Esforço

Minha caminhada no período de faculdade não foi nada fácil. Sempre escutava as pessoas comentarem que na faculdade seria o período da vida em que eu iria brincar mais, frequentar calouradas, conhecer o mundo, “viver a vida”. Mas as coisas não foram bem assim. A opção de fazer duas faculdades teve um ônus, para mim. Chegou um determinado momento da minha vida que eu pegava, por dia, sete ônibus, para me deslocar para o estágio, o Curso de Jornalismo à tarde e o Curso de História à noite. A luta era intensa e, nos finais de semana, quando havia a oportunidade, ainda fiscalizava as provas dos vestibulares da UFC e da Uece, para ganhar algum extra, pois a bolsa do estágio não era tão expressiva.

Concluído o Curso de Jornalismo em julho de 2008, eu tinha no pensamento a vontade de fazer um concurso público, buscar um emprego que me desse estabilidade e, sobretudo, autonomia financeira. No segundo semestre de 2008, matriculei-me em várias disciplinas do Curso de História para concluir e deixar pendente apenas a monografia; além disso, diariamente, eu acessava *sites* que divulgavam concursos para conferir as oportunidades.

Na época, falava-se que haveria um concurso para a AMC³³ e para a prefeitura de Caucaia. Na AMC, não estava previsto cargo para minha área de formação, mas na Prefeitura de Caucaia, sim. Eu tinha o pensamento de fazer ambos, pois as oportunidades no mercado privado não estavam aparecendo tanto. Nessa época, eu frequentava muito o apartamento de um amigo do condomínio, o professor Heraldo Medina (Em Memória)³⁴, que acabara de comprar um computador e me pedia ajuda em alguns programas. Então, certo dia, estava mexendo no computador dele e vi que o Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (Cefet-CE) estava lançando um edital de concurso público e, dentre as poucas vagas ofertadas, tinha uma para Jornalismo no *campus* de Maracanaú.

³³ Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania de Fortaleza.

³⁴ Falecido em julho de 2021, vítima da Covid-19.

Fiquei com aquilo na minha cabeça e, no dia seguinte, comentei com minha mãe sobre o concurso e ela disse: “Faça que eu lhe dou o dinheiro da inscrição”. Eu ainda ponderei que seria muito difícil, eu era recém-formado, mas minha mãe me incentivou a fazer, nem que fosse para adquirir experiência. Topei fazer.

Olhei o edital direitinho e conferi o conteúdo programático. O tempo para estudar era pouco e o conteúdo extenso. Fazendo a leitura minuciosa do edital, percebi um detalhe que foi fundamental para mim: a seleção seria realizada por meio de uma prova de português, com 20 questões, e uma de conhecimentos específicos, na área de Jornalismo, com 40 questões, enquanto as questões de conhecimentos específicos teriam peso dois. Então, tomei a decisão de estudar somente os conhecimentos específicos, pois português eu já tinha uma base, desde a época da preparação para o vestibular, e o tempo para os estudos era curto e ainda dividido com as disciplinas do Curso de História.

Nesse período, minha irmã Cristiane havia comprado um programa de computador chamado Super Provas³⁵ e eu passei a resolver, quase que diariamente, várias questões da área de Jornalismo, tirando dúvidas sobre conteúdo no Google. Não havia tempo para ler livros; eu precisava ser pragmático. No dia da prova, almocei cedo. Era um domingo e, à tarde, meu pai foi me deixar, no local da prova, em um carro modelo Pálio/Fiat, que minha mãe havia comprado com muito esforço, no ano anterior.

A prova foi um tanto conturbada. Foi distribuída e, por volta de trinta minutos após o início do exame, dentre as questões da prova de português, havia uma errada, alguns candidatos questionaram, mas o certame seguiu. Como sempre, eu fiquei até os últimos minutos e fui um dos três últimos a sair, com duas moças que depois se tornaram minhas amigas: Alexandra e Mirela. Elas eram mais velhas do que eu e, nos corredores que nos levavam até o portão de saída, comentaram sobre vários autores, e disseram que haviam gostado muito da prova. Eu disse que era recém-formado e estava fazendo mais por experiência.

Conferi o gabarito e não fiquei tão animado. Na prova de conhecimentos gerais, consegui acertar 37, das 40 questões; mas, no exame de português, somente 13, das 20. Para concorrer a apenas uma vaga, num concurso público federal, eu acreditava ser pouco. O resultado estava previsto para sair em uma sexta-feira, porém, conferi na sexta, e nada do resultado; então, deixei para lá, e me programei para olhar na segunda, pois achava muito difícil sair no final de semana.

No domingo, ao abrir o computador para olhar a rede social Orkut, para minha imensa surpresa, um recado no meu privado, do hoje também servidor do IFCE, o jornalista Edson Costa,

³⁵ Espécie de banco de questões sobre diversas áreas.

dizia o seguinte: “Parabéns pela sua aprovação em 1º lugar no concurso do Cefet-CE, você merece amigo”. O primeiro sentimento foi de não acreditar. Li a mensagem umas três vezes e, tremendo, abri rapidamente a página de divulgação do resultado do concurso e lá estava o meu nome, realmente, como aprovado em 1º lugar. O inesperado havia acontecido, a estratégia dera certo, fui o candidato que mais pontuou disparadamente na prova de conhecimentos gerais e, devido ao peso dois, minha colocação foi excelente.

Dei um pulo da cadeira e quase caí; corri, muito emocionado, para dar a notícia à minha mãe. Nunca esquecerei a frase que disse a ela: “Mãe, fui aprovado em 1º lugar no concurso do Cefet-CE”. Nossa! A alegria na minha casa foi imensa. Todo o esforço de anos estava sendo recompensado naquele momento. Um emprego dos sonhos, para mim. O processo do concurso correu muito rapidamente, e com menos de 2 meses foi homologado e fomos convocados a apresentar a documentação, pois a posse estava prevista para o final de janeiro de 2009. Comecei a corrida para providenciar a documentação exigida e fazer os exames, isso no mês de dezembro de 2008.

Então, no dia 29 de dezembro de 2008, como de costume, pela manhã, fui olhar os jornais e vi a seguinte notícia: Cefet-CE vai se transformar em Instituto Federal. Aquela notícia me pegou totalmente de surpresa e me deixou até preocupado, pensando se iria ter alguma mudança ou afetar o resultado do concurso. Mas nada disso aconteceu; pelo contrário, a medida ampliou o número de vagas no concurso.

Isso me beneficiou, pois, inicialmente, o concurso que prestara era para o *campus* de Maracanaú e eu estava totalmente convencido de que iria para lá, porém, logo no início de janeiro, estava eu voltando do Instituto de Identificação, caminhando pela 13 de Maio, para tomar o ônibus, justamente na calçada do Cefet-CE, quando o meu celular tocou. Era a então chefe do Departamento de Gestão de Pessoas do Cefete-CE, Samara Tauil. Ela queria saber quando eu poderia ir até o local e respondi que, por coincidência, naquele momento, eu estava em frente e ela me pediu para entrar e procurá-la.

Então, veio mais uma surpresa: a transformação de Cefet-CE para Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), fez com que abrissem mais 4 vagas para o cargo de jornalista, com uma para o *campus* de Fortaleza e como eu estava em 1º lugar, poderia escolher o *campus* que quisesse. Não pensei duas vezes e fiquei em Fortaleza, bem pertinho da minha casa. Comuniquei o fato aos meus pais e, novamente, foi uma felicidade. Parecia que os ventos sopravam a meu favor naquele momento.

Fui pesquisar e entender o que estava de fato acontecendo com o Cefet-CE. Com a sanção da Lei 11.892/2008, com outros 37 institutos, surge o Instituto Federal do Ceará. No

início, 9 *campi* entraram em funcionamento nos municípios de Fortaleza, Cedro, Crato, Juazeiro do Norte, Maracanaú, Limoeiro do Norte, Sobral, Quixadá e Iguatu.

Na proposta dos Institutos Federais, agregar à formação acadêmica a preparação para o trabalho (compreendendo-o em seu sentido histórico, mas sem deixar de firmar o seu sentido ontológico) e discutir os princípios das tecnologias a ele concernentes dão luz a elementos essenciais para a definição de um propósito específico para a estrutura curricular da educação profissional e tecnológica. O que se propõem é uma formação contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos de vida mais dignos (Pacheco, 2008, p.10).

Então, em 29 de janeiro de 2009, no Auditório Iran Raupp, do *campus* de Fortaleza, do IFCE, ladeado por minha mãe e minha irmã e na companhia de dezenas futuros companheiros de trabalho, eu tomei posse como servidor público federal. O sonho estava realizado e os sentimentos de felicidade e apreensão tomavam conta de mim, pois, afinal, eu era muito inexperiente na profissão de Jornalismo; tinha apenas 23 anos de idade e nunca atuara como profissional na área, somente estágio. Mas eu tinha que encarar, era a minha chance de ter autonomia financeira; ter o meu carro; as coisas que eu sempre sonhei.

Fui acolhido pela então chefe da Coordenadoria de Comunicação Social do Cefet-CE, a amiga de trabalho, até hoje, Márlen Danúsia Martins, que me deu força; passou experiência; teve paciência comigo; e me deu dicas fundamentais para que eu pudesse ir, aos poucos, engrenando no trabalho. O nosso desafio era grande: cabia estrategicamente à Coordenadoria de Comunicação informar, à sociedade, a mudança que estava acontecendo; a transformação que a instituição estava sofrendo; e o novo papel que desempenharia na sociedade.

Novas oportunidades

Agora eu era servidor do recém-criado IFCE e a responsabilidade era imensa; porém, a jornada na graduação não estava concluída, faltava terminar a Licenciatura em História pela Uece. Eu trabalhava todos os dias no turno da tarde³⁶; entrava às 12h30 e saía às 17h30. E, muitas vezes, saía do trabalho e seguia para a Uece para encontrar-me com o orientador da monografia.

Consegui concluir o curso e, em julho de 2009, colei grau na Uece. A luta para cursar as duas faculdades foi intensa e o meu sentimento era de querer dar um tempo no mundo acadêmico. Porém, em 2011 surgiu a oportunidade de fazer uma especialização na Universidade Federal do Ceará (UFC).

³⁶ O Decreto n. 83.284, de 13 de março de 1979, estabelece a jornada especial de 5 horas para o cargo de jornalista.

Conferi o edital da Especialização em Gestão Universitária (Guni) e me inscrevi para a seleção. Fiz a prova, consegui ser aprovado e lá estava eu de volta à academia. A especialização tinha aulas todos os dias à noite. Eu saía do trabalho, fazia um lanche e seguia para as aulas. O ambiente era bem diferente; todos os colegas de classe eram servidores, ou da UFC, em sua maioria, ou do IFCE.

Mais uma vez, foi um período de dedicação; a especialização era puxada, mais de 400 horas-aulas e eu tive que fazer uma monografia, no final do curso, mas deu certo e eu consegui concluir em 2012, o que me proporcionou uma melhora no meu salário, devido ao Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos (PCCTAE)³⁷.

Caminhando Rumo ao ProfEPT

Terminada a etapa da especialização, realmente, estava bastante cansado da área acadêmica. E falei para mim mesmo que daria um tempo. E dei. Na época, muitos companheiros de Guni seguiram para o Poleduc³⁸, mas eu não quis tentar.

Mesmo sabendo da extrema importância das titulações, queria aproveitar um pouco a vida; usufruir de todo o esforço que eu tinha feito, ao longo das graduações e da especialização; ter mais tempo livre para viajar; curtir a vida com os amigos, e a família. Eu via os colegas de IFCE entrando em mestrados, doutorados e aquilo não me fazia “brilhar os olhos”.

Acabei conhecendo outros “mundos”. Conheci de perto a política e seus bastidores; fui presidente de partido político na cidade de Guaiúba; participei de perto da eleição de 2012, que representou uma tomada de posição da oposição, na cidade, ao retomar o poder após 12 anos de hegemonia do grupo direitista; porém, nunca fui candidato, apesar dos inúmeros pedidos.

Em 2017, fiquei sabendo de um mestrado chamado Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Não procurei me informar muito sobre o programa, mas soube, por meio de amigos, que haveria vagas exclusivas para servidores.

Muito mais pela pressão em fazer um mestrado do que pela vontade de adentrar numa pós-graduação, resolvi tentar o ENA³⁹. Até imprimir todos os textos da bibliografia de referência, porém, acabei lendo somente uns dois e, logicamente, não fui muito bem na prova, e, portanto, não fui aprovado. Depois soube que tinha até grupo de estudos de preparação para o mestrado,

³⁷ Lei n. 11.091, de 12 de janeiro de 2005.

³⁸ Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da UFC.

³⁹ Exame Nacional de Admissão do ProfEPT.

mas passei longe de me preparar dessa maneira. O tempo passou e vieram outros ENAs, mas nunca mais tentei.

Casei-me, em 2018, com Natália Rios e tive um filho, o João Rafael, e a vida deu uma verdadeira mudada. Agora, não sou mais aquele jovem que morava na casa dos meus pais, pelo contrário, tenho minha casa e muita responsabilidade.

No final de 2021, ainda em trabalho remoto, certo dia, no *campus* de Fortaleza do IFCE, fui procurado pelo professor Solonildo⁴⁰ e, conversando sobre diversos assuntos, indaguei-lhe como estava sendo feita a seleção para o mestrado, nesse período de pandemia. Solonildo me explicou que o edital estava perto de sair e que seria feito por meio da análise de currículo. Eu lhe falei do meu interesse e, após uma semana, ele me enviou o edital de seleção que acabara de ser lançado.

Corri para reunir toda a documentação; os cursos ministrados; eventos organizados; certificados. Foi sofrido, pois, na lista preliminar, eu estava fora das vagas; mas, quando saiu o resultado final, para minha alegria, fiquei com a última vaga reservada para servidores do IFCE e lá estava eu de volta ao mundo acadêmico. Dessa vez, com o desafio de ser pai; marido; filho que dá assistência aos pais; servidor do IFCE tendo que cumprir a carga horária semanal; e, como se não bastasse, também ser pesquisador.

A pesquisa que pretendo desenvolver no mestrado tem como “guarda-chuva” o papel da Comunicação Pública na Educação Profissional e Tecnológica. Conforme ressalta Heloiza Matos (1999, p. 56), a comunicação em instituições públicas

é um processo instaurado em uma esfera que engloba Estado, governo e sociedade, um espaço de debate, negociação e tomada de decisões relativas à vida pública do país. E essa comunicação é emergente em um momento em que o Estado perde o controle sobre os meios de comunicação, de forma a ter dificuldade de gerenciar sua imagem frente a opinião pública no novo espaço público instituído: o mediatizado.

O desafio da comunicação pública em colocar, na mesma perspectiva, sociedade e indivíduo-cidadão, acima das instâncias governamentais, privadas, midiáticas, pessoais e políticas, é o que, de maneira geral, tem que encarar o profissional que atua na área.

O IFCE possui uma estrutura de comunicação descentralizada, onde cada *campus* tem a sua equipe, ou profissional, da área de comunicação, e isso faz com que não exista padronização na forma do “fazer comunicação institucional”. Considerando esse aspecto e, também, o fato de termos mais de 30 *campi* distribuídos em todo o estado do Ceará, desperta-me a curiosidade em analisar de que forma vem sendo divulgada a educação profissional e tecnológica, por meio das redes sociais, mais especificamente, na ferramenta Instagram, no âmbito do IFCE.

⁴⁰ Solonildo Almeida da Silva, coordenador do ProfEPT no IFCE.

Para realizar essa análise, pretendo utilizar a metodologia da análise do discurso, que Eni P. Orlandi (2000, p. 15) conceitua como:

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

A escolha pela rede social Instagram justifica-se por ser, atualmente, o canal de maior relevância e onde os comunicadores da instituição têm atuado bastante, e que tende a inserir mais o estilo subjetivo de cada profissional, seja nas artes, como nos textos, memes, etc. Em relação ao Produto Educacional, pretendemos fazer um *e-book* com o levantamento das principais diretrizes norteadoras de uma proposta de padronização do discurso comunicacional, que pode ser adotado no âmbito do IFCE com vista a se criar uma unidade nas divulgações.

Nesse aspecto, vale refletir sobre o que pontua, de maneira bastante salutar, Napolitano (2006), pois, embora deva buscar a imparcialidade, o profissional de comunicação nunca consegue deixar de inserir em seu trabalho a carga subjetiva.

Todo documento, incluindo os documentos de natureza audiovisual, deve ser analisado a partir de uma crítica sistemática que dê conta de seu estabelecimento como fonte histórica (datação, autoria, condições de elaboração, coerência histórica do seu “testemunho” e do seu conteúdo (potencial informativo sobre um evento ou processo histórico) (Napolitano, 2006, p.266).

O desafio está posto a mim. Sei que será uma longa caminhada, mas tenho em mim uma característica que desenvolvi, ao longo do tempo, de não gostar de desistir das coisas. Muitas vezes, até demoro a tomar uma decisão; a seguir um rumo, mas, quando entro, costumo me dedicar até a conclusão, e que seja assim nessa jornada de luta que é o ProfEPT.

Referências

BORDENAVE, Juan Díaz E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BUENO, Wilson. A divulgação da produção científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras. **Ação Midiática** – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 7, p. 1-15, 2014.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. **Português instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABTN. 29. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Heloiza. 1999. Comunicação pública – democracia e cidadania: o caso do legislativo. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXII, Anais [...]*, Rio de Janeiro.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. *In: OINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**. Princípio e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os institutos federais**: uma revolução da educação profissional e tecnológica. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cavg/noticias/arq/1_cartilha_institutos.pdf. Acesso em: 20 ago. 2010.

PERAZZO, Priscila Ferreira; CAPRINO, Mônica Pegurer. Possibilidades da comunicação e inovação em uma dimensão regional. *In: CAPRINO, Mônica Pegurer (org.) Comunicação e inovação*: reflexões contemporâneas. São Paulo: Paulus, 2008, p. 111-126.

SCHOOLYARD FLASHBACKS: MEMÓRIA E FORMAÇÃO

Elielson Benigno de Mesquita Ramalho⁴¹

[...] o sabor de uma Madeleine molhada no chá abria subitamente um imenso leque de recordações aparentemente esquecidas (Cortázar, 2008, p. 156).

Introdução

Este projeto trata-se de um memorial formativo cujo propósito é realizar uma breve reflexão sobre minha trajetória de formação intelectual e profissional, tendo em vista o requerimento da disciplina de Seminários de Pesquisa, no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Devo debruçar-me sobre questões que, honestamente, não havia parado para pensar de forma articulada.

Talvez esse seja, já de início, meu maior desafio nessa nova fase do meu percurso formativo, pois nunca fui dado a esse tipo de introspecções. Confesso que me sinto um tanto quanto intimidado com a tarefa à mão, talvez pela dificuldade que sempre tive de me abrir e expor a minha intimidade a quem não fosse extremamente próximo, talvez por não considerar a minha própria história interessante o suficiente para ser contada, ou, simplesmente, por tentar ser, na maior parte das vezes, um pragmático orientado pelo amanhã. Passei tanto tempo me esforçando para mudar e esquecer que, em algum momento do caminho, lembrar se tornou mais difícil.

Relatarei aqui aquilo que me parece ter sido o decorrer de muitas vidas diferentes, cujas interseções e consequências moldaram, de uma forma ou de outra, o sujeito que ora escreve. De cada uma dessas experiências, algumas nem sempre tão simples de lembrar e tampouco contar, tirei uma perspectiva diferente do mundo e daqueles ao meu redor. Bauman (2005, p. 74-75) argumenta que “a essência da identidade [...] não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas”.

⁴¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo IFCE. Licenciado em Letras – Inglês, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), *campus* Tianguá. elielson.ramalho@ifce.edu.br

Dar corpo a esse projeto é, então, uma forma de ressignificar a maneira como enxergo o meu processo de formação, uma vez que esse é um texto de autoafirmação identitária. Todavia, quaisquer partes desta jornada que julgar expor aqui pintarão um quadro incompleto de mim, ao passo que tudo que for censurado talvez não seja o suficiente para completá-lo, uma vez que não julgo saber ou entender – plenamente – o caminho e os caprichos do acaso que me trouxeram até aqui.

Família, Escola e Trabalho

Nasci em 1985, em uma cidadezinha beirando o fim-do-mundo, no estado do Rio Grande do Norte, onde nunca pus os pés, e com a qual não tenho laços ou qualquer tipo de identificação e conheço menos que muitas outras coisas que me são estranhas. Devido ao êxodo rural ao qual se rendeu a família da minha mãe – história comum no interior do Nordeste, nas décadas anteriores ao Plano Real – e à natureza itinerante do trabalho do meu pai – um sargento da Polícia Militar (PM) que assumia a função de delegado de interior onde fosse destacado – acabei sendo um pouco “cigano” na vida.

O movimento pendular da sazonalidade do trabalho trazia e levava minha mãe, meus tios e tias, e avós, para São Paulo e de volta. A família toda até adquiriu o sotaque e o palavreado ao longo dos anos, coisa que nunca, de fato, desapareceu por completo. Meu pai cruzava os rincões do Rio Grande do Norte de moto, vez por outra me levando junto, sentado no tanque de combustível, antes de eu ter tamanho suficiente para ir na garupa. Nunca fui tão próximo, assim, da minha família paterna, mas me recordo com ternura de todas as interações que tivemos, principalmente do meu recentemente falecido avô, seu Chico Benigno, cego desde que me lembro, mas que nunca deixou de me reconhecer ou trocou meu nome por um dos muitos netos.

Comecei a ler bem cedo e me apaixonei logo de cara. Recordo-me fielmente, coisa rara para esse período da minha vida, dos meus primeiros livros. Meu pai me deu uma coleção de contos de fadas que eu li e reli tantas vezes que não posso estimar quanto. Essa coleção, ou parte dela, ainda fez parte do pequeno acervo da minha casa, até o fim dos meus dias de adolescência. Apesar de muito humilde, minha família sempre perseverou para dar uma boa educação aos pequenos, com todo o sacrifício que pudesse advir desse objetivo.

Eu e minhas duas irmãs sempre tivemos um livrinho para exercitar a leitura e meu pai sempre ávido a perguntar o que tínhamos aprendido com a historinha. Talvez ele não saiba, mas foram raros os professores que me ensinaram a valorizar um livro tanto quanto um reles PM que

só concluiu o Ensino Médio. Aliás, adorava ouvir as histórias de provação do tempo de escola dele, sempre as tinha como algo inspirador.

Meus primeiros anos de escola foram interrompidos abruptamente por um linfoma, uma forma de câncer infantil no estômago, que desenvolvi por volta dos 8 anos de idade. Pela necessidade de tratamento, que só estava disponível na capital do estado, mudamo-nos mais uma vez. Eu, para um hospital, depois outro e mais outro; meus pais, para a casa de parentes; cadeiras de visitas; e onde mais desse. Fato interessante é que me lembro o nome do Hospital Infantil Varela Santiago vividamente, mas não me lembro do nome da minha primeira escola. Lembro-me bem da médica – Dra. Zélia Fernandes – que me tratou e a quem sinto que devo a oportunidade de poder contar o resto desta história, mas não lembro das minhas primeiras professoras.

Minha relação com os livros, todavia, continuava de vento em popa, pois, certa vez, fui visitado por um par de freiras que faziam uma ação de caridade no hospital, não sei se em alusão ao Dia das Crianças, ou algo assim, e, na ocasião, fui perguntado se preferia um carrinho ou uma bola de presente, respondi firmemente que não teria utilidade para nenhum dos dois e que preferia um livro. Aquilo pôs as irmãs a verterem lágrimas, e, logo em seguida, eu ganhei “Menino de Asas”, de Homero Homem. Essa pequena anedota e esse livro são meus pequenos tesouros e sempre me fazem sorrir um pouco.

Alguns muitos meses, quilômetros rodados, picadas de agulha e de “muriçoca”, depois, ainda em quimioterapia, mudamos para Assú, distante 210 quilômetros da capital, Natal. A Terra dos Poetas ou Atenas Northeriograndense, como é carinhosamente apelidada, acolheu minha família e se tornou o meu berço social e intelectual. Os versos do poema “Lenda Matuta”, do grande poeta local Renato Caldas (1984), traduzem bem o sentimento de pertencimento a esse torrão, então, se me perguntarem:

Sô northeriograndense
 Meu patrão, sou assuense
 De alma vida e coração
 Pois, nessa terra bonita,
 Eu tive a sorte bendita
 De vê a luz, meu patrão.
 (Caldas, 1984, p.112)

Açu, Assu, ou Assú, me tirou para dançar nas quadrilhas juninas, então, devo aqui trazê-la à baila. O poeta João Natanael de Macêdo publicou no jornal “A Cidade” o soneto intitulado “Assú”, cujo último verso afirma que a cidadezinha é “[...] um pedaço de céu dentro do mundo”.

Pois bem, lá fui criança de toda traquinagem que não havia sido ainda. Brinquei de todo tipo de brincadeira, com a molecada da rua; subi em tudo que é árvore; e tomei banho de rio até quase virar peixe.

Passei a amar a escola e fiz amigos, dos quais me lembro até hoje, no Jardim Escola Caminho do Futuro, uma pequena escola particular recém-aberta em que tive a oportunidade de estudar com bolsa porque meu pai custeava os estudos das minhas irmãs. Foi um tempo difícil, financeiramente, para os meus pais, mas tive a oportunidade de praticar esportes, desenhar, participar de teatro, dança, feiras de ciências, exposições e desfiles, além de estudar com professores muito empenhados.

Uma delas me apresentou “Hamlet, o Príncipe da Dinamarca”, de Willian Shakespeare, na forma de um paradidático que meu pai me entregou na parada de ônibus em uma das viagens à capital. Devorei o livrinho, na ida e, novamente, na volta. Meu pai não acreditou na minha voracidade para com aquela peça, mal sabia ele, ou a professora, que mais tarde eu me tornaria professor de Teatro de Língua Inglesa.

Frequentei o Ensino Médio no Educandário Nossa Senhora das Vitórias (ENSV), originalmente uma escola de freiras administrada pelas Filhas do Amor Divino. Lá aprendi os dogmas católicos, enquanto vivia em um lar protestante, ainda assim, apesar de ter frequentado bastante a igreja, nunca de fato me identifiquei com religião alguma. No Educandário, entretanto, conheci a poesia e me apaixonei gravemente pelas literaturas brasileira e mundial, influenciado, principalmente, pelo professor Paulo Sérgio, ou simplesmente Paulinho, que viria a ser meu professor no cursinho, novamente na faculdade e, finalmente, colega de trabalho.

Tornei-me um ávido leitor de fantasia, e devorava, livros do gênero, madrugada adentro. Deixava de dormir para ler “Harry Potter” e “O Senhor dos Anéis” e nunca parecia cansado, pois sempre estava com um novo calhamaço à mão. Lia na varanda e minha mãe, vez por outra, vinha lembrar-me de que já era tarde e devia apagar as luzes e tentar dormir. Descobri também que tinha facilidade para aprender línguas e ajudar meus colegas com a lição. Vi-me encantado pela escola e me perguntei, pela primeira vez, o que faria depois dela. A essa altura, já tinha certa intimidade com o trabalho, mas foi dando aulas particulares, ainda durante meus dias de Ensino Médio, que descobri o que queria fazer de verdade.

O início da minha carreira profissional veio antes mesmo de começar a faculdade, quando tive a minha primeira oportunidade como professor substituto em uma escola da cidade, o Instituto Padre Ibiapina. Ali, aproveitando uma greve que se alastrou pelo primeiro semestre daquele ano, atrasando o início do curso superior para o qual havia sido aprovado, dei aulas de toda matéria que faltasse professores e dei, de fato, os meus primeiros passos rumo à minha

formação docente. Logo, tive que abdicar do cargo para iniciar meus estudos no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ainda no ano de 2004.

O Curso de Letras me proporcionou diversas experiências quintessenciais, para a minha formação profissional. Conheci e reencontrei professores que tiveram um papel importante na construção da minha visão do mundo e na consolidação como ser pensante e, acima de tudo, como ser humano. Meus mestres ofereceram-me as condições teóricas e práticas para começar uma carreira no ensino de línguas. O professor Luiz Alberto Lima convidou-me para dar as primeiras aulas de inglês no curso livre da Green Valley School of Languages, na qual era diretor e fundador.

Luiz já havia me oferecido, anos antes, uma bolsa de estudos no cursinho, após uma prova de aptidão realizada na minha escola, enquanto ainda estava no Ensino Fundamental. Passei a trabalhar também no Degrau Colégio e Curso, escola particular da cidade que também pertencia ao professor. Havia visitado a escola muitas vezes, durante a famosa Feira das Nações, que era promovida pelos alunos para divulgar a parceria com a American Field Service (AFS) – organização de intercâmbio internacional de estudantes. Por intermédio do trabalho voluntário na AFS, entrei em contato com intercambistas estrangeiros de diversas partes do mundo e tive a oportunidade de desenvolver amplamente minha fluência oral em língua inglesa.

Trabalhei em diversas escolas e cursos, durante o meu período de graduação. Assim, consegui ajudar em casa e dar conta dos gastos com xerox da faculdade. Sempre me considerei um privilegiado, por morar próximo ao *campus* e ir caminhando às aulas, enquanto meus colegas enfrentavam os precários transportes que os traziam de cidades muito distantes da UERN. Nesse tempo, fui “temporário” do estado e trabalhei um ano letivo inteiro na Escola Estadual Marcos Alberto de Sá-Leitão para receber o salário somente no final de dez meses.

Fui contratado no município, onde atuei no Centro Educacional Pedro Amorim (Cepa), uma escola precária da periferia pobre da cidade. Trabalhei também nas escolas particulares da cidade. Meu primeiro emprego de carteira assinada foi no Centro Educacional Santo André (Cesa) e, em seguida, voltei para dar aulas no ENSV, a escola onde cursei o Ensino Médio. Foi uma época de muita dificuldade financeira, mas tirei lições valiosas do trabalho com o Ensino Fundamental, que me dariam uma perspectiva única no trabalho de formação de professores em que hoje atuo.

Já em 2010, fui selecionado como professor substituto para dar aulas de estágio supervisionado de Língua Inglesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, e, logo em seguida, fui chamado para a minha primeira de muitas outras seleções que se

seguiriam na UERN, em Mossoró. Fiquei transitando por volta de um ano entre as três cidades, pois também dava aulas de Inglês Instrumental, na Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias – (FCNSV). Encontrei-me profissionalmente ministrando aulas no Ensino Superior. Foi no curso de Letras dessas instituições que decidi, finalmente, que queria seguir a carreira acadêmica. Todas aquelas discussões comuns à academia seduziam-me intelectualmente. Estava determinado a entrar de vez no serviço público em uma instituição de Ensino Superior.

Ainda em 2010 – meu Deus, que ano! – havia me inscrito em um concurso para a vaga de secretário executivo da Universidade Federal do Semiárido (Ufersa); tentado um mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e participado de um edital de bolsas de intercâmbio oferecido pela Fulbright para brasileiros atuarem como professores assistentes de língua portuguesa em universidades americanas, o Foreign Language Teaching Assistant.

Passei no concurso – mas não assumi o cargo –, desisti da ideia da pós-graduação naquele momento e fui então passar o ano letivo de 2011-2012 trabalhando como professor assistente de Língua Portuguesa, sob a tutoria da professora Dra. Carolina Castellanos, em Dickson College, em uma cidadezinha chamada Carlisle, no coração do estado da Pensilvânia. Fiz alguns bons amigos, viajei bastante – inclusive ao Canadá – e me casei com uma colega professora de Russo, que viria a ser a mãe do meu pequeno Sasha (Aleksander). Meu filho, atualmente, mora na Finlândia, onde a mãe cursa o seu Philosophy Doctor (PhD).

Em 2012, mudei-me para Pau dos Ferros/RN para trabalhar mais uma vez como professor substituto na UERN. Ganhei muita experiência no Ensino Superior e obtive expressivos crescimentos acadêmico e pessoal nos meus anos de *Campus Avançado* Professora Maria Elisa Albuquerque Maia (Cameam). Logo em seguida, fui convidado a trabalhar na coordenação pedagógica de uma unidade local da Escola de Idiomas Fisk.

No ano de 2013, conclui, na minha universidade de origem, uma ótima especialização em Ensino de Inglês, ministrada inteiramente em língua estrangeira, que havia há muito começado. Além disso, passei pela primeira vez em uma seleção simplificada de tempo determinado do IFRN, na cidade de Apodi. Os dois anos seguintes se deram viajando entre as várias cidades da região para dar aulas nas três instituições. Essa foi uma época de intensos esgotamentos físico e mental, em busca de garantir um pouco de segurança financeira momentânea – no que obtive êxito – e, como consequência do esforço hercúleo, ganhei muito peso e desenvolvi um quadro de depressão. Encontrei abrigo e alívio nas páginas de “As Crônicas de Gelo e Fogo”, de George R. R. Martin. Carregava os pesados tomos para todo lado e, sempre

que tinha um minuto, voltava a “Westeros”⁴² para saber um pouco mais da complexa rede de intrigas da trama.

Na tentativa de recomeçar minha trajetória acadêmica, fui admitido como aluno especial no mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da UERN em Pau dos Ferros, mas, devido a uma greve e uma série de eventos da vida pessoal, acabei novamente deixando essa ambição para mais tarde. Os salários que recebia, naquele momento, vinham com mais e mais atrasos e eu precisava diminuir o ritmo de trabalho para então focar na minha formação acadêmica.

Com as inseguranças da minha posição profissional e de um país que estava em franco estado de degradação político-econômica, decidi, no ano de 2016, que precisava entrar efetivamente para o serviço público federal. Naquele mesmo ano, prestaria concurso público para o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e para o Instituto Federal do Ceará (IFCE). Assumi o cargo de professor EBTT, com 40 horas de dedicação exclusiva, no Curso de Letras do IFCE, no município de Tianguá, em julho de 2017.

Nunca havia ouvido falar da cidade, ou da região, mas por indicação de um conhecido que me recomendou muitíssimo bem, escolhi Ibiapaba para ser meu lar permanente dali em diante. Mesmo distante 700 quilômetros de casa e sem nenhum parente por perto, o trabalho com Língua, Linguística, Literatura e Tecnologia, que passei a desenvolver em sala de aula e no laboratório, nos âmbitos de ensino, pesquisa e extensão, do curso que acabara de nascer, somado aos atrativos naturais da chapada que me propus a explorar de bicicleta, pareciam-me agradáveis o suficiente para me fazer ficar por tempo indeterminado.

Pelos próximos quase cinco anos, dediquei-me ao trabalho, enquanto escondia de mim mesmo o desejo de continuar a estudar, acredito que por medo de não obter êxito na empreitada. Queria ingressar no Programa de Pós-graduação da UFSC, que estava muito distante de Tianguá, mas não me convenci a fazer isso de maneira remota, durante o período da pandemia global de coronavírus, decisão da qual me arrependo ligeiramente.

No fim de 2021, fortemente influenciado pelo apoio da minha noiva, Vitória, tentei finalmente a seleção do Programa de Pós-graduação em Inglês (PPGI) e fui aprovado. Mesmo já matriculado, não tinha certeza sobre as minhas condições de frequentar o mestrado, que

⁴² Segundo o *site* Game of Thrones Wiki Westeros, é um continente localizado na parte ocidental do Mundo Conhecido. É separado do continente Essos pelo Mar Estreito. A maior parte da história de Game of Thrones se passa neste continente (Disponível em: <https://gameofthrones.fandom.com> > pt-br > Westeros).

retornava, naquele semestre, às atividades presenciais. Entretanto, estava determinado a ingressar em um programa de pós-graduação, então, me inscrevi em várias outras seleções simultâneas.

Fui aceito no Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação (PPGEF), nascido da parceria entre a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e o IFCE, e também no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Considerando questões de logística, optei pelo ProfEPT, visto que, no quesito utilidade acadêmica, ambos os programas contribuiriam grandemente para a minha atuação profissional no âmbito do Instituto Federal.

Já no primeiro encontro do mestrado, veio a proposta de produzir uma dissertação que abordasse as idiossincrasias da educação profissional e tecnológica e, em consonância, a de criar um produto educacional que pudesse contribuir para o desenvolvimento da Educação Básica. Com esses parâmetros em mente, resolvi, motivado por experiências proporcionadas pela prática profissional e o intercâmbio de ideias com discentes na disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) Aplicadas ao Ensino, do curso de Letras, durante o período da pandemia, e guiado pela teoria dos Novos Letramentos, discorrer sobre a inserção dos novos gêneros textuais digitais orientada por práticas multiletradas, como a escrita colaborativa e a Mixagem.

Por sua natureza intrinsecamente metalinguística (Black *apud* Rojo, 2013), esses novos gêneros digitais fazem seus autores refletirem sobre a estruturação das narrativas e a construção de sentidos do texto, principalmente através do *feedback* dado na seção de comentários das plataformas de divulgação em que normalmente ganham vida. Essas interações com seus pares e público, que assumem simultaneamente papéis de leitores, revisores e coautores, promovem uma constante remodelação da forma e do conteúdo produzido, e se utiliza da colaboração e de uma gama de recursos multimodais, características da cultura digital à qual pertencem esses gêneros. Nesse sentido, Ribeiro (2016, p. 105) aponta que a escola pode se beneficiar dessas práticas.

É importante destacar que as questões de produção multimodal dos textos não passam tanto pela exigência de talentos que as pessoas normalmente não desenvolvem, mas pelo manejo das linguagens à disposição, pela escolha de modos de expressão, assim como pela articulação entre o como e o que dizer. Trata-se de elementos que acredito possam ser despertados, reconhecidos e trabalhados. E podem surpreender professores, além de ampliar o “poder semiótico” de todos.

Assim, percebemos a necessidade de investigar a integração de habilidades necessárias na produção desses gêneros, na busca de dinamizar práticas escolares consolidadas. Desse modo, como resultado de uma mudança significativa no paradigma educacional advinda da inserção das Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (NTDICS) em sala de aula, o professor assume o papel de mediador e instigador, com a função de promover o intercâmbio de

ideias e criar as condições necessárias para a geração do conhecimento compartilhado por seus interagentes que

[...] se estabelece entre os seus membros, e em diversos conceitos, como comunidade de prática, comunidade virtual e têm todas as características para favorecer processos de aprendizagem, entendido aqui como construção de conhecimento. Para tanto, as ações dos aprendizes devem ir além da troca de informação (Valente, 2010, p. 245).

Tendo em vista, portanto, o ambiente acadêmico das licenciaturas do IFCE e a oferta da disciplina de TICs Aplicadas ao Ensino em turmas no Curso de Letras, estabelece-se o cenário propício para a elaboração de uma sequência didática de coautoria que envolva processos de escrita colaborativa e mixagem com o uso das NTDICS. Assim, será possível estruturar e propor a execução de um projeto de produção coletiva de textos e vídeos com uma turma de formandos; observar o desenvolvimento de suas produções; e alavancar novas habilidades de comunicação entre os estudantes.

A pesquisa, portanto, terá como finalidade principal:

- Elaborar uma sequência didática que utilize os gêneros textuais digitais Fanfic e Fanvid como instrumentos para promover a interação e construção de saberes em coletividade, por meio de práticas multiletradas de coautoria, como a escrita colaborativa e a mixagem.

A partir dessa diretriz, os seguintes objetivos específicos serão propostos:

- Verificar concepções sobre as tecnologias digitais e abordar aspectos da produção de novos gêneros textuais multimodais no ciberespaço, voltadas ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e produção em uma perspectiva coletiva.
- Fomentar o desenvolvimento de novas habilidades de interação e produção de sentido, com a utilização de ferramentas digitais de edição e plataformas de divulgação de textos e vídeos no âmbito educacional.

Conclusão

Este memorial teve o objetivo fundamental de ser o ponto de partida de uma reflexão sobre as minhas trajetórias de formação acadêmica e profissional. Creio que esse tenha sido um exercício importante, embora desconfortável, para a fase que ora se inicia. O ingresso no mestrado profissional denota que novas metas precisam ser traçadas e novos objetivos devem ser alcançados para gerar uma transformação no sujeito como indivíduo crítico.

Assim, acredito que, de certo modo, fui sempre mais apegado às narrativas ficcionais do que às reais, principalmente a minha própria. Por isso, produzir um gênero autobiográfico provou ser bem mais complexo, a meu ver, do que escrever sobre as histórias de homens e mulheres que jamais existiram, ou sobre as personagens bem verdadeiras que me acompanharam até então.

Esses indivíduos, cujas vidas se misturaram tão profundamente à minha essência, hoje ajudam a contar partes do enredo que vivi, portanto, não poderia de modo algum deixá-los de fora.

Por fim, dedico esta historieta de mim aos meus alunos, que, indubitavelmente, me fizeram crescer e amadurecer, nesse longo processo chamado docência. Foi por causa desses nomes, que encheriam muitas páginas, caso citados um a um, que resolvi me dedicar a ser, a cada dia, um pouquinho melhor.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALDAS, Renato. **Fulô do mato**. Natal: Clima, 1984. p. 112.

CORTÁZAR, J. Poe: o poeta, o narrador e o crítico; alguns aspectos do conto. *In*: CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. Tradução: Davi Arriguci Jr e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 103-146, p. 147-163.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: leitura e produção**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane (org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

VALENTE, J. A. A interação entre aprendizes nas comunidades virtuais de aprendizagem: oportunidade de aprender e identificar talentos. *In*: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas; PEREIRA, Júlio Emílio Diniz; LEAL, Leiva de Figueiredo Viana; SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: avaliação educacional, educação a distância e tecnologias da informação e comunicação, educação profissional e tecnológica, ensino superior, políticas educacionais**. Coleção Didática e Prática de Ensino: Autêntica, 2010, p. 230-250.

A CAMINHADA DE JAGUARUANA/CE ATÉ A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Jorge Henrique Ribeiro da Silva

Eu, a Rede e a Paz

*Relaxar o corpo numa rede
vagarosamente pra lá e pra cá.
Aliar o silêncio ao aconchego
para a paz se instalar.*

*Transformar o tarde no cedo
retirando o nunca do pensar
ser coragem sem ser medo
para o sonho se concretizar.*

*Por mais que a vida exija batalha
vencê-la, sem prejudicar ninguém
do som das teclas ao balanço da rede
eu e a paz no vai e vem.*

(Autor: Henrique R. de Oliveira)

Contextualização de Jaguaruana/CE e da Minha Estrutura Familiar

O poema citado retrata, nos seus versos, uma síntese da minha História e origem. Toda História inicia-se com uma caminhada transiente em busca de conquistas, realizações, batalhas, frustrações e adiamentos, e a minha não diferiu; pensei em até desistir dos meus sonhos! Para não desistir, devemos nos concentrar na família, nos bons costumes, e no amor, como combustível para caminhar até os próprios objetivos. Eu sou Jorge Henrique Ribeiro da Silva e a minha caminhada começa no ano de 1983, precisamente no dia 1º de agosto, na cidade de Jaguaruana/CE, a Terra de Nossa Senhora Sant'Ana.

A cidade de Jaguaruana/CE é agraciada pela passagem do rio Jaguaribe, com diversas potencialidades nos setores econômicos, e é destaque no cenário nacional, como, por exemplo, por ser conhecida como a Terra da Rede de dormir, e, em 2021, receber a “Indicação de Procedência”, semelhante à Indicação Geográfica (IG); no ano de 2019, foi considerada a maior produtora de acerola orgânica do mundo; destacando-se, também, como grande polo da carcinicultura do Ceará. O mosaico da Figura 1 é a representação de partes das nossas potencialidades econômicas.

Figura 1 - Mosaico das potencialidades de Jaguaruana/CE



(a) Igreja de
Nossa Senhora
Sant'ana



(b)
Rede de dormir
Fonte:
<https://www.cear>



(c) Acerola
orgânica
Fonte:



(d) Criação
de camarão em
cativeiro.

Venho de uma família grande, ou de uma grande família, humilde e de etnia negra. Tenho cinco irmãos (Rodrigo, Moacir, Igor Raimundo e Roque Jr) e três irmãs (Sara, Sabrina e Elizandra), meu pai (Roque), natural da cidade de Jaguaruana, trabalhou como tecelão de redes; pescador; professor; recenseador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, por último, como técnico em contabilidade. Já a minha mãe (Creuza), natural de Sobral/CE, trabalhou como agricultora; secretária do lar; e uma educadora informal excelente e primordial: ela conduziu todo(a) s o(a)s seus/seus filhos(a)s para a educação e também a formação cidadã.

Tive ótimas criação e educação regidas pelos meus pais, e, como a maioria das pessoas, também tinha o desejo de construir a minha família; obter formação acadêmica; inserir-me no mercado de trabalho; e, conseqüentemente, ser pai. O ano de 2010 foi cheio de realizações e presentes. Nasceu a minha filha Hellen Lavínya, no dia de 5 de fevereiro, e, logo em seguida, fui aprovado no concurso público do Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE), *campus* Cedro.

O ano de 2012 também foi mágico, pois nasceu a minha segunda filha, Hevíla Lays, em 20 de agosto. As minhas filhas são fundamentais, para o meu equilíbrio emocional, em um mundo tão complexo nas questões de respeito e amor ao próximo. Espero que elas tenham uma formação cidadã, e também possam contribuir com a sociedade nos diversos campos de atuação acadêmica e com saberes populares.

Trajétoria Estudantil até os Dias Atuais

Minha empreitada, no sistema educacional, inicia-se aos 8 anos, no Ensino Infantil, em 1991, na Escola de Ensino Fundamental Rosa Coelho de Melo. De 1993 a 2001, frequentei da 1ª à 8ª série, nas escolas Centro de Educação Cônego Agostinho; Escola de Ensino Fundamental e Médio (EEFM) Manuel Sátiro; e Escola de Ensino Fundamental (EEF) Edith Moreira Barreto. O Ensino Médio, de 2002 a 2004, foi concluído na EEFM Francisco Jaguaribe.

Em 2006, após prestar um vestibular, ingressei no Curso Pró-técnico do Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec) e, posteriormente, na tão sonhada Faculdade de Tecnologia Centec, no Curso de Tecnólogo em Eletromecânica, na cidade de Limoeiro do Norte, distante de Jaguaruana cerca de 75 quilômetros. O Curso de Tecnologia tem duração, em média, de 2 a 3 anos, e cursei em 3 anos, período que resultou em muitos estudos, amizades, dificuldades financeiras, sentimentais e no transporte escolar até a conclusão, em 2009.

No término do curso, ocorreram dois fatos desagradáveis: a minha formatura foi na cidade de Juazeiro do Norte, sem a presença dos meus familiares, devido à transformação do Centec de Limoeiro do Norte em Instituto Federal do Ceará (IFCE). E o outro foi a atualização do Catálogo do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 2008, que mudou o nome do curso para Tecnologia em Manutenção Industrial.

Minha primeira especialização, antes de iniciar, já foi um grande desafio, pois se tratava da Educação a Distância (EaD), modalidade que muitos comentavam não ter qualidade e nem aprendizagem. Mesmo diante desses comentários, iniciei o Curso de Especialização em Segurança do Trabalho, pela Universidade de Jacarepaguá, do Rio de Janeiro, com um polo em Fortaleza, no ano de 2011, com duração de 12 meses. Na época, por não ter ainda acessibilidade às instituições financeiras e também por restringirem o acesso à população de classe baixa, tive que pedir emprestados 12 cheques, ao meu irmão Moacir, no ano de 2012, e concluí com êxito.

A segunda especialização foi uma exigência do IFCE, instituição de ensino na qual trabalho. A criação dos cursos superiores de tecnólogos, no Brasil, ocorreu nos anos 2000, com o intuito de suprir a carência da mão de obra qualificada na indústria. Como a minha formação é

de tecnólogo em Manutenção Industrial e esses cursos não ofertarem disciplinas para formação pedagógica, realizei a seleção em 2017 para Especialização em Docência na Educação Profissional, Científica e Tecnológica, pelo IFCE, no polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), na cidade de Orós, e a concluí em 2019.

Sou um fã incondicional da Matemática e suas aplicabilidades no cotidiano e, por causa desse amor, surgiu o desejo de cursar Licenciatura em Matemática. Foi uma luta para realizar esse sonho e mais uma conquista que não é recente. Contarei um pouco dessa trilogia: no período (2006 – 2009) da minha graduação de tecnólogo, tentei várias vezes prestar vestibulares para Licenciatura em Matemática em diversas Instituições de Ensino.

Tive êxito na UAB, polo Limoeiro do Norte, e a instituição ofertante era o IFCE, *campus* Juazeiro do Norte, uma das pioneiras em disponibilizar o curso na modalidade EaD. A escolha desse polo deu-se porque já morava na cidade; então, cursei três semestres e, devido a outra graduação, não foi possível a conclusão. Em 2012, já como servidor federal, cursei três semestres de Licenciatura em Matemática no IFCE, *campus* Cedro, e novamente tive que adiar. Durante a pandemia, após uma reflexão, retomei o meu antigo sonho e, dessa vez, foi possível realizar a tão sonhada Licenciatura em Matemática! A graduação, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi), foi concluída em janeiro de 2022.

A pandemia não trouxe apenas mortes e sofrimentos! Ensinou-nos e deixou um legado em relação ao desenvolvimento científico e sociológico, para a sociedade humana, em todas as áreas, e para a educação não foi diferente. O sistema brasileiro precário de educação teve que adotar medidas para não aumentar mais ainda o déficit de ensino e aprendizagem dos estudantes e docentes; se essas medidas foram eficazes ainda não sabemos, pois devemos ainda esperar resultados instrumentais avaliativos dos governos e pesquisas científicas.

Diante do cenário pandêmico, recorreu-se a uma modalidade muito criticada pelos docentes e discentes, pelo Brasil afora, que é o EaD e outro contraponto foi o uso das novas tecnologias digitais, sem qualquer capacitação, apoio financeiro e preparação dos docentes e discentes. Devido às circunstâncias, a busca de novos conhecimentos foi centrada nas minhas dificuldades em salas de aula virtuais. Logo fiz a inscrição no Curso de Aperfeiçoamento em Metodologias, Práticas Pedagógicas e Tecnologias Educacionais, promovido pela Prefeitura de Sobral/CE, por meio da Secretaria Municipal da Educação, em parceria com a Escola de Formação Permanente do Magistério e Gestão Educacional. Concluído em janeiro de 2022, esse curso abriu meus horizontes para o ambiente escolar em que estou imerso.

Conheci o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT, em 2019, através da indicação de colegas do trabalho, assim, resolvi visitar a página

do programa na internet, para obter mais informações. Após análise do edital, realizei a minha inscrição no corrente ano, mas, na prova objetiva, fui reprovado e, em 2020, novamente fiz a inscrição, mas não passei. Então, em 2021, tentei novamente o certame com uma “nova roupagem”, pois não era mais prova objetiva e sim prova de títulos. Dessa vez, fui aprovado e iniciei o tão sonhado mestrado, em 2022. Esse programa de pós-graduação descreve a importância da educação profissional para o país, e tem como pioneiros os Institutos Federais; particularmente, identifico-me com o programa devido à minha origem; graduação; às especializações; e à atuação na educação profissional.

Relatos da Precarização a Ascensão no Mercado de Trabalho

Como muitos brasileiros, tive que me inserir no mercado de trabalho ainda muito jovem, com aproximadamente 12 anos. Nossa família era muito grande e meu pai tinha vários vícios, como, por exemplo, beber, fumar e jogar, e, conseqüentemente, as contas não fechavam ao final do mês. Meu primeiro emprego (dos 12 aos 16 anos) foi numa fábrica de redes de dormir, onde tinha a função de encher espulas, que eram utilizadas nos teares, e quem trabalhava nessa máquina era chamado, no ambiente de trabalho, de espuleiro.

O segundo emprego foi de servente de pedreiro, uma atividade que exige muito do físico; nessa atividade, eram serviços esporádicos e atuei só por 1 ano; o terceiro emprego foi de auxiliar de restauração, na igreja de Nossa Senhora Sant’Ana, durante 1 ano e meio. O quarto emprego foi temporário, como recenseador, após um certame no IBGE, por apenas 3 meses; nesse período, já estava na faculdade.

Após muito esforço financeiro e emocional, da minha mãe, meu irmão, e minhas irmãs, consegui concluir as disciplinas da graduação e, então, comecei o estágio supervisionado obrigatório em empresa de segurança eletrônica, permanecendo lá por quatro meses. No fim do estágio (2008), tive a primeira chance de obter um emprego, que “pagava bem”, na Okyta Mineração Ltda. localizada na cidade de Quixeré/CE. Trabalhava como eletricista predial e industrial e fiquei na função até 2009, porque houve corte de funcionários durante e após a crise imobiliária dos Estados Unidos da América (EUA).

Em 2010, fui convidado para trabalhar na Indústria Naval do Ceará S. A. (Inace), também como eletricista predial e industrial, permanecendo apenas por três meses, pois, nesse período, já estava com o pensamento mais amplo, ou seja, com maturidade profissional, que possibilitou sonhar com outras profissões. Entre 2009 e 2010, prestei alguns concursos públicos e fiquei aguardando ser chamado para assumir o cargo. Em 5 de fevereiro, fui chamado a assumir o cargo

de professor substituto, no *campus* Cedro, permanecendo até setembro do mesmo ano, porque, em 3 de setembro, assumi o cargo de professor efetivo, no mesmo *campus*.

Atuação na Educação Profissional até os Dias Atuais

O IFCE tem um campo de atuação muito amplo, no território cearense, pois está presente em todas as regiões do estado, e é primordial para o desenvolvimento da educação, indústria, do comércio e também para a formação cidadã. Fundamentada nessas vertentes, a instituição tem orientado servidor(a)s que atue(m) nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, com o intuito de garantir habilidades e competências para cada perfil de curso.

O *campus* Cedro foi a terceira unidade implantada no Ceará; em 2010, tinha cerca de mil estudantes; 40 docentes, efetivos e substitutos; 20 técnicos administrativos e os cursos: Integrado em Eletrotécnica, Mecânica e Informática; Técnico subsequente em Eletrotécnica e Mecânica; Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Eletrotécnica; Tecnologia em Mecatrônica; e Licenciatura em Matemática.

Estava ministrando aulas em todos os cursos, com exceção da Licenciatura em Matemática. Logo após a nomeação, fui também coordenador do Laboratório de Comandos Elétricos, onde realizei muitas ações para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, no *campus* Cedro. Como exemplos das ações, cito a organização do leiaute do Laboratório; leitura e divulgação da resolução de utilização do Laboratório; atividades de manutenção, com os bolsistas da disciplina; elaboração de roteiros de aulas práticas; dentre outras atividades.

Ministrei disciplinas de Instalações Elétricas Prediais e Aterramento Elétrico também no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) – Formação Inicial e Continuada (FIC), no Curso de Eletricista de Construção e Manutenção de Redes, na cidade de Piquet Carneiro/CE, no período de janeiro a junho de 2011. O mais fascinante, nessa jornada, era o público-alvo, composto de agricultores na faixa etária de 40 a 65 anos, bem diferente do público do EJA em Eletrotécnica, que eram todos da zona urbana e com faixa etária inferior.

As três passagens na coordenação de estágio (2011; 2012; e 2013) revelaram uma função muito árdua, porque as empresas de metalomecânicos; mineração; fabricação de móveis; dentre outras, do Centro-Sul, ainda não aceitavam nem queriam estagiárias em suas atividades do chão de fábrica; com isso, tínhamos bastante dificuldade em inserir mulheres no estágio supervisionado, e isso gerou uma grande pendência, pois somente após o estágio é que a aluna tinha direito a receber o diploma de técnica. Realizei diversas visitas, às empresas do Centro-Sul,

com o objetivo de estabelecer parcerias para estágios, empregos, e, principalmente, dialogar sobre a importância da mulher no ambiente industrial.

Fui coordenador e professor orientador das turmas dos Cursos Integrado Eletrotécnica e Integrado em Mecânica, no *campus* Cedro, do Programa de Formação de Recursos Humanos da Petrobras (PFHR-PB) 28/IFCE; em um acordo firmado para fomentar a pesquisa nos Institutos Federais, com abrangência de todas as engenharias. Os cursos contemplados eram, inicialmente, os Integrados em Eletrotécnica, Mecânica e Informática. Um projeto importante para a formação dos discentes no campo da pesquisa. Houve congresso no *campus* Fortaleza, com todos os *campi*, para apresentação das suas pesquisas. Esse projeto foi de março de 2012 a março de 2013.

O Curso de Tecnólogo em Mecatrônica exige dos estudantes um Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) e defesa para obter o título. Realizei diversas orientações nas áreas de Higiene e Segurança do Trabalho; Automação e Controle; Gestão e Qualidade; Energias Renováveis; Eletrônica de Potência; Tecnologias Assistivas; Processos de Usinagem; dentre outras. Entre atividades como professor orientador e membro de banca examinadora, analisei 27 TCCs; fui orientador de diversos estudantes, no Programa de Monitoria Voluntária do *Campus* Cedro (PromovCedro), em 2014, que consiste em atividades de manutenção preditiva; preventiva e corretiva, desenvolvidas em laboratórios; além disso, o estudante também tinha a função de auxiliar o professor em aulas práticas.

Fui professor orientador de projetos de pesquisas intitulados de: Proposta de automatização da irrigação via protocolo *modbus* do IFCE, *campus* Cedro, utilizando sistema fotovoltaico (2017); Desenvolvimento de um biodigestor para gerenciamento dos resíduos orgânicos produzidos pelo restaurante estudantil do IFCE, *campus* Cedro (2016-2017); e Primeiros Lances (2018-2019), com o objetivo de disseminar a cultura e o jogo de xadrez no Vale Jaguaribano, no IFCE, *campus* avançado de Jaguaruana. Todos esses projetos pertenciam ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (Pibic-EM). Com esses três projetos de pesquisa, foi possível contribuir de forma significativa na formação profissional e cidadã de diversos estudantes bolsistas e participantes.

Foram 16 os artigos científicos completos publicados e cinco resumos em Anais. Os artigos completos mais relevantes abrangeram: Viabilidade da transição fluorescente para LED, para o IFCE, *campus* Cedro (XI CNEG 2015); Acompanhamento da formação de fases fragilizantes através de medidas de permeabilidade na região de reversibilidade de domínios magnéticos (Congresso Brasileiro de Engenharia e Ciência dos Materiais – CBECimat, 2014); Metodologia não destrutiva para acompanhamento da fase sigma, em um aço inoxidável duplex (CBECimat, 2014); Sistema automatizado de irrigação baseado no conjunto sensor de umidade,

CLP e *soft-starter* (Congresso Nacional de Engenharia Mecânica – Conem, 2012); e Potencial energético do Ceará na geração de energia elétrica por meio do sistema fotovoltaico (Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação – Connepi, 2011).

Durante esses 12 anos de serviços públicos, foram muitas participações e organização de eventos e congressos, ora como apresentador de artigo científico; em mesas-redondas; ministrando cursos de curta duração; como avaliador de trabalhos; e participação em congressos científicos; eventos de âmbitos municipal, estadual, regional e nacional. Os mais relevantes são: CBECimat (2014); Conem (2012); e Connepi (2011).

Expectativas e Objetivos no ProfEPT

O ProfEPT é um programa de pós-graduação profissional relativamente novo, idealizado pelos Institutos Federais (IFs), com o intuito de promover a capacitação dos seus servidores e comunidade externa; a primeira turma foi iniciada em 2017. Um programa de pós-graduação essencial e importante para a classe trabalhadora da educação, pois conta com formação centrada na atuação profissional e, também, na aplicabilidade dos conhecimentos ministrados durante a pós-graduação, como o produto educacional e a dissertação, no cotidiano do ambiente escolar em que o educador está inserido.

Essas características marcantes do programa fizeram despertar o meu interesse em cursar a pós-graduação. Trabalhei durante 2 anos como eletricitista em empresas do setor da mineração e indústria naval, além de quase 12 anos de atividades na educação profissional no IFCE, com atuação nos ensinamentos integrados; técnico; EJA; e graduação. Vivência no ambiente fabril e também na docência são características que ajudariam no programa de pós-graduação para a elaboração e construção do produto educacional.

As expectativas, nesse programa, são inúmeras. Como já citado, tenho experiência na educação profissional. Encontrei, e encontro, nas salas de aula, diariamente, gargalos ou lacunas relacionadas com abordar, de forma significativa, determinadas áreas de conhecimento, que, conseqüentemente, geram anseios e dificuldades nos processos de ensino e aprendizagem, tanto para o/a professor/a como estudantes. Ao longo do curso, espero conhecer e aplicar mecanismos ou ferramentas que possam solucionar esses gargalos, aprimorando a minha prática, metodologia e didática na sala de aula.

Nesse universo que é a educação profissional, e da grandiosidade desse programa, tenho várias perspectivas. A primeira é estudar, aprender e aplicar os conhecimentos norteadores da educação profissional para o atual cenário. A segunda é escrever artigos e a dissertação, que

colabore com o ambiente escolar dos meus demais colegas de profissão. A terceira é elaborar e construir um produto educacional para ser utilizado nas redes federal e estadual e, conseqüentemente, contribuir na formação técnico-científica dos estudantes do Curso Técnico em Eletrotécnica.

Gostaria de pesquisar e produzir na área de currículos e programas, com foco nos Cursos Técnicos em Eletrotécnica. Analisar matrizes curriculares dos cursos no âmbito do IFCE; realizar estudos sobre os conteúdos em relação ao tempo em sala de aula; da padronização de aulas práticas; identificar qual é a carga horária necessária para as práticas em laboratório; dentre outros.

Comecei a trabalhar com uma máquina de encher espulas, para tecer redes de dormir em teares; atuei por dois anos como eletricitista, na Okyta Mineração, Indústria Naval do Ceará; e na educação profissional por 12 anos. Durante a caminhada na docência dos Cursos Técnicos em Eletrotécnica, percebi diferença entre as matrizes curriculares e, principalmente, a falta de padronização das práticas laboratoriais com relação à carga horária necessária para cada temática abordada que os professores deverão adotar. O intuito é realizar uma pesquisa científica de caráter inicial bibliográfico e, depois, uma pesquisa de campo, para desenvolver um produto educacional e a dissertação sobre essas vertentes.

Referências

BRASIL. GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Redes de Jaguaruana**: evento marca conquista da 1ª Indicação de Procedência do Ceará. 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/09/08/redes-de-jaguaruana-evento-marca-conquista-da-1a-indicacao-de-procedencia-do-ceara/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

DEWMISON. **Igreja matriz de Jaguaruana**. 2021. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/702913454341148588/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

DIÁRIO DO NORDESTE (Ceará). **Ceará tem a maior fazenda de acerola orgânica do mundo**. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/egidio-serpa/ceara-tem-a-maior-fazenda-de-acerola-organica-do-mundo-1.2172399>. Acesso em: 18 abr. 2022.

OLIVEIRA, Henrique Rodrigues de. **Eu a rede e a paz**. 2018. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQ1NTg1Mw/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

UNIÃO FM (Ceará). **Vivenda do Camarão vai produzir em Jaguaruana**. 2017. Disponível em: <http://radiouniao.servicos.ws/site/noticia/afa299a4d1d8c52e75dd8a24c3ce534f>. Acesso em: 18 abr. 2022.

**VIDA ACADÊMICA/PROFISSIONAL E VIDA PESSOAL:
CAMINHOS QUE SE ENCONTRAM**

Aline Gurgel Rêgo

*Reflexo no espelho, leva à emoção
A lágrima ameaça do olho cair
Semente fecundou
Já começa a existir
É cria, criatura e criador
Cuida de quem me cuidou
Pega na minha mão e guia.
(Maria Rita, 2007)*

Introdução

Logo no primeiro dia de aula da Turma V do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do IFCE, *campus* Fortaleza, foi-nos comunicado que uma das atividades da disciplina de Seminário de Pesquisa seria a escrita de um memorial, no qual deveríamos relatar as nossas memórias, nossa trajetória e as experiências que nos conduziram até o mestrado.

Naquele momento, a inquietação imediatamente surgiu, uma vez que não é algo do cotidiano refletirmos sobre os nossos caminhos, nossas escolhas; estamos sempre tão imersos no fazer, no hoje, que, muitas vezes, esses pensamentos não chegam a ocorrer. A mim, foi necessário ler os escritos de colegas das turmas anteriores, para ter melhor compreensão de quais elementos abordar, de quais aspectos trazer.

Assim, pretendo, nas linhas que seguem, relatar um pouco de como cheguei até aqui, dentro do permitido pela minha timidez e da minha dificuldade em expor aspectos da minha vida pessoal.

Vida antes da Nara (a. N.)

Meu nome é Aline Gurgel Rêgo. Nasci em 5 de fevereiro de 1987, filha caçula e tendo uma irmã e um irmão mais velhos. Com o esforço e trabalho dos meus pais, tive o privilégio de estudar em boas escolas e me dedicar apenas aos estudos. Desde pequena, compreendi a

importância da educação e, por ser filha de uma bibliotecária, fui contemplada com o contato constante com os livros, o que contribuiu muito para o meu processo de escolarização.

Minha trajetória acadêmica iniciou-se no ano de 2015, quando ingressei no Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará. Costumo dizer que tive muita sorte, nesse aspecto, pois, ao contrário de muitos, não prestei vestibular para vários cursos, foi a minha única tentativa, e a escolha mais por eliminação do que por afinidade. Fui excluindo os outros cursos, considerando o que eu já sabia que não queria fazer, e o Serviço Social surgiu como a opção mais viável. Mesmo sem muitas informações sobre essa profissão, foi a minha escolha.

Os três primeiros semestres foram difíceis, pois, no currículo vigente à época, as disciplinas eram mais gerais e bastante teóricas (Sociologia, Antropologia, Filosofia...) e não me davam elementos para vislumbrar a minha futura atuação profissional. Contudo, perto do final do terceiro semestre da faculdade, comecei a estagiar em uma empresa que atuava na área da Habitação, especificamente em um projeto de regularização fundiária⁴³. A atuação das assistentes sociais consistia em fazer a mobilização social, articulando as pessoas para que participassem das assembleias. Após pouco mais de um ano nesse estágio, pude concluir que poderia, sim, ser assistente social, apesar de não ter me identificado com a área da Habitação.

O estágio seguinte foi na Casa do Caminho, unidade da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado do Ceará (atual Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos), a qual abrigava mulheres em situação de violência doméstica e que estavam sob grave ameaça. Nesse período, eu já estava na metade da graduação; havia tido contato com leituras de viés marxista; com uma leitura de mundo diferente, compreendendo aspectos da desigualdade e injustiça social, bem como das discriminações e dos preconceitos manifestados em nossa sociedade.

As experiências vivenciadas no ano em que lá estive, foram fundamentais para a minha formação humana; para a percepção do machismo que permeia a sociedade patriarcal em que vivemos. Mesmo tendo passado por mais dois campos de estágio (Fundação Getúlio Vargas e Abrigo Tia Júlia), foram os meses que estive na Casa do Caminho que me inquietaram enquanto pesquisadora e motivaram o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Submissão Encantada: A Violência Simbólica sob a Perspectiva das Mulheres Atendidas pelo Centro de Referência da Mulher Francisca Clotilde”.

⁴³ A regularização fundiária constitui-se num conjunto de medidas jurídicas, urbanísticas, ambientais e sociais, que visam à regularização de assentamentos irregulares e à titulação de seus ocupantes, conforme o artigo 49 da Lei n. 11.977/2009. Atualmente, os processos de regularização fundiária são normatizados pela Lei n. 13.465/2017.

Nesse trabalho, abordei aspectos da violência simbólica cotidiana, a qual se objetiva nas relações de dominação⁴⁴ e é exercida, essencialmente, através da comunicação, do conhecimento e do sentimento. São discursos considerados “naturais” e que caracterizam os sujeitos como superiores ou inferiores, sem a necessidade de justificação dessa categorização desigual. Tal tipo de violência está tão arraigada que, muitas vezes, passa despercebida, mas manifestada nas letras de música e nas piadas que ouvimos cotidianamente, por exemplo.

Concluída a graduação, e já me identificando com o trabalho dentro da Política de Assistência Social, mais particularmente, na Proteção Social Especial, a qual é voltada para a população que tem os seus direitos violados, retornei para uma breve passagem na Casa do Caminho e logo ingressei na Prefeitura Municipal de Caucaia, trabalhando no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (Creas) e, posteriormente, no Centro de Referência para a População em Situação de Rua – Centro POP.

Tanto nos campos de estágio quanto em minhas primeiras experiências profissionais, foi possível conhecer de perto uma realidade que eu apenas ouvira falar: famílias em situação de pobreza extrema; em habitações insalubres; e com o agravante da violência em suas dinâmicas familiares.

Em 2010, iniciei a especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais, também na Uece, onde retomei as leituras e produzi um trabalho ainda abordando as questões relativas à violência contra a mulher, mas, desta vez, com a intenção de refletir sobre a atuação do/a profissional de Serviço Social no atendimento a esse público. Assim, o TCC foi um projeto de mestrado intitulado “O Papel do/a Assistente Social no Contexto da Violência Doméstica contra a Mulher: A Atuação Profissional na Rede de Atendimento”.

Apesar de ter feito um projeto de mestrado e não um artigo, como atividade final da especialização, ingressar em um mestrado sempre me pareceu algo muito distante e difícil, destinado apenas aos/às mais dedicados/as, e considerando, ainda, que, durante a graduação, não me envolvi nas atividades acadêmicas; não participei de grupos de pesquisa; não fui bolsista; não escrevi artigos; e o trabalho de escrita não fluía facilmente para mim. Como sempre me interessei mais pela atuação profissional e não tinha pretensão de ingressar na docência, compreendi que não tinha o perfil necessário para ingressar em mestrados acadêmicos (não tinha muito

⁴⁴ A dominação masculina é o exemplo mais nítido da violência simbólica, e isso pode ser percebido ao associar o negativo e depreciativo às mulheres. Exs.: “joga que nem mulherzinha”; “mulher ao volante, perigo constante”, dentre outras expressões.

conhecimento à época sobre os mestrados profissionais existentes e as poucas informações de que eu dispunha eram relativos aos valores incompatíveis com a minha realidade profissional).

Concluí a especialização em 2012, mesmo ano em que fui trabalhar na Secretaria de Assistência Social de Maracanau, atuando dentro da Proteção Social Especial de Média Complexidade, dando suporte técnico aos equipamentos sociais que existiam naquele município, e, em 2014, ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), sendo lotada no *campus* Ubajara.

Caí de paraquedas na Política de Educação, sem saber ao certo como se dava a inserção do Serviço Social e com quais demandas iria trabalhar, uma vez que a Educação pouco foi trabalhada na minha graduação, quando estudávamos as políticas públicas; e era um campo restrito, de atuação profissional, pois poucas/os assistentes sociais trabalhavam com essa política. Nesse início, como o é ainda hoje, foi fundamental a troca de saberes com as demais colegas, as quais me orientaram e tiraram minhas dúvidas.

Dentro da Educação, o Serviço Social insere-se no âmbito da Assistência Estudantil, a qual tem por objetivo favorecer a permanência e o êxito estudantil, diminuindo as situações de evasão e retenção, conforme preconiza o Programa Nacional de Assistência Estudantil (Decreto n. 7.234/2010). No IFCE, a Assistência Estudantil é regulamentada pela Política de Assistência Estudantil do IFCE (aprovada pela Resolução do Conselho Superior – Consup n. 24/2015), a qual estabelece serviços e programas⁴⁵ específicos para serem trabalhados. O Programa de Auxílios em Forma de Pecúnia é o que demanda mais da atuação do/a assistente social, uma vez que a análise socioeconômica de discentes a serem contemplados com os auxílios aos estudantes em situação de vulnerabilidade social (auxílios alimentação; discentes mães e pais; didático-pedagógico; emergencial; internet; moradia; óculos; e transporte) é atribuição privativa nossa.

Além das ações referentes aos auxílios estudantis, ao Serviço Social também compete:

- I – Incentivar a participação democrática do discente, como sujeito de direitos, no espaço educacional, favorecendo o seu acesso ao Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes);
- II – Planejar, executar, monitorar e avaliar as ações relacionadas aos auxílios e à política de assistência estudantil;
- III – Realizar pesquisas de natureza socioeconômica e familiar para caracterização da população discente, contribuindo na identificação e intervenção dos fatores sociais,

⁴⁵ Serviços: Serviço Social; Serviço de Saúde; Serviço de Alimentação e Nutrição; Serviço de Psicologia; e Serviço Pedagógico. Programas: Trabalho, Educação e Cidadania; Saúde; Alimentação e Nutrição; Cultura, Arte, Desporto e Lazer; Auxílios em Forma de Pecúnia (IFCE, 2015).

culturais e econômicos que influenciam no processo de ensino-aprendizagem, visando a permanência e o êxito dos estudantes;

IV – Participar de equipes multidisciplinares para a elaboração e execução de programas e projetos sociais voltados a temas relevantes como saúde, violência, cultura, cidadania, direitos sociais e humanos (questão racial, de gênero, orientação sexual, deficiência, políticas afirmativas, dentre outros);

V – Elaborar relatórios, pareceres e manifestações técnicas para subsidiar decisões institucionais e promover o acesso aos direitos sociais dos discentes;

VI – Realizar parcerias e articular as instituições locais e/ou regionais contribuindo para a minimização das vulnerabilidades enfrentadas pelos alunos e famílias;

VII – Realizar visitas domiciliares com o objetivo de ampliar o conhecimento acerca da realidade sociofamiliar do discente, de forma a assisti-lo e encaminhá-lo adequadamente e com qualidade;

VIII – Orientar os discentes e seus familiares sobre os seus direitos, de modo a reforçar o seu poder reivindicatório junto às instituições responsáveis pela execução das políticas sociais;

IX – Promover a atuação dos estudantes em suas entidades político-representativas, realizando atividades socioeducativas, estimulando o debate acerca das diversidades e da pluralidade;

X – Assessorar a gestão dos campi em relação ao orçamento da Assistência Estudantil. (IFCE, 2015, Art. 8º).

Assim, dentro das atividades de trabalho, também constam as visitas domiciliares para acompanhamento estudantil; oficinas, rodas de conversa e demais atividades socioeducativas, bem como a articulação com as demais políticas públicas.

Acrescento que, fora as leituras dos documentos institucionais e trocas de saberes com as/os demais colegas do IFCE, também foi muito importante, no processo formativo, a minha participação no Grupo de Trabalho em Educação que havia no Conselho Regional de Serviço Social; nos reuníamos uma vez por mês e nos debruçávamos sobre textos e aspectos que envolviam a política de educação. Nesses encontros, estavam presentes assistentes sociais do IFCE; da UFC; da Unilab; e também de colégios particulares, o que tornava os momentos bastantes ricos e a aprendizagem se dava de forma colaborativa.

Ainda no ano de 2014, casei-me com o meu amor da adolescência (mas tivemos vários desencontros, nesse meio tempo), o que acarretou, posteriormente, no surgimento de outro aspecto da minha vida e o mais significativo de todos: a Aline mãe.

Vida depois da Nara (d. N.)

Com pouco mais de um ano de casados, fomos surpreendidos com a descoberta da gravidez. Não estava nos nossos planos a gestação, naquele momento, e descobrir que havia outro ser habitando em mim foi algo que me trouxe insegurança e medo. Lidar com tais sentimentos me fez guardar a informação, e apenas meu esposo sabia, para que eu pudesse compreender o que se passava.

Após o impacto inicial e depois da primeira consulta de pré-natal, compartilhei com a família (pais, irmãos, sogros e cunhados) a notícia, o que foi de grande alegria para todos.

Logo comecei a ler sobre gestação, parto, puerpério, sobre o desenvolvimento do bebê e outras temáticas relacionadas à maternidade. Tive uma gestação tranquila, do ponto de vista biológico, e sem intercorrências, e às 17h20, do dia 26 de maio de 2016, Nara nasceu, dando início à maior aventura de todas.

O início foi bastante complicado, com as dificuldades de amamentação; a privação do sono; e o trabalho exaustivo que é cuidar de um bebê recém-nascido. Lembro-me bem de como o choro foi meu companheiro constante, nos primeiros meses. No meio de tudo isso, eu não consegui me reconhecer; saber quem eu era, nesse novo papel; não fazia mais nada que fosse por mim; estava inteiramente voltada para o bem-estar da minha filha. Esse processo de me reconhecer e me reencontrar foi bastante difícil.

Nesse caminhar, conheci virtualmente pessoas que trabalham a ideia de uma educação não violenta; de reconhecimento da criança como um ser dotado de particularidades e que deve ser respeitado. A educação não violenta vai se contrapor à educação tradicional, focada no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático; na obediência; e na supremacia parental sobre as crianças. E nos convida a desenvolvermos nossa inteligência emocional, para reconhecermos e lidarmos com as nossas limitações, nossos sentimentos e nossas necessidades, antes de lidarmos com as dos filhos (Santos, 2019).

Dentro dessa teoria, encanta-me a ideia de que temos que escutar e acolher as demandas da criança, e, nesse processo, vamos escutando e acolhendo as nossas próprias demandas, as nossas particularidades e as nossas dificuldades.

E, assim, no processo de conhecer a minha filha, de acolhê-la, eu também passei a me acolher, a me conhecer dentro desse novo papel, reconhecendo as minhas dificuldades e as potencialidades.

Poder acompanhar o crescimento e desenvolvimento da Nara é uma das coisas mais maravilhosas que existe; ver aquele bebezinho pequeno e indefeso se tornar uma criança inteligente, questionadora, perspicaz, carinhosa, divertida, engraçada, companheira, dentre outros tantos adjetivos, que posso atribuir a ela, me traz uma satisfação sem tamanho.

Nara e a maternidade têm sido as minhas maiores professoras, transformando minha forma de olhar o mundo e olhar o outro, particularmente a realidade das mães, com a cobrança irreal da perfeição; a carga mental de trabalho; a exaustão; e o acúmulo de tarefas, tornando ainda mais difícil o exercício dessa função.

Hoje, eu compreendo o quão revolucionário pode ser o maternar/paternar; como realmente podemos mudar o mundo a partir da forma como cuidamos e educamos nossos filhos e as filhas, como investir tempo numa conexão de qualidade com as crianças, mostrando a elas que são importantes e suas demandas são reais; rompendo com pensamentos antigos, como os que diziam que criança não tem querer (o que não quer dizer que todos os “quereres” vão ser atendidos, mas sim legitimar o que se sente); possibilita a ela compreender que tem valor, e não aceitar receber menos do que merece.

Não consigo expressar em palavras todas as transformações que ocorreram e ainda ocorrem em mim, a partir do nascimento da Nara; todas as descobertas, os sentimentos que permeiam o meu maternar. Posso dizer apenas que foi e é algo tão profundo que se tornou decisivo até na escolha da minha intenção de pesquisa: pensar os desafios para a permanência e o êxito estudantil das discentes mães dentro do IFCE, tendo como local de pesquisa o *campus* Sobral, onde atualmente estou lotada. Elaborar um plano de incentivo à permanência e êxito dessas mulheres, como produto educacional, propondo estratégias para tornar esse caminho um pouco menos árduo, é o que me move.

Conclusão

Escrever este memorial foi um desafio, principalmente reproduzir em palavras as mudanças e os sentimentos após o nascimento da minha filha, mas penso que tal tarefa só poderia ser bem executada pelos poetas e pelas poetisas. Minha missão era apenas demonstrar, aos futuros leitores e às futuras leitoras, como a maternidade se transformou em uma categoria central, na minha vida. As inquietações relacionadas às questões de gênero, já haviam surgido durante a graduação, tornando-se um outro viés de análise, e tirando o foco das situações de violência com as quais eu trabalhei anteriormente.

Pensar a realidade das estudantes mães e os desafios e as dificuldades existentes para a permanência e o êxito estudantil, colocou-se para mim como uma consequência quase lógica da minha trajetória, em que os anseios pela continuidade da minha formação acadêmica foram adiados, pois eu não conseguia vislumbrar como dar conta das demandas da maternidade e das demandas estudantis.

No meu caso particular, somavam-se a isso as necessidades de deslocamento, pois onde eu residia não havia programa de pós-graduação *stricto sensu*. Hoje, as viagens ocorrem e são um fator complicador, mas a distância é menor e a Nara já está com quase 6 anos, permitindo que eu a leve, quando não há com quem ela ficar.

Estar hoje integrando o grupo de discentes do ProfEPT é uma realização, um sonho, que outrora estava tão distante. Não sei como será o caminho até a conclusão do mestrado; com quais desafios ainda irei me deparar; sei que não será uma jornada fácil; assim como não é fácil a maternidade, mas sinto que também valerá a pena; que os aprendizados e as experiências também serão únicas; e que será um lindo caminhar. Avante!

Referências

BELIENY, C.; MERITI, S. **Cria**. RITA, M (intérprete). Disponível em : <https://www.letras.mus.br/maria-rita/1333327/#radio:maria-rita>. Acesso em: 15 maio 2022.

BRASIL. Lei n. 11.977, de 7 de julho de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11977.htm. Acesso em: 9 maio 2022.

BRASIL. Lei n. 13.465, de 11 de julho de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113465.htm. Acesso em: 9 maio 2022.

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 9 maio 2022.

IFCE. **Regulamento da política de assistência estudantil do IFCE**. Aprovado pela resolução Consup n. 24/2015. Disponível em: <https://ifce.edu.br/espaco-estudante/assistencia-estudantil/politica-de-assistencia-estudantil-do-ifce/regulamento-da-politica-de-assistencia-estudantil-do-ifce.pdf/view>. Acesso em: 11 maio 2022.

IFCE. **Regulamento de auxílios estudantis do IFCE**. Aprovado pela resolução Consup n. 14/2019. Disponível em: <https://ifce.edu.br/espaco-estudante/assistencia-estudantil/regulamento-de-auxilios-estudantis-do-ifce/resolucao-ndeg-14-aprova-o-regulamento-de-auxilios-estudantis-no-ambito-do-ifce.pdf/view>. Acesso em: 11 maio 2022.

RÊGO, A. G. **Submissão encantada**: a ‘violência simbólica’ sob a perspectiva das mulheres atendidas pelo centro de referência da mulher Francisca Clotilde. 2010. 80p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Curso de Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

RÊGO, A. G. **O papel do/a assistente social no contexto da violência doméstica contra a mulher**: a atuação profissional na rede de atendimento. 2012. 45p. Trabalho de Conclusão de

Curso (Projeto de Pesquisa) – Curso de Especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, E. **Educação não violenta** [recurso eletrônico]: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina, resiliência em você e nas crianças. São Paulo: Paz e Terra, 2019.